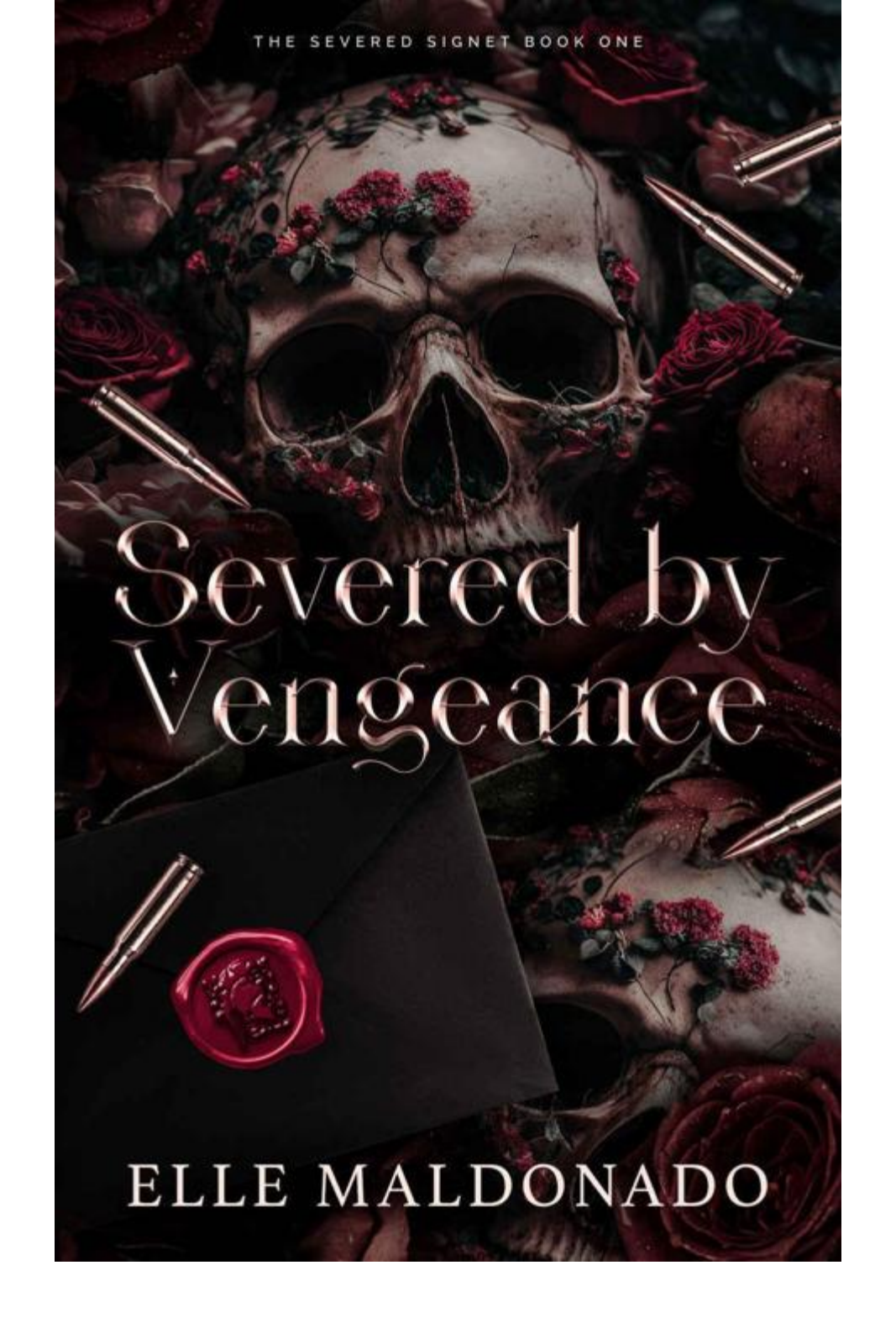


THE SEVERED SIGNET BOOK ONE



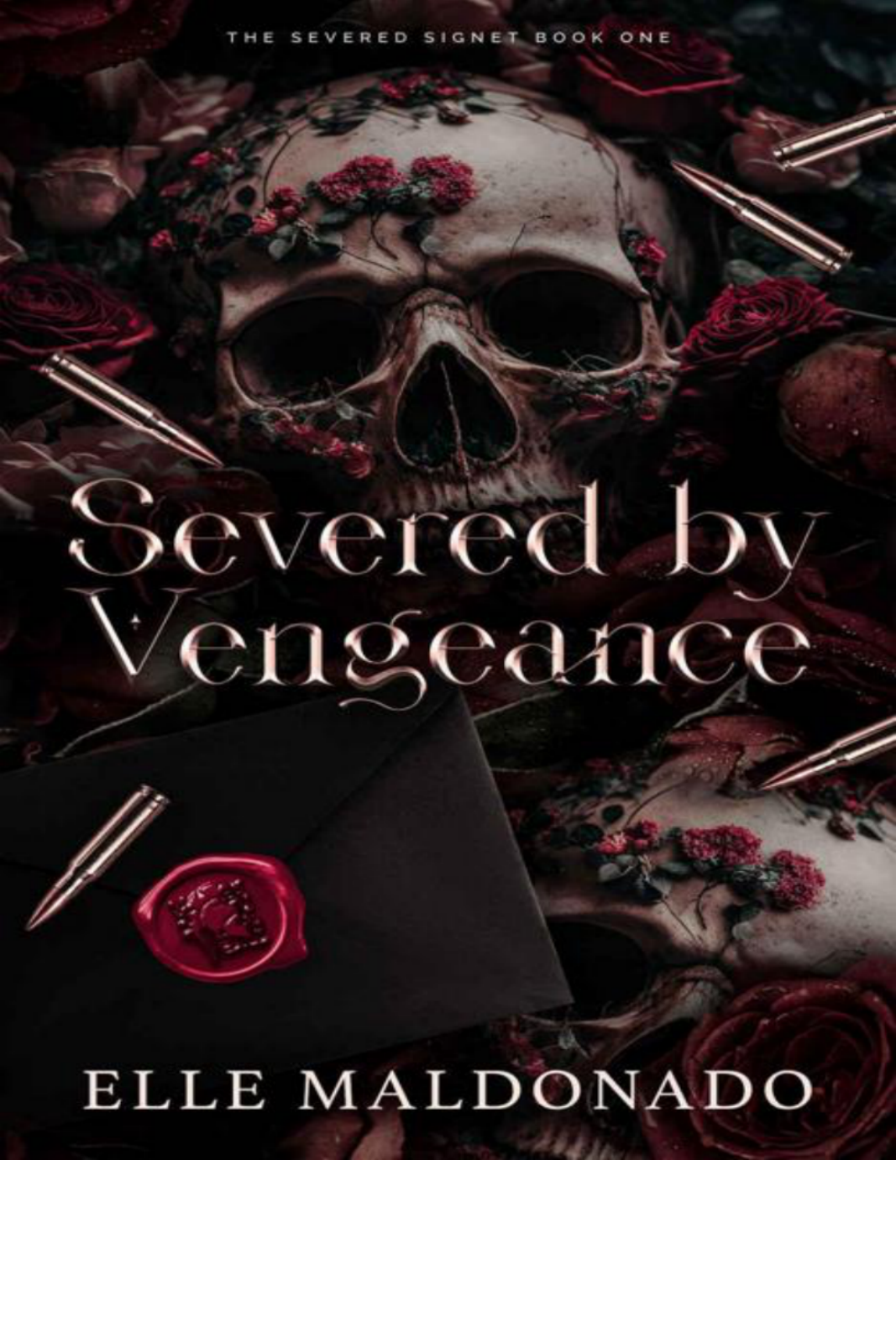
Severed by Vengeance

ELLE MALDONADO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

THE SEVERED SIGNET BOOK ONE



Severed by Vengeance

ELLE MALDONADO



The Severed Signet



BOUND BY
BETRAYAL

ELLE MALDONADO

The Severed Signet



SINOPSE

Ela era minha.

Feita para mim.

Nascida para me arruinar.

Evangelina:

Vivi minha vida cercada de luxos, amor e atenção.

Enquanto estava à mercê de mentiras, morte e engano.

Eu estava cansada de ser apenas um rosto bonito.

A mulher que sempre teve que provar o seu valor.

Quando a tragédia abriu mais um corte em meu coração, ele estava lá
para ajudar a curar minha dor.

Mas havia um mistério escondido por trás daqueles sedutores olhos de
diamante.

Um sussurro de fantasmas e traumas de seu passado.

Sinais de alerta que eu sabia que não deveria ignorar.

No entanto, não pude evitar os sentimentos florescendo dentro de
mim ou o fogo que queimou minha pele sob seu toque.

Derek Cain fez promessas de amor e proteção.

Mas e se fosse dele de quem eu precisava ser salva?

Derek:

Quando criança, eu não conhecia nada além de ódio e dor.

Eu era um bastardo sem alma e desagradável, criado para ser um
assassino.

Ligados pelo sangue à sociedade de marionetistas globais mais obscura
e de elite do mundo.

Durante anos, fantasiei em me vingar do homem que me abandonou.

E quando a hora dele finalmente chegou, foi quando eu a vi.

Sua fraqueza.

A detetive Evangelina Cruz era minha para manchar, usar e arruinar.

Até que as linhas de vingança e obsessão se confundissem.

E ela consumiu todos os meus pensamentos.

Embora meus segredos pudessem destruí-la, eu banharia o mundo em sangue antes de deixá-la ir.

O amor que forjamos nas trevas prevaleceria na luz da verdade?

NOTA DA AUTORA

Severed by Vengeance é um romance sombrio. Ele contém conteúdo explícito e representações que alguns podem considerar desencadeantes.

Destina-se a leitores maiores de 18 anos.

GATILHOS:

- Agressão
- Tentativa de assassinato
- Tentativa de estupro
- Sangue
- Abuso de crianças (menções)
- Abuso sexual infantil (breve menção de abuso anterior)
- Morte
- Abuso emocional
- Gore
- Violência com arma de fogo
- Hospitalização
- Reféns
- Sequestro
- Assassinato
- Abuso físico
- Profanação
- TEPT
- Abuso sexual
- Assédio sexual
- Cenas de sexo explícito
- Perseguição
- Suicídio (breve menção)
- Tortura
- Violência

CAPÍTULO UM



ARDMORE, PENSILVÂNIA

Matar meu pai foi um cálculo que durou dezessete anos. Eu era apenas um menino no dia em que decidi que ele morreria pelas minhas mãos. E passei os anos desde então imaginando todas as maneiras distorcidas pelas quais eu o faria implorar pela misericórdia que ele me recusou quando criança.

Nada que eu fizesse com ele hoje apagaria o passado ou aliviaria meu trauma. Nada dessa merda importava. Meu motivo era pura auto-satisfação. Eu teria prazer em vê-lo dar seu último suspiro, clamar a qualquer Deus que ele achasse que iria salvá-lo, e me encolher enquanto ele olhava nos meus olhos, sabendo que eu viria como um ceifador para cobrar o que era devido.

Durante a última hora, fiquei na sala de estar dele. Esperando. Adrenalina pulsando, a antecipação reprimida de anos culminando tudo neste exato momento. Tudo estava definido. Tudo o que ele precisava fazer era passar pela maldita porta. Embora James fosse um homem de estrutura rígida, esta noite ele estava atrasado.

Respirando fundo e irritado, percorri os porta-retratos que cobriam a lareira de tijolos. A maioria era de James, que sorria como um bastardo presunçoso enquanto recebia prêmios e elogios. Em outros, posava em banquetes e leilões de caridade enquanto estranhos permaneciam ao seu lado, alheios à escuridão que mantinha escondida sob a fachada de filantropo e bom médico.

Uma moldura retangular dourada me chamou a atenção, onde ele posava com uma jovem, a cabeça dela apoiada carinhosamente em seu peito. Ela era linda: longos cabelos escuros, pele morena – e aquelas malditas covinhas. Seus penetrantes olhos castanhos perfuraram os meus enquanto eu me perdi momentaneamente em suas profundezas.

Quem era ela? Uma amante?

Vozes desconhecidas surgiram de trás da porta da frente e eu rapidamente deslizei para um corredor sombrio do outro lado do hall de entrada.

— Eva! — ele disse, parecendo igualmente surpreso e animado.
— O que você está fazendo fora tão tarde?

James atravessou a soleira com sua convidada, a fechadura clicando atrás deles – uma reviravolta inesperada nos acontecimentos.

Mas eu era um homem paciente e, às vezes, os danos colaterais faziam parte do trabalho.

— Saí cedo e vim ver você. Ouvi que você não está se sentindo bem.

A voz dela.

Ela se envolveu em mim. O som áspero que continha era suave e rouco. E caramba, se não era sexy como o inferno.

— Não acredite em uma palavra do que Franco diz. Você sabe como ele exagera.

A mulher misteriosa riu em resposta, e eu estaria mentindo se dissesse que o som não despertou algo dentro de mim.

Enquanto suas vozes eram transmitidas para uma sala adjacente, tive um vislumbre fugaz de seu reflexo no espelho do corredor. Eva era a mulher da foto, embora a foto não lhe fizesse justiça. Ela era devastadora.

— Sente-se, Eva. Posso pegar um copo de água ou algo para comer? Você tem se cuidado?

— Ei, estou aqui para ver como você está, lembra? E eu estou bem. Meus níveis são perfeitos, prometo.

Níveis?

Eu podia ouvir o sorriso em sua voz e me repreendi por desejar ver isso.

— Você deveria visitar esse velho com mais frequência. Quero dizer isso. — Seu tom ficou sério. — Sinto falta dos nossos bate-papos. Você sabe que é como a filha que eu nunca tive.

A maldita audácia.

Um escárnio escapou da minha garganta e eu contive a respiração, os músculos ficando tensos com o meu deslizamento. Mas a voz alegre e áspera de James ecoou como a porra de um megafone em meus ouvidos. A arma guardada dentro da minha jaqueta de repente ficou quente e pesada enquanto ele, sem saber, gravava seu nome na ponta de cada bala.

— Prometo passar por aqui com mais frequência. Eu queria, mas você sabe que o trabalho pode ser imprevisível.

— Eu entendo completamente. Então, quando poderei conhecer um genro em potencial?

A mulher riu abertamente. — Bem, eu teria que encontrá-lo primeiro, então poderemos planejar o jantar e marcar a data do casamento.

Foi a vez do idiota soltar uma risada.

A dinâmica do relacionamento deles me confundiu. James não foi apenas um pai caloteiro; ele era corrupto e negro tanto quanto eu. Viver entre sacos de merda sem alma me deu o instinto e os recursos para reconhecer demônios escondidos sob a superfície.

Homens culpados como eu, como James, com esqueletos enterrados e mãos manchadas de sangue carregariam para sempre o peso de seus pecados.

Mas Eva... Ela era outra coisa.

A conversa continuou e eu esperei, ganhando tempo. Não demorou muito para que eles voltassem para o saguão enquanto ela se despedia.

— Me mande uma mensagem para que eu saiba que você chegou em casa — disse ele, acenando para ela e fechando a porta.

Assim que fechou, saí de trás da cortina.

— Bem, isso foi comovente. — James congelou. — Ela é realmente incrível, não é?

Ele se virou lentamente, suas sobrancelhas grisalhas unidas em confusão.

— Quem diabos é você e o que está fazendo na minha casa?

Entrei no corredor, os lados da minha boca curvados em um sorriso tortuoso.

— O quê, você não sabe quem eu sou? Você não me reconhece, Dr. Ford?

— Escute, não sei o que você está fazendo, mas você precisa dar o fora da minha casa antes que eu chame a polícia.

O medo contaminou sua voz. Bom.

— Não há ofertas de água? Comida? Meu Deus, James, onde estão seus modos?

O covarde deu um passo para trás, o corpo tenso contra a porta enquanto estendia cegamente a mão para a maçaneta. Sua respiração era superficial e rápida, o suor já escorrendo por sua testa.

James Ford talvez não soubesse quem eu era, mas a culpa que inflamava sua consciência estava vazando por todos os poros, como se eu já o tivesse destruído.

Um homem inocente teria oferecido tudo o que estava à sua disposição para poupar a sua vida. Ou, inferno, até mesmo lutar. Em vez disso, nossos olhos estavam paralisados, cada um esperando que o outro desse o primeiro passo.

— O que você quer? Dinheiro?

Ah, lá estava.

Ele girou a maçaneta.

— Eu não faria isso, Dr. Ford — ameacei, com a voz ameaçadoramente calma. — Afaste-se da porta e coloque o telefone na mesa. Eu só quero conversar.

— Foda-se.

Meu sorriso se alargou. — Agora, isso não é maneira de tratar um convidado. Estou ofendido por não receber a mesma cortesia oferecida a... Qual era o nome dela... Eva? Hum, isso é um belo pedaço de bunda.

James ergueu os ombros, como se de repente se sentisse corajoso, e deu um passo em minha direção, a boca torcida em uma careta.

— Deixe-a fora disso.

Eu o rodeei como um predador faria com sua presa.

— Você tem alguma ideia de quem eu sou?

Ele levou um momento para me examinar de baixo para cima. James não era estúpido. Ele sabia que eu não era um ladrão comum procurando alguma coisa aleatória para penhorar.

— Você está aqui para me chantagear? Você acha que tem algo comigo que não posso enterrar até amanhã de manhã?

Arqueei uma sobrancelha e zombei. — Eu não precisei de nada de você durante toda a minha vida. O que faz você pensar que eu começaria agora?

Houve uma contração em sua mandíbula, seus olhos se estreitaram enquanto se concentravam nervosamente em meu rosto.

— Sim, quase lá. Posso ver as peças se encaixando. Notou algo familiar no formato da minha mandíbula? — Seu foco caiu para a metade inferior do meu rosto, depois voltou para encontrar meus olhos. — Esses olhos azuis realmente fizeram sucesso entre as mulheres. Mas tenho certeza de que você sabe tudo sobre isso, não é?

A boca de James caiu aberta, os olhos dobrando de tamanho. — Você... Você é... *Derek* — ele gaguejou.

— *Surpresa.*

Ele balançou a cabeça, incrédulo. — Eu que você...

— O que? Se perdeu no sistema?

Claro, ele ficaria desapontado por eu não estar morto.

Uma mão enluvada caiu sobre o cabo da minha lâmina. Não havia nada que eu desejasse mais do que manchar o ar com o cheiro do seu sangue.

Passos apressados e batidas subsequentes fizeram nossas cabeças se virarem em direção à porta, me tirando da minha sede de sangue.

Nosso alegre reencontro teria que esperar.

— Tio James! Meu telefone deve ter escorregado do bolso. Você pode abrir a porta?

Eva.

As sobrancelhas de James subiram até a linha do cabelo, o peito subindo e descendo em calças ásperas.

— Se eu não responder, ela vai pensar que algo está errado. Por favor, não a machuque — ele implorou, com o rosto vermelho.

— Você é um mestre em fazer o papel de tio amoroso — sussurrei, tirando meu HK do coldre. — A vida dela depende da sua última atuação, então faça valer a pena.

O sangue em minhas mãos estava cheio de almas de homens mortos. Cada um outro nível, outro número para a contagem. Mas por motivos que me recusei a examinar mais profundamente, a ideia de machucar essa mulher torceu algo profundo em minhas entranhas.

Recuando para a cobertura das sombras, observei James bufar longa e trêmula antes de abrir a porta.

— Evangelina! Me desculpe, eu estava lá em cima. Você disse que deixou seu telefone?

Com cuidado para ficar escondido, observei enquanto a mulher balançava a cabeça lentamente. Ela parecia examinar sua aparência confusa e o nervosismo sutil de sua linguagem corporal. Perceptivo, eu daria isso a ela.

Evangelina.

Eu rolei esse nome em meus pensamentos.

— Está tudo bem? — ela perguntou, inclinando-se para frente.

Meus olhos permaneceram em sua boca carnuda.

— Não é nada. Eu simplesmente fiquei sem fôlego, descendo as escadas correndo. Afinal, posso estar decrépito — disse ele com uma risada cautelosa.

Evangelina lançou-lhe um sorriso que não alcançou seus olhos quando passou por ele, dando tapinhas em seu ombro. — Parece que você precisa descansar um pouco.

Assim que ela desapareceu na sala, eu pisei sob o brilho de uma luminária de parede, e James e eu trocamos olhares. O bom médico passou a mão áspera pelo cabelo loiro que eu lembrava. Grossas listras de platina agora em seu lugar eram uma prova de sua ausência e dos anos que se passaram.

Ele estava congelado no local. Assistindo. Provavelmente tentando encontrar maneiras de escapar ou me influenciar.

Eles sempre tentaram.

À medida que os passos da mulher se aproximavam, lancei-lhe um último olhar implícito e depois voltei para a obscuridade.

Parando a poucos metros de onde eu estava escondido, ela encostou um ombro na parede e eu fechei os olhos, ousando inspirá-la. Seu cheiro era inebriante. Meus dedos se fecharam em punho e engoli a vontade de passá-los pelas ondas escuras que caíam como uma cortina em suas costas.

Mas James se aproximou rapidamente e, com um braço protetor em volta dos ombros dela, levou-a embora.

Uma fraqueza.

— Prometa-me que você vai pegar leve — disse ela, ficando na ponta dos pés para dar um beijo em sua bochecha.

A mulher era baixa. Provavelmente não mais alto que um metro e setenta e cinco.

Na ponta das asas desse pensamento, meus olhos percorreram suas pernas tonificadas, parando para admirar como seu jeans abraçava os globos perfeitamente arredondados de sua bunda. Pensamentos desonestos sobre o corpo ágil de Evangelina enrolado firmemente em volta do meu me fizeram mudar meu peso, sentindo a tensão do meu pau contra o zíper.

Sim, seria uma pena se James estragasse nosso disfarce.

— Eva, amor — ele resmungou, a voz prestes a falhar.

— Tio James? O que está errado? — Seu tom estava tingido de preocupação.

Segurando-a suavemente pelos ombros, ele fingiu um sorriso. — Não importa. A verdade é que eu estava olhando fotos da Pam. Do nosso casamento. Eu sinto falta dela; isso é tudo.

Os olhos de Evangelina suavizaram. — Fale com ela, tio Jay. Eu sei que ela ainda ama você.

— Não se preocupe comigo e com Pam. Ela está muito melhor, acredite em mim. Agora sai daqui. Está tarde. Não me faça me preocupar com você.

— Enfrento o pior da sociedade todos os dias. Eu vou ficar bem.

— Sempre me preocuparei, não importa o quão capaz você seja — disse ele com um tom orgulhoso. — Mas o mal espreita em cada canto, Eva. Nunca baixe sua guarda.

Suas palavras enigmáticas apenas pareceram disparar mais

alarmes. Ela mordeu o lábio. — Tio Jay, tem certeza de que está bem?

— Vá agora, Eva — ele insistiu.

Um suspiro suave passou por seus lábios e ela assentiu, virando-se para sair.

Soltei a respiração que estava prendendo até que ele a parou novamente, e um grunhido exasperado ameaçou subir pela minha garganta.

Porra, deixe-a ir.

— Eva? Lembre-se do que eu disse. Tenha cuidado lá fora. Confie sempre nos seus instintos. Você é tão inteligente, tão linda... Eu te amo.

Ela encostou as costas na porta, o ceticismo atravessando suas feições e, por um momento, seus ansiosos olhos castanhos encontraram os meus através do véu de escuridão, perfurando-me e brevemente fazendo minha respiração falhar. Eu não tinha certeza se o medo de ser pego, ou algo mais, havia induzido minha reação.

— Eu também te amo. Mas vou verificar você amanhã bem cedo. — James forçou uma risada nervosa. — Durma bem — disse ela, olhando para ele uma última vez antes de sair pela porta.

Deixei James ficar confuso por vários momentos antes de bater palmas lentamente e aparecer.

— Bravo. Não admira que minha mãe tenha caído nas suas besteiras. — Levantando minha arma, fiz sinal para ele se mover. — Sala de estar. Agora.

James baixou a cabeça e praguejou baixinho. Ele caminhou como um homem resignado, aceitando seu julgamento e o destino que semeou décadas atrás, quando colocou os olhos em minha mãe, destruindo tudo o que ela era ou poderia ter sido. O efeito dominó de sua crueldade também me envenenou.

— Você não precisa...

Um silenciador suprimiu o estalo alto de duas balas quando elas saíram da câmara da minha arma, cortando sua carne em rápida sucessão. James caiu, um uivo irrompeu de sua garganta enquanto o sangue encharcava o carpete bege sob suas pernas mutiladas.

— Seu... maluco bastardo — ele soltou, lágrimas brotando em seus angustiados olhos azuis.

— Não vou negar isso. Isso é exatamente quem eu sou. Mas você me fez assim, James.

Minha bota acertou sua mandíbula e sangue jorrou do lábio cortado.

— Por favor, pare. Desculpe! Eu era uma pessoa diferente naquela época — ele balbuciou, cobrindo o rosto com os dois braços.

— Aposto que você era. — Meus dedos rasgaram a pele acima de sua sobrancelha direita. — Agora, você é o amoroso tio James, não é? O médico de sucesso. — Outro golpe de direita bateu sua cabeça contra o sofá.

— Derek, por favor. Se eu pudesse voltar, eu...

— Você faria *o que*? — Enfiei o supressor em sua boca. — Não deixaria seu filho bastardo apodrecer no sistema?

Ele estava respirando com dificuldade pelas narinas dilatadas, lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Inclinei-me para perto de seu rosto ensanguentado, com um sorriso sádico nos lábios.

— Diga-me, James, quem é Evangelina? E o que uma coisinha linda como ela está fazendo com um pedaço de merda como você? — Ele se debateu embaixo de mim, seus gritos abafados pelo titânio quente queimando sua língua. — Eu sei que ela não é sua sobrinha.

A saliva cuspiu pelos cantos de sua boca enquanto ele balançava a cabeça em desafio. — Estou perdendo a paciência, James.

Vários dentes caíram em seu colo quando arranquei a arma de sua boca e a pressionei contra sua têmpora. O sangue escorria pelo seu queixo, manchando a frente da camisa.

O homem era uma visão lamentável.

— Não toque nela. Ela não tem nada a ver com nada disso. Me mata. Apenas eu.

— Oh, esse ainda é o plano. Mas a morte é muito fácil para o que suportei por sua causa. Não, você não pode simplesmente fechar os olhos e morrer em paz.

— Deus, Derek... Eu sinto muito. Eu realmente sinto!

Apertei a gola da camisa dele. — Sou homem há muito tempo. Nunca ouvi merda nenhuma de você. Então, maldito seja você e suas desculpas. — Empurrando sua cabeça contra a madeira, rosnei com os dentes cerrados: — Quem é ela, ou então me ajude...

— Minha afilhada! Ela é filha de um colega e amigo próximo. — Seus olhos atormentados encontraram os meus ferozes. — Por favor, Derek, estou te implorando; deixe Eva em paz.

Aproximei meu rosto de seu ouvido e sussurrei: — *Não*.

James ferveu em protesto. — Seu filho da puta! Maldito seja você para o inferno. Eu deveria ter matado você e aquela prostituta quando tive a chance.

Uma risada baixa e cínica retumbou em meu peito. — Ah, aí está você. Eu sabia que você estava aí. Você pode servir de fachada para todos os outros e para sua Evangelina, mas eu sei o tipo de homem que você é.

Ele zombou com um gemido. — O que, um monstro implacável... assim como você?

Cerrei os dentes, revoltado com o pensamento de que eu era parecido com esse idiota covarde.

— Cale-se. — Apontei o cano entre seus olhos. — Vejo você no inferno... *Pai*. Mas antes de ir, saiba disso: Evangelina é *minha*. Por favor, dê seu último suspiro, sabendo que não vou parar até que ela se contorça em meus braços e grite meu nome. — Ele balançou a cabeça enquanto eu ria. — Sim, vou manchar e destruir tudo o que você já amou. Começando com aquele lindo pedaço de bunda que você tanto gosta. Nenhum outro homem jamais tocará nela. Eu prometo a você isso.

James rangeu os dentes mutilados. — Sua mãe...

Duas balas partiram seu crânio, deixando um rastro de ossos e massa cerebral espalhados no chão.

Limpei o cano quente em uma almofada e coloquei-o no coldre enquanto me levantava. Soltando um suspiro saciado, caminhei até o manto e peguei a foto de Eva.

Ela me odiaria com cada fibra do seu ser. Mas então, seria tarde demais. Ela estaria longe demais e eu seria o dono dela. Irei arruina-la totalmente.

O vidro quebrou quando esmaguei a moldura contra o tijolo duro, arranquei a foto e a rasguei em duas. O rosto de James Ford caiu nas cinzas quando enfiei a metade de Eva no bolso da frente.

Com um último olhar penetrante para o cadáver do meu doador de esperma, saí para a noite fria. Um céu negro sem estrelas

pairava sobre minha cabeça, refletindo o estado da minha alma torturada. Durante dezessete anos, eu não fiz nada além de fantasiar sobre aquele momento de retribuição, mas sua morte não conseguiu reprimir os demônios ou preencher o vazio em meu peito vazio.

Apoiando-me na casca áspera de uma árvore, acendi uma Fuelle enquanto uma forte explosão sacudia a floresta circundante. A vida selvagem correu, ganhando força enquanto as chamas nas minhas costas incendiavam o mundo.

CAPÍTULO DOIS



A agulha perfurou minha pele. Meu olhar se concentrou além do sangue, insensível à pontada de dor que fui forçada a infligir a mim mesma nos últimos dezoito anos. Como se estivesse no piloto automático, a faixa ensanguentada já estava no medidor antes que eu tivesse consciência de minhas ações. Olhando impacientemente para a tela, esperei enquanto o cronômetro parava pelo que pareceu uma eternidade.

Meu Dexcom estava dentro da normalidade, mas eu acordei suando frio e meu coração batendo forte no peito. Duas horas depois, e eu ainda não conseguia me livrar disso. Esse peso enjoativo de ansiedade e a sensação irracional de alguma ameaça iminente pairavam sobre minha cabeça. Ou meu medidor precisava ser calibrado novamente ou eu precisava desesperadamente apenas relaxar.

Uma respiração longa e calmante encheu meus pulmões.

Eu estive aqui. E isso foi um passo na direção certa.

Meu primeiro dia inteiro de volta ao trabalho, e por mais que quisesse me esconder atrás das paredes de minha casa, sabia que precisava manter minha mente ocupada com todas as coisas mundanas necessárias para me manter à tona.

Sozinha com meus pensamentos e as assombrações que não era um bom lugar para estar.

Um mês.

Faziam exatamente quatro semanas desde o brutal assassinato de James. As habituais lágrimas petulantes arderam no fundo dos meus olhos, e eu inalei outra golfada de ar enquanto lutava para manter sob controle as imagens horríveis de seus possíveis últimos

momentos. Uma batalha que muitas vezes perdi, pois era difícil não me culpar. Eu estava lá naquela noite – a última pessoa a vê-lo vivo. O desamparo tomou conta do meu coração e o arrependimento corroeu minha autoestima.

A culpa do sobrevivente era uma merda, e eu estava três por três.

Puxando um pequeno pó compacto, enxuguei as lágrimas e franzi o rosto antes de passar as pequenas manchas de rímel nos cantos dos olhos. Meus dentes brilharam por trás de um sorriso metodicamente praticado. Eu estaria condenada se comesse a chorar no meu cubículo no meu primeiro dia de volta ao trabalho.

Eu estou bem, repeti para mim mesma. Tudo ficará bem.

Por fora, tive sucesso. Promovida a detetive há seis meses. Atraente. Ao que tudo indica, eu estava com tudo sob controle. Mas por dentro, às vezes, eu me sentia quebrada. Minha vida atormentada por perdas e tristezas.

Talvez solidão. Eu não tinha certeza.

O toque do meu medidor de glicose me tirou dos meus pensamentos autodepreciativos.

105. Estável.

Soltando um suspiro, fechei o zíper do meu kit e o coloquei na gaveta de cima da minha mesa.

— Eva, isso veio para você. — A voz de Sam me fez virar na cadeira.

— Ele veio aqui?

Ele assentiu, seus cachos loiros balançando enquanto ele me entregava um envelope pardo tamanho comercial.

— Não tem endereço de retorno. E para ser honesto, hesitei em mostrar a você sem abri-lo primeiro. — A testa do meu parceiro enrugou-se quando ele apoiou o cotovelo no painel traseiro do meu cubículo. — No caso de ter alguma coisa a ver com o caso de James. É o seu primeiro dia de volta e a última coisa que quero é que algo te perturbe.

O som de seu nome pronunciado em voz alta causou um arrepio no meu coração. Contive as ondas de tristeza e enfiei um dedo sob a aba, rompendo o lacre e retirando uma pequena pilha de

documentos.

— Eu aprecio o sentimento. Mas também, obrigada por confiar na minha capacidade de lidar com o que quer que seja.

A fonte preta saltou contra as folhas de papel totalmente brancas e de repente senti a necessidade de ficar sozinha.

— Sam, eu...

Sam ergueu as duas mãos, um pequeno sorriso curvando seus lábios. — Entendo. Mas se precisar de alguma coisa minha, Eva, por favor, me avise. Você não precisa fazer isso sozinha.

Concordei lentamente, forçando meus lábios a se curvarem em um sorriso indiferente. — Claro. Obrigada.

Ele sacudiu o cabelo e colocou a mão gentilmente no meu ombro antes de se virar para sair.

— Ah, e Sam? Por favor, deixe-me saber se você ouvir alguma coisa sobre Rayne. — Ele assentiu. Meu jovem informante estava desaparecido há pouco mais de duas semanas. Outra pessoa com quem eu me importava e que eu sentia que iria decepcionar.

— Mais uma coisa.

— Sim?

— Pelo amor de Deus, corte o cabelo.

Ele inclinou a cabeça e riu. — Sabe, minha esposa disse a mesma coisa. Mas eu meio que gosto disso. — Seus dedos acariciaram as mechas douradas.

— Deveria considerar. Ela é uma mulher inteligente.

— Vou considerar isso — disse ele com uma piscadela, desaparecendo na esquina.

Inclinei-me sobre minha mesa, os ombros caídos. O sorriso enganoso que eu aperfeiçoei desapareceu no instante em que ele desapareceu de vista. E sem perder mais um segundo, mergulhei na pilha de papéis.

Vinte minutos depois, minha cabeça estava girando. Cada evidência era mais inacreditável que a anterior. James tinha sido um cirurgião de sucesso, mas supostamente tinha um registro documental de negócios sujos com mais de um quilômetro de extensão. Balançando a cabeça em descrença, recostei-me na cadeira e olhei

fixamente para o teto com painéis brancos.

Não poderia ser verdade.

Nada disso correspondia ao homem que eu conhecia e amava.

Negócios obscuros. Fraude. Um suposto golpe da máfia.

Eu não conseguia entender seu envolvimento naquele mundo. Eu recusei.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto reunia coragem para continuar lendo.

**Derek Caim. Anteriormente conhecido como Derek Lyons
DOB 16/11/1991**

Mãe: Sloane M. Lyons

Pai: James R. Ford

Meu coração caiu, a respiração deixando meu corpo com um suspiro audível. Li essas palavras repetidamente, tentando entender o que significavam.

James teve um filho.

Eu o conhecia desde sempre e o amava como um pai. Havia fotos minhas em seus braços poucas horas depois do meu nascimento. Pelo que eu sabia, ele não poderia ter filhos. Isso tinha que ser uma piada, alguma pegadinha doentia e distorcida de alguém tentando mexer comigo.

Enterrando o rosto nas mãos, a compreensão me atingiu com a força de um trem de carga. Se James estivesse envolvido em negócios corruptos com a máfia, o que o impediria de ter um filho ilegítimo? Talvez houvesse uma razão pela qual Pam foi embora além do que sempre me disseram.

O último mês foi um dos mais difíceis da minha vida desde a morte do meu irmão Frankie. E agora, cada camada que descobri sobre a vida secreta do meu amado padrinho era como um novo corte no meu coração angustiado.

Peguei meu telefone. Se alguém soubesse sobre sua vida privada e casos ilícitos, esse alguém seria meu pai. Eles eram melhores amigos desde a residência.

Meu dedo pairou sobre o botão de chamada. Exalando, amaldiçoiei, deixando o telefone cair com um estrondo na mesa de

madeira. Essa era uma conversa que precisava acontecer pessoalmente. Nada que ele me dissesse por telefone aliviaria essas emoções de traição. E rezei para que meu pai fosse tão pego de surpresa quanto eu.

Eu não assumiria nada até ter certeza.

Olhando para o meu relógio, fiquei de pé. Houve tempo suficiente para confrontá-lo antes de seu turno.



A porta da frente se abriu. O amplo sorriso do meu pai desapareceu rapidamente assim que ele percebeu a expressão azeda no meu rosto.

— Eva, algo errado? — ele perguntou, me conduzindo para dentro e gesticulando para que eu entrasse em seu escritório. Eu o peguei olhando atrás de mim, o olhar preocupado percorrendo o gramado da frente e a entrada da garagem. Pontadas de consciência subiram pela minha nuca. Desde que me lembro, ele manteve vigilância, sempre cauteloso com o que estava ao seu redor. Eu tomei isso como sua maneira de ser um pai bom e protetor. Mas, de alguma forma, eu sabia que havia mais.

Como isso nunca me ocorreu antes?

— Estou bem — eu disse, com um pouco mais de aspereza do que pretendia. As linhas entre seus olhos se aprofundaram enquanto suas sobrancelhas escuras se juntavam, estudando meu rosto.

— Eva, você está me preocupando. O que aconteceu?

— Vou te fazer uma pergunta. Por favor, não minta para mim.

Ele abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas simplesmente assentiu. — Você sabe que não há segredos entre nós.

Não pude evitar o escárnio cínico que saiu dos meus lábios e ele estreitou os olhos.

— James teve um filho? O nome Derek Cain ou Lyons significa alguma coisa para você?

Na minha área de trabalho, saber ler a linguagem corporal de

uma pessoa, os sinais nervosos e até mesmo as menores contrações musculares foi crucial para encontrar uma falha e explorá-la pelo que realmente era. A rápida subida e descida do peito do meu pai foi sutil, mas apenas o suficiente para ser notada.

— Eva, eu... — Sua garganta balançou enquanto ele engolia.

— Então, é verdade? Inacreditável! — Eu joguei meus braços para cima. — Você sabia. Você sabia disso o tempo todo.

— Entenda. Não era meu segredo para contar. James confidenciou para mim anos atrás. Ele me jurou segredo e nunca mais o mencionou.

Belisquei a ponta do nariz e exalei profundamente. — E você não pensou em me contar depois da morte dele que há um filho por aí, o último elo com o homem que foi como um segundo pai para mim? — Balancei a cabeça indignada.

Derek é seu único filho? Como você pôde esconder isso de mim?

Se eu fosse honesta comigo mesma, sua omissão não foi uma surpresa completa. Enquanto crescia, nunca questioneei a riqueza do meu pai, a nossa educação privilegiada, as férias luxuosas ou as escolas privadas de elite.

Afinal, ele era médico.

À medida que fui crescendo, tornou-se evidente que o nosso estilo de vida estava muito acima do nível salarial de um médico. Mas meu pai foi o padrinho e modelo da minha vida. Fechar os olhos era mais fácil.

— Eu já te disse, Eva, não era meu segredo para contar. E onde você conseguiu essa informação, afinal?

Cruzei os braços sobre o peito, ignorando sua pergunta. — Há mais alguma coisa que você está escondendo de mim? Por que James estava fazendo negócios com a máfia russa?

Meu pai treinou sua postura, suas feições endureceram. — Não sei nada sobre isso.

— Porra! Ele era como seu irmão. Você sabia sobre o filho ilegítimo dele, mas de alguma forma não sabia sobre seus negócios? Vocês foram parceiros de investimento e...

— Eva, entendo que você esteja emocionada e tenha dúvidas

sobre o filho dele. Mas não permitirei que você me acuse de conhecer as supostas atividades ilegais de James, muito menos insinue que participei delas.

— Eu não disse isso.

Ele me embalou pelos ombros. — Olha, tenho que sair para o trabalho em cerca de vinte minutos. A última coisa que quero fazer é discutir. — Desviei o olhar, ainda não pronta para abandonar meu rancor. — Eva, por favor. Entenda de onde venho.

— Eu simplesmente não gosto que mintam para mim. E eu odeio mentiras por omissão. Somos tudo o que temos – você e eu. Mamãe se foi... e Frankie. Preciso saber que posso confiar em você.

A emoção obstruiu minha voz e ele me puxou para um abraço.

— Eu prometo, *princesa*. Chega de mentiras ou segredos.

As palavras do meu pai pareciam sinceras, mas um sentimento de aperto nas entranhas me dizia que ele ainda não estava sendo totalmente honesto.

Suspirando de derrota, afastei as dúvidas e inseguranças e apertei-o com mais força. Meu pai era meu mundo inteiro. Eu tinha que confiar nele.

— Você não me contou como encontrou essa informação.

— Alguém enviou para a delegacia anonimamente. Eles tinham um arquivo inteiro sobre James. Sam está verificando as impressões digitais para mim e tentando rastrear sua origem.

Um lampejo de algo brilhou nos olhos do meu pai, mas com a mesma rapidez desapareceu.

— Eva, não gosto do som disso. Quem quer que seja essa pessoa, ela sabia que deveria entrar em contato com você. Conhecia seu local de trabalho. Isso não parece certo. Devo contratar segurança privada novamente?

— Absolutamente não.

A ideia de estranhos acompanhando cada movimento meu, dia e noite, me trouxe flashbacks dos meus anos de faculdade e do caso turbulento que tive com o homem contratado para me manter segura. Ele fez o oposto, destruindo minha confiança naqueles que deveriam defender a lei. E quase meu sonho de me tornar um oficial com isso.

— Eva — disse ele, usando a voz de pai.

Dando um tapinha na arma na minha cintura, eu o lembrei: — Posso cuidar de mim mesma agora. Fim de discussão.

Ele me lançou um olhar de preocupação, mas deixou o assunto de lado.

— O que você fará com esta informação? Se a máfia russa estiver envolvida...

— Meu trabalho. Vou seguir qualquer pista que me coloque um passo mais perto do assassino de James. Mas primeiro, vou visitar Derek Cain. Você acredita que ele morou aqui mesmo, na Filadélfia, todo esse tempo?

— Não acho que seja uma ideia sábia. Ele pode ser filho de James, mas você não sabe nada sobre o homem que ele se tornou. Pelo que me lembro, depois que a mãe dele morreu, ele foi para um orfanato e...

— James deixou isso acontecer? — Afastei-me do meu pai, recuando até uma grande estante embutida. — Eu não posso acreditar nisso. E você sabia? Porra.

O homem que eu conhecia era uma fraude e um mentiroso. Como ele poderia ter sido tão cruel?

Meu pai colocou as duas mãos na cabeça, os dedos movendo-se sobre seus cabelos curtos e grisalhos.

— Eva... — ele suspirou. — Não posso justificar suas ações. E não sei mais o que dizer, mas às vezes é mais sensato deixar certas coisas no passado, onde elas pertencem. Você nunca sabe.

— Não posso aceitar isso.

Ele soltou um suspiro cansado. — Ok, estou de folga amanhã. Se você estiver livre, podemos encontrá-lo juntos. Não gosto da ideia de você e ele sozinhos. Ele é um estranho.

— Tudo bem — eu menti.

Puxando-me para seu peito, ele abaixou a cabeça e deu um beijo na minha testa. Olhei para ele, com o queixo apoiado sobre o coração, e forcei um sorriso. Se não fôssemos tão parecidos, eu teria dúvidas se ele contribuiu ou não com metade do meu DNA. Com um metro e noventa de altura, ele era quase trinta centímetros mais alto que eu. Frankie também o puxou. Eu pareci com a mãe que nunca conheci.

— Ou posso ligar e podemos pegar o café da manhã. Que tal isso?

Olhando em seus olhos castanhos comoventes, sorri. — Eu já comi.

— Claro.

A decepção cruzou seu rosto.

— Mas é um encontro amanhã.

— Perfeito. — Ele sorriu e pressionou os lábios na minha testa novamente antes de sair do escritório.

Claro, eu já tinha comido, mas não foi por isso que recusei o convite do meu pai. Eu tinha planos. Como se fosse atraída por uma força magnética, o endereço que eu havia rabiscado em um post-it abriu um buraco em meu bolso.

CAPÍTULO TRÊS



— Eva, sua vadia maluca!

A voz estridente da minha prima atravessou o alto-falante do meu celular quando virei na entrada curva da garagem de Derek Cain. A propriedade ficava nos arredores de Ardmore, uma área isolada cercada por uma espessa cerca viva de árvores e estradas não sinalizadas. Não admira que o GPS me tenha feito andar em círculos antes de finalmente me guiar pelo caminho certo.

Estacionei o carro e espiei a casa moderna. Era uma construção mais recente, com concreto liso, linhas elegantes e janelas altas do chão ao teto que compunham o exterior.

Embora não houvesse menção a uma família nos documentos que recebi, era uma casa enorme para apenas um homem solteiro. Apesar de seu tempo no sistema, Derek aparentemente se saiu bem.

— Eva! Você pode me ouvir?

— Sim, estou aqui. Acabei de parar.

Alexa bufou de alívio. — Lembre-me novamente por que você foi sozinha.

— Eu não posso esperar pelo meu pai, Lex. Eu só... Eu preciso saber. Eu tenho que vê-lo.

Houve um longo período de silêncio antes que ela respondesse.

— Eu já disse isso antes, mas não é culpa sua. Você não poderia ter evitado o que aconteceu, e agradeço a Deus todos os dias por você não ter ficado por aqui para isso. Pare de se culpar.

Ela não entenderia. Ninguém fez isso. A culpa pesou muito sobre meus ombros. Talvez porque, no fundo, eu soubesse que algo estava errado naquela noite. Mas eu dei de ombros, acalmei-o e, finalmente, deixei-o morrer sozinho e assustado.

Eu nunca me perdoaria.

— Este é o filho dele. É a única parte dele que me resta.

— E se foi ele quem enviou o envelope? Você não acha isso assustador pra caralho?

Revirei os olhos e recostei-me no encosto de cabeça. — Ligo para você assim que terminar. Você tem todas as informações, só para garantir.

— Você sabe — ela mordeu o que parecia ser uma maçã — esta é a maneira perfeita de ter algum ator barato da lista D interpretando você em um daqueles documentos de assassinato, certo?

Um sorriso genuíno se espalhou pelo meu rosto pela primeira vez em semanas. Se havia alguém com quem eu pudesse contar para aliviar o clima, era Alexa. — Contanto que seja você, eu sei que você me fará justiça.

Sua risada espirituosa se seguiu. — Sim, bem, é uma pena que não haja nenhum caso escaldante... ah... — Sua voz foi sumindo e ela ofegou. — Oh meu Deus! E se ele for gostoso? E se isso for alguma história de amor distorcida...

— Tchau, Lex! — Parei-a no meio da frase e desliguei o motor, abrindo a porta do carro.

Enquanto caminhava em direção à entrada da frente, enfiei o telefone na bolsa. Meu coração batia tão descontroladamente que parecia que sua força me balançava para frente e para trás.

Várias respirações calmantes depois, eu estava subindo os degraus diante de uma porta de metal cinza-ardósia, mordendo nervosamente meu lábio inferior. Câmeras de vigilância estavam instaladas em quase todos os cantos da propriedade, então eu tinha certeza de que ele sabia da minha presença no momento em que cruzei o portão aberto, a oitocentos metros da estrada sinuosa.

Quando levantei um dedo, com a intenção de apertar a campainha, a porta se abriu e um homem alto e corpulento, com a cabeça raspada, apareceu na soleira.

Poderia ser Derek?

Limpei a garganta.

— Ei. Eu sei que isso pode parecer um pouco louco, mas estou procurando alguém — eu disse enquanto procurava por semelhanças entre ele e James. Com um sorriso irônico, o homem deu um passo à frente, forçando-me a recuar um passo.

— Sim? Bem, meu nome é Kiernan, querida. — Seus olhos castanhos maliciosos percorreram meu corpo, e ele levantou uma sobrancelha quando eles pousaram na arma na minha cintura.

Tudo sobre esse homem gritava *idiota*. O alívio correu através de mim ao perceber que ele não era Derek.

— Oh, bem, na verdade estou procurando outra pessoa.

Seu sorriso estúpido se alargou. — Não se preocupe, linda. Posso ser quem você quiser que eu seja.

E aí estava. Meus instintos nunca falharam.

Apertando os lábios, mudei meu peso para longe dele. — Não, obrigada.

— Oh vamos lá. O que uma coisinha linda como você está fazendo aqui? — Ele agarrou meu pulso e meus olhos caíram para o toque intrusivo no punho da minha jaqueta de couro.

— Solte. — Instintivamente, peguei o cabo da minha arma.

— O que você acha que vai fazer com isso, querida?

A luxúria queimando por trás de seus olhos acendeu uma parte escondida de mim, aquela que espreita nos recantos mais sombrios de quem eu era. Memórias, imagens e sons que eu mantinha escondidos ameaçavam ressurgir e me puxar para baixo. Mas eu não era mais aquela garota ingênua e assustada. E eu nunca mais seria.

— Tire suas malditas mãos de mim.

O homem riu maliciosamente e se inclinou mais perto. — Você não estaria dizendo isso se soubesse o que eu poderia fazer com você com isso... Porra!

Uma joelhada no pau também nunca falhou.

Ele se dobrou, grunhindo e xingando. — Sua putinha — ele suspirou. — Espere até eu...

— Até você, o quê?

Um barítono profundo e aveludado me queimou onde eu estava.

Levantando meu olhar além do idiota colocando suas bolas no chão, me deparei com uma montanha de homem.

O calor subiu pelo meu corpo enquanto eu o absorvia, encostado no batente da porta como se ele tivesse sido esculpido literalmente em pedra. Com as mãos nos bolsos da calça, a camisa preta que ele usava esticada sobre cada pico sólido de seus bíceps e peito largo.

Jesus.

Tinta preta, como arte em tela, mergulhada sob roupas perfeitamente feitas sob medida e subindo pelo espesso músculo tenso de seu pescoço. Mas nada chamou mais minha atenção do que o tom gelado de seus olhos de diamante.

Eu sabia que estava olhando, mas não consegui desviar o olhar. O chão sob meus pés de alguma forma saiu do lugar, embora eu não tivesse me movido.

— Eu lhe fiz uma pergunta, McCall — disse o homem, sem quebrar nosso contato visual.

— Essa vadia me chutou na porra do pau! Eu ia...

— Se eu fosse você, escolheria suas próximas palavras com sabedoria.

Kiernan cuspiu perto das minhas botas.

— Foda-se, Cain!

Derek.

Maldita seja, Alexa. Ele era quente.

Não, não apenas quente. Derek Cain era a definição profana de sedução calculada.

Umedecendo meus lábios repentinamente ressecados, observei enquanto ele alisava as ondas de seu cabelo castanho e estalava o pescoço antes de se mover em nossa direção. Pensamentos errôneos de quão suaves seriam essas mechas presas entre meus dedos aqueceram a boca do meu estômago.

Nossos olhos permaneceram travados, fazendo com que meu pulso acelerasse com cada um de seus passos predatórios.

Calma, Eva.

Mas foda-me; Eu tinha ido embora, cativa do sorriso diabólico no canto de sua boca.

Os instintos de autopreservação surgiram quando Derek estava a apenas um braço de distância. E lentamente encostei-me a uma grade de metal, mais longe de sua presença pesada e imponente.

— Sinto muito, acho que não ouvi direito. — Ele mergulhou até o nível do desprezível, uma mão na nuca, a outra cavando em um ponto de pressão que fez o homem gemer e se dobrar. — O que você estava dizendo?

A oficial dentro de mim guerreou contra a mulher tão completamente tomada por essa demonstração de domínio, fazendo meu núcleo incendiar enquanto uma excitação deliciosa vibrava entre minhas pernas.

Derek se inclinou sobre a orelha do homem, suas palavras ininteligíveis enquanto ele enfiava o polegar mais fundo na carne. Kiernan soltou um último uivo estrangulado antes de rastejar sobre as mãos e os joelhos em direção aos degraus da varanda. Ele tropeçou ao chegar à entrada pavimentada e desapareceu ao redor da parede oeste da casa.

— Ele te machucou?

Minha cabeça voltou-se para Derek, e a intensidade de seu olhar queimou cada centímetro da minha pele.

O que diabos havia de errado comigo?

— Não — eu disse, balançando a cabeça e tentando parecer composta. — Esse é um amigo seu? Porque ele é um bastardo pervertido.

—Kiernan será tratado.

A maneira como sua mandíbula ficou imediatamente tensa me levou a acreditar que ele não tinha a intenção de dizer essas palavras em voz alta.

Tratado?

— Ou seja, ele não é mais meu funcionário — Derek emendou, como se estivesse lendo meus pensamentos.

Ele deu um passo em minha direção e eu me afastei novamente, deslizando contra o corrimão, a mão pairando sobre

minha arma. Mesmo que ele tivesse vindo em minha defesa, isso não significava que eu pudesse confiar nele, não depois do que acabara de acontecer.

Derek mostrou uma fileira de dentes brancos e me olhou com um olhar de aço.

Arrepios percorreram minha espinha com a força selvagem refletida naquelas piscinas de azul cristalino.

Perigo.

Ele se movia com o ar e a confiança de um homem que impunha autoridade e respeito – alguém acostumado a sempre conseguir o que queria – uma bandeira vermelha ambulante.

— Ei, sinto muito por isso. — Ele ergueu as duas mãos, suas feições duras beirando a diversão. — Você não vai me chutar no pau se eu chegar mais perto, vai?

Assim que as palavras saíram de sua boca, meu olhar traiçoeiro se desviou para sua virilha, onde a calça cinza destacava um contorno impressionante do que o homem estava trabalhando.

Droga.

Ele riu e eu olhei para seu rosto igualmente impressionante. Completamente envergonhada, uma onda de calor subiu pelo meu rosto e de repente me senti vulnerável contra a estranha tempestade de emoções que giravam dentro de mim.

— Então o que posso fazer por você?

Foi quando eu vi. Pedacos de James olhando para mim. A maneira como ele olhou através dos cílios, as sobrancelhas escuras unidas, uma mão enterrada no bolso enquanto a outra esfregava o queixo angulado. A imagem foi um soco no estômago.

Talvez meu pai estivesse certo. Eu não deveria ter vindo aqui. Eu estava pronta para a proverbial caixa de Pandora que estava prestes a abrir?

— Não posso... Não posso fazer isso agora. — Passei apressadamente por ele e pulei da varanda, pulando três passos.

— Evangelina.

A nitidez de seu tom e a maneira como meu nome saiu tão suavemente de sua língua me consolidaram no lugar.

Sem me virar, engoli em seco. — Você sabe quem eu sou.

CAPÍTULO QUATRO



Evangelina tremeu, seu corpo congelou quando chamei seu nome. Tendo subestimado sua curiosidade e apego ao bastardo que um dia foi meu pai, eu não a esperava tão cedo.

Nas últimas quatro semanas, observei à distância e conheci sua rotina e programação diária, ao mesmo tempo que lhe dei tempo para chorar. A última coisa que eu precisava lidar eram as lágrimas pela morte daquele filho da puta.

Não havia muito movimento em sua casa além de ocasionais corridas de comida ou entregas. Uma jovem, que mais tarde descobri ser prima, visitava-a com frequência e às vezes era acompanhada por outra mulher. Franco Cruz era o único homem que entrava e saía da propriedade, o que facilitou as coisas para mim. Rastrear e lidar com pretendentes indesejados teria sido um inconveniente desnecessário.

— Evangelina — chamei pela segunda vez, meu tom mais gentil.

Embora eu quisesse começar esta introdução, não pude deixar de admirar a vista. Suas coxas tonificadas estavam envoltas em jeans justos, juntamente com uma jaqueta de couro marrom justa que batia logo acima dos quadris. Nunca estive mais grato por uma peça de roupa, pois me dava uma visão completa do seu rabinho rechonchudo. E embora eu sempre tenha pensado que não havia nada mais sexy do que saltos altos em uma mulher, de preferência do tipo foda-me, suas botas de combate pretas estavam me fazendo mudar de ideia.

Ela se virou, confusão e uma pitada de raiva marcando suas feições.

— Como você sabe meu nome? — Seus olhos escuros brilharam com ferocidade enquanto ela exigia respostas.

Mas a verdade não tinha lugar aqui. E assim, ela entenderia a história que eu contei centenas de vezes nas últimas quatro semanas.

— Você gostaria de entrar?

— Não.

Inclinei a cabeça para o céu furioso acima de nós; sua raiva só rivalizava com a figura determinada da mulher parada na minha frente. — Você tem certeza?

— Responda a maldita pergunta — disse ela, cruzando os braços sobre o peito. O movimento fez com que a bainha de sua jaqueta se levantasse, revelando um distintivo e a alça de uma Sig Sauer – um lembrete preocupante de nossas circunstâncias.

— Quando meu pai faleceu, um de seus advogados me contactou. Ele me disse que eu herdaria alguns bens e propriedades.

Evangelina se aproximou, seus olhos estreitados e desconfiados, e não pude deixar de olhar para como sua boca doce fez um leve beicinho. Pensamentos carnis dela ajoelhada, aqueles lábios vermelhos em volta do meu pau, me fizeram engolir um gemido.

Como James se reviraria em seu túmulo ao ver meu esperma deslizando pela garganta de sua amada afilhada.

— Ele deixou uma herança para você, embora vocês dois não tivessem contato? — Ela colocou a mão sobre o ponto de pressão entre os olhos. — Não sei o que pensar. Ele era como um segundo pai. No entanto, ele nunca mencionou você. Nunca sequer sugeriu ter um filho. — Endireitando os ombros, ela se aproximou novamente. — Nada disso faz sentido. Como posso saber que você é quem diz ser?

— Olhe para mim. — Estávamos a apenas trinta centímetros de distância agora. Sua cabeça se inclinou para encontrar meus olhos, e percebi o olhar fugaz que ela lançou aos meus lábios antes de desviar o olhar.

— Claro, você se parece com ele, mas...

— Eu fiz alguma coisa, Evangelina? — Eu interrompi, aproveitando suas emoções e ousando colocar uma mão gentil sob seu queixo. Minha pele foi imediatamente recebida com um estranho zumbido elétrico, mas ignorei a sensação e levantei meu olhar de volta para o meu, consciente de seus joelhos de reação rápida. — Algo para chatear você?

Ela permaneceu quieta por vários instantes antes de balançar a

cabeça. — Como você sabe meu nome?

As notas sensuais em sua voz se espalharam por mim, envolvendo meus pensamentos, tão pecaminosas quanto naquele primeiro dia.

Como eu sabia o nome dela?

Eu provei o nome dela na minha língua e queimei na memória junto com a imagem de seu lindo rosto. Mesmo nos dias em que meu plano falhava, quando eu hesitava entre partir e nunca mais voltar, a necessidade de ver essa mulher, falar com ela, saboreá-la pelo menos uma vez tomava conta dos meus pensamentos.

Aumentei meu aperto em seu queixo.

— Seu pai era um de seus sócios de investimento. Eu apenas segui a trilha dos documentos e lá estava você.

Como se estivesse saindo de um transe, ela afastou minha mão e colocou uma distância considerável entre nós.

— Meu *pai*? Você enviou esses documentos para o meu trabalho? Existem algumas alegações sérias aí. Como você saberia essas coisas? E onde eu trabalho. Eles são verdadeiros? Meu pai está envolvido?

Evangelina estava alheia ao mundo em que nasceu. Franco Cruz pode não ter entrado no submundo do crime da mesma forma que seu amigo e colega, Dr. Ford, mas o homem tinha um tesouro de segredos e um armário cheio de esqueletos igualmente grossos.

— Não — eu menti. Ela andava de um lado para o outro enquanto as primeiras gotas de chuva batiam no chão. — Evangelina? Posso responder às suas perguntas se você quiser entrar. O céu está prestes a se abrir a qualquer momento.

Ela parou e fechou os olhos antes de falar.

— Podemos ir a algum lugar? — ela perguntou, me surpreendendo e apontando em direção ao seu carro.

Eu dei a ela meu sorriso mais encantador. — Eu conheço um lugar.

A viagem até o café foi tranquila, apenas o barulho suave da chuva preenchendo o silêncio. Eu poderia ter me oferecido para levar meu carro em vez de deixá-la dirigir, mas ainda não estava pronto para ficar sem a presença dela. Talvez Evangelina também não estivesse, já que ela não havia sugerido o contrário.

A cabine silenciosa me deu tempo para estudá-la.

Ela dirigia com a mão direita no volante enquanto a outra descansava na porta ou no colo. Devido à sua altura, o assento foi empurrado bastante para a frente, e não pude evitar a pequena risada que escapou dos meus lábios.

— O que? — ela perguntou curiosamente, virando a cabeça brevemente em minha direção.

— Quão alta é você?

Ela revirou os olhos. — Se você está tentando fazer uma piada curta, evite o trabalho. Eu ouvi todas elas. E para que você saiba, gosto da minha altura.

Levantei as mãos defensivamente. — Era só uma pergunta.

— Claro que foi.

Inclinei a cabeça para trás e ri. Porra, ela era adorável.

Aproximar-se de Evangelina era uma faca de dois gumes. Como único filho de James, ganhar a confiança dela seria fácil. Só isso me deu acesso à vida dela. Mas fazer isso sem distrações e pensamentos rebeldes seria difícil.

Isso nunca foi mais aparente do que quando respirei fundo, inalando o perfume há muito gravado em minha memória. Ele permeava cada centímetro do pequeno espaço. Intoxicante, pois era viciante. Ela era de sândalo e especiarias fumegantes, com um toque floral, talvez rosas.

Era exótico.

— Um metro e noventa é bastante normal — ela deixou escapar. — Eu herdei minha altura da minha mãe. E eu também era

ginasta. Você sabe como dizem que um treinamento rigoroso pode prejudicar o crescimento? Mas acho que isso é apenas um mito.

Ela continuou falando, mas tudo que consegui processar foi uma palavra.

— Uma ginasta?

Sua admissão trouxe à tona uma infinidade de imagens obscenas — minha mente agora estava na maldita sarjeta.

— Sim. A muito tempo atrás.

Evangelina ficou distante como se o assunto fosse delicado. Eu não deveria me importar. Eu não queria. Mas uma pequena parte de mim estava inegavelmente intrigada. Eu arquivei. Talvez fosse uma informação que me serviria mais tarde.

— Vire-se aqui — instruí, apontando para a nossa direita, mas com os olhos apenas nela.

Ela evitou meu olhar enquanto estacionava. Só quando ela desligou o motor e exalou rapidamente é que ela finalmente se virou em minha direção.

— Você está olhando. E você realmente não respondeu à minha pergunta sobre meu pai. Você tem todas essas informações sobre meu padrinho, essas acusações malucas. Você diz que me encontrou através do meu pai, então deve ter visto alguma coisa... ou espero que nada.

Inclinei-me para a frente, com o cotovelo apoiado no console central. Nossos rostos estavam a centímetros de distância, mas Evangelina não fez nenhum esforço para se afastar. Ela molhou os lábios e tive o impulso mais estranho de lamber o mesmo caminho.

— Estou olhando porque nunca pensei que você seria tão linda. — O anel castanho chocolate em seus olhos diminuiu. E um rubor rosa coloriu suas bochechas e as leves sardas na ponta do nariz. — Até onde eu sei, seu pai é exatamente quem você pensa que ele é.

Eu menti novamente.

E, de fato, não pela última vez.

Ela colocou as duas mãos no volante e balançou a cabeça com um suspiro de alívio e uma sugestão de sorriso nos lábios.

O café estava cheio de gente. Aberto há menos de três meses, o local ainda não havia perdido a novidade. Caminhei logo atrás de Eva enquanto caminhávamos para uma mesa de canto, passando os dedos pelas costas dela enquanto avançávamos no meio da multidão. Eu aperfeiçoei meu olhar mortal ao longo dos anos, e geralmente não era preciso mais do que um olhar para que as pessoas se movessem desconfortavelmente na outra direção. Hoje não foi diferente. Só que agora eu tinha Evangelina. Nunca me preocupando em cuidar das costas de ninguém além das minhas fora do trabalho, este era um território novo.

— Merda! — Um adolescente desajeitado com alguma bebida ridícula tropeçou nos próprios pés e caiu em direção a ela. Eu o endireitei pela gola da camisa, apertando o tecido para mantê-lo firme. — Me desculpe, cara. Eu escorreguei — disse ele com um tom mais alto do que provavelmente pretendia.

— Observe onde você está indo — eu resmunguei antes de soltá-lo. Eva lançou olhares entre nós até que o garoto magro saiu correndo. — O que?

— Você o assustou até a morte. Ele é apenas uma criança.

— Aquele *garoto* provavelmente deveria estar na escola agora. E se não fosse por mim, você estaria coberta de creme e caramelo. — *Pensando melhor.* — A menos que seja isso que você prefere?

Sem perder meu duplo sentido involuntário, ela desviou o olhar rapidamente, mas não antes que eu a pegasse corando pela segunda vez. E não pude deixar de sorrir enquanto a seguia em direção a uma mesa, satisfeito por poder afetá-la do jeito que ela me fez.

Fazendo sinal para ela se sentar, deslizei para o banco do lado oposto, de costas para a parede, como sempre. No meu ramo de trabalho, a precaução e a paranoia andavam de mãos dadas, e baixar a guarda nunca foi uma opção.

— Este lugar costumava ser uma garagem? — ela perguntou, olhando ao redor e efetivamente mudando de assunto. — Impressionante.

— Sua primeira vez aqui?

— Não, estou apenas fingindo. — Meu olho esquerdo se contraiu com seu sarcasmo. Poderia ter soado como um insulto de qualquer outra pessoa, mas não pude negar que teve o efeito oposto. Seu desafio parecia estar ligado ao meu pau.

Ela tinha um fogo nela. E eu gostava disso.

— Sinto muito — disse ela, recostando-se no assento almofadado. — Ainda estou pensando no que aconteceu na sua casa, e isso nem foi culpa sua. Você deve pensar que sou uma vadia.

— Já garanti a você que ele seria tratado. E eu não acho isso. Isso deve ser muito para absorver. Entendi. Eu estava lá. — Descansando meus antebraços sobre a mesa, com as mãos entrelaçadas, eu a fixei com um olhar esfumaçado.

E ela me recompensou com um sorriso.

— Sim, foi um mês e tanto. E honestamente, ainda é difícil acreditar que você é filho de James. Há quanto tempo você sabe? E onde você esteve todo esse tempo?

— Eu sempre soube. Ele também sabia de mim, mas... Nosso relacionamento era complicado. Eu tinha uns seis anos na última vez que o vi, pouco depois da morte da minha mãe.

Ela desviou o olhar, todos os vestígios de seu sorriso desapareceram, e percebi que tinha saudades.

— Sinto muito pelo que ele fez. Por tudo. O fato de ele não estar lá. Você era apenas uma criança e não merecia isso, Derek.

No momento em que meu nome saiu de seus lábios, algo dentro de mim mudou. Antes que eu pudesse registrar o que estava acontecendo, Evangelina estendeu a mão e pegou uma das minhas. Nossos olhos se arregalaram em uníssono.

Era como se o ar carregasse entre nós, como volts de eletricidade produzidos pelo toque suave de seus dedos.

A julgar pela boca entreaberta e expressão atordoada, ela deve ter sentido isso também.

Sacudi-o e puxei minha mão.

Eu estava pensando e reagindo com meu pau, e não podia permitir que sua beleza me enfraquecesse. Eu tive que manter o controle. Não havia uma mulher viva capaz de me quebrar. E com

Evangelina não seria diferente. Eu pegaria o que quisesse dela e ela me deixaria. E isso é tudo que ela e eu seríamos.

— Você não precisa se desculpar em nome de James. Eu fiz as pazes com a ausência dele há muito tempo.

Ela ainda estava fixa onde nossas mãos estavam unidas, as sobrancelhas unidas, sua expressão subitamente solene. — Me desculpe, não tive a intenção...

A voz dela sumiu e eu estendi a mão por cima da mesa, tocando-a nos meus termos.

— Nada pelo que se desculpar.

Eu lancei-lhe um sorriso, o polegar correndo contra sua pele macia, e sua carranca mudou rapidamente, o lábio inferior preso entre os dentes. Senti vontade de me inclinar e puxar aquela carne doce de seu esconderijo.

Quão bonitos seriam aqueles lábios, machucados, inchados e meus?

— Isso é realmente incrível — disse ela, traçando a tinta na minha mão com a ponta do dedo. Um leve arrepio percorreu minha espinha quando ela delineou uma caveira com um halo de rosas. — Elas significam alguma coisa?

— Sim, todas elas. Mas você não está aqui para falar sobre minhas tatuagens. Tire suas dúvidas, Evangelina. É melhor nos afastarmos do significado por trás da minha tinta.

— Eva. Todo mundo me chama de Eva. Evangelina era minha avó. Eu a amo, mas é só um bocado.

— Eu não sou como todo mundo. E é um nome lindo. Combina com você.

Ela sorriu e balançou a cabeça, e meus olhos foram atraídos para a curva suave de seu pescoço. Visões da minha língua deslizando ao longo de seu comprimento fizeram meu pau engrossar debaixo da mesa enquanto eu pensava em todas as maneiras que eu poderia dobrar essa ex-ginasta.

Ela teria um gosto tão bom quanto seu cheiro?

— Derek — ela chamou, me tirando dos meus pensamentos. — É verdade? O que há nesses documentos? James estava realmente envolvido naquele mundo?

Recostei-me e joguei um braço na parte de trás da cabine. — Às vezes, aqueles que pensamos conhecer acabam sendo pessoas completamente diferentes. Tenho certeza de que minha mãe pensou no mundo de James Ford uma vez – assim como sua esposa.

Seus olhos estavam baixos, os músculos de sua mandíbula flexionados com tensão.

— Sabe, é quase mais fácil para mim acreditar nessas partes da vida dele, porque ele sempre foi ambicioso e motivado, mas acreditar que ele abandonaria você. Não consigo entender isso.

Sua admissão me pegou desprevenido. Ela era policial. E eu tinha acabado de reforçar o fato de que seu querido tio James era um pedaço de merda certificado, e ela estava mais preocupada com o tratamento que ele me dava.

Interessante.

— Você era seu único filho. Seu herdeiro. Ele sempre falava sobre não poder ter filhos com Pam. E ele simplesmente abandonou você e deixou você entrar no sistema. Isso é quase imperdoável.

Eva estava tremendo; suas emoções eram tão cruas. Tão perto da superfície que eu esperava que ela começasse a chorar. Era o que as mulheres faziam. Mas em vez disso, seus olhos pulsavam de raiva.

Ela ficou furiosa por minha causa.

Meu peito se apertou com uma sensação estranha e eu não tinha certeza do que fazer com ela.

— Ele era um homem imperfeito... — comecei, tentando parecer em conflito e solidário.

— Ele era um caloteiro. E um mentiroso.

Bem, esta foi certamente uma reviravolta inesperada.



Evangelina parou no final da minha garagem. Ela deixou o motor ligado e relaxou no banco, olhando vagamente pelo para-brisa. A chuva havia diminuído para uma garoa, e um brilho de umidade iluminava seu rosto, resquícios da curta caminhada do café até o

estacionamento.

Eu me perguntei se ela tinha alguma ideia de como parecia comestível, mesmo molhada pela água da chuva.

— Você tem uma linda casa — disse ela, com os olhos ainda fixos na frente.

O sentimento pareceu genuíno, não feito para alimentar egos ou preencher um silêncio constrangedor, já que Evangelina cresceu rica e acostumada ao luxo. E, claro, o amor de duas figuras paternas enquanto eu ganhava punhos, pontas de cordas e paus.

— Obrigado.

— Estou feliz — ela disse, finalmente se virando para mim — que você se saiu tão bem, apesar de tudo que passou.

— Há algo a ser dito sobre as tragédias e como elas moldam a essência de quem somos. Ou superamos ou somos vítimas de nossos demônios.

Evangelina escureceu por um breve segundo antes de ela rapidamente desviar o olhar.

E o jogo tinha acabado de subir de nível – um jogo em que comparávamos silenciosamente quem era o melhor mentiroso e guardião de segredos.

Descascar as camadas desta mulher seria apenas metade da diversão. Consumi-la inteiramente seria o prêmio final.

— Palavras sábias. E você certamente faz o mesmo. — Ela se inclinou sobre o console central. — Mas também não consigo deixar de pensar em como as coisas poderiam ter sido diferentes entre nós.

Ela despertou meu interesse.

— De que maneira?

— Poderíamos ter estado perto. — Um sorriso tímido apareceu nos cantos de seus lábios e ela enfiou a mão na minha novamente. E mais uma vez, minha pele começou a arrepiar. — Eu simplesmente tenho essa sensação. Eu sei que parece uma loucura. Mas poderíamos ter crescido como uma família.

Família?

Se ela conhecesse os pensamentos que passam pela minha mente no que diz respeito a ela, teria sido duramente pressionada para

fazer tal declaração.

Eu nunca tive uma família além Kai. E possivelmente minha mãe, embora eu não me lembre mais do tempo que passamos juntos. Essa parte da minha vida nada mais era do que memórias fugazes ou talvez sonhos. Mas talvez o amor dela fosse a âncora, a única coisa que me manteve amarrado ao último resquício da minha humanidade todos esses anos.

— Não faz sentido pensar em coisas que não podemos mudar, Eva. Mas agora, você e eu estamos no controle.

Uma mecha de cabelo preto caiu sobre sua bochecha e tive que me impedir de colocá-la atrás da orelha. Em vez disso, fiz círculos nos nós dos dedos dela e seus olhos caíram para nossas mãos unidas. Olhando por cima dos cílios, ela passou o polegar pela superfície dura do meu anel e concordou com a cabeça.

— Esta é uma bela joia. É um anel de sinete?

— Sim.

Ela levantou minha mão para mais perto de seu rosto, examinando as palavras. — Isso significa sangue em latim.

— Sim.

Seus olhos estavam em mim agora. — Eu esqueci de perguntar. O que você faz?

Foi um desafio focar na pergunta dela enquanto sua mão macia ainda segurava a minha.

Porra, eu a queria. Eu queria puxá-la para o meu colo e pegar o que era meu. Mas isso não poderia ser apressado. Embora eu não estivesse acostumado a ter paciência nesses assuntos, Evangelina não era como as mulheres que eu expulsava da minha cobertura e dos hotéis depois do sexo. Eu nunca cortejei ninguém antes, mas algo me dizia que ela seria a exceção.

— Sou um instrutor tático.

Ela soltou minha mão e recostou-se em seu assento.

— Você mora em uma casa e bairro de um milhão de dólares e dirige um maldito Bentley. Isso não parece nada suspeito.

Encostei a cabeça no assento e soltei uma risada. — Pensei que você fosse do departamento de homicídios, não do FBI.

— Sou uma mulher de muitos talentos.

Suas palavras enviaram outro choque ao meu pau.

— É assim mesmo? — Eu perguntei, todo o humor desapareceu da minha voz.

Eva se virou para mim, o canto inferior do lábio entre os dentes novamente.

— Eu estava falando sobre o trabalho.

— Claro que você estava.

Ela zombou e apertou o volante com as duas mãos.

Uma contração nervosa.

— Eva, eu não sou um criminoso. Eu possuo a arma e tática de Sloane. E meu pai adotivo é o CEO da Janus Security, da qual também sou CFO. Meu GT foi um bônus de Natal.

— Isso foi um bônus e tanto.

Meu rosto doía de tanto sorrir, e eu não sabia como me sentia a respeito disso. — Como você disse, eu me saí muito bem.

— Você fez. — Seus olhos encontraram os meus novamente. — Derek, James estava errado por fazer o que fez. Mas você está certo; o passado não importa. E agora que conheço você, quero que sejamos... Amigos. Quero que nos conheçamos. Se estiver tudo bem.

Minha boca se abriu em um sorriso mais amplo. — Claro.

Isso foi quase fácil demais. Eva me entregou seu telefone.

— Você pode me ligar e enviar mensagens quando quiser. — Seus ombros imediatamente ficaram tensos, os olhos arregalados. Talvez ela pensasse que tinha sido muito ousada, mas estava completamente alheia ao fato de não ter mais escolha. Ela era minha. Melhor que ela entendesse isso mais cedo ou mais tarde.

Saí do carro com relutância, sentindo imediatamente falta do cheiro do perfume dela.

— Ah, e Evangelina — eu disse, inclinando-me para a janela aberta. — Não é mediana. — Seus olhos se estreitaram, sem entender. — Sua altura. Não é mediana.

A compreensão iluminou os cantos dos olhos dela. — De novo, com as piadas curtas, Derek? — Seu tom era alegre e leve.

Eu balancei minha cabeça. — Não. É que absolutamente *nada* em você é mediano.

Enquanto ela umedecia os lábios, não pude deixar de lambar os meus, como se antecipasse um gosto.

Em breve.

Ela curvou aquela linda boca dela. — Tchau, Derek.

CAPÍTULO CINCO



BRYN MAWR, PENSILVÂNIA

Joguei minhas chaves no prato de cerâmica ao lado da porta, minha arma ao lado enquanto tirava as botas. Em qualquer outra noite eu os teria escondido na mesa de entrada, perto da porta da frente, mas não esta noite. Eu estava me sentindo muito feliz com a vida para me importar. Apesar de minha manhã ter começado uma merda, meu humor mudou drasticamente. As notícias dos supostos crimes e do filho ilegítimo de James foram um soco no estômago, mas agora as coisas pareciam diferentes.

Eu nunca fui de me preocupar com a aparência, mas o apelo sexual do homem era inegável. Já faz quase um ano desde meu último relacionamento, nunca senti uma atração tão rápida e profunda por um homem. Eu queria culpar Alexa por colocar esses pensamentos na minha cabeça antes mesmo de eu ter a chance de formar uma opinião imparcial, mas sabia que era uma besteira total.

Ele teria causado o mesmo impacto. Seu toque teria causado os mesmos tremores entre minhas coxas. E aqueles malditos olhos... Eu teria me perdido neles de qualquer maneira.

Agarrei a borda do balcão da cozinha e balancei a cabeça, com um sorriso estúpido estampado no rosto. Eu estava com problemas e sabia disso. Derek estava definitivamente flertando e, ainda assim, sugeri que fôssemos amigos, sabendo muito bem que platônico seria um status de curta duração entre nós. Eu podia sentir isso. Sentir o que o toque dele fez nas minhas entranhas e na minha calcinha.

Apesar do meu passado – ou talvez apesar dele, as situações sexuais não provocavam medos ou traumas, desde que eu estivesse no controle e o sexo estivesse nos meus termos.

Minha bolsa vibrou contra o mármore. Não precisei olhar para saber que era Lex. Ela ligou sem parar durante a última hora. Eu me senti péssima por ignorar suas ligações, mas precisava de tempo para pensar – sobre Derek, as acusações contra James e o que o envolvimento de meu pai em tudo isso implicava.

Minha tela se iluminou novamente, destacando as vinte e cinco chamadas perdidas.

Todas de Alexa.

Finalmente aceitando a número vinte e seis, coloquei o aparelho no balcão, longe do ouvido, porque sabia o que o esperava.

— Evangelina Cruz! Eu poderia matar você. Como ousa me preocupar assim? Mesmo que você estivesse morta em uma vala em algum lugar, eu a teria enforcado de novo!

— Lex, relaxe. Estou bem — assegurei a ela, puxando uma jarra de água da minha geladeira. — Nunca estive em perigo. Acalme-se.

De jeito nenhum eu contaria a ela sobre aquele idiota do Kiernan, porque eu nunca ouviria o fim da história e sabia que isso de alguma forma prejudicaria a imagem que ela tinha de Derek. Por alguma razão, eu precisava e queria a aprovação dela.

— Então você simplesmente esqueceu de enviar uma mensagem? Cadela. Estive perto de ligar para seu pai... Depois para Quantico.

Isso rendeu risadas. — Lex, você esqueceu o que eu faço para viver? Certamente não é a primeira vez que me encontro numa situação desconhecida e possivelmente perigosa. E o que é que faz do Derek automaticamente um serial killer? Você está sendo louca.

Ela soltou uma lufada de ar. — Oh, ele é Derek agora? E você não pode me culpar. Depois das coisas que você me disse que James estava envolvido...

— Supostamente.

— *Supostamente*. Isso é tudo que eu conseguia pensar. Quem pode dizer que esse Derek também não faz parte desse mundo sombrio? Eu simplesmente tenho esse sentimento. Você sabe como eu sou.

Eu sei. Alexa afirmava estar em contato com seu lado espiritual e gostava muito de astrologia, auras e todos os nove. Ela estava

constantemente reorganizando meus chakras, ou seja lá o que fosse.

— Eu sei. E sinto muito por fazer você se preocupar. Mas você não precisa. Derek foi... Ele foi *ótimo*.

Houve um silêncio desconfortável antes que o suspiro assobiado de Alexa atravessasse o alto-falante.

— Com licença? Que porra foi essa?

Bebendo o resto da minha água, entrei na sala de estar, com a pergunta dela pairando no ar. Quando cheguei ao sofá, sentei-me em sua superfície macia enquanto Lex soltava um suspiro exagerado, esperando impacientemente pela minha resposta.

Colocando o telefone no peito, fingi inocência. — O que foi o quê?

— Aquela coisa toda ofegante de *Derek foi ótimo*?

Não pude deixar de rir da imitação ridícula da minha voz.

— Sua imaginação.

— Eva, sua vadia mentirosa! Ele é gostoso, não é?

Gemi alto em um travesseiro decorativo. — Sim!

O ícone da videochamada de repente iluminou minha tela. Sentei-me, incapaz de suprimir o sorriso dolorosamente gravado em meu rosto.

Lex estava em seu carro.

— Conte-me tudo! Quão quente? Em uma escala de um para transar com ele de dez vezes até domingo.

— O tipo quente. Um metro e oitenta e três ou quatro, uma montanha de músculos quentes.

— Oh inferno. O que mais?

— Lábios beijáveis e tatuagens cobrindo cada centímetro dele – exceto o rosto, é claro.

Ela bufou uma risada. — Quente. E Franco vai morrer! Mas continue.

— E aqueles cílios longos demais que os homens não deveriam ter. Mas os olhos dele Lex, Azul tão brilhante que juro que parecem diamantes.

— E com base em onde ele mora, ele é rico. Droga, Derek parece um filho da puta arrogante.

— Não vou negar que ele sabe que é bonito. Mas sua confiança só aumenta ainda mais seu apelo sexual. Há mais nele, Lex. Há algo ali que me atrai.

Estava claro que o passado de Derek ainda fazia parte dele. Houve um vórtice de emoções e experiências refletidas naqueles olhos árticos. Segredos. Mistério. E talvez um pouco de escuridão.

Esse último pensamento causou um arrepio na minha espinha. Meus anos lendo pessoas me fizeram perceber o poder que ele carregava como uma segunda pele. Eu queria me aprofundar em seu mundo, passado e tudo o que o motivava. Fiquei fascinada porque, apesar da minha raiva e decepção com a informação que recebi, meu amor por James permaneceu o mesmo. E Derek era tudo que me restava dele.

Talvez Alexa estivesse certa. Talvez conhecê-lo tenha sido o destino. Fui tola o suficiente para acreditar que tal coisa existia? Especialmente com as dores de cabeça, traumas e perdas que sofri?

Provavelmente.

Lex durou mais quinze minutos até o final do intervalo para o almoço. Ela desligou relutantemente e eu permaneci esparramada no sofá, olhando para meu teto abobadado branco.

À medida que a adrenalina dos acontecimentos do dia diminuía, senti a névoa do sono pesado em minhas pálpebras e fiz uma nota mental para mandar uma mensagem para Sam mais tarde para cancelar a investigação de impressões digitais.

Fechei os olhos e exalei um suspiro cansado, finalmente voltando do prazer de conhecer Derek. Era mais fácil pensar com meu cérebro agora e não com minhas partes femininas.

Mas com o pensamento racional surgiram novas preocupações. De uma coisa eu tinha certeza: James levou uma vida dupla todos esses anos, uma vida em que esteve envolvido com alguns dos criminosos mais cruéis da nossa cidade. Isso abalou meu núcleo até mesmo aventurar um pensamento sobre o que tudo isso implicava. Quão profundas eram as conexões? Quão sujas estavam suas mãos? E quanto meu pai sabia? Eu não era ingênua o suficiente para pensar que o fato de Derek não ter encontrado nada significava que seu passado estava limpo.

Talvez eu fosse parcialmente culpada por fechar os olhos para as mentiras e inconsistências do meu pai, mas talvez fosse hora de ir um pouco mais fundo. A questão era: o que eu faria com a informação se a encontrasse?

Devo ter cochilado no sofá sem saber, porque fui acordada por uma batida forte na porta da frente, juntamente com o toque frenético da campainha. A luz do sol não entrava mais pelas janelas.

Que diabos?

A adrenalina aumentou quando eu me levantei e abri o aplicativo da campainha no meu telefone.

Cabelo ruivo flamejante saindo do capuz de um moletom preto, seu rosto obscurecido.

Rayne.

O cabelo da garota era inconfundível.

Meus passos apressados quase sincronizaram-se com o ritmo de seus punhos selvagens na minha porta. Abri e a garota caiu para dentro, caindo de joelhos.

— Não... não... não! — ela gaguejou sem fôlego, arrastando-se pela madeira.

— Rayne! — Ela saiu correndo pela longa entrada e virou uma esquina antes que eu pudesse alcançá-la.

Minha voz era suave quando chamei por ela novamente, procurando na sala escura onde ela pudesse ter se escondido.

Aos vinte e um anos, Rayne viu e experimentou mais coisas do que qualquer pessoa de sua idade deveria. Ela foi minha informante nos últimos quatro meses, inicialmente presa por drogas e prostituição. Eu ganhei a confiança dela, e ela ajudou muito na captura de um notório cafetão que estrangulou e assassinou cinco meninas nos últimos dois anos.

As pontas de suas botas de combate brancas e sujas apareciam ao lado de um sofá. Rayne estava com os joelhos puxados contra o peito, os braços em volta das panturrilhas e a cabeça enterrada entre as pernas. Soluços silenciosos sacudiram seus ombros e eu lhe dei um momento, esfregando círculos em seu braço. De repente me senti uma merda. Tendo estado tão envolvida com problemas pessoais, eu a abandonei. Nem sabia que ela estava desaparecida até esta manhã. Eu deveria ter mantido contato e cuidado dela como prometi.

— Ei — eu sussurrei. — Tudo bem. — Ela respondeu balançando lentamente a cabeça. — Fale comigo, Rayne. O que está acontecendo? Onde você esteve?

A garota hesitou antes de levantar lentamente o olhar. Um pequeno suspiro escapou dos meus lábios quando seu rosto machucado e ensanguentado apareceu. Alcançando acima de sua cabeça, acendi o abajur de mesa, meus olhos ficando impossivelmente mais arregalados ao vê-la. Eu gentilmente inclinei seu queixo.

— Quem fez isto?

Sangue seco estava manchado embaixo do nariz e no canto dos lábios rachados. O branco de seu olho direito estava vermelho sangue, e o fino anel verde em sua íris ficou borrado por trás das lágrimas antes de transbordar. Talvez ela estivesse viciada em alguma coisa e esse fosse o motivo de sua paranoia.

— Eva, e-eles me levaram. Mas eu fugi. — Ela agarrou meus ombros, a voz em pânico enquanto seus olhos corriam de um lado para o outro. — Mas eles me seguiram. Eles estão vindo!

Rayne levantou-se e espiou através das cortinas.

— Vindo aqui? Quem?

Coloquei minha mão no quadril enquanto ela continuava andando de janela em janela, meu pulso acelerando e meus pensamentos acelerados. Quem diabos ela trouxe para minha casa?

— Eles estão tentando me matar.

— Rayne, vá devagar. Quem é? E por que você não chamou a polícia?

Apalpei meus bolsos, percebendo que devo ter deixado meu telefone perto da porta.

Porra.

— Eva, me desculpe. Eu não sabia mais para onde ir. Mas não posso ir à polícia.

— Rayne, eu sou policial. Não posso deixar de informar que vi você e que possivelmente você está com problemas.

Ela rastejou de volta para o canto e abraçou as pernas novamente enquanto murmurava uma série de palavras ininteligíveis. Esfregando minhas têmporas, respirei calmamente e lentamente me ajoelhei na frente dela, colocando minha mão em seu joelho.

Quando ela recuou do meu toque com um puxão violento, pareceu um bom indicador de que ela estava chapada. Eu precisava ligar para Sam.

— Escute, Rayne, vou pegar meu celular e pedir ajuda para você, ok? Por favor, fique onde está.

Ela disparou para frente e agarrou meus ombros novamente, os dedos cravando na minha pele. — Não! Não vá lá, Eva. Eles estão vindo, eu juro.

Esta foi a pior situação que eu a vi desde aquele primeiro dia em que a arrastamos seminua, chutando e gritando, para fora de um beco.

— Eu prometo que ficarei bem. Fique aqui.

Endireitando-me, dei-lhe uma última olhada antes de ir para a porta da frente. Devo ter deixado cair meu telefone quando ela entrou furiosa.

Ao me aproximar do vestíbulo escuro, a silhueta larga de um homem apareceu do outro lado do vidro fosco. Minha respiração ficou presa e olhei enquanto ele balançava a maçaneta.

Porra. Porra. Porra.

Com o sistema de alarme desativado, meu telefone perdido e a arma mais próxima na cozinha, me senti impotente. Na respiração seguinte, o homem começou a chutar minha porta. Corri pelo corredor em direção à cozinha, mas assim que cruzei a soleira, outro homem, este mais magro, saiu da mud room.

Um sorriso malicioso apareceu em sua boca quando ele se aproximou.

— Dê o fora.

— Shiii. Não há necessidade de falar mal, querida. Nós só queremos a garota.

Quais eram as chances de dois idiotas me chamarem por aquele apelido irritante no mesmo maldito dia? Uma nova onda de adrenalina percorreu minhas veias e eu sabia para onde isso estava indo. Amaldiçoei interiormente ao perceber que não havia substituído minha bomba de insulina como pretendia. Essa provação precisava terminar antes que o pico que eu sabia que estava por vir causasse algum problema.

Avancei e ele deu uma ordem rouca, ordenando que meus braços ficassem acima da cabeça. Fazendo o que me foi dito, levantei as mãos em direção ao teto, o que fez com que minha camisa subisse cerca de dois centímetros acima do umbigo. Seus olhos lascivos caíram para a minha barriga, o sorriso se espalhando.

— Sabe, você seria um ótimo acréscimo à coleção do chefe. Vire-se — ele ordenou, girando o dedo.

— Foda-se.

Ele engatilhou a arma e apontou para minha cabeça. — Eu disse, vire-se. — Apertei meus lábios em uma linha apertada, olhei para ele e girei em círculos.

— Cu apertado. Cara bonita. Oh sim. Você seria um ótimo animal de estimação. Só precisamos usar melhor essa sua boquinha linda.

Eu queria sair da minha pele então, gritar e chorar, enquanto suas palavras com poder e memórias com um soco atacavam meus sentidos. Uma. Duas. Três respirações deixaram meu corpo. Técnicas que aprendi na terapia quando o pânico ameaçou tomar conta.

O homem se aproximou e ordenou que eu me ajoelhasse. Sem outra opção, obedeci, ganhando tempo, esperando que ele estragasse tudo e chegasse perto o suficiente. Mas isso precisava acontecer antes que seu cúmplice se tornasse um segundo problema impossível.

Vidro quebrou na sala adjacente onde eu tinha deixado Rayne, e um grito de gelar o sangue se seguiu, cortando direto para a minha alma.

CAPÍTULO SEIS



Seu zíper rangia em minha mente como pregos em um quadro-negro. Voltei dez anos atrás. Concreto frio. Respiração pesada. Mãos apertadas em volta da minha garganta, cortando meu suprimento de ar.

Dor.

Mais duas longas injeções de oxigênio em meus pulmões para acalmar os demônios que rastejam lentamente para a superfície. Cerrei os punhos ao lado do corpo, moderando a fúria das emoções da guerra. Ele não iria me tocar. Eu teria certeza disso.

Abri os olhos com a risada sinistra em meu ouvido e o aço duro na têmpora.

— Vamos ver o que essa boca doce pode fazer.

Eu mordi a bile e fixei os olhos nele, esperando que ele visse minha raiva e desgosto pelo que ele pretendia.

A única maneira de ajudar Rayne era manter a calma e ganhar vantagem quando surgisse a oportunidade. Ela havia parado de gritar e o silêncio que cobria a casa era assustador.

— Qual o seu nome? Nós realmente temos um acordo de dois por um perseguindo aquela vadia pela cidade. Que bom que ficamos para trás e deixamos ela nos guiar. — Ele mergulhou e arrastou a língua ao longo da minha bochecha antes de acariciar seu pau perto do meu rosto. — Deve ser o destino.

Virei minha cabeça. — Você é bastardo doente.

As palavras mal tinham saído da minha boca quando uma

dolorosa luz branca explodiu atrás dos meus olhos fortemente cerrados. Seu tapa com as costas da mão quebrou o lado do meu rosto e o gosto de cobre derramou-se pela minha língua.

— Vou me divertir muito quebrando você — disse ele, agarrando meu queixo e deslizando rudemente o polegar calejado contra a fenda em meu lábio. Engoli a dor e me afastei de seu aperto.

— Não me toque. — Cuspi sangue em seus sapatos e ele imediatamente enroscou o punho em meu cabelo. Meu couro cabeludo doeu quando ele apertou tanto que parecia que estava prestes a arrancar um pedaço.

— Cadela! Você sabe quanto isso custa?

Fiz meu movimento no momento em que ele colocou a arma no balcão. Quando meus dedos colidiram com seu pau, ele uivou e se dobrou. Sem lhe dar um segundo de alívio, pulei de pé e quebrei a cartilagem de seu nariz com uma rápida cruzada de direita. O sangue jorrou de seu rosto quando ele desabou em uma pilha patética, uma mão tentando tapar o fluxo constante de vermelho que escorria por entre seus dedos enquanto a outra imprensava um pau machucado.

— Fique abaixado! — Mantendo-o sob a mira de uma arma, meus olhos se voltaram para o corredor que levava à sala de estar. Ouvi sinais de Rayne e rezei silenciosamente para que ela estivesse ilesa. — Não se mova, porra.

Ele não estava tentando obedecer. Eu vi suas intenções antes mesmo de ele se mover e então atirei até deixá-lo inconsciente, e ele caiu de cara no ladrilho.

Porra, eu precisava de um telefone.

— Eva! — Corri pela escuridão ao som de sua voz trêmula. Quando cheguei perto dela, Rayne estava de joelhos perto de uma mesa lateral, com um caco de vidro ensanguentado em uma das mãos. — E-eu acho que o matei. Eu cortei a garganta dele.

Meus olhos se arregalaram enquanto eu seguia um rastro espesso de sangue que atravessava o chão em direção ao hall de entrada. Era tanta coisa que eu quase esperava ver um corpo no chão quando espiei pela esquina. Rayne deve ter cortado uma artéria.

Merda.

Os pneus de repente cantaram na minha garagem antes de arrancarem com raiva.

— Vamos! Precisamos pegar um telefone e garantir que eles tenham ido embora.

Ela balançou a cabeça violentamente, tentando se afastar da minha mão estendida, mas eu não iria deixá-la aqui novamente. Não quando as ameaças potenciais ainda podem estar escondidas em algum lugar da minha casa. Eu a puxei e a levei para uma cozinha vazia, onde nos deparamos com outra trilha sangrenta que levava à minha mud room e saía pela porta dos fundos, mas não havia nenhum criminoso à vista. A entrada revelou descobertas semelhantes. Os dois homens tinham dado duro, mas eu sabia que eles voltariam. Se não eles, outros. Não estávamos seguras.

— Ajude-me a encontrar meu telefone. Precisamos de ajuda.

— Não! — Ela recuou contra a parede, deixando seu corpo deslizar para o chão. — Você não pode. Foi assim que eles me encontraram. A porra de um policial sujo me traiu!

Ajoelhei-me na frente dela, confusa como o inferno. — Desacelere. O que você está falando? Quem te vendeu?

— Os homens de Dmitry Belov sabiam exatamente onde me encontrar. Eles sabem que tenho fornecido todas as informações a vocês. — Sua voz estava cheia de emoção. — Eles me disseram que era algum policial de merda. Eu não vou voltar, Eva. Eu não vou. E se você ligar para eles, eu irei embora, mas provavelmente estarei morta pela manhã.

Esfregando as mãos no cabelo, tentei digerir tudo o que ela estava dizendo. E se ela estivesse dizendo a verdade? Belov pagou um dos meus colegas?

Eu me levantei. — Rayne, temos que sair daqui. Eles sabem que você está aqui e é apenas uma questão de tempo até que retornem.

— Eu já te disse que não irei à polícia.

Tirei seu corpo frágil do chão. — Tudo bem, mas precisamos ir. Agora. Talvez eu conheça alguém que possa ajudar.

Foi a vez dela juntar as sobrancelhas. — Quem? — ela perguntou enquanto eu a puxava pela minha cozinha.

— Explicarei no caminho. Apenas confie em mim, ok? — Tive o cuidado de evitar as poças de sangue enquanto avançávamos pela casa escura.

— Pegue essas chaves e entre no Audi. Eu já vou.

Ela hesitou por um momento antes de assentir e desaparecer na sala de entrada. Por um momento louco, a ideia de ir até Derek passou pela minha cabeça. Mas foi um erro de julgamento apaziguar e influenciar Rayne. Derek estava fora de questão. Eu não o envolveria. Eu precisava levá-la para a delegacia, apesar da recusa dela.

Minha barriga tremeu ao pensar em Derek, e eu balancei a cabeça, enojada comigo mesma por sentir até mesmo leves pontadas de atração depois de ser atacada e quase agredida sexualmente há poucos minutos.

— Reconstitua-se, Eva. — Arrumei meu kit e suprimentos extras e saí correndo porta afora. Eu me preocuparia com roupas e roupas íntimas mais tarde.



Rayne encostou a cabeça no vidro da janela do passageiro.

— Sinto muito — ela sussurrou. — Eu nunca deveria ter trazido aqueles homens à sua porta. Eu simplesmente não sabia para onde ir. Você é a única pessoa em quem confio.

Ofereci um leve sorriso. — Estou feliz que você veio até mim. Eu disse que sempre estaria ao seu lado e falei sério.

Na minha visão periférica, eu a vi se virar para mim. — Porra, Eva, você está machucada.

O lado direito do meu rosto ainda latejava e meu lábio ardia como uma cadela, mas ela não precisava saber disso. — É apenas um pequeno corte. Nada importante. Além disso, eu dei um soco no pau dele. E o dele nem foi o primeiro. — Dois paus machucados em um dia deviam ser algum tipo de recorde.

Eu não pude ver, mas senti que ela abriu um sorriso.

Houve um breve momento de silêncio antes que ela exalasse e se mexesse no banco. Isso a fazia parecer aquela garota assustada e emaciada de quatro anos atrás. Embora ela estivesse longe de sua vida nas ruas, Rayne ainda estava a quilômetros de onde eu pensava que ela estaria. Do jeito que eu esperava quando era uma policial ingênua

que pensava que poderia mudar o mundo apenas por me importar. A dura verdade é que não consegui salvar a todos. Às vezes, os demônios venceram.

— Eva, para onde estamos indo? — Mordi o interior da boca, com medo da reação dela à verdade. Mas eu tinha que contar a ela. Assim que eu chegasse à cidade, ela saberia. — Eva?

— Rayne, você tem que entender. Eu tenho que relatar isso. É o meu trabalho.

Ela agarrou a maçaneta da porta até que ela se abriu. Estendi a mão e agarrei seu moletom. — O que você está fazendo?

— Eu disse que não posso ir à polícia. Não acredito que você também está me traindo.

Ela puxou o braço, tentando se livrar do meu aperto, mas eu segurei firme, o carro balançando enquanto eu lutava para realizar multitarefas.

— Não é isso que estou fazendo. Estou tentando ajudar você. Feche a maldita porta.

— Você vai me matar.

Rayne puxou com mais força, determinada a se jogar para fora do meu carro em movimento, em vez de falar com a polícia.

Porra. Porra.

Decisões.

— OK. Tudo bem. Vou te levar para outro lugar. Apenas, por favor, feche a porta.

Arrependi-me das palavras no momento em que saíram da minha boca. Todos os sinos de alerta soaram em minha mente, sabendo no fundo que estava cometendo um erro e indo contra tudo o que defendia. Mas e se ela estivesse certa? Não só a vida dela estaria em perigo, mas a minha também. Meu pai e Alexa ficariam indefesos se a ameaça chegasse à sua porta. Mas Derek... Ele sabia lidar com armas, segurança e autodefesa. Que outra escolha eu tinha?

Eu estava racionalizando, quebrando meu juramento?

Eu sabia a resposta, mas ignorei a lógica. A culpa me atingiu ao pensar nos entes queridos em minha vida que eu poderia ter salvo, mas falhei. Eu não poderia suportar o fardo de outra morte sobre meus ombros.

— Por favor, não minta para mim, Eva. Deixe-me sair aqui e você pode fingir que nunca me viu.

Encontrei seus olhos lacrimejantes.

— Vamos ver um amigo. Alguém que possa ajudar.

— Podemos confiar nele?

Confiar em Derek?

Rolei essa pergunta em meus pensamentos, sem saber como responder. Depois de ter passado tão pouco tempo com ele, eu não tinha certeza de uma forma ou de outra. Mas havia algo nele, nos sentimentos que despertava, no fogo em seus olhos.

Derek me desequilibrou, deixando minhas emoções confusas. E eu não sabia se queria correr para o outro lado ou me envolver nele.

Não.

Isso foi uma mentira. Eu absolutamente ansiava por me envolver em seu corpo duro.

Paramos na familiar entrada curva em frente à casa dele. Assim que desliguei o motor, a porta da frente se abriu, com um grande Doberman preto e marrom ao seu lado.

Claro, ele nos viu chegando.

Coloquei a mão sobre meu abdômen, acalmando o bando de pássaros que ameaçavam levantar voo enquanto Derek - agora vestido com uma camisa casual de mangas compridas e jeans de cintura baixa - saía da varanda da frente. Reconhecendo meu carro, um sorriso malicioso surgiu em seus lábios... Até que saí do veículo.

CAPÍTULO SETE



Cerrei os dentes, xingando baixinho quando ela pisou sob o brilho dos holofotes, e dei uma boa olhada em seu rosto. Marcas vermelhas marcavam sua pele antes impecável, ficando roxas nas bordas. O canto do lábio estava inchado, com manchas de sangue seco na curva do queixo. Era óbvio que ela saiu com pressa, sem limpar.

Cinco horas.

Apenas cinco horas desde a última vez que coloquei os olhos nela.

O que diabos aconteceu?

Nós nos encaramos, sem piscar nem nos mover, até que ela assentiu e caminhou em direção à frente do carro. Cheguei até ela em três passos longos, com os punhos cerrados ao lado do corpo.

— Eva — gemi, traçando com ternura um pequeno vergão sob seu olho direito.

Ela se encolheu sob meu toque e outra onda de fúria percorreu meu corpo. Agarrei seu queixo com mais força do que pretendia, forçando um pequeno gemido de seus lábios. O som provocou uma onda de calor, e meu aperto aumentou enquanto eu moderava a reação visceral do meu corpo à dor dela.

Como que por instinto, minha outra mão envolveu sua nuca, fazendo-a fechar brevemente os olhos com o contato. Eva era minha. Minha para marcar, destruir e montar novamente como eu quisesse – só minha. E quem quer que ousasse tocá-la estava praticamente morto.

— Quem fez isto? — Rosnei entre dentes, o polegar

empurrando rudemente seu lábio, onde uma gota de sangue fresco rompeu a pele danificada. Evangelina sibilou, respirando fundo. Mas antes que ela pudesse protestar, inclinei-me e passei a língua sobre a pérola vermelha.

Seus olhos se arregalaram, encontrando os meus com choque visível.

— Derek... o que você está fazendo?

Eu não disse nada e simplesmente coloquei mais pressão no meu polegar, abrindo um pouco mais sua doce boca. Porra, eu queria prová-la. Jogá-la sobre o capô do carro e transar com ela até substituir sua dor por prazer.

Havia algo a ser dito sobre como ela ficava linda sob o brilho das estrelas. A parte depravada de mim se perguntou se suas lágrimas brilhariam tão lindamente quando deslizassem por aquela pele macia e gritassem meu nome.

— Vou perguntar de novo. E você vai responder: quem fez isso?

— E-eu não sei. Eles invadiram e tentaram... — Ela fez uma pausa e desviou o olhar. — Eles estavam atrás de Rayne.

— Quem?

Evangelina se soltou do meu alcance e se virou em direção ao carro, fazendo sinal para que alguém no banco do passageiro saísse. Meus olhos se estreitaram para uma figura obscura se movendo atrás do vidro colorido. Quando a porta se abriu, por mais irracional que fosse, instintivamente me coloquei na frente de Eva.

Uma jovem saiu de trás da porta, com os ombros caídos e um capuz preto sobre a cabeça, cobrindo parcialmente a metade superior do rosto. Seus passos eram lentos e cautelosos quando ela se aproximou. E como Evangelina, o rosto da garota estava machucado com respingos de sangue seco. No entanto, ao contrário de Evangelina, eu não dava a mínima.

— O que é isso? — Eu perguntei com um tom cortante, virando-me para uma mulher muito mais decidida do que aquela de poucos segundos atrás.

— Ela é uma amiga, Derek. E preciso da sua ajuda. — Quando eu estava prestes a protestar, o calor da mão dela em meu antebraço me fez parar e ouvir. — Eu sei que você e eu acabamos de nos conhecer, mas não sei a quem mais recorrer.



Minha mente estava girando, as mãos zumbindo, tremendo com a necessidade de derramar sangue e causar estragos sempre que olhava para Evangelina.

O que era mais enlouquecedor era que ela não parecia nem um pouco preocupada consigo mesma. Seu único foco estava na garota, que, para ser sincero, parecia mais um cachorro vadio e espancado do que uma mulher de 21 anos. Ela estava gravemente abaixo do peso, nervosa e retraída. Seu olhar não se desviou do chão durante meia hora desde que ela se sentou no meu sofá.

— Você está me perguntando se ela pode ficar aqui?

— Eu sei que não tenho o direito de perguntar e você pode dizer não, mas só preciso pensar, talvez conversar com meu parceiro...

A garota, Rayne, levantou-se e passou a mão no braço de Eva, segurando-a com o que parecia ser um aperto mortal.

— Você não pode contar a ninguém, Eva. Por favor, eles vão me encontrar.

— Não posso manter isso em segredo. Eles invadiram minha casa e nos atacaram. Esses homens precisam ser responsabilizados. Eu tenho que fazer meu trabalho.

A garota deu um tapa no braço de Eva e ficou de pé, apontando um dedo acusador perto de seu rosto. — Porra! Você simplesmente não entende.

Meu queixo tremeu. Ela estava testando minha paciência. Deimos ficou de quatro com a comoção, fazendo com que a garota recuasse e rastejasse de volta para seu lugar no sofá.

— Rayne, por favor, entenda.

— Você é quem não me ouve.

Mais uma vez, ela deu um tapa na mão estendida de Evangelina e eu me inclinei para frente, com os antebraços casualmente apoiados no joelho. — Parem. — Ambas as mulheres olharam em minha direção. — Não levante a voz em minha casa. E se você pensar em levantar a mão para ela, sugiro que reconsidere. —

Meu tom era calmo. Até. A ameaça implícita em alto e bom som por trás de cada sílaba.

Claro, minhas palavras eram dirigidas à garota, mas meu olhar estava centrado na única que importava. E assim, Eva e eu ficamos presos em outro olhar acalorado.

— Há um quarto de hóspedes naquele corredor e um banheiro para você se limpar. Segunda porta à sua esquerda — eu disse, esperando me livrar da garota por enquanto.

Rayne não protestou nem fez uma única pergunta. Ela passou por mim e desapareceu no corredor.

Levantando-me, estendi minha mão para Eva. — Vamos limpar você também. — Ela olhou para ela por vários momentos antes de colocar sua mão menor na minha e me deixar levá-la em direção à escadaria do andar principal, onde ela parou abruptamente.

— Onde estamos indo?

— O anti-séptico e os curativos estão no meu banheiro. — Isso era uma meia verdade, pois havia um kit de primeiros socorros no primeiro andar. Mas qual seria a graça nisso?

Ela olhou ansiosamente para o topo da escada, revirando os lábios para dentro enquanto parecia refletir sobre a indecisão antes de inclinar suavemente a cabeça e concordar em segui-la.

— Então, você finalmente me dirá os nomes dos homens que fizeram isso com você?

Ela suspirou quando chegamos ao patamar do segundo andar. — Eu gostaria, mas não sei. — Ela está se recusando a falar. — Tudo o que sei é que são do clã Belov. Você pode não saber quem...

— Claro, eu sei exatamente quem eles são. Eles foram mencionados no documento de James, não foram? — Ela assentiu. — Foi por isso que você não chamou a polícia?

— Talvez — ela sussurrou, desviando os olhos, aparentemente escondendo alguma coisa.

Paramos em frente à porta do meu quarto, uma leve emoção percorrendo meu corpo ao pensar nela em meu espaço. Visões de pulsos e tornozelos amarrados e seu corpo flexível curvado sobre os pés da minha cama fizeram a costura do meu zíper morder meu pau. Sufoquei um gemido e empurrei a porta do quarto, fazendo sinal para ela entrar primeiro. Ela deu passos hesitantes até chegar ao meio do

quarto e se virou para mim.

— Isso é legal. Imaculado.

Um sorriso apareceu nas bordas da minha boca. — Para um homem solteiro, você quer dizer?

— Talvez.

O menor indício de um sorriso iluminou seus olhos. Essa foi a segunda vez que ela me bateu com essa resposta.

— Vamos — eu disse, deixando sua insolência passar.

Assim que chegamos ao banheiro, abri um armário para pegar uma pomada, uma toalha e uma gaze. Evangelina tirou a jaqueta e pendurou-a em um gancho antes de se apoiar na pia. A pele lisa de seu braço tinha o que pareciam ser marcas avermelhadas de impressões digitais, e eu suprimi as ondas familiares de raiva que queimavam meu peito porque algo mais chamou minha atenção. Enganchando seu cotovelo, puxei-a para perto, olhando para um pequeno dispositivo branco que aderiu à parte de trás de seu braço.

— O que é isso?

— É um Dexcom. Mede meus níveis de glicose — disse ela, virando-se em meus braços. Eu me elevei sobre ela, e ela teve que esticar o pescoço para encontrar meus olhos de tão perto. — Eu sou do tipo 1.

Meu polegar roçou sua pele sob o pequeno dispositivo.

Evangelina tinha uma doença crônica e de repente me senti estranhamente desamparado, uma emoção que não sentia desde que era criança. O que era mais desconcertante era que não havia ninguém que eu pudesse coagir, machucar ou matar para fazê-la melhorar. Esse processo de pensamento era enervante, mas eu o empurrei para o lugar escuro onde todas as minhas reflexões errantes e sentimentos humanos foram morrer.

— Quanto tempo?

— Há quanto tempo sou diabética? — Eu balancei a cabeça. — Desde que eu tinha doze anos. — Ela deu um passo para trás e encostou o corpo na pia novamente. — Esmagou meus sonhos olímpicos e meu pequeno coração pré-adolescente.

— Você está bem? — A pergunta saiu antes que eu tivesse a chance de me conter.

Ela me ofereceu um sorriso indiferente. — Sim, eu estou. Já se passaram dezoito anos. Dor na bunda, claro. Mas nem consigo me lembrar da minha vida antes do meu diagnóstico.

Não disse mais nada e me preparei para limpar seu ferimento, plenamente consciente de que ela mesma poderia fazer isso. Mas a necessidade de tocá-la era uma fera com vontade própria.

Esfregando seu lábio com o pano úmido, levantei seu queixo, meu olhar nunca desviando do dela. Quanto mais ficávamos olhando em silêncio, mais eu pensava no que ela acabara de revelar. E quanto mais nervoso eu ficava. Eu odiava o jeito que ela me fazia sentir. Eu odiava ter sentido alguma coisa.

— Por que você veio aqui?

Não esperando a aspereza no meu tom, ela recuou e gaguejou.

— Eu te disse... eu não sabia quem mais...

— Não — eu disse, com a voz tensa. — Por que você realmente veio aqui? Para mim? Você não me conhece. Você traz essa garota à minha porta e espera que eu a aceite?

A raiva irradiava de seus olhos castanhos pulsantes. Com os lábios em uma linha apertada, ela envolveu meu pulso com a mão e o afastou do rosto. — Quer saber, você está certo. Eu nunca deveria ter vindo aqui.

Foi difícil decifrar se ela quis dizer agora ou se realmente quis dizer isso, embora eu achasse que era a última opção.

Pena.

Como se ela tivesse escolhido.

Evangelina passou por mim, com as bochechas vermelhas. Sua ira era inebriante, e eu suprimi o sorriso lutando para vir à tona, já que ela estava tão chateada que gostaria de cortar meu pau. E eu tinha outros planos para ela e para aquela parte da minha anatomia.

Com cuidado para não tocar no dispositivo em seu braço, puxei seu corpo até meu peito.

— Você não respondeu minha pergunta. — Meu tom era mais suave agora. — Por que você veio até mim, linda? Eu faço você se sentir segura?

Ela se sentia tão bem em meus braços e contra meu corpo. Cada mergulho e vale, aquela bunda doce e tonificada, e como eu

eclipsei sua figura pequena tão completamente.

— Responda à pergunta.

Ela estava tensa, mas não fez nenhum esforço para se libertar.

— Foi uma decisão de última hora. E você tem vigilância pesada. Não se iluda, Cain. Como você disse, eu não te conheço, então não haveria outro motivo além da conveniência.

Encostei minha boca perto de sua orelha, os lábios roçando a pele macia ali, e sussurrei: — Mentirosa.

Evangelina estremeceu, arrepios se espalharam por sua pele exposta.

— Derek, por que você está brincando comigo? — Saindo dos meus braços, ela recuou contra o armário, os olhos sem medo. Apenas uma curiosidade profunda. — Se você quiser que saíamos, é só dizer.

Enfiei a mão dentro dos bolsos e sorri. — Sim, eu gostaria muito que sua amiga fosse embora. — Evangelina assentiu e colocou a mão na maçaneta. — Você, no entanto, deveria ficar.

Ela parou, os nós dos dedos empalidecendo contra o cabo de latão. — Eu não vou ficar.

— Você mesmo disse; você pode estar em perigo. Esses homens poderiam voltar para sua casa para terminar o que começaram. E certamente, você não espera que eu seja babá da garota, não é?

Virando-se, Evangelina endireitou os ombros. Apesar de seu tamanho, eu poderia dizer que ela tinha um fogo nela. Sem coragem e uma língua afiada, ela teria sido duramente pressionada para alcançar seu status atual de policial e detetive durona local.

Durante o último mês, pesquisei extensivamente sua vida e carreira, tentando encontrar fraquezas, escândalos ou qualquer coisa vantajosa para usar contra ela. Meu trunfo era a vida dupla de seu pai, embora esse pequeno detalhe fosse usado contra o próprio homem mais tarde.

Ela bufou uma risada sem humor. — Eu não posso ficar aqui.

— Por que não?

— Eu simplesmente não posso. Não aqui, com você. — Seus olhos se desviaram dos meus e eu me aproximei.

— Por favor elabore. — Balançando a cabeça de um lado para

o outro, ela se moveu para pegar sua jaqueta, mas eu bloqueei seu caminho, empurrando suas costas e prendendo-a contra a parede, aproveitando completamente esse jogo de gato e rato. — Bem?

Ela colocou a mão no meu peito em um movimento para me afastar ou porque sua necessidade de contato era tão forte quanto a minha.

— Há algo em você, Derek.

Havia um brilho cauteloso em seus olhos, seus instintos cantando, alertando-a sobre o monstro que espreitava nas periferias do meu ser.

Ela tinha que sentir isso. Ela tinha que saber que eu era a morte encarnada.

A tinta no meu corpo era um mapa rodoviário, um cemitério e um altar aos mortos.

Ela carregava os demônios do meu passado, nascidos das lágrimas e do desespero. E aqueles de fantasmas forjados em sangue e escuridão.

E um dia, um pedaço dela também esculpiria minha carne.

CAPÍTULO OITO



Apesar da dor, coloquei meu lábio entre os dentes enquanto o calor se instalava e pulsava entre minhas pernas. Ele sabia exatamente o que estava fazendo e sua arrogância era enlouquecedora. Nem mesmo vinte e quatro horas desde que trocamos olhares pela primeira vez, ele já estava enterrado profundamente sob minha pele. Derek me perturbou de uma forma que eu não conseguia explicar. Sempre me orgulhei de ser a mulher que os outros não esperavam que eu fosse. Era um mecanismo de sobrevivência. No entanto, bastou este homem com olhos sedutores, um sorriso arrogante e o DNA de um homem que eu tanto amava para enfraquecer minhas defesas.

Eu ainda estava tentando superar o fato alarmante de que ele lambeu o sangue dos meus lábios como se não fosse nada. Meu estômago embrulhou com a lembrança e suprimi a parte desavergonhada de mim que não conseguia evitar de se sentir excitada com o gesto.

— Ela pode ficar ou não? — Eu perguntei, gentilmente empurrando-o para trás. Ele obedeceu e, de alguma forma, eu sabia que ele não era o tipo de homem que ultrapassava esses limites. Talvez eu estivesse cega por causa de quem ele era, mas enquanto ele se elevava sobre mim, todo taciturno, forte e musculoso, eu me sentia segura de uma forma estranha. Protegida. Sua raiva pelo meu estado e a indiferença que ele demonstrou a Rayne não me escaparam.

— Você não respondeu à pergunta — disse ele, cruzando os braços grossos.

— Responda a minha primeiro.

Ele riu e encostou-se na penteadeira, parecendo melhor do que

um homem teria direito vestindo apenas uma camisa branca lisa.

— Ela pode ficar, uma noite, contanto que você me diga em que tipo de problema ela está. E por que ela arrastou você para a bagunça dela? Mas primeiro — disse ele, pegando a toalha da pia — vamos terminar de cuidar de você.

— Ok. — A palavra mal tinha saído dos meus lábios quando, de uma só vez, o ar saiu dos meus pulmões enquanto suas mãos grandes agarraram cada lado do meu torso, me levantando sobre o balcão de mármore.

Ele pegou o anti-séptico, fingindo estar ocupado em molhar o pano, mas eu sabia que não. A sugestão de maldade em seus lábios era toda a prova que eu precisava.

Fazia oito longos meses desde que eu estive com um homem, então eu não podia culpar minha prostituta interior privada de sexo pelas imagens extremamente perversas de Derek me jogando e me fodendo contra uma parede...

Fechei os olhos e eliminei as visões dos meus pensamentos.

Controle-se, Eva.

— Eu machuquei você? — ele perguntou, desacelerando os movimentos suaves contra minha jaqueta.

— Estou apenas sendo um bebê. Não acredito que aquele bastardo me deu um tapa. Eu deveria ter sido mais rápida, feito mais.

As feições de Derek endureceram. — Você foi agredida em sua casa. Você lutou pela sua vida e venceu. Você fez o suficiente. As coisas poderiam ter sido muito diferentes.

Ele pegou o pequeno curativo, mas eu segurei seu pulso, silenciosamente atraindo seus olhos para os meus. Nossas respirações suaves eram os únicos sons que nos cercavam.

— Obrigada por fazer isso. E para responder à sua pergunta, vir aqui... Pareceu certo.

As palavras saíram antes que eu pudesse impedi-las, e o sorriso arrogante de Derek não fez nada para o fogo esquentar meu rosto.

— E ainda assim você não quer ficar. — Sem chance de responder, seu polegar estava no meu queixo, acariciando suavemente a pele ali. — Isso deve sarar bem sem curativo. — Sua voz ficou rouca, os olhos focados na minha boca. — Contanto que você pare de fazer

isso.

— Parar de fazer o quê? — Eu perguntei, um pouco ofegante para o meu orgulho.

Ele puxou minha boca para baixo, liberando meu lábio inferior entre os dentes, onde eu inconscientemente o prendi pela segunda vez.

— Agora, conte-me sobre a garota.



A dor se espalhou por todos os músculos do meu corpo quando tropecei na cozinha do meu pai. A cafeteira automática tinha acabado de preparar um bule novo e eu senti que não conseguiria alcançá-lo rápido o suficiente.

Enquanto estava sentada no balcão do café da manhã, o líquido quente escorrendo pela minha garganta, esperei pelos passos de meu pai. Já era tarde quando cheguei à sua porta ontem à noite. Supondo que ele já tivesse ido para a cama, não me preocupei em acordá-lo. Desde que me mudei, não foi a primeira vez que dormi no quarto da minha infância. Eu tinha uma chave e às vezes precisava da companhia dele depois de um turno difícil.

No entanto, a casa estava estranhamente silenciosa e o quarto vazio. A cama ainda estava desfeita, como se ele tivesse saltado apressadamente. Claro, era estranho, já que meu pai era uma criatura de hábitos e obcecado pela ordem. Mas talvez ele estivesse atrasado.

Assim que o aroma do café chegou, esperava encontrá-lo na cozinha. Mais uma vez, fui recebida com sua ausência.

Apertei ainda mais a caneca enquanto o ritmo do meu coração acelerava. E se aqueles homens também tivessem vindo atrás do meu pai?

Cama desfeita.

Saiu com pressa.

— Não, não, não.

Eu pulei de pé, ignorando as leves pontadas de dor dos meus hematomas, e corri em direção à porta da frente. Para meu horror,

havia gotas de sangue no chão do hall de entrada, manchas na maçaneta e manchas secas na porta. Estava muito escuro e eu estava muito cansada ontem à noite para perceber.

— Papai, não.

A porta da frente se abriu no momento em que meu coração despencou. Meu pai entrou, com o celular preso entre a orelha e o ombro e uma mochila preta em cada mão. Quase caí de joelhos de alívio.

— Eva está aqui. Falo com você mais tarde. — Ele deslizou o telefone no bolso da frente da jaqueta, olhando para mim com as sobrancelhas franzidas e uma ruga profunda entre os olhos. — Eva? O que diabos aconteceu com você?

Eu corri para ele, apertando-o com força.

— Estou bem. Mas você... eu vi o sangue. E você não estava aqui. Eu não sabia o que pensar. — Minha voz estava encharcada enquanto eu choramingava em seu ombro, como se eu fosse uma criança assustada de novo, buscando conforto depois de um pesadelo.

A ideia de algo acontecer com ele era assustadora. Eu não sobreviveria a isso. Ele também não.

— Ei, estou perfeitamente bem. — Ele levantou meu queixo, olhando melhor para minhas cicatrizes de batalha. — Mas você... Eva, o que aconteceu?

— Resultado do trabalho — menti. Ele não sabia que eu tinha saído do trabalho para visitar Derek e, durante os vinte minutos seguintes, deixei que ele fosse pai e me desse um sermão sobre a importância de acompanhar as aulas de autodefesa, estar alerta e olhar para os dois lados antes de sair, atravessar a rua e tudo mais.

— Chega de falar sobre mim. Você não estava em casa. Você deixou sua cama desfeita e nunca faz isso. E o que há com o sangue? Imaginei o pior.

Ele me lançou um sorriso simpático. — Vamos sentar e explicarei durante o café.

Deixei que ele me guiasse de volta para a cozinha, os braços ainda em volta de seu torso, não confiando em mim mesma para não cair aos seus pés. Meu coração ainda não havia se recuperado do susto.

— Fui chamado para o trabalho ontem à noite. Um dos

médicos de plantão não pôde comparecer e também houve falta de pessoal. Eu não tinha ideia de que você viria, senão eu teria te avisado.

— Por que você estava sangrando?

Ele levantou uma mão enfaixada que eu não tinha notado.

— Esbarrei na mesa perto da porta ao sair e quebrei aquele vaso de vidro que você tanto amava. Os cacos amorteceram minha queda, é claro. Mas alguns pontos depois, estou como novo.

Eu espalmei o ponto de pressão entre meus olhos, tentando afastar a dor de cabeça lentamente rastejando para o primeiro plano.

— *Papi*, você me assustou pra caralho, principalmente depois...

Eu não poderia contar a ele sobre Rayne e os homens da noite passada.

— Especialmente depois do quê?

Sentei-me direito e fixei os olhos em meu pai.

— Eu conheci Derek Cain ontem.

Ele piscou várias vezes. — Você foi vê-lo? Você sozinha? — Eu balancei a cabeça. — Eva, pensei que já tivéssemos discutido isso. Combinamos que você não iria sozinha. Espere, você foi para a casa dele?

— Eu fui.

Ele jogou os braços para cima e ficou de pé. — Isso foi muito imprudente da sua parte.

Revirando os olhos, eu o segui enquanto ele se arrastava em direção à geladeira. — Foi? Você nem o conhece.

— Nem você. Inferno, você ainda não sabe.

— Pai, você esquece o que eu faço para viver. — Essa frase é o disco quebrado da minha vida.

Meu pai passou a mão áspera pelos cabelos, exalando um suspiro profundo e frustrado.

— Você tem um parceiro, Eva. Protocolos. Você não entra sozinha em situações desconhecidas, então não me venha com isso.

— Pai. — Eu precisava me sentar, minha cabeça latejava ainda

mais. — Estou bem. Derek é... — Hesitei um pouco demais, tentando encontrar as palavras para descrever o homem que ocupava todos os meus pensamentos desde que o conheci.

Os olhos escuros do meu pai se estreitaram. — Ele é *o quê*?

— Ele é ótimo. Você deveria conhecê-lo. Você tem. Ele é filho de James.

Sua expressão severa suavizou-se. — Claro. Olha, eu confio no seu julgamento. E se você diz que ele é bom, então estou ansioso para conhecê-lo.

Foi bom sorrir pela primeira vez naquela manhã. A ideia de Derek e meu pai se conhecerem me encheu de uma vibração inexplicável na boca do estômago.

— Ele se parece com James? — ele perguntou, colocando um braço em volta dos meus ombros.

— Às vezes, quando ele sorri. E os olhos dele. — Lágrimas inesperadas se acumularam em meus cílios. — É surreal.

Ele me apertou com mais força e beijou minha têmpora. — Me fale sobre ele.

Limpei os olhos e balancei a cabeça. — Ok, me dê alguns minutos e te encontrarei na sala de jantar. Eu tenho que pegar meu kit.

Meu pai deu outro beijo no lado da minha cabeça antes de sair da cozinha.

Embora eu soubesse que havia detalhes específicos que eu omitiria quando se tratasse de Derek, mal podia esperar para discutir isso com meu pai. Assim como aconteceu com Alexa, eu queria que ele aceitasse a ideia de Derek estar em nossas vidas. Em que nível, eu não tinha certeza. Ou talvez tenha se recusado a explorar no momento.

Mas primeiro, eu sabia o que significava minha dor de cabeça crescente e a sensação de ressecamento subindo pela minha garganta.

CAPÍTULO NOVE



— Vinte minutos atrasado.

Ronan recostou-se na cadeira de couro preto, as mãos cruzadas sobre a mesa e um sorriso malicioso aparecendo nos cantos da boca.

— Surgiu uma coisa.

— Aconteceu *alguma coisa*? — ele repetiu, inclinando a cabeça em fingida curiosidade.

Embora parecesse uma desculpa de merda, era tudo menos isso. Aquela garota que Eva arrastou para minha casa tinha se barricado na minha despensa, entre todos os lugares. Alegou que Deimos estava tentando comê-la. Ele poderia muito bem ter feito isso. E provavelmente deveria ter acabado com seu sofrimento.

Revirei os olhos, lembrando o quão ridícula ela parecia. Demorou quase meia hora para convencer a putinha a sair sem ter que derrubar a porta... ou recorrer a táticas mais agressivas. O pensamento certamente passou pela minha cabeça. Mas que impressão teria causado em Evangelina se eu tivesse destruído a amiga dela na minha cozinha?

— Essa coisa não teria nada a ver com aquela mulher que te visitou ontem, teria?

Minha cabeça se levantou em atenção e estreitei os olhos, mas não falei, deixando-o revelar o que sabia primeiro. Ronan deu uma risada sórdida e ergueu uma sobrelanceira, jogando o mesmo jogo.

A única maneira de saber sobre Evangelina seria através de Kiernan, aquele saco de merda. Eu estava tão preocupado com as duas

mulheres que ele escapou do meu radar. Eu não gostei dessa sensação. Não era do meu feitio esquecer, não dar continuidade ao ensino de uma lição quando ela era justificada.

— Então, pelo seu silêncio, só posso deduzir que Kiernan estava dizendo a verdade, afinal.

Devolvi o sorriso falso e sentei-me, recostando-me e apoiando um tornozelo sobre o joelho.

— Eu não sabia que ter uma mulher era contra as regras, *pai*.

Seu sorriso vacilou por uma fração de segundo antes de voltar ao lugar. Ele sabia que eu nunca o chamava de outra coisa além de Ronan, a menos, é claro, que eu estivesse brincando com ele. Mas eu não me importei. Decidi que não gostei da insinuação em sua voz ao mencionar Evangelina.

— Ela estava usando um distintivo, Derek. E pelo que ele me contou, você ficou bastante na defensiva com essa mulher, não foi? — Ele fez uma pausa, novamente esperando por uma explicação que eu não tinha intenção de dar. — Quem é ela?

— Você nunca se importou com as mulheres na minha cama; por que o interesse agora?

Ele esfregou a barba grisalha no queixo e riu, embora seus olhos verdes nunca deixassem os meus, como se estudasse meticulosamente cada reação.

— Porque se ela fosse apenas uma prostituta qualquer, você teria dito isso e seguiríamos em frente com essa conversa tediosa. — Ronan acendeu um charuto e recostou-se, apontando para mim com um olhar acusador. — Mas agora você despertou meu interesse. E você sabe que não há nada que eu não saiba ou não possa descobrir.

Apertando os dentes, brinquei preguiçosamente com o sinete em meu dedo, os olhos fixos no pergaminho à sua frente.

Nosso relacionamento estava longe de ser pai e filho. Adotado aos quatorze anos, há muito esqueci como formar laços e apegos. Ele era apenas mais um corpo forçado a entrar na minha vida infernal por meios além do meu controle. Kai e eu tínhamos planejado fugir. Sabíamos como funcionava o sistema e o que nos esperava. Jovens como éramos, mas experientes além da nossa idade, sabíamos muito bem que um homem rico só se interessaria por adolescentes por motivos nefastos.

Curiosamente, não estávamos errados. Mas essas razões

estavam longe do que poderíamos imaginar. Ronan não tinha acabado de nos adotar.

Fomos recrutados, porra.

Ao longo dos anos, ele alimentou os demônios que viu refletidos em nossos olhos e nos transformou em monstros depravados sem bússola moral. Fomos criados para matar, os tentáculos de fogo do inferno acorrentando nossas almas, mantendo-nos acorrentados e vinculados a esta existência e à próxima.

Eu sabia que era apenas uma questão de tempo, mas levaria Ronan comigo.

Estendendo a mão sobre sua mesa, servi-me de um copo de uísque, e a habitual série de horrores passou pela minha mente como raramente acontecia na presença dele. Um dia, assim como James, ele sentiria o calor da minha lâmina cortar a porra do seu coração e arrancá-lo do peito. E essa era uma maldita promessa.

— Ela não é importante — eu disse, as palavras surpreendentemente amargas em minha língua.

— Ah, eu sei que ela não é.

O olhar examinador de Ronan me atingiu por trás de uma névoa de fumaça. E brinquei brevemente com a ideia de enfiar o maldito charuto em uma de suas órbitas oculares. Quão alto ele gritaria até queimar completamente?

Embora ele tenha sido o homem que me tirou do desespero, que me tirou das garras do abuso e da desolação, ele foi o pior demônio de todos.

Seu gesto não foi altruísta. O motivo é claro. Ele precisava de Kai e de mim.

Dois bastardos quebrados e desagradáveis para cumprir um único propósito. Seus métodos brutais e desequilibrados.

Fui jogado em um mundo onde um juramento de sangue era a moeda da morte. Uma dívida cobrada por entidades tão obscuras, tão profundamente enraizadas no submundo da população global que poucos homens alguma vez estiveram na sua presença, muito menos sabiam da sua existência. Os Seis, em homenagem ao antigo Panteão grego original, eram os marionetistas definitivos da sociedade. As vestes negras nos bastidores, governando as massas, distribuindo punições – Brincando de Deus.

Até mesmo Ronan, por mais poderosa que fosse sua mão, era apenas mais um jogador no jogo das almas roubadas.

— Seu silêncio fala muito. Mas eu conheço você. Tire-a do seu sistema. Foda aquela puta, se for preciso. Mas acabe com ela e volte ao jogo.

Ele deixou cair o envelope bem na minha frente e puxou uma lâmina gravada da gaveta, passando o aço pela chama de uma vela. Ele pediu minha mão e eu obedeci, oferecendo-a como sempre fazia. Nossos olhos se encontraram quando ele levou a faca à minha carne, perfurando a pele. Só que desta vez o corte foi mais profundo do que o necessário. Cerrei a mandíbula, a dor penetrando na ferida, mas eu estaria condenado antes de dar a ele a reação que ele estava procurando.

Uma punição. Isso foi pessoal.

Mas por que?

O sangue escorria do meu punho agora fechado para uma colher de metal cheia de bolinhas de cera vermelha. Ronan agarrou meu pulso com mais pressão, me puxando para perto de seu rosto. — Mentiras são perigosas, filho. Tome cuidado.

Se havia uma coisa que eu sabia sobre o homem, ele nunca fez uma ameaça vazia. E ele parecia muito consciente, muito curioso sobre Evangelina, apesar de não saber sua identidade. Ou ele de alguma forma descobriu? Ele conhecia as ligações dela com Franco?

— Se você tem algo a dizer, diga — retruquei, puxando minha mão da dele e envolvendo-a em um lenço.

— Sugiro que o bom médico cuide disso. — Mais uma vez, ele estendeu a mão e deixei cair meu anel no meio de sua palma enquanto tentava decifrar o significado por trás de sua sugestão. — Embora você provavelmente queira dar a ele algumas horas. Ouvi dizer que ele recebeu uma ligação ontem à noite — acrescentou, erguendo o olhar divertido e avaliando minha expressão.

Ah, ele sabia, porra.

— Ele fez isso agora?

— Dois bastardos russos. Um não conseguiu.

Eu estreitei meus olhos. — Como você sabe disso?

Ele riu enquanto segurava uma colher de metal sobre a chama.

—Kiernan estava cuidando de uma possível torção nas bolas, cortesia de sua amiga. Você pode imaginar o quanto um idiota da Bratva falará com muita energia feliz em seu sistema. E que mundo pequeno. O bom médico recebeu uma ligação enquanto colocava gelo em um pau dolorido e, você sabe, a tela de bloqueio dele é uma foto de sua filha. — Ele olhou para mim novamente, gostando demais dessa charada para o meu gosto. — Imagine a surpresa do pobre Kiernan ao ver o rosto da mulher que quase o castrou.

Uma miríade de emoções passou por mim ao mesmo tempo. De uma forma ou de outra, Ronan iria estragar tudo para mim, e eu não estava pronto para deixar Evangelina ainda.

— Mundo pequeno, de fato.

— Como eu disse, Derek, aproveite essa garota e siga em frente. Ela está muito perto. E isso só vai acabar mal para ela. Então teríamos que enfrentar Franco. Você sabe o que fazer.

Eu sei. Civis e policiais que adquiriram conhecimento dos Seis e das facções que eles controlavam acabam se tornando nomes em um contrato.

Ronan olhou para cima mais uma vez enquanto despejava a cera derretida no fundo do pergaminho, selando o golpe com meu anel de sinete.

— Devo dizer que Evangelina Cruz é uma beleza excepcional; Eu vou te dar isso. Posso entender seu apego. — O tom melancólico de sua voz disparou alarmes em minha mente. E o nome dela em sua língua fez meus dedos empalidecerem. Mas eu não disse nada. Eu não daria nada a ele.

Com os olhos fixos no brasão marcado no selo vermelho refrescante, perdi-me na cabeça e li distraidamente as palavras gravadas, como já tinha feito tantas vezes.

Rabiscadas na parte inferior, abaixo da marca de Ares, estavam as correntes que ligavam minha alma a esta vida até a morte.

Ligato Saguine.

Preso pelo sangue.

CAPÍTULO DEZ



Ao entrar na minha garagem, avistei o carro de Evangelina parado na frente da escada da minha casa. Ela saiu e se virou em direção ao meu veículo, seus olhos observando com grande interesse enquanto eu fechava a porta e me movia em sua direção.

Eva parecia comestível. Seus longos cabelos negros caíam sobre os ombros como seda. Ela estava toda vestida de preto, desde botas e leggings justas até um casaco perfeitamente cortado - como se tivéssemos planejado combinar.

— Onde ela está?

Havia um leve pânico em seu tom, interrompendo minha leitura de sua pequena figura deliciosa. Ela estava perguntando pela garota, e fiz tudo o que pude fazer para não revirar os olhos.

— Quem? — Eu perguntei, provocando-a e deleitando-me com o olhar glacial que agora queimava um buraco em meu rosto. Havia algo sexy e primitivo naquele fogo que fazia pulsar as partículas douradas de suas íris.

— Não brinque comigo, Derek. Onde está Rayne? — Ela procurou além de mim, procurando por ela no banco do passageiro do meu carro.

— Relaxe. Ela está lá dentro. Eu a deixei com meu irmão — eu disse, acenando para ela e puxando meu telefone do bolso lateral da minha jaqueta. — Ele me avisaria se... *Porra.*

Os olhos de Evangelina se arregalaram enquanto esperava uma explicação. — Porra? O que isso significa? Aconteceu alguma coisa?

— Ela se foi.

Eva se lançou sobre mim, suas pequenas mãos agarrando minhas lapelas. — O que diabos você quer dizer com ela se foi?

Segurei seus pulsos, sem perceber nada além de sua proximidade, os olhos fixos em seus lábios quando percebi que o ferimento no canto de sua boca já estava melhor. De repente, senti vontade de morder, talvez para testar o quanto.

— Kai disse que ela deixou um bilhete.

Soltando meu aperto, ela se afastou. — Você disse que iria cuidar dela. Onde diabos você foi? Porque você saiu? E quem diabos é Kai?

Contornei-a e caminhei até a entrada. Como esperado, ela estava logo atrás de mim.

— Derek!

Ignorando seus apelos, digitei o código da minha porta e fiz sinal para ela entrar. Evangelina me lançou um olhar desdenhoso antes de passar pela soleira.

Deimos estava esperando. Normalmente desconfiado perto de estranhos, ele choramingou animadamente, esperando meu comando para permitir sua aproximação. Assim que foi dado, e me surpreendendo mais uma vez, ele se aninhou no quadril de Eva, lambendo a mão que ela estendeu em sua direção antes mesmo de me cumprimentar.

— Onde está seu irmão? Espere, desde quando você tem um irmão?

— Vamos — eu disse, conduzindo-a para o corredor onde Rayne estava hospedada. Inclinei-me ligeiramente e cocei a parte de trás da orelha de Deimos. — Traidor. Embora eu não culpe você.

A porta do quarto de hóspedes estava entreaberta. Empurrando-a até o fim, vi o bilhete em cima de um edredom branco. Eva passou correndo por mim para pegar o pedaço de papel parcialmente dobrado e imediatamente começou a ler.

Depois de alguns momentos, ela deixou o lençol escorregar de seus dedos e cair no chão.

— Ela se foi. Disse-me para não a procurar. Não acredito que ela fugiu assim. Qual foi o sentido de vir até mim? — Ela cruzou os

braços. — Eu sou tão estúpida — ela resmungou com um suspiro.

Sentei-me ao lado dela, nossos ombros se tocando. — Deixe-me ver se entendi. É ela quem está com a pancada na cabeça e foge, colocando-se em perigo sem ter para onde ir. No entanto, você é a estúpida? Importa-se de explicar.

Colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha, ela suspirou novamente. — Isso não foi o que eu quis dizer. — Seus olhos vidrados encontraram os meus curiosos. — Encontrei Rayne há cerca de quatro anos. Ela tinha acabado de abandonar o ensino médio, era uma fugitiva e viciada. Na noite em que a prendi, ela bateu no cliente com uma garrafa de cerveja por lhe ter dado um calote. Sempre desejei poder fazer mais por ela. Deus sabe que eu tentei. Ela era apenas um daqueles rostos, daquelas histórias que ficam na sua mente quando você é policial.

Evangelina enxugou as lágrimas que escorriam dos cílios. Eu estava certo. O fluxo de gotas, juntamente com o rubor rosa claro na ponte do nariz, deu ao seu lindo rosto um brilho angelical.

Anjo.

Como o nome dela.

— Não é sua responsabilidade salvá-la de si mesma.

— Não seria a primeira vez. — Ela soltou uma risada sem humor. — É uma espécie de padrão na minha vida.

— Evangelina, tenho certeza que você ajudou mais pessoas do que pensa.

Seus olhos estavam de volta em mim. E de repente desejei poder ler seus pensamentos. Ela poderia ver a escuridão que vivia e respirava sob minha carne pintada? Ou pior ainda, ela só viu aquele menino frágil abandonado há tantos anos? Ela iria querer me salvar também?

Mal ela sabia que não existia redenção para homens como eu. Talvez um dia eu expiasse o caos e o derramamento de sangue que deixei para trás. Mas a essa altura, Evangelina seria apenas uma lembrança do passado.

— Nunca fui capaz de salvar aqueles de quem realmente gosto.

Sua voz me trouxe de volta ao momento e pisquei furiosamente, processando suas palavras. Ela não poderia estar se referindo àquele filho da puta, James. A única coisa que ele fez certo

foi manter meu disfarce. Caso contrário, eu teria sido forçado a me livrar de Eva também, o que teria sido uma grande tragédia.

Quando uma resposta se formou na minha garganta, ela pegou minha mão enrolada na dela, notando o lenço pela primeira vez. Eu nunca precisei de um curativo para fazer meu juramento, mas aquele idiota do Ronan tentou provar um ponto.

— O que aconteceu com a sua mão?

— Deimos deu um grande susto em sua amiga esta manhã. Levei-a para a cozinha e derrubei alguns pratos. É apenas um pequeno corte.

Eva virou minha mão para onde o sangue havia encharcado o tecido bege.

— E em vez de um curativo você decidiu que esse lenço serviria? Deus, você é um homem. — Ela ficou de pé e me puxou para segui-la. — Vamos.

— O que você está fazendo?

— Você cuidou de mim ontem; deixe-me retribuir o favor.

Uma vibração desconhecida fez cócegas no interior do meu peito quando deixei que ela me levasse pelo corredor da minha própria casa. Assim que chegamos à escada, sua intenção era subir para o meu quarto como havíamos feito na noite anterior, mas em vez disso, apertei sua mão e fiz sinal para que ela me seguisse até a cozinha.

Ela ficou com uma expressão confusa até que tirei um kit de primeiros socorros do armário abaixo da pia.

— Eu guardo isso aqui para minha faxineira. Ela se cortou em vidro quebrado uma vez. E prefiro que ela cuide das coisas do que sangrar por todo o meu maldito chão.

Eva deu um sorriso divertido e balançou a cabeça enquanto tirava um curativo e uma gaze. — Então, isso estava aqui ontem à noite?

— Talvez.

— Talvez — ela repetiu, revirando os lábios e pulando na banquetela, puxando minha mão sobre seu colo.

O calor que subia da pele vestida de sua coxa queimou as costas da minha mão e minha imaginação vagou para um lugar muito

mais escuro.

— Fique quieto — disse ela, desembrulhando o lenço manchado, totalmente alheia ao seu papel em minhas reflexões escandalosas.

Ou ela estava?

O leve tremor de seus dedos dizia o contrário.

— Dói um pouco, só isso — menti, me mexendo na cadeira.

— Você não me parece alguém que recua com um pequeno ferimento na mão, Derek.

— Eu não sou.

— Bom, porque isso vai doer. — Ela rasgou uma pequena compressa encharcada de álcool e pressionou-a na minha pele. — Você esqueceu o anti-séptico do seu kit aqui.

Os olhos de Eva se concentraram nos meus enquanto ela esperava pela minha reação, mas a pontada era tão insignificante que mal percebi. Eu estaria convencido de que ela estava gostando disso se não a conhecesse. Minha mão livre caiu sobre a dela, empurrando para baixo e forçando a gaze encharcada mais profundamente na pele ferida; dor e prazer fundindo-se deliciosamente em um só.

— Você sente isso? — ela sussurrou.

Nós dois sabíamos que ela não estava falando sobre a dor do álcool. Era como o ar estalava entre nós, elétrico, unindo-nos como duas forças magnéticas destinadas a colidir.

— Eu sinto tudo, Eva. Sua mão tremendo debaixo da minha. — Ela desviou o olhar. — O calor da sua pele — eu disse, inclinando seu queixo com meu dedo enquanto me aproximava de seus lábios.

— Acho que a dor está fazendo você delirar.

Rindo contra a pele macia de sua bochecha, passei a ponta do nariz em uma covinha e, novamente, sua respiração ficou presa. — Você pode estar certa... Ou talvez seja só você.

— Às vezes tenho esse efeito nas pessoas — ela murmurou, afastando-se lentamente.

Eva estava flertando.

— Isso está certo? Muito vaidoso, senhorita Cruz?

— Eu nunca poderia competir com o seu ego.

A risada irrompeu do fundo do meu peito, e de repente eu não conseguia me lembrar da última vez que ri tão livremente. Até os ombros de Evangelina tremeram de genuína diversão, um amplo sorriso iluminando seu lindo rosto.

Isso era... novo.

— Ei — eu disse, meu tom sério — sua amiga, você tem alguma ideia de onde ela poderia ter ido?

Quando suas feições se transformaram em uma carranca, eu imediatamente me arrependi de ter tocado no assunto novamente. Com minha mão ainda em seu colo, os dedos acariciando o curativo, ela suspirou e recostou-se no banco.

— Talvez. Eu não tenho certeza. Tenho a sensação de que ela não está tentando ficar por aqui. Ela parecia apavorada.

— Como ela deveria ser. A família Belov tem reputação por um motivo. Se eles querem que sua amiga morra, temo que esse seja o resultado provável.

Uma expressão grave percorreu seu rosto. — Acho que agora também estou na lista de alvos deles.

— Besteira. — Seus olhos se ergueram para encontrar os meus, surpresa com minha explosão repentina. — Ninguém toca em você, Eva.

— Eles estavam na minha casa. Provavelmente sabe meu nome...

Minha mão voou para o lado de seu pescoço e puxei seu rosto para perto. — Ninguém toca em você. Você entendeu?

Segundos se passaram antes que ela falasse novamente; a subida e descida acelerada de seu peito foi um sinal revelador de que ela ficou surpresa com minha declaração ousada. Mas ela precisava saber a quem pertencia. E ninguém tocava no que era meu.

— Diga, anjo. Preciso que você confie em mim.

Seus olhos vagaram de um lado para outro, procurando uma explicação por trás das minhas palavras.

— Ok — ela respirou, as pálpebras tremulando. — Por alguma razão estranha, eu faço.

Quando me inclinei perto do topo de sua orelha, o cheiro doce de seu cabelo soprando sob meu nariz, sussurrei: — Boa menina.

Evangelina enrijeceu sob meu toque, um pequeno suspiro saindo de seus lábios. Sorrindo, me afastei, completamente satisfeito com a reação dela.

— Eva, o que você está fazendo hoje? — Eu perguntei, dando-lhe uma saída.

— E-eu cancelei o trabalho para poder resolver as coisas com Rayne, mas agora que ela não está mais aqui...

— Nós a encontraremos. Vou te ajudar.

Eu não dava a mínima para a garota. Ela estava praticamente morta, no que me dizia respeito. Mas essa criança, Rayne, era importante para Eva. E por alguma razão, isso importava para mim. Racionalizei que quanto mais eu a conquistasse, mais fácil seria fazê-la cair.

— Realmente?

— Eu me sinto um pouco culpado. Ela fugiu sob o que deveria ser meu cuidado. Pense em alguns lugares que ela frequenta e eu levo você.

Outro sorriso radiante se estendeu por seu rosto.

— Soa como um plano. E você? Não quero incomodar você.

— Eu sou meu próprio patrão. — Ela assentiu, satisfeita com a minha resposta. — Dê-me um tempo.

Tirei minha mão da dela, mas ela pegou as pontas dos meus dedos no último segundo, me puxando de volta para ela.

— Derek, obrigada. Por tudo.

Ela se aproximou da beirada do banco, caindo lentamente no chão, seu corpo pressionado contra o meu, sabendo muito bem o que estava fazendo comigo.

Ostentando uma maldita semi ereção, deixei-a se mover ao meu redor, ignorando a visão de levá-la até o balcão da cozinha.

O autocontrole era uma merda.

CAPÍTULO ONZE



Derek deu ré e estacionou em frente ao Esther C. Transitional Living Center. O pequeno prédio de tijolos vermelhos ficava na esquina de um bairro sombrio, cercado por outras casas e empresas degradadas. O elegante Bentley preto de Derek se destacava como um polegar machucado e atraiu olhares de pedestres, incluindo um grupo de homens parados em frente a uma bodega na esquina.

— Talvez você devesse ficar aqui enquanto eu corro para dentro. Esses caras parecem muito interessados no seu carro.

— Não vai acontecer — ele brincou, olhando as mensagens em seu telefone, completamente despreocupado com minha observação. Ele nem levantou o olhar.

— Não diga que não avisei quando você sair e encontrar quatro blocos de concreto em vez de pneus.

— Você não vai entrar lá sozinha. Fim de discussão.

Eu zombei. — Você sabe que sou policial, certo? Já estive em situações piores.

Ele se mexeu no assento, fixando seu olhar inabalável no meu. — Um, eu não dou a mínima para esses caras ou para esse carro. E dois, o que quer que você faça quando não estou por perto é uma coisa, mas quando você estiver comigo, não vou ficar sentado como um maricas enquanto você arrisca sua segurança.

A raiva queimou em meu peito. Fui subestimada e tratada como uma donzela frágil durante toda a minha vida. Sempre a mais nova e a menor em cada grupo de amigos. Então veio meu diagnóstico. E por último, minha aparência. Eu não era ingênua o

suficiente para pensar que ser bonita não mudava a perspectiva das pessoas ou a forma como elas me tratavam. Trabalhar em um campo dominado por homens me lembrava disso todos os dias. Por alguma razão, a percepção que Derek tinha de mim era mais importante do que eu gostaria de admitir.

— Eva.

A irritação que senti evaporou no instante em que meu nome saiu tão docemente de seus lábios. Eu não sabia o que havia em Derek que destruiu minha determinação. Claro, ele era bonito de se olhar. Mas a aparência de um homem nunca importou muito para mim. Talvez fosse porque ele era filho de James.

Meu desmaio por causa de sua proteção poderia fazer as mulheres retrocederem cinquenta anos, mas eu não conseguia me importar. Foi cativante. Ele mal me conhecia, mas parecia se importar muito mais do que deveria.

— Tudo bem — eu disse, tentando parecer que tinha escolha no assunto.

Eu mal tinha saído do carro quando começaram a me chamar. Evitando contato visual, contornei o capô, onde encontrei Derek. Nunca me senti tão segura com um homem, estar na presença dele era algo totalmente diferente. O grupo atrás de mim rapidamente silenciou quando Derek lançou-lhes um olhar assassino, seus olhos em partes iguais de gelo e fogo abrasador.

— Vamos — disse ele, me colocando com segurança debaixo do braço, sem nunca tirar os olhos dos homens, mesmo enquanto atravessávamos a rua movimentada. Seu corpo duro estava tenso, como uma mola bem enrolada, pronta para se desenrolar a qualquer momento. Eu não tinha certeza do que ele faria se a oportunidade se apresentasse, mas ele parecia confiante o suficiente para que seu olhar não tivesse vacilado. Talvez ele não soubesse, mas naquela vizinhança, encarar era o equivalente a desafiar alguém para uma briga.

— Você está tentando levar um tiro?

— Isso não vai acontecer.

Revirei os olhos. — Ah, então você é à prova de balas agora?

— Não. Eu não preciso ser. Digamos apenas que conheço pessoas.

Eu já tinha ouvido um ditado parecido, que sempre era o ponto alto de alguma piada. Mas no caso de Derek, eu não tinha dúvidas de

que ele realmente conhecia pessoas. Pessoas poderosas. Devia ser por isso que ele conhecia tanto a família Belov. Por que ele confiava que seu carro permaneceria intocado em um bairro modesto. E por que ele não tinha medo de encarar um grupo de homens ainda mais sombrios. O pensamento foi preocupante quando percebi que não sabia nada sobre o homem que o filho do meu padrinho havia se tornado.

— O que está errado? — Suas sobranceiras franziram quando ele abriu a frágil porta de ferro da casa de Esther.

— Nada. Só espero que obtenhamos algumas respostas. Talvez ela tenha voltado aqui para pegar as coisas dela.

Derek me lançou um olhar duvidoso, mas não disse nada. Colocando a mão nas minhas costas, ele me conduziu para dentro.

O cheiro de mofo do prédio era inesquecível. Eu queria encontrar um lugar melhor para Rayne, mas sua amiga Tori estava aqui e ela insistiu em ficar. Depois que vi como ela estava indo bem, permanecendo limpa e fora das ruas, me senti melhor com sua decisão, mas claramente estava me enganando. Rayne tinha mais demônios e vícios do que eu poderia ajudá-la.

— O que diabos você quer? — A voz rouca de uma mulher chamou nossa atenção para o pequeno corredor logo antes de um lance de escadas. Seu rosto abatido, contra o cabelo grisalho e desgrehado, parecia familiar. Talvez eu a tivesse visto durante uma de minhas visitas, mas não tinha certeza.

— Oi. Você, por acaso, viu Rayne Johnson? — Dei um passo à frente, embora mantendo distância.

A mulher me olhou com indignação e cruzou os braços sobre o peito amplo. — Quem está perguntando?

— Eu sou uma amiga. Eu preciso falar com ela. Ela esteve aqui recentemente? Tipo, nas últimas quatro horas?

Ela soprou um cacho crespo da testa e revirou os olhos. — Você acha que pode simplesmente entrar aqui e obter informações sobre nossos residentes? Como posso saber que você não é policial? — Seus olhos escuros se moveram atrás de mim, onde Derek estava em silêncio, como uma sentinela nas minhas costas. A mulher deu um passo trêmulo, apoiando-se no corrimão enferrujado.

Senti o calor dele quando ele se aproximou. Embora eu não pudesse vê-lo, só conseguia imaginar o olhar feroz abrindo um buraco no rosto da mulher.

— Por favor, se você souber de alguma coisa. Estou tentando ajudá-la.

— Eva?

Uma voz suave desviou minha atenção para o topo da escada.

Tori.

— Eu-eu me encontrei com ela — ela gaguejou nervosamente.
— Esta manhã. Rayne me ligou.

A senhora mais velha se virou; seu rosto se contraiu em uma carranca. — Você realmente vai delatar sua amiga? Você nem conhece essa vadia! Pelo que sabemos...

— Chega. — A voz de Derek era calma, mas tão afiada quanto o fio de uma navalha. — Desculpe-se. — Ele passou por mim, agora cara a cara com a mulher, que tentava desesperadamente se contorcer para trás, mas estava sem espaço. — Peça desculpas — ele exigiu pela segunda vez.

— O-o quê? — Sua mão agarrou o corrimão.

— Você vai se desculpar pelo seu desrespeito. E não vou perguntar de novo.

Seus olhos se moveram entre nós antes que ela soltasse um pedido de desculpas quase ininteligível.

Derek colocou a mão na parede acima de sua cabeça, elevando-se sobre ela. No fundo, eu sabia que deveria tê-lo impedido. Intimidar as pessoas não era meu modo de agir, mas dane-se, se defender minha honra não era sexy como o inferno.

— Vá embora. E se você olhar na direção dela, respirar na direção dela... — Ele se inclinou perto do ouvido dela e sussurrou algo que não consegui ouvir. O que quer que ele tenha dito fez com que os olhos da mulher se arregalassem em choque, e ela rapidamente passou por nós e saiu pela porta.

Derek e eu trocamos um olhar, e ele encolheu os ombros quase inocentemente, como se não tivesse acabado de assustar uma estranha.

Eu lidaria com ele mais tarde.

— Tori, onde você a viu? O que ela disse?

A jovem chegou ao fim da escada e baixou a cabeça, longas

tranças caindo sobre os ombros.

— Ela estava com medo e não queria vir aqui. Então nos encontramos no Clover Market.

Faria sentido que ela quisesse se encontrar em um local público, algum lugar onde pudesse desaparecer rapidamente no meio da multidão, caso fosse necessário. Garota inteligente.

— Ela disse para onde estava indo?

— Ela disse que era mais seguro não saber detalhes.

— Porra — eu amaldiçoei, passando a mão pelo meu rosto.

— Eva. — Ela baixou a voz para um sussurro. — Rayne disse que se você fosse inteligente, você sairia da cidade antes que Yuri te pegasse também. Acho que ela devia dinheiro e alguns favores àquele cara. Mas isso é tudo que sei.

Coloquei a mão em seu ombro e dei um pequeno sorriso. — Obrigada, Tori. Ligue-me se descobrir mais alguma coisa.

Ela assentiu e olhou brevemente para Derek antes de subir as escadas.

— Vamos sair daqui. — Ele entrelaçou os dedos nos meus e me puxou em direção à saída.

O mesmo grupo de homens assistiu em silêncio enquanto atravessávamos a rua. Ele me seguiu e abriu a porta do seu Bentley intocado antes de deslizar para o lado do motorista.

— Para onde?

— O mercado.

— Eva, já se passaram horas. Duvido que ela ainda esteja lá.

Descansei minha cabeça no assento e me virei para encará-lo. — Eu sei. Mas ela é próxima de Carmen, uma das vendedoras. Ela deve ter ido se despedir. Talvez tenha passado algumas informações para ela.

Ele inclinou o queixo e entrou no trânsito sem dizer uma palavra.

— O que você disse a ela? — Eu perguntei, interrompendo o silêncio.

— Disse para quem?

Soltei um suspiro exasperado. — Derek, não se faça de bobo comigo. Você sabe exatamente do que estou falando.

Seu sorriso era tão sexy. Eu quase quis dar um tapa na cara dele por me fazer sentir assim. Boba, como uma maldita adolescente. E com tesão. Tão incrivelmente excitada.

— Você estava lá. Você ouviu tudo o que eu tinha a dizer.

— Então você não a ameaçou com violência? Ela simplesmente fugiu sem motivo.

Ele se virou para mim quando paramos em um sinal vermelho. Embora ele tivesse um sorriso no rosto, havia algo quase sinistro em como seus olhos queimavam através de mim, fazendo os cabelos da minha nuca se arrepiarem.

— Não vou tolerar ninguém desrespeitando você. Eu não me importo com quem eles são. E Evangelina — ele disse asperamente, estendendo a mão e inclinando meu queixo, o polegar acariciando a lateral do meu queixo — eu não faço ameaças.

Instintivamente, eu sabia a conclusão dessa afirmação.

Promessas.

Ele fez promessas.

Um arrepio percorreu meu corpo. Derek era um homem perigoso. Ele exalava autoridade e caminhava com um destemor que nunca vi nem mesmo nos homens e mulheres mais corajosos com quem trabalhei ao longo dos anos. Era como se ele soubesse que era intocável. Mas por que? O que isso significa? E, mais importante, por que eu queria olhar para o outro lado?

A culpa se instalou em meu estômago enquanto eu descaradamente acenava para as bandeiras vermelhas piscando como luzes de néon na frente do meu rosto. Eu sabia que deveria fazer perguntas. Mas não insisti mais no assunto. E deixe o silêncio preencher o vazio repentino e estranho entre nós.

Observei a cidade passar enquanto dirigíamos, de vez em quando lançando olhares furtivos para o homem sentado ao meu lado, estudando seu belo perfil: nariz perfeitamente reto, lábios carnudos e queixo esculpido. O homem era tão lindo que quase doeu. Tinta preta contornava seu queixo angular e passava pela nuca, aumentando seu apelo sexual.

Boa menina.

Essas duas palavras me abalaram, roubaram meu fôlego e me excitaram de uma forma que nunca havia sentido antes. Eu me convenci de não montar nele em sua cozinha.

— E ainda assim você afirma que tenho um grande ego.

— Ah, eu sei que você tem.

— Que escolha você me deixa?

Relutantemente, tirei meus olhos dele, sentindo o clima da nossa conversa mudando. — Eu não entendo.

— Bem, estou em um carro com uma mulher extraordinariamente linda que não consegue tirar os olhos de mim. Você pode me culpar por me sentir o filho da puta mais sortudo do mundo?

Minhas bochechas queimaram com calor e mordi o lábio para não sorrir como uma idiota.

— Você fala bem, Derek Cain.

— Não, apenas dizendo como é. Vamos; você sabe que é deslumbrante, Eva. E não minto para as mulheres sobre sua aparência. Eu não preciso.

— Aposto que não — eu disse revirando os olhos.

Ele riu levemente e relaxou em sua cadeira, um cotovelo apoiado na porta. — Eu pareço um homem que precisa falar docemente com as mulheres para dormir com elas?

Uma estranha pontada de algo apertou meu estômago ao pensar nele dormindo com outras mulheres.

— Ah, claro que não. Elas simplesmente caem aos seus pés, não é?

— Ou rastejam até eles. — Sua voz se aprofundou e ele me lançou um olhar malicioso.

O nó no meu estômago se torceu e eu quis morrer quando senti uma onda de umidade entre minhas pernas.

Apertei minhas coxas e me mudei em direção à porta, como se ele pudesse sentir o efeito que teve na minha libido.

— Não preciso saber sobre as mulheres com quem você está envolvido, especialmente aquelas que estão de joelhos por você.

— Não estou envolvido com ninguém. — Paramos em outro sinal vermelho e seus olhos de diamante brilharam ameaçadores. — Eu nem me lembro dos nomes delas.

— Bem, isso é... alguma coisa. — Eu queria sentir nojo da sua admissão, usar isso como uma razão para conter a minha atração por ele, mas isso só ajudou a alimentá-la.

Eu não tinha dignidade?

— Mas você de joelhos, Evangelina, isso é algo que eu nunca esquecerei.

O ar saiu correndo dos meus pulmões e quase quebrei uma unha com o aperto mortal que segurei na beirada do assento. Visuais maliciosos criaram raízes em meu cérebro e tocaram como um filme pornográfico em minha cabeça.

— Derek... somos praticamente primos.

Que porra eu acabei de dizer?

Derek riu abertamente e balançou a cabeça. — Não somos parentes. Não me importa o quão próximo você era de James.

— Não, eu não quis dizer isso.

Perguntei-me brevemente quão grave seria a erupção na estrada se eu saltasse do carro na velocidade atual.

— Explique-se então, porque eu sei de uma coisa com absoluta certeza, e não tem nada a ver com ter um ego.

Meu coração batia como um tambor em meu peito, temendo e antecipando as palavras que ele estava prestes a dizer.

— E o que é isso?

Eu estava convencida de que ele havia conspirado com os semáforos porque o timing deles era imaculado. O calor do seu olhar queimou o lado da minha cabeça, silenciosamente chamando minha atenção. E então cedi, me perdendo naquelas poças azuis.

— Você e eu estaríamos bem juntos.

CAPÍTULO DOZE



Tendas brancas alinhavam-se na passarela até onde a vista alcançava.

Nunca entendi a atração de estar no meio de multidões. Estranhos andando ombro a ombro, esbarrando uns nos outros. Mistura de aromas. Espaços pessoais violados. Eu não era o tipo de pessoa que confiava nos outros. Meu cérebro estava programado para ser paranoico e desconfiar de todos. Inferno, se eles soubessem quem eu era, eles correriam na direção oposta. Era da minha natureza, enraizado em mim como um instinto inato, presumir que cada alma aqui era tão perigosa e calculada quanto eu. Relaxar não era uma opção, então examinei meticulosamente a área ao redor. Mais alerta do que o normal, minha mão pairou sobre as costas de Eva.

— Como você sabe que ela está aqui hoje?

— Carmem está sempre aqui. Ela nunca perde uma oportunidade de trabalhar. Não quando ela é a única guardiã dos quatro netos.

— Então, estamos procurando uma mulher mais velha?

Eva olhou por cima do ombro e assentiu. — Sim. Cabelo curto, corte pixie e listras prateadas. A filha dela... bem, digamos que ela é muito parecida com Rayne.

— Isso é muito... *lamentável*.

Minha tentativa de parecer empático deve ter falhado, parecendo dura e crítica. Eva parou tão abruptamente que quase caí sobre ela.

Seus olhos endurecidos se estreitaram para mim.

— Não vou fingir que sei como é lutar contra o vício, mas tento o meu melhor para entender. Já vi o pior e o melhor da sociedade, Derek. E mesmo as pessoas boas passam por tempos difíceis e são apanhadas nas ruas. Você deveria entender isso mais do que ninguém.

O olhar de Evangelina doeram, embora eu não soubesse se era porque ela estava me chamando ou porque eu a havia chateado. Antes de ontem, o único cenário teria sido o primeiro. Mas hoje, eu não tinha tanta certeza, e esse pensamento por si só me agitou pra caralho.

— Desculpe. Eu não queria parecer um idiota privilegiado.

O pedido de desculpas parecia estranho na minha língua.

Evangelina me deu um pequeno sorriso, as linhas nítidas de seu rosto suavizando enquanto ela me acenava. — Vamos. Ela geralmente fica no extremo sul.

Eu rapidamente a segui quando ela entrou no meio da multidão novamente. À medida que continuamos nossa jornada pelo labirinto de pessoas, muitos vendedores a cumprimentaram e a chamaram pelo nome.

— Você é uma celebridade aqui.

— Venho muito aqui. Às vezes em turno para manter contato com a comunidade ou apenas para fazer compras e apreciar a paisagem.

A multidão diminuía à medida que nos aproximávamos do outro lado do mercado, finalmente me dando espaço para andar ombro a ombro com Eva.

— Talvez eu esteja sendo um idiota de novo, então me perdoe. Mas você não parece ser do tipo que frequenta um lugar como esse fora do trabalho.

— E por que isso? — ela perguntou, um sorriso mostrando a covinha em sua bochecha direita. Mas ela não estava olhando para mim. Seus olhos estavam fixos para frente, com ritmo constante.

— Eu quero dizer, olhe pra você.

— Olhe para mim — ela retrucou com um sorriso. — Um lugar como este está abaixo de você, Derek Cain?

— Não, simplesmente não é a minha praia — eu disse, tirando

as mãos dos bolsos da jaqueta, a carranca voltada para um homem cujos olhos permaneceram um pouco demais no rosto dela.

— Não é fã de multidões ou apenas de compras em geral? — ela perguntou, alheia à troca silenciosa de ameaças e lesões corporais.

— Praticamente ambos.

Ela franziu os lábios, finalmente se virando para me examinar de cima a baixo. O peso de sua leitura me fortaleceu e se dirigiu para o sul.

— Bem, você parece estar bem vestido. Quem faz suas compras, então?

— Você está me perguntando se há uma mulher na minha vida que escolhe minhas roupas?

Ela balançou a cabeça e riu. — Isso é um pouco pretensioso, Derek. É simplesmente uma pergunta válida de acompanhamento à sua declaração.

— Ok, vou jogar junto. — Sua risada era contagiante. E, contra o meu melhor julgamento, decidi que queria ouvir mais sobre isso. — Não, não tenho ninguém que compre para mim. Disse que não era fã, não que não comprasse minhas próprias roupas.

— Justo. Bem, estou impressionada. Você parece muito bem. Suas roupas, quero dizer.

Eu abri a boca para dizer algo inapropriado, mas Evangelina já havia partido em direção a uma tenda cuidada por uma mulher mais velha, com cabelo curto e uma jaqueta amarela brilhante. Elas se cumprimentaram com um abraço, e a mulher, do tipo vovó, imediatamente percebeu o hematoma e o lábio rachado de Eva.

— O que aconteceu, *Mija*? — Ela engasgou, inclinando o queixo para ver melhor. Seus olhos escuros voaram instantaneamente para mim, e um olhar de reprovação marcou suas feições envelhecidas.

— No trabalho, Carmem. Não é o que você está pensando — disse Eva, como se lesse seus pensamentos.

Apesar da garantia de Evangelina, o tom de sua expressão permaneceu intacto.

— Carmen, Rayne veio ver você hoje?

A mulher assentiu solenemente. — Ela veio me dizer que vai

ficar fora por um tempo.

Eva agarrou-a pelos ombros. — Ela disse para onde estava indo?

— Não, mas o rosto dela estava machucado... mais ou menos como o seu. Eva, o que está acontecendo?

Eva soltou uma lufada de ar. — Prefiro que você não se envolva.

A mulher ficou em silêncio antes que suas feições se vincassem em minha direção. — E quem é ele?

Evangelina se virou e encontrou meus olhos. — Ele é... ele é um amigo, Carmen. E ele está me ajudando a encontrar Rayne.

Carmen tocou o hematoma abaixo do olho de Eva. Eu não precisava ser um leitor de mentes para saber o que ela estava pensando. A maioria das pessoas fazia suposições sobre mim com base nas minhas tatuagens, na maneira como eu me vestia e na expressão de não-foda-comigo que vivia no meu rosto. Eu estava acostumado com isso. Mas não gostei do escrutínio dela na frente de Eva ou do fato de ela estar sussurrando em seu ouvido em espanhol. Sem dúvida algum aviso sobre mim. Eu não era fluente, mas sabia o suficiente para entender seus conselhos sobre tomar decisões com a cabeça e não com o que havia entre as pernas — embora parecesse bom o suficiente para comer.

Suas palavras. Não minhas.

As bochechas de Evangelina ficaram rosadas e ela se inclinou para a mulher mais alta, respondendo tão rapidamente em espanhol que não consegui acompanhar.

Depois que elas se despediram, só andamos cerca de um metro e meio quando um homem corpulento, com um longo casaco preto, se aproximou da tenda de Carmen. Ele rosnou o nome dela com os dentes cerrados e avançou, prendendo a mulher assustada contra um poste de aço.

Evangelina correu em direção a eles antes que eu pudesse impedi-la, contornando a pequena mesa branca e se colocando entre Carmen e um homem prestes a morrer.

— Ei! Deixa-a em paz.

Redirecionando sua raiva, o homem apontou um dedo a poucos centímetros do rosto dela, rangendo os dentes.

Cerrei os punhos enquanto fantasiava em usar sua mão decepada como um caçador de dentes.

Eva endireitou os ombros no que parecia ser um desafio silencioso – um desafio para ele agir. Mal sabia ela que ele nunca chegaria tão perto.

— Que diabo é o seu problema?

— Senhora, eu não sei quem diabos você é, mas é melhor você se afastar antes que eu a mova.

Apertei a alça das minhas luvas. — Você apenas toca nela... — Eu apertei meu queixo antes que Eva ouvisse as promessas vis subindo pela minha garganta.

O homem revirou os olhos em minha direção e levantou uma sobrancelha, levantando o queixo. — Isso não diz respeito a nenhum de vocês.

Eu não poderia estar mais de acordo, mas a maneira como Eva estava posicionada de forma protetora na frente de Carmen me deixou saber que ir embora não estava em seus planos.

Porra.

— Carmem, o que está acontecendo? Quem é ele e por que está aqui?

A mulher estava muito ocupada choramingando na manga para responder às perguntas de Eva.

— Como eu disse, não é da sua conta. Isso é entre mim e aquela vadia traidora.

Eva se aproximou dele, levantando o rosto para enfrentar a ameaça de frente. — Eu sugiro que você vá embora. Você está assediando e ameaçando esta mulher.

Eu não estava a par de qualquer história que existisse entre os dois. Eu não me importei de qualquer maneira. Minha única preocupação era ficar cara a cara com um homem com o dobro do tamanho dela.

Então, era isso que eles queriam dizer sobre latinas agressivas?

Eu estava estranhamente excitado.

— O que você é? Uma policial? Certamente não me parece uma policial — disse ele, bufando.

Colocando a mão em seu quadril, deslizei entre eles, tendo o suficiente de como seus olhos redondos a encaravam com uma mistura de luxúria e violência. Eu não poderia me dar ao luxo de matar esse homem em plena luz do dia e, pior ainda, na frente de Eva. Havia um limite de itens comprados e pagos pela Ordem dos Seis que poderiam ser varridos para debaixo do tapete quando se tratasse de deslizes públicos. E embora cada fibra do meu ser quisesse abrir seu crânio para sequer respirar nas proximidades do que era meu, havia muitas testemunhas para a quantidade de controle de danos necessária para corresponder à minha raiva.

— Eu sugiro fortemente que você vá embora.

— E quem diabos é você?

A mão de Eva estava em meu braço, seus dedos apertando meu bíceps enquanto a tensão deixava meus músculos tensos.

— Derek, não.

— Ouça sua garota. Ela tem uma boca doce.

Fechei meu punho e enterrei em seu abdômen. Ele se dobrou enquanto grunhia e tentava recuperar o fôlego. Inclinando-me perto de seu ouvido, sussurrei: — Você sabe quanto tempo leva para um homem morrer depois de ser eviscerado? — Ele gemeu em resposta, ainda incapaz de falar. — Isso é um não? — Agarrei-o pela gola da camisa e arrastei-o até a beirada da tenda. Seus olhos injetados de sangue estavam arregalados, o rosto vermelho e manchado. — Posso garantir que sim.

— Foda-se... você — ele ofegou.

Um sorriso lascivo apareceu em meu rosto. — Você tem um pouco de coragem. Talvez você aguente um pouco mais.

— Isso não tem nada a ver com você, cara. — Sua voz era rouca. — Só estou procurando uma prostituta maluca.

As coisas acabaram de se tornar interessantes.

— Rayne?

Ele assentiu, se orientando até que de repente ficou em silêncio enquanto seus olhos focavam na minha mão.

— Ares — ele sussurrou, levantando as mãos em sinal de rendição. — Está bem, está bem. Estou indo embora.

Foi então que notei a tinta em seus dedos e nas costas de suas

mãos.

Bratva.

Eva o teria reconhecido se ele fosse o bastardo que a agrediu, mas não havia dúvida em minha mente de que ele sabia os nomes dos homens que o fizeram.

Eu agarrei seu colarinho. — Me ouça com atenção; sua vida depende de como você responder às minhas próximas perguntas. — Olhei brevemente para trás, garantindo que Eva ainda estava cuidando de Carmen. — Ontem à noite, dois homens seguiram aquela garota até uma casa em Bryn Mawr. Preciso do nome daquele que sobreviveu e onde posso encontrá-lo.

— Porra... eu não posso, cara.

— Ah, mas você vai.

Enfiei a mão no bolso interno da jaqueta e tirei uma carteira preta. Suas sobrelhas se ergueram com o golpe de compreensão instantânea. Abrindo-o, fui recebido com uma foto de sua família: três filhos e uma jovem esposa que usava maquiagem demais.

— Seria uma pena se...

— Não se atreva. Você não faria isso.

Eu sorri, com duas fileiras de dentes à mostra. — Acho que a questão é: de quem é a vida mais importante para você?

Ele amaldiçoou baixinho, mas mesmo assim se inclinou com a informação. Quando o homem estendeu a mão para recuperar a carteira, eu a arranquei de suas mãos. — Você tem sido muito prestativo, Vladimir, mas acho que vou aguentar mais um pouco até que você prove que é um homem honesto.

Ele cerrou os dentes. — Não! Eu te dei o que você pediu.

— E você tem minha palavra de que nenhum dano acontecerá a você ou sua família se sua informação for divulgada.

Suas narinas dilataram-se, mas ele sabia que não tinha escolha. Cumpra ou morra. O que ele não sabia é que eu não deixava pontas soltas.

— Derek. — A voz sensual de Eva cortou meus pensamentos.

— Terminamos aqui. Ele estava saindo. Não é mesmo?

Os olhos de Vladimir pousaram em sua carteira enquanto eu a

colocava de volta no bolso da camisa. Ele resmungou baixinho e saiu correndo, desaparecendo na multidão.

— Ele se foi para sempre?

— Sim. — Meu olhar se voltou para Carmen, que agora estava sentada em um banquinho de madeira e enxugando os olhos.

— Ele faz parte da tripulação de Belov, não é? Ela me disse que ele queria informações sobre Rayne. Ameaçou-a por isso. Eu disse a ela para prestar queixa, fazer as malas e ir embora, mas é claro que ela está recusando. Vou tentar conseguir uma unidade para ficar de olho no quartirão dela.

Assim que Eva ajudou Carmen a se acalmar, saímos do mercado. Quando chegamos ao estacionamento, encostei-me no carro, com os braços cruzados sobre o peito. Seu olhar encontrou o meu, e ela ofereceu um sorriso caloroso e se acomodou ao meu lado.

— Obrigada... Pelo que você fez lá atrás. Eu não gostaria que você entrasse em uma briga por minha causa. Mas...

— O que? — Levantei minha sobancelha, esperando pelo sermão que eu sabia que estava por vir.

— Você não pode simplesmente sair por aí agredindo pessoas ou fazendo ameaças, especialmente na minha frente. Isso me coloca em uma situação difícil.

— Não posso fazer esse tipo de promessa, mas vou tentar o meu melhor. Eu já te disse, não vou ficar parado e deixar ninguém te desrespeitar.

A maneira sexy com que ela mordeu o lábio fez coisas comigo. Eu mudei e ela me seguiu, ficando a poucos centímetros de mim.

— Você faz isso para todas?

— Não.

Ela se aproximou mais. — Eu não sou uma donzela, Derek.

Eu a puxei pela gola da jaqueta, nossos corpos pressionados juntos, enquanto meu pau reagia à sua proximidade.

— Eu sei que você pode cuidar de si mesma.

— Eu posso.

— Claro que você pode. — Eu ri, esfregando suavemente o

polegar sobre a borda de seu lábio curado, fazendo seus olhos tremerem. — Onde agora?

Ela encolheu os ombros. — Pensei em ir até a delegacia e revisar um pouco mais o arquivo de Rayne. Certificar de que não há nada que esteja faltando. Também quero comparar fotos de policiais e ver se aquele homem está em nosso sistema. Por acaso você descobriu o nome dele?

— Não — eu menti. De novo. — Mas ainda posso ajudar. — Eu odiei o leve tom de desespero em meu tom. Talvez ficar longe dela naquele momento fosse necessário.

— Não vou arrastar você para o meu trabalho.

— O que? Não quer ser vista com um cara como eu?

— Realmente? — Ela me lançou um olhar indignado e deu um tapa em meu braço.

Inclinei-me e usei meu dedo indicador para traçar lentamente os contornos de seu rosto, a inclinação suave de seu nariz e descer por seus lábios carnudos e rosados.

— A afetada e adequada Evangelina, na companhia de um homem com tatuagens nas mãos e no pescoço. O que seus colegas diriam? — Apertei mais e deslizei pela lateral do meu veículo, de modo que ela ficou aninhada entre minhas pernas e quase na altura dos olhos. O calor de sua respiração se espalhou pelos meus lábios enquanto os dela se separaram. Seria tão fácil beijá-la. Ela estava praticamente implorando. E foda-se, eu queria. Mas eu tive que jogar minhas cartas. Não importa o quão linda e cativante ela fosse.

— Você pode simplesmente dizer a eles que sou seu primo. Não foi isso que você disse? — Eu provoquei.

Um sorriso lento apareceu em seu rosto quando ela ficou na ponta dos pés, passando seus lábios sobre os meus e sussurrando: — Vou dizer a eles que você é meu irmão.

Ai!

— Vamos. Tenho que pegar meu carro — disse ela, saindo dos meus braços e contornando o capô com uma expressão presunçosa.

— Então você realmente não quer que eu vá junto? Você me feriu, anjo. — Joguei minha mão sobre meu coração em um show teatral.

Eva arqueou uma sobrancelha e entrou no carro.

Só havia uma maneira de isso acabar.

De olho no prêmio, Derek.

De olho no prêmio.

Bati com os nós dos dedos no teto do carro antes de abrir a porta e entrar.

CAPÍTULO TREZE



Rasgando minha camisa acima da cabeça, limpei o suor e os respingos de sangue que escorriam pelos lados do meu rosto. O porão estava escuro, um frio que eu não conseguia sentir pairava no ar. Ofegos duros e gemidos estrondosos surgiram do homem espancado, algemado sobre um ralo. Suas correntes foram afrouxadas de modo que ele estava ajoelhado, caído para a frente e com a cabeça baixa.

O idiota do mercado cumpriu sua palavra e entregou seu amigo como prometido. Só tive que esperar trinta minutos para o homem aparecer na varanda dos fundos, com um cigarro em uma mão e uma Heineken na outra. Sendo o cavalheiro que era, ofereci uma luz ao pobre bastardo. Para minha surpresa, ele não tentou correr ou gritar como pensei que faria. Ele simplesmente olhou, aceitando seu destino, como se soubesse quem eu era e que iria atrás dele.

O sangue escorria num fluxo constante de algum orifício desconhecido em seu rosto, cobrindo as grades de metal abaixo. Ele cuspiu e tossiu, seu corpo estremecendo a cada inspiração desesperada de ar que ele puxava para dentro dos pulmões.

Ajoelhei-me e agarrei seu cabelo coberto de sangue, e ele rosnou em resposta.

— Apenas me mate já.

— Ah, esse é o plano, Andrey.

Deixando seu rosto cair para frente, me endireitei e passei os dedos pelo couro cabeludo. Eu já havia desistido de tentar evitar que o sangue desse idiota espirrasse em mim dez minutos depois. Quatro de seus dedos estavam aos meus pés, o primeiro de seu castigo, embora

ele devesse todos os dez por tocar o que era meu.

Não criei o hábito de sair do roteiro como fiz com James. Mas esse filho da puta tinha alguns esqueletos e uma ficha criminal quase tão longa quanto o número de subornos que seu pai teve de pagar para limpar seu nome. Ele era jovem, mal havia terminado o ensino médio e já era um mensageiro de Belov. Só que Andrey não estava apenas cobrando dívidas de jogo ou ganhando quilos; ele também era um colecionador de meninas.

Talvez eu fosse o maior hipócrita do mundo. Afinal, carreguei as almas de todos os homens cujas vidas roubei como uma tela de arte em minha carne. Mas havia limites, limites que nem mesmo um doente como eu cruzaria.

— Eu só quero me divertir um pouco primeiro. — Eu o circulei e seus ombros enrijeceram com a incerteza da minha presença às suas costas. — Diga-me, Andy, o que fez você pensar que poderia colocar as mãos no que é meu?

— Foda-se. Eu não sabia quem era aquela vadia, exceto que ela tinha os lábios mais doces de chupar pau...

O barulho estrangulado que ele fez quando coloquei minha mão em volta de seu pescoço era quase música para meus ouvidos.

— Ela é linda pra caralho, não é, Andy? — Ainda não tinha tido o prazer de sentir os lábios dela deslizar à volta da minha pila, mas tudo no devido tempo. — Você agrediu bem o lindo rosto dela, não foi? Dividiu essa boquinha dela como um covarde de pau mole, porque ela prefere morrer a tocar em você.

Os olhos de Andrey estavam vermelhos, saltando das órbitas à medida que meu punho apertava sua garganta. Ele estava a segundos de desmaiar, e eu simplesmente não podia permitir isso. Ele não escaparia tão facilmente. Depois de apenas dois suspiros ofegantes, enfiei minha lâmina em seu abdômen e girei o cabo de couro ao ritmo de seu corpo sacudido. Sua boca se abriu em um grito silencioso antes que ele tombasse contra as correntes, se contorcendo em agonia.

— Seu... doente... filho da... puta — ele bufou entre ofegos pesados.

— Dois milhões de mulheres nesta cidade, e você acabou de encontrar a minha. Foi o destino, você e eu.

O dedo médio da mão esquerda era o único que restava. Ele ergueu o cotoco ensanguentado e me mostrou o dedo do meio, e não

pude evitar a gargalhada que irrompeu da minha garganta.

Ele com certeza tinha coragem.

Por agora.

Assim que ele começou um discurso de palavras, um lampejo de luz brilhou em uma mesa de metal atrás do meu amigo algemado. Meu celular vibrou contra a superfície logo depois.

— Aqui, Andy, segure isso para mim — eu disse, enfiando outra faca em sua caixa torácica direita. Ele inclinou a cabeça para trás e uivou, o som ecoando nas paredes de tijolos como a trilha sonora de um filme de terror.

EVANGELINA

Tenho um turno cedo amanhã e gostaria de saber se você gostaria de ajudar a investigar uma denúncia comigo. Encontrei um novo contato para Rayne. Está fora dos livros, então sou só eu.

Evangelina estava procurando minha ajuda novamente.

EU

Que horas?

EVANGELINA

Me pegue às 16h30. Vou ficar na casa do meu pai pelos próximos dois dias.

O endereço de seu pai apareceu em seguida.

— Ei... vamos lá, cara. Estou morrendo aqui. — Os gemidos de Andrey eram baixos, sua respiração superficial e ele não sustentava mais o peso sobre os joelhos. Lançado para a frente, ele foi sustentado pelas amarras cortantes em torno de seus pulsos.

— Estou no meio de algo. Não vamos ser rudes.

EU

Eu estarei lá.

EVANGELINA

Obrigada.

Esses três pontos de texto apareceram na tela, apenas para desaparecer e reaparecer, repetindo esse padrão mais três vezes. Agarrei o telefone com mais força, a antecipação mantendo meus olhos colados na tela brilhante, esperando o que ela tinha a dizer em seguida, e curioso para saber por que ela estava tão insegura. Uma leve dor nas laterais do meu rosto me fez perceber que eu estava sorrindo como um idiota. Uma constatação que fez meu peito apertar. O mesmo sentimento daquele dia, que eu não conseguia identificar, tomou conta de mim. Eu não gostei. Eu me senti estranhamente vulnerável.

EVANGELINA

Durma bem, Derek.

Toda aquela indecisão por causa dessas três palavrinhas?

EU

Você também.

Durante o último mês, enquanto colocava todos os meus assuntos em ordem e falsificava documentos em nome de James, também reuni informações sobre cada faceta da vida de Evangelina. Imagine minha surpresa quando soube que Franco era o pai dela. O pobre bastardo foi forçado, através de extorsão, é claro, a trabalhar como médico oficial para as famílias criminosas locais da Filadélfia e além, incluindo membros de Ares. As revelações assustadoras não pararam por aí. Descobrir que Eva era uma detetive de homicídios do 9º Distrito de Filadélfia me fez reavaliar todo o meu plano. A ironia era tão ridícula quanto distorcida.

Desliguei o telefone e fechei os olhos, afastando todos os pensamentos sobre ela da minha mente e detestando as sementes da dúvida que brotavam no cofre impenetrável que era a minha consciência.

Gemidos duros me tiraram dos meus pensamentos.

— Olha, cara... apenas me deixe ir. Eu prometo que não direi nada. — A maneira como sua voz falhou foi patética. — Nunca respondi ao meu chefe sobre aquela noite. Ele teria arrancado minha

cabeça se soubesse que eu estraguei tudo e deixei uma testemunha.

Puxei uma cadeira e sentei-me com o braço esticado na frente dele, um tornozelo apoiado no meu joelho. — Agora, Andy, que tipo de homem eu seria se simplesmente deixasse você ir? O que? Você volta para Belov e abre a boca sobre minha garota? Eu não posso permitir isso. — Eu me inclinei para frente. — E como você explicará a perda de todos os seus dedos e a falta do seu pau?

Ele olhou para mim confuso, os olhos em fendas, em parte devido ao inchaço.

— Porra. Por favor, não.

— Não se preocupe. Você não precisará disso para onde está indo.

Peguei um cutelo da mesa e ele se debateu violentamente, xingando e gritando por socorro.

— Ninguém vai ouvir você, então sugiro que você conserve sua energia — eu disse, olhando para ele por trás da lâmina. — Estou apenas começando.

Ele soltou uma risada dolorida. — Você é um verdadeiro... Fudido, não é? Como se fôssemos diferentes... Aaahh!

— Segure esse pensamento — eu disse, passando minha lâmina por seu torso antes de soltá-la. — Parece que tenho um convidado.

— Ah Merda. — O conteúdo de seu abdômen se derramou, atingindo o chão com um ruído satisfatório.

Nossa equipe de limpeza teria um trabalho difícil para ele.

Observei a figura alta no vídeo de vigilância ao vivo e um sorriso ergueu os cantos da minha boca. Em meio a todo o caos do dia, eu tinha esquecido que Kai passaria por aqui esta noite. Usando uma toalha, limpei os respingos de sangue em meus braços e peito antes de levar o pano ao rosto. — Acalme-se, amigo.

Andrey começou a chorar quando me afastei, seus gritos de socorro ecoando ao nosso redor até que a porta se fechou atrás de mim.

Silêncio.

Limpei minhas mãos uma última vez antes de destrancar e abrir a porta da frente.

— Oh. Péssima hora? — Kai perguntou, os olhos se movendo do topo da minha cabeça para as manchas vermelhas em meus dedos.

— Só um pequeno assunto pessoal. Entre.

Ele arqueou uma sobrancelha escura e balançou a cabeça, um sorriso finalmente surgindo em seu rosto. — É sempre um negócio com você, não é? — ele disse, me dando um tapinha nas costas.

Kai era meu irmão em tudo, menos no sangue. Viemos do mesmo lar adotivo de merda, adotados pelo mesmo bastardo. E, finalmente, treinado no mesmo tipo de monstro implacável. No entanto, ele era a voz da razão entre nós dois.

— Sirva-se de uma bebida e sinta-se em casa. Vou me limpar.

Ele já estava com a garrafa de uísque em mãos. — Você me conhece — disse ele, levantando um copo cortado antes de levá-lo à boca.

Quando tomei banho e voltei para o andar principal do campo de tiro, Kai não estava em lugar nenhum. Não precisei arriscar um palpite sobre para onde ele tinha ido.

Ele me parece um negócio — disse, de costas para a porta enquanto estudava o corpo caído e imóvel de Andrey. — Ele está morto, a propósito. Mas ele murmurou algo sobre uma 'vadia com bunda apertada'. — Kai se virou para mim enquanto bebia o último gole de sua bebida. — De que diabos esse pobre bastardo estava falando, D? Não poderia ser aquela garota desta manhã.

Seus olhos se moveram entre mim e o cadáver ensanguentado, tentando juntar as peças. Não havia segredos entre nós. Passamos por mais merdas juntos do que eu gostaria de lembrar. E nós salvamos um ao outro de mais maneiras do que eu poderia retribuir. Ele é a única pessoa por quem eu me importo – esse pensamento girou na minha cabeça por um momento, o rosto de outra pessoa rompendo meus pensamentos.

Embora Kai soubesse do destino de James, Eva foi o único detalhe que deixei de fora. Mas era hora de confessar tudo. Afinal, ele ficaria na cidade por algumas semanas.

— Droga — disse ele, bebendo de seu copo de uísque duas vezes reabastecido. — Então, qual é o seu plano? Foder essa garota. Então o que?

Foder ela até que eu esteja completamente satisfeito. Até que meu esperma escorra de todos os orifícios de seu corpo. Até que eu a

marque como minha, e ela ficar completamente arruinada para qualquer outro homem. Eu nunca quis afundar meu pau em uma boceta tanto quanto eu queria, não, precisava do dela.

Então o que?

— Ela é rica. Pegar o que eu quero dela e seguir em frente.

— Ela terá o mesmo destino daquele idiota no porão?

Meus olhos brilharam para ele por trás do vidro. — Não.

A palavra saiu da minha boca, cortante e resoluta antes que eu pudesse processar seu significado.

Os olhos de Kai se estreitaram, uma pergunta pairando no ar. Mas ele desviou o olhar, uma expressão pensativa gravada em seu rosto. Ele não disse mais nada, optando por não verbalizar suas preocupações.

Recostei-me e olhei para minha bebida como se as respostas às suas perguntas não formuladas estivessem escondidas no líquido âmbar.

Kai passou a mão pelo cabelo escuro e soltou um longo suspiro. — Então, essa mulher, Eva, é filha de Franco. Ele sabe quem você é?

Levantei a barra da minha camisa até uma cicatriz desbotada em meu abdômen. — Há dois anos, peguei a ponta de uma lâmina e ele fez minhas suturas. Ele não sabe da minha conexão com James... por enquanto.

— Você não está planejando conhecê-lo, está? — Ele correu para a beira do sofá, com uma expressão severa no rosto. — Ele vai juntar essa merda. Ele saberá que você fez isso. Então ela saberá. Pontas soltas, D.

— Ninguém toca nela. — Minha voz saiu mais como um rosnado do que como palavras.

Ele levantou as duas mãos em sua defesa.

— Você me conhece, irmão. Eu nunca faria nada. Mas a notícia se espalha. E Franco não vai ficar calado sobre você dormir com a filha dele. E ela é policial? Derek, isso é uma merda do nível do Armagedom em que você está prestes a se aprofundar.

CAPÍTULO QUATORZE



Olhei para minha cama de infância. Embora difícil de ver debaixo da pilha de roupas, lençóis lilases com rosas brancas ainda adornavam o colchão queen-size no centro do quarto. Virei meu corpo na frente do espelho pela enésima vez desde meu banho, uma hora atrás. Por motivos que me recusei a examinar, mudei de roupa seis vezes, mexi no cabelo e não consegui decidir quais sapatos ainda seriam práticos, mas também me dariam alguns centímetros de altura.

Eu finalmente joguei meus braços para cima, percebendo o quão ridículo eu estava agindo. Desde quando eu me esforçava para impressionar um homem?

Era apenas Derek.

Coloquei um suéter de tricô grande demais e soltei o cabelo, passando os dedos pelas ondas e suspirando. *Apenas Derek*, repeti em meus pensamentos – um lugar onde seu nome, rosto e cheiro fixaram residência nos últimos dois dias. Eu queria me convencer de que minha atração por ele se devia apenas à sua ligação com James, mas eu sabia que não. Ele me fez sentir coisas que não sentia há muito tempo.

Ele foi tão ousado. Então vá em frente. Eu poderia tê-lo se quisesse.

E eu fiz. Porra, eu fiz.

Eu simplesmente sabia que ele seria um amante apaixonado. Aqueles braços, aquele peito – por que eu tinha esse desejo, essa necessidade de ser devastada, jogada de um lado para o outro e desrespeitada da pior e da melhor maneira possível?

Meus olhos se fecharam por vontade própria e reprimi um gemido quando pensei naquele homem entre minhas pernas.

— Eva? — meu pai bateu na porta. Sua voz, embora suave, me assustou e meus olhos se abriram.

— Entre — eu disse, inclinando-me perto da minha penteadeira enquanto fingia retocar um delineador sutil em volta dos lábios.

Sua figura corpulenta entrou, com as mãos nos bolsos do uniforme azul. Senti seus olhos em mim e uma estranha tensão irradiando de sua postura. — Você vai encontrá-lo de novo, não é?

Fiz uma pausa para encontrar seu olhar examinador no espelho. — Ele estará aqui em cerca de vinte minutos. Temos planos.

— Não acho que seja uma boa ideia.

Eu me virei. — Eu não entendo. Por que?

— Porque você não conhece esse homem, Eva. Ele pode ser qualquer um. Só porque ele é do sangue de James não lhe garante automaticamente entrada em nossa família e em nossas vidas.

Seu desdém por Derek era ridículo e infundado. Ele nunca o conheceu e já estava descartando-o sem lhe dar uma chance. Ele e James eram tão próximos há muitos anos. Nada disso fez sentido.

— Então conheça-o. Dê a ele o benefício da dúvida. — Peguei sua mão na minha. — Você duvida do meu julgamento?

As narinas do meu pai dilataram-se quando ele respirou fundo. — Claro que ele é legal com você. Tudo o que ele vê é uma mulher linda e ingênua, disposta a fazer qualquer coisa em nome da redenção para se livrar da culpa pelo que aconteceu naquela noite.

Suas palavras me cortaram profundamente e senti lágrimas arderem em meus olhos. Talvez em algum lugar lá no fundo eu estivesse com medo de que o que ele disse fosse verdade.

— Uau, isso dói. Então, ele só é legal comigo porque quer dormir comigo?

Meu pai colocou as mãos em concha no meu rosto. Eles eram quentes e cheiravam a sua loção pós-barba exclusiva. O mesmo que ele usava desde que eu era pequena. Estava em casa. E assim, minha raiva se dissipou, transformando-se em tristeza.

— Isso não foi o que eu quis dizer. Eu só quero que você tenha

cuidado. Guarde seu coração, Eva. Ele não é James.

— Papai, eu sei disso. — Contive a torrente de emoções que ameaçava transbordar, a dor crescendo em minha garganta. — Eu vou ficar bem. E Derek... não se preocupe com ele. Ele é um cara legal — assegurei-lhe com um sorriso forçado.

Um cara legal.

Eu tive que acreditar nisso. Eu queria acreditar, mesmo que uma pequena voz no fundo da minha mente me avisasse que havia coisas sobre Derek que o tornavam diferente de qualquer pessoa que eu já conheci. Segredos que dispararam alarmes em meu coração.



— Eu estou atrasado?

Derek subiu os degraus da varanda do meu pai com o andar de um predador. Cada movimento metódico. Pretendia evocar uma reação, atrair toda a minha atenção. E porra, ele tinha isso. Seu sorriso era largo, inclinado para o lado, e seus olhos queimavam os meus como se ele estivesse fazendo questão de ver diretamente dentro da minha alma. Engoli em seco, encontrando minha voz assim que ele chegou ao topo da escada de concreto.

Sentindo a vontade de jogar meus braços em volta de seu pescoço, apertei meus punhos ao lado do corpo.

— Na verdade, você está dez minutos adiantado.

— Então, isso é só você me prestando serviço na calçada. Fico lisonjeado.

Revirei os olhos, incapaz de reprimir o sorriso que se espalhava pelo meu rosto. — Você não é o único com câmeras e segurança adequados para o Expurgo anual. Você e meu pai têm isso em comum.

Meu pai era um homem rico. Sempre pensei que sua vigilância exagerada fosse um exagero paranoico, mas entendi, especialmente depois do que aconteceu com James. Demorou apenas um milésimo de segundo para que meus pensamentos viajassem até aquela noite e as intermináveis hipóteses que assombravam meu subconsciente.

Derek deve ter notado como meus ombros caíram e meu

sorriso se transformou em uma carranca. Seu dedo ergueu meu queixo, e de repente eu não conseguia me lembrar de quando ficamos tão confortáveis em nos tocar.

Mas eu gostei.

— Ei, vamos encontrá-la — disse ele naquele tom suave e aveludado que transformou meu interior em gelatina.

Coloquei a mão em seu pulso e consegui sorrir. — Você quer entrar?

Os olhos de Derek escureceram, e seu aperto em meu queixo aumentou quando ele se inclinou mais perto, seu hálito mentolado soprando em meu rosto.

— Oh, eu gostaria disso, anjo — ele sussurrou, o polegar acariciando minha bochecha.

Meu corpo era uma prostituta traidora.

A maneira como apertei os músculos da panturrilha para me convencer a não pular e montar nele foi totalmente vergonhoso. O pior é que ele sabia como suas palavras e sua proximidade me afetavam. Seu sorriso maroto só se alargou quando coloquei a mão sobre seu peito e desviei seu olhar.

No dia em que fui conhecer Derek Cain, nunca em meus sonhos mais escandalosos imaginei que ele seria tão atraente, carismático e irritantemente sexy ao mesmo tempo.

— Eu quis dizer lá dentro... conhecer meu pai — eu disse com uma voz sussurrada, esticando meu pescoço para que nossos lábios ficassem a apenas alguns centímetros de distância. Eu poderia jogar o jogo dele também.

Ele colocou a mão no meu quadril, agarrando meu suéter e me puxando em sua direção.

— Claro que você fez. O que mais você quis dizer?

O cheiro inebriante de sua colônia fazia coisas estranhas nas partes da minha mulher. Era fresco, caro e muito tentador.

— Eva!

A voz aguda do meu pai nos assustou, me fazendo estremecer. Eu me virei e tentei me distanciar de Derek, mas ele me agarrou com mais força e me puxou contra sua frente, a mão espalmada em meu abdômen. Por mais bobo que fosse, me senti estranhamente protegida

— Pai... este é Derek. — Não fiz nenhum esforço para me afastar de seu abraço, mesmo sabendo que deveria. — Este é o filho de James. — A superfície dura do peito de Derek ficou tensa com minhas palavras.

Eu imaginei que meu pai ficaria feliz em conhecer o filho distante de seu falecido melhor amigo. Seu único filho. Mas a expressão dura em seu rosto gritava o contrário. Eu nunca tinha visto meu pai olhar para ninguém do jeito que olhava para Derek.

Ódio?

— Eu sei quem ele é.

Eu finalmente quebrei o aperto de Derek, meus olhos passando entre os dois homens, estreitados em confusão enquanto eles se encaravam. Olhos castanhos e tempestuosos contra olhos azuis divertidos. — Você... conhece Derek?

Os olhos escuros do meu pai rolaram para encontrar os meus e ele balançou a cabeça. — Não. Eu quis dizer que eu sabia quem ele era porque você me disse que ele viria.

Derek saiu de trás de mim e ergueu a mão para cumprimentar meu pai, que hesitou antes de retribuir o gesto.

A tensão pairava no ar enquanto os homens trocavam falsas gentilezas. Fiquei perplexa e desapontada, percebendo o quanto eu queria que eles se dessem bem. Quando comecei a questionar o comportamento estranho deles, meu celular vibrou no bolso. Era uma mensagem do primo de Rayne, Cody, dono de um ferro-velho do outro lado da cidade, onde deveríamos nos encontrar.

— Derek, temos que correr. Meu contato sai em trinta. Temos tempo suficiente.

— Eva. — A voz do meu pai vacilou quando ele me puxou para longe de Derek. — Você não vai a lugar nenhum com ele.

— Eu não estou discutindo isso com você agora. Conversamos depois. — Ele tentou agarrar meu pulso, mas eu me soltei. — Mais tarde — eu repeti, girando e passando por um Derek muito presunçoso.

Lá soaram aqueles alarmes novamente.

CAPÍTULO QUINZE



O caminho até o ferro-velho foi silencioso. Eva parecia pensativa, olhando pelo para-brisa quase hipnoticamente. De vez em quando, eu via seus olhares furtivos em minha direção, uma pergunta ou comentário transbordando de seus lábios, mas ela não falava nada. Eu sabia o que a estava incomodando: o encontro tenso entre Franco e eu. Não havia dúvidas sobre a consciência que passou por seu rosto quando ele me viu e a maneira íntima como eu segurei sua filha.

— Você vai falar comigo? Ou apenas ficar aí sentada com uma aparência bonita?

— Derek — ela meio que choramingou, o som agitando meu pau. Eu queria ouvi-la gemer meu nome novamente, mas em uma circunstância muito diferente. De preferência com meu punho enrolado naquele cabelo comprido enquanto eu estava enterrado até as bolas profundamente em sua boceta.

— Eu simplesmente não o entendo. Não é típico dele ser tão frio e reservado. E para você, de todas as pessoas. Ele e James eram como irmãos.

— Não estou ofendido, anjo — eu disse com uma risada. — Eu não sou exatamente o favorito de muitas pessoas. E, francamente, prefiro assim. A menos que chegue até você. Talvez ele não fosse fã das minhas tatuagens.

Ela se virou para mim, confusão e intriga escritas em seu rosto. — Você continua me chamando assim. Anjo.

Parei em um terreno baldio bem perto do nosso destino, mas continuei dirigindo até passar do final do estacionamento, até que

meu carro ficou obscurecido por uma cerca viva espessa de árvores e arbustos. Desliguei o motor e me mexi no banco, olhando para o relógio. Tendo chegado mais cedo do que o esperado, imaginei que poderíamos nos dar ao luxo de um ou dois minutos.

— Você não gosta disso?

— Eu nunca disse isso. Eu só estou curiosa. E por que estamos no mato?

Seus lábios formaram um beicinho.

— Bem, primeiro, veja onde estamos. Perseguir leva a um lugar como este por causa de uma garota que você mal conhece. Isso exige muita compaixão. E estou aqui porque não sei quem diabos é esse cara, Cody.

— O histórico de Cody está limpo. E conheço Rayne há quatro anos. Isso se chama ser humano, Derek.

Ela e eu tínhamos duas definições muito diferentes desse conceito. Havia uma lista obscenamente curta de pessoas pelas quais eu morreria e mataria. E, resumindo, eu quis dizer um. Kai era o irmão que eu nunca tive, e a merda que passamos juntos, as coisas que fizemos e fomos forçados a fazer, nos uniram para o resto da vida. Meus olhos se voltaram para a mulher sentada no banco do passageiro. E algo nela desvendou minha declaração anterior. Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e me observou com expectativa, esperando por uma resposta ou possivelmente uma refutação, mas tudo que pude fazer foi sorrir.

— Há aqueles que se destacam nessa tarefa e outros que falham miseravelmente — comecei, ignorando o assunto Cody e Rayne. Eu não me importava com eles. — E o lado em que se poussa é puramente objetivo.

— É mesmo?

Estávamos navegando em águas perigosas e, portanto, era necessária uma mudança de assunto. Empurrei a porta e saí do carro e, sem questionar, ela me seguiu.

— Então, qual é a razão pela qual seu informante não pôde lhe dar essa informação por telefone ou mesmo por uma maldita mensagem de texto?

Ela se afastou do meu carro e se dirigiu para a entrada do prédio. Acompanhei seus passos menores e esperei impacientemente pela resposta que ela estava arrastando sem um bom motivo.

— Eva? — Eu gentilmente puxei seu braço.

— Ele disse que só me daria o que eu precisava pessoalmente. Eu não queria vir aqui sozinha, então liguei para você. — Ela me olhou, da cabeça aos pés. — Na verdade, basta olhar para você e ele provavelmente estará menos inclinado a tentar alguma coisa.

Eu joguei minhas mãos para cima. — Você concordou conscientemente em vir aqui, mesmo sabendo que esse cara era suspeito? E se eu tivesse dito não?

— Isso não é apenas sobre Rayne.

Ela se soltou de meu braço e começou a andar novamente. Mas eu a peguei e a girei.

— O que mais vale a pena arriscar sua segurança?

Eu não iria deixá-la entrar em situações perigosas de boa vontade, não até que eu estivesse satisfeito.

— James tinha ligações com Belov. E se foi ele quem ordenou o ataque? Rayne é a chave para Yuri e Dmitry. — Seus olhos ficaram enevoados. Cerrei os dentes, odiando que ela tivesse uma ligação tão emocional com aquele saco de merda, James. — Eu preciso encontrá-la. Eu preciso que ela fale. Para ela me contar o que sabe.

Soltando-a, cruzei os braços sobre o peito.

— Você não tem um departamento inteiro que pode cuidar disso?

— Rayne está fora dos registros. Não temos nada sólido sobre os irmãos Belov que possa aderir. Confie em mim; nós tentamos.

Eva abriu um portão frágil e eu a segui por um caminho de cascalho.

— O que faz você pensar que qualquer informação que essa garota tenha seria válida? Sem ofensa Eva, ela é uma viciada e uma prostituta.

Ela lançou um olhar penetrante para mim e acelerou seus passos. — Eu sei. Mas talvez... isso seja para mim.

— Pare. — Meu tom foi mordaz, fazendo-a parar diante da autoridade por trás disso. — O que você acabou de dizer?

Eva mordeu o lábio, seus olhos brilhando com o que só pude deduzir ser medo por apenas uma fração de segundo antes de ela

endireitar os ombros.

— Você não entenderia.

— Eu não posso se você não me contar. O que é isso? Algum plano de vingança? — Eu ri sem humor. — Sua amiguinha te diz o que você quer ouvir, e depois, o que? Você vai disparar armas contra a propriedade de Belov? — Dei uma olhada em sua pequena figura e balancei a cabeça. — Isso é ridículo.

Ela cerrou a mandíbula e girou sobre os calcanhares.

— *Eva*.

O tom na minha voz não funcionou desta vez.

— Vá se foder — ela cuspiu de volta, continuando seus passos duros pelo caminho irregular.

Eu era um filho da puta, então não foi nenhuma surpresa que, enquanto ela saía furiosamente, insultada pelas minhas palavras e insinuações de suas capacidades, tudo que eu podia fazer era observar sua bunda doce e fantasiar sobre o quanto eu queria cravar os dentes em cada bochecha e saboreá-la de ponta a ponta.

Assim que eu corri atrás dela, uma porta de vidro escurecida se abriu e um filho da puta alto, com cara de Esqueleto, parou na frente de Eva. Ela recuou um passo, permitindo-lhe um espaço mais amplo.

— Você é Eva? — ele perguntou com um sorriso um pouco feliz demais para o meu gosto.

— Eu sou — ela respondeu enquanto eu a flanqueava.

— Eu não sabia que você estava chegando com companhia.

Ele ousou olhar para meu rosto e forçou um sorriso. Não retribuí o gesto. Ele precisava entender que sua vida estava precariamente pendurada por um fio muito frágil. Se eu decidisse que não gostei do que ele tinha a dizer, de como o disse ou de como se dirigiu a Eva, então ele seria cuidado.

— Rayne é sua sobrinha? — Eva perguntou, ignorando sua declaração. Esqueleto assentiu. Mas então ele começou a fazer algo que deixou todos os meus sentidos em alerta. Seus olhos escuros iam e voltavam de Eva para o terreno baldio, como se ele estivesse esperando alguma coisa. Ou melhor, alguém. Mexendo nervosamente na camisa, ele levantou a bainha sem querer, expondo uma camiseta ensanguentada.

Uma armadilha.

Avancei e o agarrei pelo colarinho. — Você tem dois segundos para começar a falar. E acredite em mim, você não quer desperdiçá-los.

Seus olhos se arregalaram enquanto ele cantava como a porra de um canário. — Eles me obrigaram. Eu não tive escolha.

— Obrigou você a fazer o quê? Fale rápido, porque estou ficando sem paciência.

— Derek, o que você está fazendo? — Eva perguntou, com a mão no meu braço.

— Este homem armou para você. Portanto, só há duas opções aqui: ele morre, rápido ou lento.

Um pequeno suspiro saiu de meus lábios.

— Fale enquanto você ainda tem a língua.

— E-ele me disse que se alguém viesse perguntar sobre Rayne, era para avisá-lo. Ele matou Arnie e Russell para provar seu ponto de vista. — Lágrimas escorreram pelo seu rosto ossudo.

Rangei os dentes, mas antes que pudesse dizer uma palavra, o som do cascalho sendo esmagado fez minha cabeça girar em direção ao estacionamento.

— Eva, encontre um lugar para se esconder.

— O que? Espere, mas e você?

— Agora.

Ela não hesitou e eu a observei desaparecer atrás de uma parede de metal esmagado. Voltando minha atenção para o idiota ao meu alcance, lancei-lhe um largo sorriso. — Hoje é seu dia de sorte. Rápido, é isso.

Em um movimento rápido, eu torci seu cotovelo, e o estalo agudo de suas vértebras silenciou o grito estrangulado que ele se preparava para derramar.

Depois de arrastar seu corpo sob alguns estilhaços enferrujados, corri atrás de Eva quando vozes desconhecidas de vários homens chegaram aos meus ouvidos.

— Eva — chamei em um sussurro áspero. — Onde você está?

Uma pequena mão apareceu através de uma fenda estreita de carros esmagados. — Derek, há uma abertura maior no lado esquerdo.

Teríamos que discutir sua definição de grande quando saíssemos dessa tempestade de merda. Foda-me. As pontas pontiagudas do metal atingiram minha pele, mas eu empurrei, encontrando-me preso em um espaço muito confinado com Eva pressionada contra mim.

Talvez isso não fosse de todo ruim.

— Derek, o que está acontecendo? Chamei reforços, mas um enorme destroço está bloqueando a interestadual. Não sei quanto tempo vai demorar.

Deve ter sido por isso que aqueles homens se atrasaram.

— Há um grupo de homens aqui, provavelmente os caras de Belov.

— Derek, se eles nos encontrarem...

— Eu estarei morto. Mas você estará em circunstâncias muito piores, se é que me entende.

Ela estremeceu contra mim e descansou a cabeça no meu peito.

— Merda, merda. Isto é minha culpa.

Sua angústia arrepiou lugares dentro de mim dos quais eu nunca tinha percebido.

— Ei, o carro está fora de vista. Pelo que eles sabem, nunca chegamos.

Os dedos de Eva enrolaram-se no tecido da minha camisa e ela balançou a cabeça. — E Cody? Ele não mentirá por nós.

Coloquei minhas mãos em seus quadris. — Ele não será um problema.

Um raio de sol iluminou uma parte de seu rosto. Suas íris, geralmente de um marrom escuro, brilhavam em bronze contra o brilho. Eles eram hipnotizantes, movendo-se para frente e para trás.

— O que isso significa? Você não estava falando sério sobre o que disse lá atrás, não é?

Eu não poderia dizer a ela que quebrei o pescoço do bastardo. Então fiz o que fazia de melhor quando se tratava de Evangelina.

Menti.

— Claro que não. Eu o coloquei para dormir e o escondi atrás de alguns estilhaços. Ele não vai acordar tão cedo.

Ela hesitou momentaneamente, provavelmente digerindo minhas palavras, antes de fechar os olhos e acenar com a cabeça contra minha camisa. Seu aperto em mim aumentou enquanto ela empurrava seu corpo para frente.

— Desculpe. Há um pedaço de metal nas minhas costas.

— Você acha que estou chateado por ter você aqui? Assim? Porque apesar do que está acontecendo lá fora, não estou muito chateado com o nosso esconderijo secreto.

Um gemido suave escapou dela.

— Você está tremendo. Espaços pequenos deixam você nervosa? — Meus lábios estavam contra a linha do cabelo dela, e eu agarrei as alças do cinto de sua calça jeans, arrastando-a para mais perto, com o pau duro contra seu abdômen. Eu sabia que ela sentia o efeito que causava em mim, mas não disse nada, nem tentou se afastar.

— Não, na verdade não. É que você e eu...

Eu a interrompi no meio da frase, deslizando minhas mãos pela parte de trás de suas coxas e levantando-a até minha cintura. Ao nível dos olhos agora, suas sobranceiras estavam levantadas, chocada com minha ousadia.

— Há mais espaço para você aqui. Isso não é melhor?

— Que conveniente para você — ela disse em um sussurro.

Eu ri, meus lábios contornando a curva de seu pescoço. — Foi um pouco apertado lá embaixo para mim também.

— Percebi.

Abaixando a cabeça até o ombro dela, ri de novo, o som abafado pelo tecido da camisa dela.

— Apenas espere — eu disse, a boca roçando o topo de sua orelha.

As coisas que eu queria fazer com ela. O fogo queimou em minhas veias quando ela enganchou as pernas em volta do meu torso, e meu alcance mudou para cima, os globos de sua bunda em cada

mão.

Eva se inclinou na curva do meu pescoço. — Você vai se cansar de me abraçar. — Sua respiração estava quente na minha pele.

— Sem chance. Eu poderia fazer isso a noite toda, anjo. — A ponta do meu nariz roçou o dela.

— Isso está certo?

— Pergunte o que você realmente quer saber, Eva — eu sussurrei contra sua pele antes de acariciar seu pescoço, queixo e lábio inferior.

Ela estremeceu e fechou os olhos, balançando a cabeça lentamente. — Não sei do que você está falando.

— Com certeza. Você quer saber por quanto tempo e quão bem posso te foder nesta posição, não é?

Eva murmurou meu nome, mas o som foi diferente do que eu esperava. A voz dela não estava revestida de desejo pelas minhas palavras descaradas. Com seus punhos apertando minha camisa com mais força e sua respiração ofegante e superficial, era evidente que algo completamente diferente estava acontecendo.

CAPÍTULO DEZESSEIS



Dez, nove, oito, sete...

Respire. Apenas Respire. Ele não vai me machucar. É Derek.

É só... Derek.

Flashes do rosto *dele*. Mãos em cima de mim. A sensação quente e úmida de sua língua contra minha pele. Meu peito estava pesado, as paredes desabando. Muito pequeno. O espaço muito apertado.

Muito confinado.

Apertei meus olhos fechados, gotas de suor escorrendo pelos lados do meu rosto, correndo paralelamente ao fluxo de lágrimas derramando por aquela garota em minha mente. Aquela que mantive trancada e segura.

Aquela garota estúpida, estúpida e ingênua.

— Ei, o que há de errado? — A mão fria de Derek espalmou minha testa e eu recuei diante de seu toque. — Olhe para mim. O que está acontecendo? Por que você está respirando assim?

Ele parecia perturbado e confuso. Balancei a cabeça a seu pedido e mordi o lábio até que a ferida cicatrizada se abriu. O gosto de sangue encheu minha boca, outra lembrança ligada àquela noite.

Para *ele*.

— Eva, me desculpe. Talvez eu não devesse ter feito isso ou dito essas coisas.

— N-não é você — eu gaguejei, minha voz quase um sussurro.

— Não foi você.

O silêncio nos envolveu, e o braço em volta da minha bunda apertou, me pressionando com mais força contra seu corpo.

— Alguém machucou você, anjo? — Sua voz estava tensa, falada entre os dentes cerrados, como se soubesse por que entrei em pânico. — Diga-me. Quem?

Gritos do lado de fora da parede de metal me fizeram enrijecer e deixar cair a cabeça em seu ombro. Eu precisava me recompor. Se estes fossem os homens de Belov e nos encontrassem, estaríamos na merda. Eu não poderia me dar ao luxo de ter um colapso. Eu devia isso a Derek por arrastá-lo para esta situação por minhas próprias razões egoístas.

Seis, cinco, quatro...

Coloquei minha boca perto de sua orelha e circulei seu pescoço. — Segure-me e não se mova.

Derek assentiu, um braço serpenteando em volta do meu torso.

Posso fazer isso a noite toda, anjo.

Um tipo muito diferente de tremor percorreu meu corpo e atingiu meu núcleo, alimentando as brasas de um fogo que ele deixou aceso desde o dia em que nos conhecemos.

— Diga-me o nome dele — ele exigiu em um sussurro áspero.

— Isso foi há muito tempo, Derek. Ele não importa.

Seus dedos cravaram em mim. — Isto. Importa.

A luz das aberturas acima de nós realçava o tom gelado de seus olhos. Eles eram hipnotizantes, turbulentos – do tipo em que uma garota poderia se perder e se afogar.

— Se conseguirmos sair daqui...

Seus lábios roçaram um ponto atrás da minha orelha que roubou meu fôlego.

— Ninguém jamais tocará em você.

Essas foram as últimas palavras que ele disse nos dez minutos seguintes, embora parecesse que horas haviam se passado. Ao longe, um motor ronronou, seguido por inúmeros outros. Os pneus cantavam e protestavam contra o cascalho irregular enquanto a frota de carros arrancava e o mundo ficava em silêncio.

Nenhum de nós falou por mais alguns instantes, ambos no mesmo comprimento de onda, esperando para o caso de algum retardatário.

— Eles se foram — disse ele, e eu concordei com a cabeça.

Colocando minhas mãos em seus ombros, tentei abaixar as pernas até o chão, mas ele se manteve firme.

— Vou sair primeiro. Certifique-se de que esteja limpo; então eu irei buscar você.

— Que diabos você é. Sou eu quem tem o distintivo aqui.

— E eu tenho o pau e as bolas. Você acha que vou deixar você dançar lá fora enquanto eu me escondo aqui como uma vadia?

Estreitei os olhos para ele e bufei. — Ah, me deixar?

— Não seja uma pirralha, Eva.

— Foda-se.

Com dois punhos em seu peito, me afastei e deslizei por seu corpo, recuando contra a parede irregular. Nós dois olhamos para a pequena entrada e ele inclinou a cabeça em alerta.

— Evangelina.

Mas ele foi um segundo lento demais, e eu mergulhei fora de seu alcance, agachei-me e rastejei para fora. Seu corpo enorme não poderia ser tão imprudente, então eu estava em vantagem. Uma vez livre, fiquei de pé e saquei minha arma, manobrando cuidadosamente entre os destroços. Não demorou muito para Derek me flanquear, com sua própria arma na mão. Como instrutor tático, eu tinha certeza de que ele carregava armas legalmente, mas interiormente me repreendi porque nem sabia que ele estava armado. Isso foi negligência da minha parte como oficial.

Chegamos ao terreno árido, recebidos apenas por profundas trincheiras na terra deixadas pelos homens de Belov.

Colocando minha arma no coldre, me virei para Derek e suspirei de alívio.

— Desculpe. Eu não deveria ter trazido você aqui. Isso foi irresponsável da minha parte. Você é um civil, não meu parceiro. Eu acabei de...

— Cale-se.

Pisquei em rápida sucessão, pega de surpresa por suas palavras e pelo veneno por trás delas. — Você já se colocou em perigo assim... — Sua boca se apertou em uma linha tensa. — E se eu não estivesse aqui?

Soltei um suspiro exasperado. — Você está falando sério? Pare de me tratar como se eu não fosse policial há oito malditos anos. Como se eu fosse uma garota fraca que não consegue...

As mãos de Derek cavaram no cóis da minha calça jeans, e ele me puxou com tanta força que bati na superfície sólida de sua frente. O impacto quase tirou o ar dos meus pulmões. Ele agarrou meu queixo e inclinou meu rosto à força, encontrando meus olhos arregalados.

Foda-se, por que eu estava tão excitada agora?

— Eu preciso que você entenda uma coisa. Você está na minha vida agora. Você não será imprudente. — Ele trouxe os lábios até meu ouvido e rosnou. — Minha.

A palavra disparou através de mim como um pulso elétrico, cada centímetro de mim ganhando vida enquanto a faísca se instalava profundamente em meu centro, latejando, queimando. Quente.

— O que você acabou de...

Um estrondo alto e o barulho do metal me interromperam. Como uma equipe sincronizada, nossas costas colidiram, cada um com a arma em punho, prontos para qualquer ameaça que nos aguardasse.

— Você ouviu isso? — Eu perguntei, levantando um dedo, sinalizando para ele ficar quieto.

Derek assentiu. — De onde isto está vindo?

Eu o silencieei no momento em que ouvi outro grito suave.

— Um bebê?

Sem dizer uma palavra, segui o barulho e Derek nos calcanhares até chegar a uma pilha de metal retorcido que havia desabado sobre si mesmo. Os gritos estridentes ficaram mais frenéticos e eu coloquei minha arma na mão de Derek, tirei minha jaqueta e me agachei enquanto espiava pela pequena abertura.

— Eva, o que diabos você está fazendo?

Tirando a terra e o cascalho do caminho, entrei lentamente na fenda.

— Você não vai entrar aí, vai? Eva!

À medida que me aproximei do barulho, o chão mergulhou sob meu corpo em uma abertura de cerca de sessenta centímetros de largura. — Derek, segure minhas pernas. Está vindo deste buraco no chão e não quero cair.

— Foda-se — ele rosnou, me puxando para trás pelos tornozelos.

Mas eu me liberei de seu aperto e rastejei para frente novamente. — Não se atreva! Estou fazendo isso com ou sem a sua ajuda.

Outro grunhido ecoou no túnel raso atrás de mim. — Você é uma mulher exasperante, sabia disso? E se você se machucar? Já ouviu falar de tétano?

Não pude deixar de sorrir pelo fato de ele se importar tanto. Fez coisas comigo... coisas quentes e deliciosas em partes muito específicas da minha anatomia.

— Derek, apenas me abrace... por favor.

Eu deveria ter me sentido culpada pela maneira sensual com que implorei? Provavelmente. Mas não o fiz. Isso fez o trabalho, afetou-o quando ele não disse nada, mas hesitantemente colocou a mão sobre cada uma das minhas panturrilhas, embora com mais força do que o necessário.

E minha pele queimou onde ele tocou.

Você e eu seríamos tão bem juntos.

Essas palavras se repetiram em meus pensamentos um número obsceno de vezes. Necessário será dizer que procurei meu namorado movido a bateria mais de uma vez na noite passada.

— Quando você retirar um guaxinim raivoso, não diga que não tentei avisá-la.

— Anotado — eu disse secamente, revirando os olhos. Fale sobre um assassino de humor.

Abaixei-me no buraco e tateei ao redor, esperando que a piada de Derek sobre o guaxinim não se manifestasse de fato. Pelo macio emplumado sob minha palma, e eu abafei um grito, não querendo dar a ele a satisfação de estar certo.

Não é um bebê.

Fechei os olhos com força e tateei ao redor, com os nervos à flor da pele, quando agarrei sua nuca e enviei uma oração por um gato ou cachorrinho, não por um rato gigante.

— Oh meu Deus, é um gatinho.

Derek zombou. — Um maldito gato?

Ele me puxou de volta até que eu sáísse completamente, o gato embalado contra meu peito. — Você arriscou pontos e injeções dolorosas por causa de um maldito gato de rua? — Ele me puxou para seu colo.

Como minhas mãos estavam ocupadas com um gato malhado cinza, Derek me surpreendeu afastando com ternura o cabelo do meu rosto. Eu estava pressionada contra seu peito, sua boca perto da minha orelha.

— Pensei ter dito para você não ser imprudente, anjo.

Virei meu rosto, nossos lábios separados por centímetros. Deus, eu queria diminuir a distância entre nós e morder aquela maldita boca carnuda. Como seria a sensação em outras partes do meu corpo?

Em todas as partes.

— Então você teria sido o tipo de irmão mais velho superprotetor? — Minha voz era baixa e calma, esperando que ele mordesse a isca. Nenhum de nós seria estúpido o suficiente para negar a química que surge entre nós. Não havia nada de fraternal no jeito faminto com que ele olhava para minha boca.

— Levante-se — ele exigiu, a voz tensa.

— Você está tão tenso — respondi, deixando que ele me colocasse de pé. — Estou bem. Os homens de Belov se foram e...

O sangue em minhas veias gelou quando meus olhos pousaram em Cody sem vida. Derek seguiu minha linha de visão e hesitou antes de se virar para mim.

— Parece que os homens de Belov queriam mantê-lo quieto.

CAPÍTULO DEZESSETE



— Cody morreu de uma medula espinhal cortada. Pelo menos é o que indica o relatório preliminar.

Empurrei uma caixa de areia preta para um canto da sala na entrada e enfiei meu celular no bolso de trás. Derek estava encostado em uma prateleira, com os braços cruzados sobre o peito, parecendo comestível sem esforço, apesar do caos do dia. Enquanto isso, eu estava um desastre, a sujeira ainda grudada na frente da minha calça jeans e camisa, e uma camada dela desconfortavelmente embaixo das minhas unhas.

— Sério? — ele perguntou, quase entediado.

— Por favor, não fique muito chateado com isso ou algo assim.

— Vou tentar me controlar — disse ele, enviando uma piscadela em minha direção.

Maldito Derek.

Porra.

Derek.

Deus, eu foderia totalmente com Derek.

Era louco. Sem sentido. Eu só conhecia o homem há três dias, mas ele estava em minha mente mais do que nunca.

— Tem certeza de que está segura aqui?

— Sim, mudei todas as fechaduras, reforcei as portas e atualizei meu sistema de segurança. Se ninguém veio me procurar ainda, não acredito que eles voltarão. — Eu provavelmente estava

tentando me convencer mais do que ele.

— Talvez você esteja certa — disse ele. Fiquei surpresa por ele não ter apresentado mais argumentos.

Limpando as mãos na frente da minha calça arruinada, passei por ele, sabendo que ele me seguiria, e parei no final da minha escada.

— Fique de olho em Diego.

— Você chamou o vira-lata de *Diego*?

Subi um degrau e apoiei a mão no corrimão. — O que? Você nunca viu *A Era do Gelo*?

— Não — ele brincou.

E imediatamente tive vontade de me dar um tapa. Derek cresceu órfão até a adolescência. Eu me senti uma idiota.

— Sinto muito... Eu não deveria ter perguntado isso. Foi insensível da minha parte.

— Eva. Suba e tome banho. — O poder por trás de sua voz abalou meu núcleo. O calor se espalhou por mim lentamente, e espalhei as mãos contra as coxas para me impedir de alcançá-lo. — E faça isso antes de eu segui-la. *Diego* vai ficar bem.

Porra.

Rolei meus lábios para dentro, minha garganta de repente seca. Não confiando na minha voz, simplesmente balancei a cabeça.

Eu só tinha dado mais três passos antes que outro arrepio percorresse meu corpo. — Ah, e Eva? Tranque sua porta.

Virar-se não era uma opção; fazer isso só levaria a decisões erradas e possivelmente a uma pílula do dia seguinte.

Fechei a porta do meu quarto e atravessei apressadamente a distância até o banheiro. Apoiando-me na penteadeira, respirei fundo pelo nariz e expirei pela boca.

— Reconponha-se, Eva.

Agarrando a barra da minha camisa, puxei-a pela cabeça e joguei-a no cesto. Quando me virei para encarar o espelho, fiquei horrorizada com o reflexo olhando para mim. Há quanto tempo eu estava assim? Rímel manchado. Sujeira manchada na minha testa. Franzi o nariz e alisei o cabelo para trás, me convencendo de que tudo tinha acontecido no caminho para o chuveiro.

Tranque sua porta.

As palavras ecoaram em minha mente, forçando meus olhos a fecharem e um gemido suave escapar de meus lábios apertados. Derek era um homem ousado e confiante com a boca suja. Um arrepio percorreu minha espinha com a perspectiva de sua destreza no quarto.

Abri os olhos abruptamente quando as lembranças do que aconteceu naquele ferro-velho ressurgiram. A situação terrível, o espaço apertado e talvez a natureza dominadora de Derek tenham desencadeado o trauma que sofri quando era uma estudante universitária burra. Eu não precisava dizer isso, mas de alguma forma ele sabia. Tinha uma ideia de por que agi daquela maneira. Ele queria saber seu nome e tive a sensação de que continuaria pressionando. Empurrei os pensamentos sobre o que ele faria com a informação para um canto escuro da minha mente, junto com todas as outras bandeiras vermelhas pertencentes a Derek Cain.

Ao longo dos anos, recusei-me a pensar nele, muito menos a dizer seu nome em voz alta. E eu também não estava pronta para isso.

Eu perdi o controle. Os demônios que eu mantinha trancados haviam subido à superfície. Mas eu não poderia deixar isso acontecer novamente com Derek.

Pergunte o que você realmente quer saber, Eva.

Liguei o chuveiro, deixei o banheiro encher de vapor, e meus mamilos endureceram quando o calor envolveu meu corpo nu. Meus olhos se fecharam e a umidade se acumulou entre minhas coxas enquanto eu o imaginava entrando pela porta e me tendo como quisesse.

Você quer saber por quanto tempo e quão bem posso te foder.

Sim, eu queria muito.

Um gemido ofegante me escapou enquanto minha mão viajava para o sul, deslizando lentamente sobre meu umbigo e entre minhas pernas...

Mordi o lábio e gemi, encostando-me na parede enquanto a água quente caía em cascata sobre meu rosto. Então deixei cair minha mão.

Não com ele lá embaixo. Não seria suficiente. Eu precisava da coisa real e estava determinada a consegui-la. Girando a manivela, mergulhei rapidamente sob o jato frio.



Derek parecia perdido em pensamentos, os olhos fixos nas fotos em minha cômoda. Mas seu olhar parecia distante, como se ele estivesse olhando através das molduras e não para elas. Se ele percebeu minha presença, não disse nada nem desviou sua atenção.

— Este é seu irmão? — ele finalmente perguntou depois de incontáveis segundos.

— Sim, esse foi Frankie. Essa foi a formatura dele no ensino médio. — Meu estômago ficou pesado quando as seguintes palavras saíram da minha boca. — Ele morreu dois meses depois. Ele foi assassinado. — Respirei fundo antes de continuar. — E eu estava com ele quando isso aconteceu.

Derek finalmente olhou para mim, com as sobrancelhas escuras franzidas. — Você estava com ele?

Eu balancei a cabeça.

Houve um tempo em que as feridas da dor eram recentes, em que eu chorava só de pensar no nome dele ou de lembrar de sua risada. Mas Frankie já havia partido há muito tempo e, embora meu coração doesse por aquele garoto louco e espirituoso que eu tanto amava, às vezes eu me perguntava se ele algum dia esteve aqui. Eu imaginava ter um irmão há quinze anos? Papai nunca falou dele. Ele retirou todas as suas fotos, jogou fora seus pertences e transformou seu antigo quarto em um depósito. Meu irmão era um fantasma – um fantasma vivo apenas em minhas memórias desvanecidas.

A mão de Derek estava na minha cintura, a outra inclinando meu rosto. O azul em suas íris escureceu.

— Diga-me. — Ele empurrou o cabelo atrás da minha orelha. — Você se machucou?

— Não — eu disse, balançando a cabeça. — Eu corri. Ele me disse para correr. Eu tinha quinze anos. Recebi alta depois de três dias no hospital. Ele queria me animar. — Lágrimas brotaram dos meus olhos pela primeira vez em anos ao pensar na morte de Frankie. — Estávamos apenas dando um passeio.

O polegar de Derek varreu as gotas da minha bochecha. — Me

desculpe por ter perguntado. Eu não queria que você ficasse chateada.

Embora seu gesto e tom de voz fossem doces, seus ombros estavam tensos. Como se ele estivesse desconfortável. Eu não o culpei, no entanto. Eu o levei em um passeio selvagem nos últimos dias. E agora lá estava eu, chorando como uma idiota.

— Desculpe. Você deve pensar que sou patética. — Saindo de seu alcance, caminhei até o sofá e me deixei cair, enxugando as últimas lágrimas com as costas da mão. Graças a Deus eu optei por não usar rímel.

— Não acho que você seja patética — disse ele, sentando-se ao meu lado. — Isso teria sido uma experiência difícil para qualquer um. E eu sei uma ou duas coisas sobre traumas de infância.

Sempre que pensava nas atrocidades que Derek poderia ter vivido quando criança, sentia-me consumida pela culpa. O homem que me adorou e me amou infinitamente era o mesmo que abandonou seu próprio sangue para qualquer destino que o aguardasse em um sistema quebrado. Embora nosso relacionamento fosse muito novo e Derek ainda não tivesse revelado detalhes sobre sua infância, eu sabia que o que quer que fosse, o havia mudado. Endureceu-o.

Já conheci muitos homens culpados e sempre houve algo em seus olhos, janelas para a alma e tudo mais. Mas foi a ausência de luz.

De vida.

Eles estavam olhando para mim ou através de mim... assim como as molduras?

— Estarei fora da cidade nos próximos dias. — A voz de Derek me tirou dos meus pensamentos. — Tenho alguns negócios para cuidar.

— Negócios? — Ele levantou uma sobrancelha com a minha pergunta. — Desculpe. Você não me deve uma explicação. Vejo você quando chegar, eu acho.

Ele se inclinou, prendendo-me contra o braço do sofá e seu corpo.

— Você já esqueceu o que eu te disse, anjo?

Minha.

Como eu poderia esquecer? Eu estava ficando molhada só de pensar nisso.

Seus olhos estavam em meus lábios enquanto ele passava a mão pelas minhas costas.

— Não, mas não entendo — admiti sem fôlego, odiando que minha voz parecesse ter vontade própria.

— Eu sei que você ainda está presa à busca por essa garota. Mas preciso que você me prometa que não fará nada estúpido enquanto eu estiver fora.

Suas palavras aqueceram meu coração de uma forma que eu não sentia há muito tempo, mas também não pude deixar de ficar um pouco irritada.

— Você esqueceu que eu tinha uma vida e uma carreira inteira antes de nos conhecermos?

Ele soltou uma risada curta. — Palavra-chave: Antes. — Não foi nada gentil na maneira como ele agarrou minha bochecha e forçou nossos olhos a se encontrarem. E a maneira como seu domínio estava destruindo minha calcinha me fez questionar tudo. — Eu já avisei você. Você está na minha vida e...

— Sua — eu sussurrei, olhando diretamente em seus olhos.

Em um movimento rápido, ele agarrou meus quadris e me jogou em seu colo. Com uma mão na minha nuca, ele me puxou para baixo em direção aos seus lábios, parando a apenas um suspiro de distância. Avancei porque precisava provar, mas ele me segurou com firmeza, ambas as mãos segurando os lados do meu rosto.

— Não brinque comigo, Derek.

— Não me insulte. Eu não jogo. — Sua mão se moveu para meu pescoço e apertou enquanto ele passava a boca ao longo do meu queixo. — Eu terei você, Eva. Toda você.

— Você poderia? Isso é muito ambicioso da sua parte, Cain — eu disse, tentando parecer que não estava derretendo em uma poça em seu colo.

— Eu sempre consigo o que eu quero.

— Não estou tentando ser apenas mais uma mulher em sua cama, Derek. Não é isso que é.

Ele riu na pele atrás da minha orelha e meus olhos se fecharam. — Eu nunca tive uma mulher na minha cama. Nunca trouxe uma para minha casa. Eu não compartilho meus espaços íntimos com

bocetas fáceis.

Abri os olhos e fiz sinal para me retirar de seu colo.

Boceta fácil, hein? Esse filho da puta arrogante.

Os dedos de Derek cravaram na minha pele.

— Sente. — Havia aquela voz novamente. O timbre poderoso me consolidou no lugar. — Ainda não terminamos de conversar.

Minhas mãos envolveram seus pulsos. — Permita-me subir. Não vou ficar sentada aqui enquanto você me insulta. Não sou uma de suas groupies. Eu não sou uma boceta fácil.

Seu sorriso de merda era absolutamente irritante.

— Se eu pensasse em você dessa maneira, teria dobrado você sobre o capô do meu Bentley no dia em que você apareceu na minha porta.

Fiquei de boca aberta enquanto tentava encontrar uma resposta, mas meus pensamentos rapidamente se voltaram para mim, evocando a visão pecaminosa que ele plantou em minha cabeça. Eu apertei meu queixo, prendendo o gemido tentando escapar.

— Agora, me conte o que aconteceu lá atrás. — Sua voz era surpreendentemente terna.

Desviei o olhar e balancei a cabeça, surpresa por ele ter trazido o assunto de volta tão cedo. — Como eu disse, foi há muito tempo. Alguém em quem pensei que poderia confiar me traiu da pior maneira.

— Ele...

— Não, mas ele queria. Ele tentou. Mas não quero falar sobre isso.

— Eva, só estou tentando entender. Não quero repetir o que aconteceu hoje.

Cobri meu rosto com as mãos e suspirei pesadamente.

— Olha, eu fui estúpida uma noite e bebi demais. Paguei por isso com um trauma ao longo da vida e uma passagem pelo hospital com baixos níveis de glicose. Jovem e burra.

— Ele era namorado? Um amigo?

— Ele não é ninguém. Ninguém em quem eu queira pensar.

— Anjo — disse ele, com frustração em seu tom — diga-me o nome dele.

Deixei escapar uma risada sem humor. — Isso foi há anos. O que? Você vai encontrar todos os meus valentões de infância e espancá-los também? Se for, por favor, comece com esse idiota chamado Trent Almstead. Ele me empurrou para fora do pátio da escola e eu quebrei meu pulso.

Levantei o braço, mostrando-lhe as leves cicatrizes da cirurgia que fiz quando tinha sete anos. Meu pequeno coração de ginasta ficou tão partido porque isso aconteceu no meio da temporada de competições.

Ele gentilmente puxou meu pulso para mais perto de seu rosto, passando os lábios sobre minhas cicatrizes. Arrepios percorreram minha pele sob seu toque.

— Eu cuidarei dele para você. Quebrarei as rótulas dele.

— Isso foi na segunda série. Tenho certeza de que Trent amadureceu um pouco desde então. E não quero que você cometa crimes em meu nome.

Ele zombou, com um sorriso malicioso no rosto. A parte maluca é que, de alguma forma, eu sabia que ele não estava inteiramente brincando, e esse fato me emocionou e me aterrorizou.

— Eu levo a sério quando alguém toca ou prejudica o que é meu.

Lá estava ele de novo. Essa palavra se instalou profundamente em meu estômago, enviando outra onda de umidade entre minhas pernas. Ele tinha que saber, tinha que sentir meu calor em seu colo. Eu estava usando leggings finas e era como se cada palavra que saía de sua boca estivesse ligada à minha libido.

Agarrei seu colarinho. — O que faz você pensar que sou sua, Derek Cain? Você mal me conhece.

— Eu sei o suficiente. — Sua língua lambeu a cavidade da minha garganta. — Você é o tipo de mulher que arrisca sua carreira e segurança por uma garota com quem ela não tem laços de sangue ou obrigações. — Beijos molhados e duros subiram pela minha garganta. — Você salva gatos vadios e bastardos das valas de ferro-velho. Fiel a sua xará.

— Derek... o que você está fazendo? — Eu gemi, cabeça caindo para trás enquanto ele mordiscava minha orelha.

— Mas você não é um anjo, não é? Posso sentir o quão molhada essa boceta doce está para mim. Droga, Eva, você vai encharcar minhas calças.

Derek empurrou para dentro de mim e outro gemido ofegante escapou dos meus lábios. Ele se inclinou e roçou sua boca na minha, mas em vez de me beijar, ele pegou meu lábio inferior entre os dentes e puxou suavemente.

— Eu vou te foder, Eva. Vou provar e saborear cada centímetro seu. Na minha cama, no meu quarto, em todas as malditas superfícies da minha casa.

Merda. Quase gozei, ali mesmo no colo dele, apenas com suas palavras sujas.

— Ela é minha — ele disse, deslizando a mão entre nós, o sorriso se alargando quando seus dedos deslizaram pelo tecido encharcado. — Porra, sim, ela é minha.

A sala de repente ficou muito quente. Se esse homem não me fodesse aqui e agora, eu certamente entraria em combustão.

Inclinei-me para frente, disposta a arriscar tudo por Derek Cain, mas pouco antes de nossos lábios finalmente se unirem, o toque da campainha foi o balde de gelo que provavelmente precisávamos.

CAPÍTULO DEZOITO



Porra. Como eu tinha esquecido?

Ao abrir o aplicativo Door no meu telefone, vi duas morenas conhecidas pulando para cima e para baixo animadamente na frente da minha câmera.

— Você está esperando convidados?

— Eu sinto muito. Esta noite esqueci completamente. É minha prima e uma amiga. Hoje é a estreia deste novo programa de mistério e assassinato e...

— Você não se cansa disso no trabalho? — ele perguntou brincando enquanto acariciava meu rosto.

Eu cutuquei seu ombro. — Não faça graça. É coisa nossa.

A voz da minha prima Alexa soou pelo alto-falante do meu telefone. — Vadia, abra a porta! Sabemos que você nos vê. — Seu globo ocular cor de café ocupava toda a tela.

— Que vergonha — ele murmurou sobre meus lábios.

— De fato. — Me sentindo um pouco ousada, passei minha mão pela virilha de sua calça, colocando-a no pau duro e monstruoso abaixo dela.

— Ah...

Ele cobriu minha mão, empurrando-a para sua ereção e gemendo profundamente.

— Por mais que eu queira você agora, sua prima sabe que você está em casa. — O punho de Derek se enroscou em meu cabelo,

beirando a dor enquanto ele me empurrava para mais perto de seus lábios. — Quando eu te foder, Eva, vou destruir você. Você me ouve? Cada parte de você pertence a mim agora. Essa boceta doce só fica molhada para mim. — Sua respiração soprava quente sobre minha orelha. — E quando essa hora chegar, você estará de joelhos, pegando esse pau como uma boa garota.

— Oh... porra — eu respirei, os olhos semicerrados. Completamente perdido para este homem.

Ninguém nunca tinha falado comigo assim. E caramba, eu gostei.

Foda-se, Alexa.

Isso estava realmente acontecendo entre nós?

Claro que sim.

Senti o calor de um rubor subir pelo meu rosto. — Fique aqui. Vou apresentá-lo.

— Ei — ele gritou enquanto eu saía da sala — não me apresente como seu primo. — Derek piscou e a reação na minha calcinha foi imediata.

As meninas me abordaram assim que abri a porta. Já fazia uma semana que não nos víamos. Alexa e Priya eram como as irmãs que nunca tive. Estávamos sempre presentes uma para a outra nos piores e melhores momentos... mas hoje, eu certamente poderia ter feito uma pausa.

— O que aconteceu com você?

Lex agarrou meus ombros, os olhos arregalados e horrorizados com meus hematomas. A mão de Priya estava no meu braço, seu rosto igualmente preocupado.

— O maluco da delegacia — eu disse, acenando para elas. — Ele era um veterano, completamente fora de si. Estou bem. Apenas mais um dia de trabalho.

Não fiquei surpresa quando Lex balançou a cabeça, não convencida pela minha explicação. Mas quando ela começou sua tangente, seus olhos se fixaram atrás de mim.

— Senhoras, este é Derek Cain. Ele é filho de James. Derek, Alexa e Priya.

Seus olhos se voltaram para mim antes de se voltarem para

Derek.

Ele as cumprimentou com um aceno de cabeça e um sorriso tenso, seu olhar imediatamente encontrando o meu enquanto ele se movia para ficar ao meu lado. Lex e Priya exibiam sorrisos largos e irradiavam entusiasmo.

— Droga — ouvi minha prima dizer baixinho enquanto me dava uma cotovelada na costela.

— Bem, vou deixar todas vocês aproveitarem a noite. — Os olhos de Derek nunca se desviaram dos meus. — Falarei com você mais tarde.

Balancei a cabeça, quase fechando a distância entre nossos corpos, e levantei a cabeça enquanto ficava na ponta dos pés. — É melhor você ligar, irmão — eu sussurrei perto de seu ouvido com uma piscadela.

— Hmm — ele grunhiu, apertando meu quadril.

Um arrepio percorreu meu corpo quando seu polegar acariciou levemente a pele exposta acima da minha cintura. Só quando ele saiu pela porta é que finalmente respirei fundo.

Mas isso durou pouco. No momento em que Derek se foi, elas atacaram, bombardeando-me com uma enxurrada de comentários e perguntas.

— Esse é o filho de James Ford? Oh, garota, você não estava mentindo. — Lex passou o braço no meu e me arrastou para a sala. — Eu preciso de todos os detalhes! Mas a pergunta mais importante é: você já fodeu aquele homem gostoso?

Eu engasguei com minha saliva. — O-o quê?

— Você se empalou no pau de Derek Cain? — Ela pontuou cada palavra.

Priya jogou a cabeça para trás e riu, deixando-se cair no sofá. — É uma pergunta válida — disse ela entre gargalhadas.

Afastei meu primo e balancei a cabeça, tentando esconder meu sorriso. — Você esqueceu que acabamos de nos conhecer?

Ela revirou os olhos e zombou. — Você viu o jeito que ele estava te despindo com os olhos? Aqui mesmo, em público? Pelo que consta, Pri e eu nem estávamos na sala.

— Nem por um segundo — minha amiga concordou, ainda

rindo.

— Se eu fosse você, teria chutado nossos traseiros intrusivos e levado o Sr. Músculos para a cama rapidamente - ou para o sofá, para o chão. Onde quer que seja.

— Se eu não fosse casada, o mesmo! E parece que ele também sabe algumas coisas. Se você souber o que quero dizer.

Elas acenaram uma para a outra em uníssono, sorrisos cúmplices iluminando seus rostos.

Nunca houve um momento de tédio com essas duas. Lex e eu éramos melhores amigas desde o útero. Nascidas com apenas três semanas de diferença, crescemos mais como irmãs do que como primas. Muitas vezes éramos chamadas de *las gemelas*, as gêmeas, quando crianças, porque éramos muito parecidas.

Embora isso tenha durado até a sétima série. Enquanto Lex comprava sutiãs D-cup e visitava todas as lojas legais do shopping, eu ainda estava arrasando com sutiãs esportivos, e a seção feminina da Target era minha infeliz escolha. Depois do meu diagnóstico, porém, desisti da ginástica competitiva e as coisas finalmente começaram a ficar como deveriam. Com uns bons dez centímetros a mais, Alexa e eu talvez nunca seremos *las gemelas* de novo, mas éramos e seríamos sempre inseparáveis.

— Você conseguiu tudo isso em um encontro de trinta segundos? — Eu perguntei, apoiando meus pés na mesa de centro.

— Você sabe como eu sou lendo as pessoas. — Priya jogou o cabelo castanho e ondulado por cima do ombro. — Esse homem tem segredos. Ele está bem tenso, claro, mas há algo nesses olhos misteriosos que conta mil histórias.

Priya e eu éramos colegas de quarto durante nosso primeiro ano de faculdade. E ela e Lex se tornaram amigas íntimas no momento em que as apresentei. Solidificando nossa irmandade, fomos duas damas de honra em seu casamento, três anos atrás.

— Retire essas camadas, garota. E deixe aquele homem entrar naquelas entranhas sexualmente reprimidas de oito meses de celibato. — Alexa entrou na conversa, apoiando os pés próximos aos meus.

Não consegui conter o riso. — Oh meu Deus! Por que você está controlando minha vida sexual? E você não estava insinuando que ele poderia ser um serial killer?

— Bem, é ele?

Eu suspirei. — Não.

— E ele tem um pau onde deveria estar?

Joguei uma almofada na cara dela. — Vocês duas são piores que os homens!

— Eva? — Priya questionou em tom confuso. — Há um gatinho na sua sala e ele está olhando para mim.

Eu era oficialmente a pior dona de animal de estimação do mundo. Como eu já tinha esquecido do Diego? Peguei a pequena bola de pêlo e a aninhei em meu pescoço.

— Eu o salvei de uma vala. Derek ajudou. Ele não é o mais fofo?

Lex se afastou de nós, uma sobrancelha arqueada. — Bem, eu não gosto de gatos, mas é definitivamente adorável. Você vai ficar com ele?

— Então, você e Derek salvaram esse gato, hein? Você sabe o que isso significa? — Priya disse, coçando atrás da orelha de Diego. Ele fechou os olhos e ronronou ao toque dela.

— Tenho medo de perguntar o que você acha que isso significa.

— Bem, vocês dois basicamente adotaram esse gato juntos. Isso faz dele seu bebê peludo.

Lex apontou para nós. — Ela tem razão.

— Vocês duas são tão malucas — eu disse, rindo e embalando Diego.

— Olha Eva, se você não vai levar aquele homem lindo para a cama, por favor, me avise. Terei prazer em avançar. Afinal, somos parecidas, não? Quero dizer, exceto que tenho um rack melhor.

— Cadela! — Joguei outra almofada em sua cabeça e nós três caímos na gargalhada. — Ei, me disseram que um punhado é suficiente. Além disso, só porque não dormi com ele... ainda, isso não significa que não vou dormir.

— Eu sabia! Sua putinha. Você estava praticamente transando com a perna dele mais cedo.

Eu gemi alto e fui para a cozinha. — Estou farta de você!

CAPÍTULO DEZENOVE



— O que diabos aconteceu com você?

Kai estava na minha porta quando entrei na garagem e saí do carro. Ele me olhou de cima a baixo, com os braços cruzados sobre o peito e um sorriso arrogante no rosto. Olhei para minhas roupas sujas e como um lado da minha camisa pendia sobre minhas calças. Eu estava uma bagunça.

— Eu quero saber?

Jogando minha jaqueta por cima do ombro, dei de ombros enquanto abria a porta. — Quebrei o pescoço de um idiota e tive um pequeno desentendimento com a equipe de Belov enquanto vasculhava o lixo com uma detetive gostosa. Você sabe, nada muito louco.

Kai me seguiu para dentro, soltando uma risada. — Seu dia parece muito mais interessante que o meu.

Fomos para a cozinha e peguei uma garrafa de Weller, colocando dois copos no balcão com um barulho alto. Eu deslizei uma bebida para Kai e levantei a minha com um aceno de cabeça antes de tomar um gole.

— Achei que você tivesse aquele emprego em Seattle. — Olhei para o meu relógio. — De jeito nenhum você veio e foi tão rápido.

Kai saboreou o líquido âmbar em sua boca, balançando a cabeça e engolindo. — O lixo saiu sozinho. O cara se transformou numa mancha de rua esta manhã. Saltou 200 pés do prédio do centro da cidade. Tornou meu dia muito mais tranquilo e me deu tempo para conversar com Leni.

Precisando me acalmar, me servi de outra bebida, com a testa levantada diante de sua declaração. — Você e Helena de novo?

— Não, assim não. Nós nos divertimos, mas sabemos o que é isso. — Ele me olhou com curiosidade. — Como está a princesa?

Olhei para ele por trás do meu copo e ri. — O que você realmente quer saber?

Kai encolheu os ombros e sentou-se na banquetta. — Ronan estava fazendo perguntas. Algo sobre você se aproximar dessa garota o incomoda. Ele não disse muito, mas era óbvio. Diz que você está deixando a boceta - palavras dele, não minhas - tirar você do jogo. Fazendo você bagunçado.

— Foda-se ele — eu rosnei, apertando o copo entre meus dedos.

Minha gratidão pelo que ele salvou Kai e eu só se estendeu até certo ponto. Ao longo dos anos, ele provou seus motivos e onde residia sua lealdade. Ele não se importava com nenhum de nós de nenhuma maneira. Nem a prostituta de sua esposa.

— Bem, você pode dizer isso a ele pessoalmente, irmão, porque ele me avisou que passaria por aqui.

Fale da porra do próprio diabo. Assim que as palavras saíram da boca de Kai, minha campainha tocou e a imagem dele apareceu na tela do meu celular.

— Foda-me. Ele trouxe Maeve com ele também.

Atravessei minha sala de estar e entrei no hall de entrada, com Deimos em meus calcanhares. Olhando para a tela mais uma vez, tive esperança de que eles tivessem ido embora ou pegado fogo.

O lado esquerdo da boca de Ronan se contraiu enquanto ele me olhava com desgosto. Sempre orgulhoso de minha aparência, tive certeza de que o vi ficar surpreso com minha aparência desgredada. Maeve simplesmente ofereceu um sorriso sedutor, como sempre.

— Derek, querido, você se envolveu em algum tipo de briga? Olhe para você!

Maeve era o tipo de mãe adotiva cujas funções terminavam com a assinatura dos documentos legais. Eu provavelmente poderia contar nos dedos de uma mão as vezes que estivemos na mesma sala que ela naqueles primeiros anos. Pouco depois do meu aniversário de dezessete anos, algo sobre como seus olhos demoravam muito e como

ela lambia os lábios e corava perto de mim me deixou desconfortável. Eu não sabia na época, mas ela não estava tentando ser uma figura materna. Ela estava tentando ser uma mulher em minha vida.

Uma noite de bebedeira, ela entrou cambaleando no meu quarto, nua e ofegante como uma prostituta no cio, propondo que eu a deixasse me ensinar como domar uma mulher enquanto ela caía de joelhos e agarrava meu pau.

Ronan bateu nela até sangrar quando eu arrastei sua bunda de volta para seus aposentos pelos cabelos.

— Algo que eu deveria saber, Derek? — Sua voz era ameaçadora, mas calma, enquanto ele caminhava até meu bar e se servia de uma bebida. — Você está horrível.

— Não. — Minha voz era segura, não revelando nenhuma emoção.

— Ele está certo, Der; você precisa que eu prepare um banho para você? — As mãos de Maeve alcançaram a gola da minha camisa meio desabotoada, mas eu agarrei seus pulsos, olhando através dela em um aviso. — Não.

— Espere no carro — ordenou Ronan, batendo a garrafa de uísque no bar.

Acostumada com sua vida dura, mas pródiga, ao lado de Ronan Cain, Maeve simplesmente zombou, dando tapinhas no meu peito antes que eu pudesse impedi-la.

— Um dia desses, Derek. Você verá — ela ronronou com uma piscadela.

Agarrei seu cotovelo e me inclinei perto de sua orelha. — A única coisa que quero de você é saber como soam seus gritos quando eu estripar você como um peixe.

Outra risada sem humor saiu de seus lábios. — Não me ameace com diversão, querido. — Ela soprou um beijo e saiu pela porta.

— Você vai me contar o que tem feito? A equipe de limpeza teve que cuidar de uma grande bagunça esta manhã, ninguém menos que um dos homens de Belov. Você está tentando iniciar uma guerra? E por causa da boceta, nada menos.

Cerrei os dentes enquanto ele observava, esperando por uma reação. Sempre esperando que eu fizesse merda.

— Temos acesso a mais prostitutas e bocetas molhadas do que sabemos o que fazer, mas você está aqui defendendo a honra de uma mulher que você mal conhece.

Ele tomou um longo gole de sua bebida, os olhos ainda fixos em mim. Visões de quebrar aquele vidro na cabeça dele e enfiar os cacos na garganta dele assolaram meus pensamentos. Foi apenas uma das muitas maneiras criativas que eu fantasiei de tirar a vida dele. Inferno, eu derramei o sangue do meu próprio pai, parti seu maldito crânio em dois, fui para casa e dormi como um morto enquanto seu cérebro ainda estava pintado na frente da minha camisa. Matar Ronan não seria diferente. Isso me traria imensa satisfação, mas eu sabia que não conseguiria. Como chefe de Ares, ele era intocável.

— Não foi isso que aconteceu.

Ronan apoiou as duas mãos no balcão de mármore. — Não me faça de bobo, Derek. Andrey Smirnoff era o mesmo filho da puta da enfermaria que Kiernan. — Ele me lançou um olhar comovente. — O que? Você estava lhe ensinando uma lição? Afirmando sua reivindicação sobre aquela bunda apertada, hein?

— Suficiente.

O sorriso de Ronan se espalhou quando ele ergueu o copo à sua frente, um dedo acusador apontado para mim. — Eu deixei você sair dos livros com seu pequeno plano de vingança contra aquele lixo, Ford. Inferno, eu não me importo se você cortar o pau de cada bastardo nesta cidade. — Ele baixou o copo sobre uma mesa lateral, os olhos me fortalecendo no lugar. — Mas não Homens de Belov. Isso está entendido?

Inclinei minha cabeça e o estudei. Quão fácil seria fazê-lo desaparecer? Para arrancar aquele seu coração negro enquanto ele observava. O aço afiado enfiado dentro das minhas calças de repente pareceu pesado. Quente. Implorando para que eu o alcance.

— Eu vejo esse olhar em seus olhos, Derek. É o mesmo que vi há tantos anos. A razão pela qual eu sabia que você era exatamente o que eu procurava. — Ele se aproximou até que estávamos a apenas trinta centímetros de distância e na altura dos olhos.

Eu não podia negar que havia uma parte de mim que se sentia em dívida com esse filho da puta. E talvez tenha sido por isso que aprendi a controlar minha raiva quando ele me desafiou.

No dia em que ele entrou naquela casa coletiva decadente, tantos anos atrás, naquela casa de horrores e perversão, ele me salvou.

Nos salvou.

— Eu prometi que você nunca mais ficaria de joelhos por outro homem, não foi? — Sua voz era um som áspero perto do meu ouvido. E cerrei os dentes, um grunhido ecoando em meu peito com suas palavras e as imagens que elas evocavam.

Essas memórias torturadas habitavam os recônditos mais sombrios da minha mente.

— E eu deixei você se vingar. Dei a você as habilidades, o poder para fazer aquele filho da puta se encolher aos seus pés antes de você arrancar a cabeça dele.

Apertei os olhos, evocando o rosto de um pedaço de merda morto há muito tempo chamado Robert. O cheiro de seu sangue, seus lamentos, a maneira patética como ele implorou por sua vida e clamou por misericórdia – uma cortesia que ele nunca me concedeu enquanto cortou minha última ligação à inocência.

— Não se esqueça de quem fez de você o homem que você é. Dei a você tudo isso – transformei você em um deus. — Ronan bateu em meu pescoço. — Amanhã você estará em Marselha. Meu pessoal vai te arranjar todas as bocetas europeias de primeira qualidade que você possa precisar para expulsar essa mulher insignificante do seu sistema.

CAPÍTULO VINTE



EVANGELINA

Como foi o seu dia? Estou finalizando a papelada de um caso e tomando café com Sam.

Eu não era do tipo ciumento. Nunca tive que ser. Mas algo sobre Eva gostar da companhia de outro homem me incomodava de todas as maneiras, especialmente quando fazia pouco mais de uma semana desde a última vez que a vi. Enquanto isso, aquele idiota do Sam provavelmente tinha sido como a maldita sombra dela por horas a fio, dia após dia.

Foda-se ele.

EU

Bom. Na cama. O voo é daqui a cinco horas.

Você está no nosso café?

EVANGELINA

Eu não sabia que tínhamos um café.

Imaginei seu sorriso com covinhas e senti um sorriso no canto da minha boca.

EVANGELINA

Estou em uma lojinha fofa de atividades ao ar livre na 8th Street. Você gostaria.

EU

EVANGELINA

É um encontro.

EVANGELINA

Boa noite, Derek. Tenha um voo seguro <3

Desde o dia em que eu disse a ela que iria transar com ela em todas as superfícies da minha casa – o que eu tinha plena intenção de fazer – as coisas estavam estranhas entre nós. Nossas conversas de texto foram mantidas leves e sempre diretas. Ela não era fria ou distante, mas cautelosa. Eu me convenci de que era porque ela ainda estava arrasada por causa da amiga desaparecida. Mas havia uma sensação estranha em meu peito. Peso. Uma saudade que nunca senti antes. E só há dois dias é que percebi o que era. A sensação estranha me surpreendeu, enviando um arrepio gelado pelo meu corpo.

Eu sentia a falta dela.

Eu sentia falta dela pra caralho.

O cheiro dela. O som esfumaçado de sua voz. A maneira como seu lábio superior se curvava quando ela sorria.

Foda-me. Quando eu notei ou me importei com essas coisas nas mulheres? Tudo que eu precisava era de um rosto bonito e uma boceta molhada.

Simples.

Mas por que eu ansiava por mais?

As putas francesas que se atiraram no meu pau verificaram essas caixas, mas pela primeira vez eu não estava interessado.

Nenhuma delas era Eva.

Enfiei as mãos nos bolsos ao virar a esquina de uma rua movimentada perto do centro da Filadélfia. Assim que ela apareceu, parei completamente. O peso no meu peito desapareceu. Ela estava exatamente onde disse que estaria e tão linda quanto quando saí. Eu queria surpreendê-la, embora não entendesse por quê, e terminei o trabalho em Paris antes do planejado, antes de embarcar no primeiro voo para fora da França. E embora o jet lag fosse uma merda, eu não podia esperar mais um dia para vê-la, então corri no trânsito da hora do rush no momento em que ela me deu sua localização. Agora, lá estava eu, atrás de uma árvore, observando-a como um idiota assustador.

O parceiro dela passava muito tempo com o rosto colado no telefone ou concentrado no que quer que estivesse anotando em um caderno, mesmo enquanto conversavam. Embora eu estivesse feliz que o relacionamento deles fosse estritamente profissional, também fiquei perplexo com seu desinteresse. Evangelina estava deslumbrante, mesmo com o cabelo preso em um coque bagunçado no topo da cabeça. Eu nunca me cansaria de olhar para ela. Embora eu achasse que estava feliz por não ser a razão pela qual ela lamentou outra pessoa em sua vida.

Eu nunca me arrependeria de ter matado aquele bastardo, James, embora a ideia do ódio dela enchesse meu peito de angústia.

Não era esse o ponto?

Era... é.

Talvez Ronan estivesse certo. Eu só precisava expurgá-la do meu sistema. Sua boceta não era diferente. Eu me divertiria e seguiria em frente.

Evangelina deslizou a cadeira para trás e ficou de pé, indo em direção a um carro de café e me dando a oportunidade perfeita para me aproximar. Tirei alguns momentos para admirar a doce curva de sua bunda e as pequenas coxas tonificadas naquelas leggings pretas e botas de combate exclusivas.

O cheiro de seu perfume assaltou meus sentidos e aqueceu o sangue em minhas veias. Eu não queria nada mais do que pegá-la, levá-la de volta para casa e queimar a porra da casa inteira.

Paciência. Eu tive que me controlar, ou então seguiria em frente com meus pensamentos intrusivos e a arrancaria da calçada.

Eva enrijeceu ao sentir minha presença atrás dela. Corri meus lábios ao longo da pele macia de sua nuca, e sua mão disparou para a arma no coldre em sua cintura. Mas eu rapidamente cobri isso com o meu.

— Não é a saudação de boas-vindas que eu esperava. — Ela soltou um suspiro audível. — Aí está. Senti minha falta, anjo?

Ela girou em meus braços. — Derek? Seu bastardo sorrateiro! Por que você não me disse que estava de volta?

Seus braços envolveram meu pescoço em um abraço, e eu a puxei para perto, me aconchegando em seu cabelo e absorvendo-a.

— Achei que seria uma pequena surpresa divertida.

Suas belas feições suavizaram-se. — Isso é.

Ela olhou além de mim e balançou a cabeça para quem eu só poderia presumir ser seu parceiro. Quando me virei, ele estava fechando a lateral da jaqueta onde havia enfiado aquela Glock 26.

Eva nos apresentou e eu fiz minha atuação de mocinho, tanto quanto meu orgulho permitia. Ele parecia inquieto, os olhos inquietos, jogando pingue-pongue entre nós dois. E eu o peguei olhando para minhas tatuagens. Exatamente como eu havia previsto. Embora meu terno provavelmente valesse mais do que todo o seu guarda-roupa, e meu patrimônio líquido mais do que ele jamais viu em sua vida, ele torceria o nariz para mim.

E aqui eu quase tolerei Sam.

— Eva, que tal eu levar isso para casa e terminar as anotações? Dar a vocês dois algum tempo para conversar ou algo assim.

Talvez ele não fosse tão ruim.

— Claro. Se você não se importa?

Ele deu a ela um sorriso que não chegava a alcançar seus olhos redondos antes de se virar para mim e fazer sua melhor atuação como parceiro leal. Reunindo seus pertences, ele deu um último aceno para Eva enquanto entrava em um sedã branco.

— Por que você simplesmente não me disse que estava de volta aos Estados Unidos? E se eu tivesse saído antes de você chegar aqui?

— Bem, eu sei onde encontrar você, não sei?

Um sorriso surgiu em seus lindos lábios, e ela diminuiu a distância entre nós, com as mãos no meu peito.

— Você sentiu minha falta ou algo assim, Cain?

Um ronco alto no meu estômago me levou a uma resposta. Os olhos de Eva se arregalaram de diversão e ela riu.

— Desculpe. Ainda não jantei. Meu voo chegou há duas horas.

Ela agarrou minha mão enquanto colocava uma bolsa preta por cima do ombro. — Há um pequeno local mediterrâneo fofo na rua.

A ideia de ficar enfiado em outro espaço fechado não era atraente. Um voo de 22 horas tendia a preencher a cota do espaço confinado por um ou dez dias. Mesmo a curta viagem até aqui me fez quase rastejar para fora da minha pele.

— Acho que prefiro o ar fresco.

Seu rosto se iluminou com o sorriso mais brilhante que eu já vi nela.

— Eu conheço um lugar!



Uma caminhada de dez minutos nos levou até um vendedor ambulante, cujo nome Big D's Footlongs estava pintado de vermelho na lateral do caminhão branco.

Eu olhei para ela enquanto ela me amarrava. — Comida de rua? Big D?

— Oh, vamos lá, é um nome inteligente. E não me diga que você está acima dos food trucks.

— Chame-me de louco, mas não sou fã de intoxicações alimentares.

Ela riu abertamente e me puxou para mais perto do balcão pelo pulso.

— Certamente não é uma estrela Michelin, mas está perto o suficiente — disse ela, me dando uma piscadela.

— Perto o suficiente, ela diz.

Outra risada alegre encheu o ar e não pude deixar de sorrir com a felicidade dela. Foi contagioso.

— Confie em mim. Ian faz os melhores dogs deste lado da Filadélfia.

Enterrei os calcanhares na calçada e paramos. — Ian, é isso? — Eva revirou os olhos de brincadeira. — Não consigo me lembrar da última vez que comi um... Hot-dog. E provavelmente está ligado a uma memória que prefiro esquecer.

Sua boca se abriu ligeiramente, a culpa beliscando suas feições. — Derek, sinto muito. Eu nem pensei...

Deslizando um braço em volta de sua cintura, coloquei um dedo em seus lábios. — Tudo bem. Vou comer o maldito hot-dog. —

Ela fez um movimento para protestar, mas eu balancei a cabeça e me inclinei para mais perto. — Contanto que você coma um para mim também.

Meu dedo ainda estava pressionado contra seus lábios quando ela os roçou levemente e assentiu, olhos nos meus.

Essa mulher nem precisou tentar, e ela já tinha meu pau duro e dolorido para estar dentro dela. Deslizando os dedos pelos meus, ela me puxou em direção a um grande cardápio de papelão com uma lista interminável de ingredientes e entradas não saudáveis.

Quando criança, tive a sorte de conseguir um dog frio e muito menos pão. Mas a quantidade de variação na minha frente fez meus olhos se arregalarem e, talvez, só um pouquinho, me deixar com água na boca.

Sentamos com nosso jantar em um banco próximo, longe o suficiente da calçada para termos privacidade. Segurei uma pequena bandeja com uma pilha alta de coberturas e acompanhamentos, enquanto Eva segurava um hot-dog sem pão embrulhado em papel alumínio.

— Não está com tanta fome?

— Não é isso. Eu só tenho que tomar cuidado com meus carboidratos.

Eva era tão linda, tão cheia de vida, que era fácil esquecer a sua doença.

— Como foi sua viagem? — ela perguntou, desembrulhando cuidadosamente a comida sobre as coxas.

— Eram apenas negócios. Nada especial. Estou feliz por estar de volta.

Ela soltou uma risada incrédula. — Você está feliz por estar de volta aqui? Na Filadélfia, da França? Não acredito nisso nem por um segundo.

Olhei para a montanha de coberturas no meu colo, tentando descobrir como diabos eu iria cavar sem parecer que precisava de um babador.

— Eu não entendo o que você quer dizer. Esta é a nossa casa, não é?

— Qualquer coisa é melhor do que aqui. Alguns dos meus

melhores verões foram passados na Riviera Francesa e em Marselha. — Seus olhos deslizaram em minha direção e ela encolheu os ombros. — Os pontos turísticos, a cidade do amor e tudo mais? Tenho certeza de que aquelas francesas estavam desmaiadas por causa das suas tatuagens e do seu rosto taciturno e inacessível.

Quase engasgando com um pedaço de Hot-dog, que era surpreendentemente muito bom — engoli de forma audível, engolindo os restos com água. — Por um lado, esse rosto é muito acessível. — Ela soltou uma risada exagerada. — E dois, eu não dou a mínima para aquelas garotas francesas. Olhe para mim, anjo. — Estendi a mão para ela, inclinando seu rosto para mim. Ela estava falando sério agora, o olhar vagando entre meus olhos e lábios. — Estou exatamente onde quero estar.

O sorriso que ela me deu fez meu peito apertar. E outro gole alto ecoou na minha garganta. De repente, senti vontade de colocar a mão sobre o coração e agarrar minha camisa.

Eu estava tendo um maldito ataque cardíaco?

— Estou feliz que você esteja de volta também. Mas você tem algo no canto da boca. — Ela riu.

— Ah, porra.

Eva me bateu na folha áspera de lixa que eles tentaram fazer passar por guardanapo e limpou delicadamente o canto da minha boca.

— É só ketchup. — Seu toque suave era quente, aquecendo minha pele onde seus dedos pousavam em meu antebraço, o fogo sangrando através do tecido da minha jaqueta.

Uma sensação de vertigem forçou meus olhos a fecharem e eu respirei fundo.

Eu estava pegando alguma coisa?

— Então qual é o veredicto? Como está seu hot-dog?

— Está bom — eu disse, piscando para afastar a névoa. — Melhor do que eu me lembro. E está cozido, então isso é uma vantagem. — Seu sorriso desapareceu instantaneamente, puxando o meu com ele. — Qual é o problema?

— Posso te perguntar uma coisa?

A seriedade de seu tom e a hesitação em sua voz deixaram

clara a direção de seu questionamento.

Eu balancei a cabeça.

— Como foi para você? Crescendo?

— Você quer dizer, crescer em um orfanato onde nenhuma pessoa no mundo se importava comigo? Uma merda pra caralho.

Ela baixou os olhos, balançando a cabeça. — Eu sinto muito. Eu gostaria de ter sabido. Eu teria...

— Teria, o quê? — Levantei seu rosto novamente, mas ela se recusou a me olhar nos olhos. — Você também era apenas uma criança, Eva. — Uma lágrima surgiu no canto de seus cílios, e eu me inclinei e pressionei meus lábios contra a gota, sussurrando em sua pele: — Nada disso foi culpa sua.

Não é culpa dela.

Porra.

— Você não merecia isso. — Sua voz falhou. — Ele poderia ter lhe dado o mundo, Derek. Em vez disso, ele simplesmente deixou você... Abandonou você.

— Eva — murmurei, segurando seu rosto, — por que você está chorando?

A emoção queimou dentro da minha garganta e engoli o caroço doloroso. Eu não conseguia me lembrar da última vez que senti a ardência das lágrimas nos olhos ou o peso da angústia no peito. Meu corpo provavelmente tinha esquecido como chorar. Inferno, eu chorei uma vida inteira quando criança e simplesmente pensei que meu poço havia secado décadas atrás.

Ela agarrou minha camisa. Nossa comida, há muito esquecida, caiu na calçada.

— O que quer que você tenha passado, o que quer que tenha acontecido com você, eu sei que isso mudou você. — Apoiando a testa no meu queixo, ela choramingou e exalou um suspiro longo e trêmulo. — Eu posso ver isso em seus olhos. Você carrega tanta dor.

— Isso foi há muito tempo atrás. — Eu beijei sua linha do cabelo. — Você está chorando por mim, anjo? Por que? — Ela olhou para mim através da franja dos cílios. — *Por quê?* — pressionei, precisando ouvi-la dizer alguma coisa. Qualquer coisa. Para ela me contar, ela se importava.

Por que? Eu me perguntei... Será que eu me importava?

Minha respiração engatou.

Não.

Porra.

Porra.

Porra.

E de repente tudo fez sentido. Mas não poderia. Isso... Não poderíamos estar.

Eu não consegui.

Limpando suas lágrimas com os polegares, foi como se os pedaços da minha vida de repente se encaixassem quando percebi que daria qualquer coisa naquele momento para nunca mais vê-la chorar novamente.

Merda.

— Porque isso importa. Você é importante para mim — disse ela, tirando-me do meu estupor.

Minha capacidade de falar vacilou, deixando-me totalmente sem palavras enquanto ela me observava, esperando por uma resposta. Encontrou o silêncio, a luz em seus olhos diminuiu e ela desviou o olhar e recostou-se no banco de ferro.

O que ela esperava de mim?

Eu não era o homem que ela pensava que eu era. Evangelina não tinha ideia de quem eu realmente era. A depravação e o caos de que eu era capaz. Ela nunca entenderia meu passado e a escuridão que espreita dentro de mim. E o mais importante, ela nunca poderia compreender nem perdoar as coisas horríveis que eu tinha feito.

Fosse o que fosse, qualquer feitiço que ela tivesse lançado sobre mim não poderia ser. Apaixonar-se por ela nunca foi o plano. Ela deveria ser minha para a ruína. Para fazer aquele bastardo rolar em seu túmulo. Ela era...

Porra.

Ela era bonita.

Luz.

Eu não tinha percebido quando ela saiu do banco, mas ela estava pegando os lanches perdidos do chão e jogando-os na lata de lixo. Deus, ela tinha que ser tão virtuosa? E quando diabos essa característica em particular foi importante para mim?

Eu precisava limpar minha cabeça. Para fugir dela.

— Eva, você dirigiu até aqui?

Ela assentiu lentamente. Seus olhos avermelhados estavam estreitados, tristes. Eu a decepcionei com minha indiferença.

— Sim, meu carro está perto da cafeteria.

— Eu vou te acompanhar. Eu só... Eu..

Eu estava gaguejando?

— Derek — ela disse, jogando a bolsa por cima do ombro — Há algo errado?

— Não. Por que?

— É que, num momento, você está... não sei. Mas agora você está... agindo de forma diferente.

Enfiei as mãos nos bolsos e comecei a descer a calçada. A máscara firmemente de volta ao lugar e meus sentimentos trancados onde pertenciam.

— Você tocou em um assunto delicado. Isso é tudo.

Parei quando não consegui sentir o calor da presença dela por perto. Virei-me e encontrei-a ainda parada ao lado do banco, olhando para mim com aqueles lindos olhos castanhos. Eles estavam implorando por algo que eu não poderia dar a ela.

Se eu a cortasse da minha vida, isso nos salvaria das consequências inevitáveis mais tarde.

— Eu não queria chatear você. Se eu soubesse...

— Então esqueça. — Meu tom foi áspero, fazendo com que ela recuasse como se eu tivesse batido nela.

Ela agarrou a alça da bolsa e balançou a cabeça indignada. — Não entendo você.

— Claro que não, princesa. Viemos de dois mundos diferentes.

— Princesa? — Ela revirou os olhos e começou a descer a

calçada. — Não se preocupe em me acompanhar até meu carro — Eva cortou enquanto passava por mim.

— Eva? — Ela parou, mas não se virou. Este foi um momento decisivo. Eu tive que matar qualquer fogo, qualquer emoção proibida que estivesse se formando entre nós. Transar com ela era uma coisa. Mas sentimentos – eu não tinha sentimentos. Eu não sabia como sentir. — Não preciso que você entenda, nem quero sua simpatia. E você pode segurar suas lágrimas. Elas não significam nada e não vão mudar absolutamente nada.

Seus ombros enrijeceram por um breve momento antes de ela sair pela rua e virar a esquina sem dizer mais nada. E enquanto eu lutava com cada fibra do meu ser para ir atrás dela e pedir desculpas, permaneci no lugar, com os punhos cerrados ao lado do corpo.

Era assim que as coisas tinham que ser.

Mas se isso fosse verdade, por que havia outro sentimento dominando todos os meus pensamentos?

Minha.

CAPÍTULO VINTE E UM



9º DISTRITO - FILADÉLFIA

Eu balançava para frente e para trás na minha cadeira, apenas parcialmente focada no arquivo à minha frente, sentindo-me conectada, mesmo tendo tido uma noite de merda. Em poucos minutos, Yuri Belov estaria sentado na minha frente. O subchefe da família criminosa Belov e a última pessoa em contato com James. Este interrogatório demorou muito para acontecer. O sangue zumbia em meus ouvidos com a expectativa de estar na presença dele, o homem possivelmente responsável pela morte de James. Pelo que descobrimos na semana passada, sabíamos que ele devia dinheiro a Yuri devido a um acordo que deu errado. E eu só poderia especular que Belov poderia ter se sentido traído. Parecia um motivo plausível.

Infelizmente, não pude interrogá-lo sobre nenhuma dessas descobertas – alguma besteira sobre conflito de interesses e evidências circunstanciais.

Meu celular zumbiu contra minha mesa, e eu odiei a vibração rápida dentro da minha barriga quando o nome de Derek iluminou minha tela. Fazia quase uma semana, seis dias, para ser exata, não que eu estivesse contando, desde que o vi ou falei com ele. Eu odiava sentir falta dele. Eu odiava ainda mais ter pensado nele sem parar, mesmo que ele tivesse agido como um idiota. Derek era um enigma. Num momento, ele era tão carismático e doce, mas no seguinte, foi como se algo totalmente diferente tivesse acontecido com ele.

Silenciei o telefone e juntei as mãos para mantê-las sob controle, desviando os olhos do aparelho tentador e tentando me ocupar com as anotações do arquivo de Yuri.

DEREK

Anjo, você pode falar?

A audácia dele em pensar que poderia simplesmente enviar mensagens de texto do nada e usar apelidos depois de ser rude e me evitar por uma semana.

Bati as unhas na mesa, pensando se deveria responder. E o que eu diria?

Caramba.

Pegando meu celular, apertei o botão de retorno de chamada antes que pudesse me arrepender e recostei-me na cadeira, esperando que ele dissesse o que queria, mas principalmente desejando ouvir sua voz.

Eu estava fraca. Processe-me.

— Derek.

— Eva. Eu sei que você está no trabalho, então não quero ocupá-la. Eu só quero me desculpar por ser um idiota.

Balancei a cabeça como se ele pudesse me ver. — Sim, você foi.

Ele riu baixo do outro lado. — Essa não era minha intenção. Meu passado é...

— Entendo. Não vou tocar no assunto novamente. Algo mais? — Meu tom foi curto, com intenção de magoar, mas morri um pouco por dentro quando me deparei com seu silêncio. Tratá-lo dessa maneira parecia errado e antinatural.

Especialmente depois de gozar tão forte ontem à noite com o nome dele em meus lábios.

— Sinto muito, anjo. Vou deixar você voltar ao trabalho.

É isso?

— Espere...

Merda.

— O que é?

Sam enfiou a cabeça no meu cubículo antes que eu pudesse responder. Talvez tenha sido uma intervenção divina porque Deus

sabia que eu estava prestes a parecer desesperada demais.

Olhei para o meu relógio. — Nada. Escute, estou prestes a interrogar Belov e...

— Você disse Belov? — ele perguntou, sua voz soando estrangulada.

— Sim, mas não consigo entrar em detalhes...

— Evangelina? — Eu o ouvi exalar no receptor.

— O que é?

— Apenas tenha cuidado.

Deixei escapar uma risada cínica. Por mais atraída que estivesse por Derek, não podia negar as pontadas de agitação que percorriam minha nuca, porque sabia o motivo por trás de sua preocupação injustificada quando mencionei Belov. Eu trabalhei duro para me tornar detetive. Eu não era uma novata ou uma garota fraca que não conseguia se controlar. Ter encarado o pior da sociedade era o que eu fazia quase diariamente. Era meu trabalho. E eu era muito boa nisso também.

— Falarei com você mais tarde, Derek.

Antes que ele pudesse responder, encerrei a ligação. Tendo me conhecido há três semanas, eu não deveria sentir o peso se instalando em meu coração, esta nuvem escura pairando densamente sobre minha cabeça.

As sobrelhas de Sam se uniram quando ele estudou meu rosto mais de perto.

— Cruz, algo errado?

— Não, os homens são simplesmente estúpidos — eu disse, golpeando-o com minha ficha enquanto passava por ele.

Ele colocou a mão sobre o coração em uma demonstração teatral e gritou: — Ai! E aqui eu pensei que era diferente.

— Não. Vocês são todos iguais.

— Ah, vamos, Eva! — ele disse e riu com as mãos nos quadris.

Cheguei à sala 2B. Yuri estava recostado na cadeira, parecendo não ter a menor preocupação no mundo. A visão era irritante, sabendo que ele provavelmente iria se safar como sempre fazia. Poder e dinheiro eram suficientes para influenciar um sistema muitas vezes

tendencioso, e a família Belov tinha ambos em abundância. Eu não queria nada mais do que pregar a bunda dele na parede. Se ele não fosse preso pelo assassinato de James, então teríamos que pegá-lo pelos assassinatos no ferro-velho de Southside. Tínhamos a placa dele, uma testemunha ocular e um vídeo de merda. Ele não precisava saber que a filmagem era uma porcaria. Ele só precisava pensar que tínhamos algo concreto.

Derek e eu não tínhamos ideia de que ele também estava lá.

Claro, eu não faria isso. Eu estava muito ocupada enrolada em seu corpo duro para me importar.

Afastei esses pensamentos da minha mente e me estabilizei, colocando minha cara de jogo.

— Yuri Belov. — Fixei os olhos nele enquanto entrava na pequena sala.

— *Nakonets-to poyavilos' chto-to krasivoye, krome' etogo urolivivogo ublyudka* — disse ele, com um sorriso lascivo no rosto. (Finalmente, algo bonito de se ver além desse bastardo feio.)

Colocando sua pasta e ambas as palmas sobre a mesa, desafiei seu olhar malicioso.

— *Kak naschet togo, chtoby vy porezali der'mo i davayte pristupim k delu.* — (Que tal você parar com essa merda e vamos direto ao assunto.)

Inclinei-me um pouco mais, meus seios empurrando a costura da frente da minha blusa. Embora isso contradissesse tudo o que eu defendia, eu não hesitaria em usar os bens que Deus me deu para ter um pouco de influência, se isso significasse que ele seria afastado para sempre.

O sorriso de Belov se alargou quando ele se endireitou, despertando o interesse. — Ah, você conhece minha língua, não é? *Krasivaya latino-americano, umeyushchaya govorit' po-russki? YA ochen' vpechatlen.* (Uma linda latina que fala russo. Estou impressionado.)

Seu advogado sentou-se ao lado dele e cutucou seu cotovelo. O advogado prematuramente careca estava suando, parecendo igualmente covarde.

— Como eu disse, vamos parar com essa besteira. Você sabe por que está aqui.

— Eu? Seus homens entraram no meu negócio e disseram que

queriam falar comigo. E eu sou um cara legal. — Seu sotaque era pesado. — Então, aqui estou, senhorita...

— Detetive. Detetive Cruz.

— Claro. Detetive Cruz. E como posso ajudá-la?

Saí da mesa e andei com passos calculados. O calor de seu olhar queimou minhas costas. Com o canto do olho, observei-o alargar os joelhos e se ajustar. A bile subiu rapidamente pela minha garganta e eu a engoli, tentando mascarar meu desgosto.

— O que você pode me dizer sobre os assassinatos no Cody's Salvage Yard, em Southside?

— Nunca ouvi falar desse Cody — disse ele, nem mesmo me olhando no rosto ou tentando esconder seu olhar.

— Isso é engraçado, a câmara do local diz o contrário. Seu rosto, seus olhos. — Seu advogado nojento abriu a boca para falar, mas Belov levantou a mão, calando-o. — Uma testemunha ocular.

— *Fignya!* Besteira!

Tirei uma foto do arquivo dele. A imagem foi aprimorada para tornar seu rosto mais claro e reconhecível.

— Não diga mais nada, Sr. Belov — alertou seu advogado.

— Uma das vítimas também tinha seu DNA embaixo da unha. — Os resultados preliminares ainda não haviam chegado. Mas pela filmagem, um dos funcionários de Cody deixou um corte no antebraço direito. — Você pode arregaçar a manga para mim?

— Não. Não sou eu. Você cometeu um erro.

— Tudo bem — eu disse, apoiando as duas mãos na mesa. — Temos mandados de busca sendo processados neste momento. Para seus negócios e sua casa.

Seu rosto ficou vermelho e ele bateu com o punho na superfície de metal antes de começar um discurso russo. Ele me chamou de prostituta e disse que seria melhor eu ficar de joelhos chupando o pau dele do que fingir ser policial. Os insultos não me incomodaram nem um pouco. Infelizmente, eu estava acostumada com as insinuações sexuais, os olhares desprezíveis e as ofertas obscenas. Eu tinha ouvido e visto tudo.

— Senhor. Belov, acalme-se — advertiu o outro homem enquanto se levantava.

Yuri estava furioso. Ele empurrou seu advogado, fazendo-o tropeçar para trás. Fiz sinal para reforços no espelho retrovisor enquanto Belov parecia estar fora de controle.

Num repentino movimento, o subchefe da Máfia puxou uma lâmina do cinto e me agarrou, pressionando-a na lateral do meu pescoço. Sam e mais seis policiais entraram na sala, com as armas em punho.

— Eu vou matar essa vadia! Coloquem suas armas no chão e me deixem ir.

— Yuri — eu disse, com a voz embargada, — por favor, não faça isso. Abaixei a faca. — Lágrimas escorreram pelo meu rosto, molhando seu braço. Fiz contato visual com meu parceiro, enviando uma piscadela sutil em sua direção.

Claro, eu estava com muito medo. O homem estava desequilibrado, mas eu tive que fingir. Desempenhei o papel que ele esperava de mim para ganhar algum tempo.

Ele gargalhou perto do meu ouvido, sussurrando em russo como ele queria me dobrar sobre a mesa e me foder enquanto eu implorava pela minha vida.

Tendo o suficiente de sua merda, executei a manobra que pratiquei dezenas de vezes para um cenário de faca na garganta. Agarrei suas mãos e puxei em um movimento descendente enquanto colocava meu corpo no dele e debaixo de seu braço. Pego de surpresa, seu tempo de reação foi lento no início, mas assim que tentei escapar, ele tentou torcer a lâmina e me esfaquear. Eu estava pronta para ele, no entanto. Usando seu próprio impulso contra ele, empurrei a mão que empunhava a faca na lateral de seu abdômen, mergulhando a lâmina sob suas costelas. Yuri uivou de dor e caiu de joelhos.

Vários policiais o perseguiram enquanto Sam me puxava para o corredor.

— Cruz, você está ferida. Sente-se. Os paramédicos estão a caminho.

Balancei a cabeça, lutando contra suas tentativas de me colocar em uma cadeira.

— Você não precisa chamar uma ambulância. Sam, estou bem.

— Não, você não está.

Meus protestos morreram em meus lábios quando finalmente

registrei um fio quente deslizando pelo meu pescoço. Sam pressionou uma pequena toalha contra meu ferimento.

— Ele cortou você. Não parece muito profundo, mas é melhor tomar precauções. Como você está se sentindo?

Porra. Eu nem senti aquele idiota me cortar, o que significava que eu estava cheia de adrenalina. Eu sabia que o pico estava chegando. Talvez tenha sido o estresse de tudo isso ainda fresco e pairando sobre minha cabeça que me fez sentir como se estivesse arrepiante. De qualquer forma, eu precisava do meu kit. Para piorar a situação, não troquei minha bomba esta manhã. Eu precisava de uma bomba de insulina e de preparação mental para lidar com as próximas horas.

CAPÍTULO VINTE E DOIS



Depois de infringir algumas leis de trânsito, meu carro derrapou e parou na entrada da casa de Evangelina. Vazou a notícia de um ataque a um policial na 9ª delegacia. Quando minhas mensagens ficaram sem resposta e minhas ligações foram direto para o correio de voz, entrei no carro e corri. A necessidade de vê-la, de saber que ela estava bem, era assustadoramente avassaladora. Subi os degraus, subindo dois degraus de cada vez, e cerrei os punhos, resistindo à vontade de bater na porta.

Em vez disso, apertando a campainha, esperei pelo que pareceu uma vida inteira até que o som das fechaduras arrancou um suspiro de alívio dos meus pulmões.

— Derek? — Sua voz estava rouca, os olhos semicerrados por causa das luzes fortes da varanda.

Ela estava dormindo. Mas ela estava bem e inteira.

— O que você está fazendo aqui?

Estendi a mão para ela e não disse nada, colocando-a em meus braços, o queixo apoiado no topo de sua cabeça enquanto emoções que eu não sabia o que fazer se acumulavam em minha garganta.

— Ei — ela sussurrou, colocando ternamente a mão sobre meu peito, como se sentisse a tempestade se formando dentro de mim — Estou bem. Foi apenas superficial.

Não a deixei falar mais uma palavra. Abaixei-me, peguei-a e embalei seu corpo. Os olhos castanhos de Eva fixaram-se nos meus, e nenhum de nós disse outra palavra enquanto eu atravessava o longo corredor de entrada para a sala de estar.

Inacreditável. Eva estava tentando me confortar.

No entanto, eu fui o idiota e foi ela quem ficou ferida.

— Eu liguei para você. Quando ouvi o que aconteceu e você não respondeu, não sabia o que pensar.

Seus olhos se estreitaram levemente enquanto ela me olhava com curiosidade antes de responder. — Desculpe. Quando cheguei em casa, adormeci. Eu não estava me sentindo muito bem e...

Encostei minha testa na dela.

— Sinto muito — sussurrei, incapaz de me lembrar da última vez que pedi desculpas sinceramente a alguém. — Sinto muito pelo que disse e por agir como um idiota.

Embora meu pedido de desculpas fosse sincero, eu não estava aqui apenas pelos sentimentos dela. Eu estava aqui pelo meu também. Deixá-la ir embora naquela noite não foi apenas para poupar sua dor, mas sim para me salvar. Eu era um filho da puta cruel. Deixá-la ir para evitar quebrá-la quando ela descobrisse o monstro que eu realmente era deveria ter sido uma razão boa o suficiente para continuar longe. Mas eu nunca fui um homem justo um dia na minha vida. Eu era muito egoísta, muito depravado e obcecado para deixá-la ir. Eu precisava provar tudo dela, até me satisfazer.

Eu disse a ela que a aceitaria e tinha toda a intenção de cumprir essa promessa.

Eva já era minha.

— Você foi um idiota — ela disse, colocando a mão sobre minha bochecha, e eu me inclinei para seu toque.

— Não vou negar que sou um idiota certificado. Mas você já sabia disso.

Ela abriu um sorriso.

— Não vou discutir isso. Mas você pode me colocar no chão agora.

— É isso que você quer? — Eu perguntei, passando minha boca ao longo de seu queixo. — Eu já te disse antes. Posso te abraçar assim pelo tempo que for preciso.

— Não me solte — ela murmurou contra minha bochecha.

Pressionando-a mais perto, abaixei nossos corpos no sofá.

Diego nos observou atentamente de seu lugar no braço de uma poltrona reclinável. Por alguma razão, senti necessidade de cumprimentar o pequeno bastardo, então o reconheci com um aceno de cabeça. Seus olhos amarelos brilharam enquanto ele olhava, inclinando a cabeça.

Eva estava olhando novamente, esperando por alguma coisa. Talvez uma explicação mais profunda, esperando por uma resposta que eu não estava preparado para dar a ela. Principalmente porque eu não sabia quem diabos eu era quando estava com ela. Seu toque, sua proximidade iluminaram tudo dentro de mim. Até meu pau estava duro embaixo dela, fazendo-me sentir um idiota sem consideração.

— O que aconteceu hoje?

Ela suspirou e apoiou a cabeça no meu ombro.

— Quando Yuri soube que o tínhamos, ele simplesmente perdeu o controle. Agrediu o advogado dele e apontou uma faca para mim.

— Como diabos ele enfiou uma faca em uma sala de interrogatório policial? — Cerrei os dentes e engoli em seco, reprimindo os demônios, desejando vingança.

— Erros foram cometidos. E os envolvidos estão sendo disciplinados.

— A merda deles poderia ter custado sua vida. Isso não é algo para se encarar levemente. E se ele te cortasse mais fundo? Você estava lá sozinha?

Evangelina se endireitou no meu colo, com uma expressão séria no rosto. — Você sabe quantas vezes entrei naquela sala sozinha? Não preciso de um homem para me proteger, Derek. Eu me controlei e fiz exatamente o que fui treinada para fazer.

Havia um certo tom em sua voz, provavelmente uma raiva residual pela forma como nossa ligação terminou mais cedo naquele dia. Se ela pensava que eu a estava subestimando, ela estava completamente errada. Eu estava totalmente consciente do fogo que vivia dentro dela.

Ela fez sinal para se levantar do meu colo, mas eu agarrei seus quadris no lugar.

— Ei, o que quer que você esteja supondo que eu quis dizer antes ao telefone, esse não é o caso.

— Olha, estou acostumada com as pessoas pensando que o meu lugar é passar papéis atrás de alguma mesa ou em uma área completamente diferente. Mas você é a última pessoa que quero que pense essas coisas sobre mim.

Eu segurei seu rosto.

— Não tenho muitas pessoas na minha vida pelas quais me importo. Você, anjo, eu já te disse uma vez. Você está na minha vida agora. Você é importante para mim. Eu só estava preocupado.

As mãos de Evangelina serpentearam pelo meu peito. — É por isso que você deixou marcas de pneus na minha garagem... Porque estava preocupado comigo?

Meus olhos se moveram para seus lábios e ela sorriu. — Eu teria arrombado a maldita porta se você me fizesse esperar mais um segundo.

— Oh, você estava preocupado com a destruição de propriedade?

Seus dedos subiram pela frente da minha camisa, enrolando-se em volta do meu colarinho.

— Para você, sim. — Isso me rendeu um sorriso, mas em vez de retribuir o gesto, minha expressão ficou séria. — Eva, se acontecer alguma coisa ou se você se sentir mal, quero que me ligue. Não importa a hora. — Outro sorriso apareceu nos cantos de sua boca. — Uma descarga de adrenalina como a que você teve hoje pode aumentar seus níveis de glicose, certo? É por isso que você está se sentindo mal? — Eu perguntei, pressionando o polegar em seu lábio inferior enquanto eles se separavam surpresos.

— Como você sabia disso?

Encolhi os ombros, não querendo dar grande importância à minha pesquisa. — Tenho lido algumas coisas.

— Deus, Derek. — Seu tom era baixo e ofegante.

Evangelina ergueu uma perna e sentou-se na minha pélvis, com pequenas coxas grossas escarranchadas em meu colo.

Foi nesse momento que registrei o que ela estava vestindo. Shorts pretos justos, tão pequenos quanto roupas íntimas, apareciam por baixo de uma camiseta branca enorme. A gola estava esticada, pendurada no ombro nu, e ela não usava sutiã.

Um gemido sacudiu meu peito ao ver seus mamilos empinados projetando-se através do tecido fino enquanto ela apertava sua bunda contra o eixo do meu pau duro como pedra. Acalmei seus quadris, os dedos cravando em sua pele. — Anjo, se você continuar fazendo isso...

— *Quédate conmigo* — ela sussurrou, lábios roçando meu pescoço.

Ficar com ela.

— Vou ficar o tempo que você precisar, mas se você continuar assim... — Apertei seus quadris com mais força, acalmando-a mais uma vez. — Eva — eu avisei.

— Ah, sou apenas Eva agora? — Mais beijos no meu queixo.

— Baby, você me fez perder a cabeça aqui. — Ela sorriu contra minha pele, aproveitando completamente esse jogo de sedução.

— Lembro-me de você dizendo que iria me foder em todas as superfícies e me deixar de joelhos, Derek Cain.

A ponta da língua dela roçou meu lóbulo da orelha.

Porra.

— Você não está se sentindo bem e não vou piorar as coisas. — Eu baixei minha voz, a boca roçando a concha de sua orelha. — Não importa o quanto eu queira dobrar você sobre este maldito sofá.

Ela amaldiçoou baixinho e arqueou as costas, a costura de sua bunda empurrando contra meu pau. — Você não vai me machucar. — Sua doce e pequena língua era hipnotizante enquanto passava por seu lábio inferior.

— Não há nada de gentil nas coisas que quero fazer com você. — Aproximei seu rosto enquanto lambia o mesmo caminho que o dela havia tomado segundos antes. — Eu já avisei você. — Deslizando a mão sob sua camiseta, acariciei a parte inferior de seu seio. — Eu vou acabar com você, anjo. Peça por peça. Centímetro por centímetro delicioso.

Seus olhos estavam semicerrados enquanto meu polegar esfregava círculos sobre o pico rígido de seu mamilo.

— Faça isso — ela sussurrou.

— Eva — avisei novamente, apertando-o entre os dedos, fazendo-a choramingar.

Desde quando eu me importava com alguém além de mim mesmo? Eu estava convencido de que tinha perdido oficialmente a cabeça. Uma mulher linda e muito disposta queria que eu transasse com ela até que ela ficasse destruída, e eu a estava rejeitando, com medo de machucá-la.

Evangelina agarrou a fivela do meu cinto e se inclinou para frente, beliscando o ponto pulsante em meu pescoço.

— São 22h, Derek. Por que você ainda está de terno? — O calor da sua respiração contra a minha carne fez-me empurrar meu pau contra o seu rabo, a fricção forçando um gemido da minha garganta.

Eu sabia que não poderia tê-la assim. E eu odiava que eu me importasse, já que eu nunca tinha dado a mínima. Contanto que eu sáísse, isso era tudo que importava. Kai nunca me deixaria superar isso se descobrisse.

As coisas eram diferentes com ela. Sempre diferente. Mas eu cansei de tentar analisar demais meus sentimentos. Ela e eu nos divertiríamos e sairíamos tão ilesos quanto pudéssemos.

— Você está sempre na sua cabeça, Derek.

Olhando para os seus olhos, era difícil concentrar-me em qualquer outra coisa que não fosse a sua pequena boceta quente a moer contra meu pau.

Então agarrei seus pulsos e ela ficou de costas em um movimento fluido, os braços presos acima da cabeça.

Os olhos de Eva se abriram e permaneceram arregalados. Somente quando senti a resistência contra meu domínio é que me lembrei do que ela me contou sobre seu passado.

— Sou só eu. Você pode confiar em mim. — Eu não sabia se estava tentando convencê-la ou a mim mesmo.

Ela fechou os olhos e murmurou algo que não consegui entender antes de abri-los e balançar a cabeça lentamente.

— Eu sei.

Eu sorri enquanto usei meu joelho para abrir suas coxas e me acomodar entre elas.

— Estou morrendo de vontade de saber qual é o seu gosto.

— Descubra.

Rindo em seus lábios, eu disse: — Minha garota é tão carente.

— Sua garota?

Meu aperto em seus pulsos aumentou e empurrei contra ela. Eva estava tentando meu autocontrole inexistente.

— Você é minha. Você é minha desde o momento em que te vi. Quantas vezes tenho que lembrá-la?

— Eu não quero que você me lembre. Eu quero que você me mostre. — Ela levantou a cabeça do sofá e deslizou a língua verticalmente pelos meus lábios. — Então, o que diabos você está esperando?

Minha boca colidiu com a dela sem outro segundo de hesitação, e senti pela primeira vez o gosto real de Evangelina. Ela tinha gosto da porra do paraíso e hortelã fresca, e eu sorri contra seus lábios, entendendo por que ela demorou tanto para atender a porta.

Beijando-a com mais força, engoli todos os seus pequenos gemidos e choramingsos, minha língua serpenteando dentro de sua boca e deslizando contra a dela.

— Tão perfeita — eu rosnei, arrastando a língua e os dentes pela coluna de sua garganta.

Movendo-me para seu peito, chupei a ponta de um seio enquanto segurava e massageava o outro. Ela gemeu e arqueou as costas, oferecendo mais de si mesma para mim. A marca marrom de seu mamilo era visível através do tecido molhado, e eu não pude evitar o rosnado baixo que ressoou entre meus dentes. Ela era tão sexy. Tudo que eu queria era enterrar meu pau dentro dela.

Evangelina lutou contra meu aperto e eu soltei seus pulsos, minha mão deslizando para baixo até envolver sua garganta.

— Anjo, deixe-me cuidar de você. — Quando apliquei pressão, ela sibilou de dor quando meus dedos roçaram seu curativo. Eu imediatamente a soltei e sentei de joelhos. — Porra. Desculpe.

Ela se apoiou nos cotovelos, com uma expressão perplexa no rosto. — Estou bem. Você não me machucou.

Levantando-me, passei a mão áspera pelo cabelo. Ela estava mentindo, por minha causa. Eu não sabia o que era mais enervante, o fato de estar tão desanimado por machucá-la ou de estar me negando sexo por medo do mesmo resultado.

Arrumei minha jaqueta.

— Está tarde.

— Pare com isso. Eu não sou feita de vidro. — Ela se levantou e colocou a mão no meu antebraço. — Ei, estou bem.

— Não podemos fazer isso agora.

— Somos adultos, Derek. Podemos fazer o que quisermos. Você quer isso. Quero isso. Qual é o problema?

Quando ela cruzou os braços sobre o peito, a decepção ficou gravada em seu rosto.

— Eu não sou bom para você. — Puxando-a para mim suavemente, passei o polegar em seu lábio inferior inchado, limpando todos os vestígios de nossa paixão.

— O que você está falando? — Sua voz era um sussurro.

Nossos olhares se concentraram um no outro, seus olhos cautelosos procurando respostas nos meus. Tudo dentro de mim gritava que eu deveria correr e nunca mais voltar. Mas como o filho da puta masoquista que eu era, eu sabia que não faria isso.

E pela primeira vez desde que era uma criança vulnerável, senti-me impotente à mercê desta mulher.

Eu a puxei para mais perto.

— Você tem um quarto de hóspedes?

— Um quarto de hóspedes?

— Ou posso ir embora.

— Você costuma rejeitar mulheres que quase se jogam em você? Deus, eu sou tão estúpida. Eu pensei...

Agarrei a mão dela e pressionei-a contra o comprimento ainda duro do meu pau. — Você pensou o que? Que eu não quero te foder? Oh, eu vou te foder, anjo. Foda-se esse desafio de você.

Sua respiração acelerou. — O que está impedindo você, então?

— Onde é seu quarto de hóspedes, Evangelina? — Eu perguntei, meu tom áspero em seu ouvido.

Eva colocou a mão no meu peito e se afastou de mim. Antes que eu registrasse o que ela estava fazendo, ela puxou a camisa pela

cabeça e jogou-a no sofá. Meus olhos famintos caíram instantaneamente para seus lindos seios. Eles eram perfeitos. Grande o suficiente para eu segurar e adorar, com mamilos castanhos claros, implorando para ser chupado. Viajando pela curva sutil de sua cintura forrada com músculos definidos, fiquei com água na boca.

Um pequeno dispositivo branco aderiu à pele logo acima do cócs do short.

Ela se sentiu mal hoje. Por mais que eu a quisesse, eu não a teria assim.

— Você pode ficar no quarto de hóspedes no final do corredor, passando pela cozinha. O banheiro anexo dispõe de amenidades de banho extras. Boa noite, Derek.

Seu tom era frio. Segurei seu pulso quando ela passou por mim, mas Evangelina se recusou a se virar, permanecendo enraizada no lugar e em silêncio. Talvez a teimosia dela fosse um ponto a meu favor, porque eu tinha certeza que se ela visse o sorriso divertido se estendendo pelo meu rosto, ela cortaria meu pau.

— O que? — Novamente, com a resposta curta.

Com as costas da mão, acariciei a pele lisa de suas costas. Arrepios invadiram cada centímetro dela. Eu queria virá-la para mim, satisfazer meus olhos com seus pequenos mamilos tensos. Cerrei minha mandíbula. Eu não era fã dessa nova bússola moral.

— Boa noite Anjo.

Ela zombou e caminhou até uma mesa lateral ao lado da poltrona reclinável, puxando um maldito vibrador rosa choque antes de subir as escadas correndo.

Ah, ela era má.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS



— Você está estranhamente quieta. — Lex me olhou com desconfiança do banco do passageiro.

— O que você quer dizer?

— Exatamente o que eu disse. Não se faça de boba comigo, Eva. Eu sei quando algo está incomodando você. Agora, me diga, o que há de errado?

Esconder qualquer coisa de Alexa era inútil. Sempre estivemos em sintonia uma com a outra desde a infância. Qualquer período de silêncio desconfortável entre nós era uma bandeira vermelha. A única razão pela qual ela nunca descobriu sobre minha briga com Derek foi porque eu me mantive enterrada no trabalho e no caso Belov enquanto ainda procurava pistas sobre o paradeiro de Rayne.

Suspirei, soltando um suspiro longo e derrotado.

— Sinto que você já sabe o que estou prestes a dizer.

Ela assentiu, com os lábios franzidos. — Sim, mas continue.

Rolei até parar quando o semáforo ficou vermelho e mudei para encará-la. — Ele passou a noite na minha casa há alguns dias.

Lex gritou e empurrou meu ombro com tanta força que minha cabeça virou para o lado, quase batendo no vidro.

— Cadela! E você não me contou?

— Lex, relaxe. Eu não preciso de uma concussão.

Ela alisou o cabelo preto curto e juntou as mãos enquanto a excitação iluminava seu rosto. — Desculpe. Não acredito que você não

disse nada.

— Realmente não há nada para contar. — À medida que os carros à minha frente aceleravam, minha atenção voltava à estrada.

Do meu ponto de vista periférico, eu a vi franzir o rosto em confusão. — Nada a dizer, como ele foi péssimo na cama, o que seria uma grande tragédia, a propósito, ou nada, como, não houve sexo?

— Opção B.

Lex riu incrédulo. — Ok. Entendo. Você acabou de conhecê-lo. Tem que fazê-lo trabalhar para isso. Mas por que a festa do pijama, então? Parece uma tentação desnecessária.

Minha prima ouviu atentamente enquanto eu contava a história de como Derek correu para minha casa após o ataque de Yuri. O sorriso de Alexa se alargou com a menção de como ele me carregou para minha sala de estar e o clima descarado que se seguiu. Nunca atenuando a teatralidade, com a mão no coração, ela fingiu desmaiar com a revelação da pesquisa de Derek sobre diabetes. Como destinatário de inúmeros presentes, bilhetes, flores e uma quantidade inacreditável de propostas de casamento indesejadas, por incrível que pareça, Derek dedicar um tempo para saber do meu diagnóstico foi o gesto mais doce que qualquer homem já fez.

— Então, você deu a ele luz verde para virar você do avesso e ele recusou?

— Isso.

— Bem, ele é gay?

— Lex! Ele não é. Ele está muito interessado.

Alexa assobiou. — Eva, você é muito gostosa. Você está me dizendo que estava com seus peitos à mostra, praticamente implorando para esse homem te foder até morrer, e ele recusou? Ouça, ou ele está jogando no outro time ou seu pequeno companheiro não está jogando, se é que você me entende.

Não consegui conter o riso. Não importa a circunstância, eu sempre poderia contar com Lex para me animar. — Confie em mim, esse não é o problema.

— Então, há algum problema? — ela perguntou, com as sobrancelhas levantadas.

— Não, eu não sei. Ele está sempre... Pensando. Um momento,

juro que ele está prestes a me comer viva. — Virei-me para ela e lambi meus lábios. — Deus, e eu simplesmente me abria e deixaria. — Agarrando o volante, fiz uma careta. — Então, outras vezes, ele fica tão hesitante. Como se ele não pudesse decidir o que quer.

Na manhã seguinte à noite em que ele passou a noite, acordei com uma casa vazia e um bilhete no balcão da cozinha. Uma maldita nota. Ele saiu cedo, me desejou um bom dia e prometeu devolver minha chave extra na próxima vez que nos víssemos. Sentimentos de vergonha e arrependimento fizeram meu estômago pesar. A dor de sua rejeição ainda estava fresca, não importa quantas vezes eu tentasse me convencer de que ele estava apenas sendo um cavalheiro.

Mas eu não queria um cavalheiro.

Ele me deixou tão molhada naquela noite. Provocá-lo com aquele vibrador, nada menos que um presente de aniversário de Lex, só saiu pela culatra porque sua determinação era inquebrável, e eu estava muito chateada para cuidar do problema sozinha. O mesmo não pôde ser dito nos dois dias seguintes. O nome de Derek saiu dos meus lábios mais vezes do que eu estava orgulhoso.

Porra, eu precisava transar.

A escuridão envolveu minha face quando entrei na garagem do condomínio de Alexa.

— Ei, olhe para mim e ouça com atenção — ela exigiu, com uma expressão séria no rosto. — Esse homem quer você, ok? Quaisquer que sejam os motivos dele para mantê-la distante agora, não tem nada a ver com você, Eva. Você é uma maldita deusa, principalmente porque se parece comigo — ela disse com uma piscadela, e eu bufei uma risada. — Você é uma detetive durona. Você preenche todos os requisitos, garota. E o jeito que ele estava olhando para você e só para você quando Pri e eu o conhecemos... Droga. — Lex balançou a cabeça e se abanou.

Estendendo a mão, puxei-a para um abraço apertado. — Obrigada, mana.

— Claro. E eu convidaria você para subir, mas meu brinquedinho estará aqui em menos de duas horas, e tenho lugares para depilar e me instalar antes disso.

Eu ri e dei um beijo em sua bochecha. — Vá transar, Sasquatch. E obrigada por sempre ser minha caixa de ressonância. Te amo, *pendeja*.

Lex me mandou um beijo. — Amo você sempre, querida.

Ela fechou a porta do meu carro e acenou uma última vez antes de se dirigir às portas prateadas do elevador no final da passarela. Esperei até que ela estivesse em segurança no elevador antes de me afastar. Quando liguei o motor, uma mensagem apareceu na minha tela. Pegando o telefone mais rápido do que meu orgulho admitiria, meus ombros murcharam quando vi o nome de Sam em vez do nome de Derek.

Desde quando eu ficava de mau humor por causa de um homem?

SAM

Belov está disposto a falar e citar alguns nomes. Você pode estar no Einstein Medical dentro de uma hora? Diz que só falará com a printessa voinov. Significa você.

A Princesa Guerreira?

EU

Sim. Eu estarei lá.

Abri meu porta-luvas – uma revista e uma Glock. Não havia tempo suficiente para voltar para casa e reabastecer, então tive que me virar. As chances de precisar de mais balas eram mínimas, na melhor das hipóteses, mas eu não conseguia me livrar da paranoia que subia pelas minhas costas. Já havíamos baixado a guarda com Belov antes, e as coisas tomaram um rumo totalmente sombrio em questão de segundos. Desnecessariamente suspeito ou não, eu sabia que estar excessivamente preparada era melhor do que ser pega de calças abaixadas.

Droga, se esse último pensamento não tivesse me feito pensar em Derek.

Ok, neste ponto, entrei no território de ser patética.

As vibrações pulsantes do meu telefone entre minhas coxas me sacudiram da cadeira.

Falando do próprio diabo.

— Ei! — Eu disse, tentando parecer a mais composta e despreocupada possível.

— Anjo. — Minhas entranhas derretiam em poças de gosma toda vez que ele usava esse apelido. — Você estará ocupada hoje à noite?

Claro, ele gostaria de sair quando eu tivesse que trabalhar. Derek sabia que quinta-feira era meu dia de folga, mas nenhum de nós contava que Belov desenvolvesse consciência.

— Infelizmente sim. Eu tenho que ir... — Fiz uma pausa. Mencionar o nome daquele idiota só levaria a vinte e uma perguntas e preocupações de Derek. Para evitar ficar irritada, optei por não entrar em detalhes. — Chamada de última hora para o trabalho. Pode levar a maior parte da noite.

— Eu poderia passar por lá e levar o jantar para você?

Ele não iria tornar isso fácil, não é?

— Eu não estarei na delegacia. Meu suspeito está no Einstein.

Houve silêncio do outro lado.

— Médico?

— Sim. — Soltei um suspiro. — Belov, Derek. Ele supostamente tem algumas informações que está disposto a revelar. — Derek não precisava saber que Yuri perguntou especificamente por mim.

— Tudo bem — disse ele momentos depois. — Quando posso ver você, Eva? Eu também tinha algumas coisas de última hora que precisava resolver. Então, peço desculpas pela minha ausência nesses últimos dois dias. E eu sinto sua falta, porra.

Recostei-me e fechei os olhos, a boca do meu estômago explodindo em chamas.

Para o inferno com Yuri Belov...

Passei a mão pelo rosto.

Não, eu tinha um trabalho a fazer. Trabalho primeiro, pau depois.

— Ainda podemos jantar juntos, se você quiser. É o hospital do meu pai também. Talvez vocês dois possam conversar.

Eu o ouvi zombar do outro lado da linha.

— Está bem. Sei que isso é importante para você e prefiro não ser uma distração. — Antes que eu pudesse contestar, ele me interrompeu. — Se você estiver disposta, me ligue quando terminar. Não importa a hora.

— Ah, outra festa do pijama?

Ele riu. — Não são necessárias baterias desta vez.

— Promessas, promessas, Derek. Você me deixou um bilhete como uma oferta de paz depois que eu praticamente enfiei minha vagina na sua cara. Não faz exatamente uma garota se sentir confiante. E eu não me importo com o que isso me faz parecer, mas os homens não me rejeitam.

— Não foi assim que aconteceu, e garanto que quando você enfiar sua boceta na minha cara, você não terá a menor dúvida sobre onde estamos.

Todo o meu corpo estremeceu e agarrei o volante com uma das mãos até os nós dos dedos ficarem brancos.

— Vejo você hoje à noite, então — murmurei, com os olhos fechados novamente.

— Anjo... — Ele parou em outro período de silêncio enlouquecedor, como se tivesse decidido contra o que quer que estivesse prestes a dizer. — Tome cuidado.

Eu não percebi que estava prendendo a respiração até a ligação terminar. E foi bom eu não precisar de tempo de preparação como Lex.



Os saltos das minhas botas batiam no piso de vinil recém-encerado da unidade forense do hospital. Dois policiais e um segurança armado cuidavam do quarto de Belov. Parei no posto de enfermagem para me apresentar e obter uma atualização rápida sobre a condição do homem. Ele estava há dois dias fora da cirurgia devido a uma laceração no fígado. Em qualquer outra circunstância, eu teria sentido remorso, mas Yuri Belov era uma escória. O sangue em suas mãos, direto ou indireto, provavelmente tinha quilômetros de espessura.

— Evangelina?

Levantei meu olhar para a voz familiar e feminina do outro lado da ampla mesa. Helena Adamos, psicóloga clínica do hospital, cumprimentou-me com um sorriso fascinante. Eu a conheci há sete anos, quando eu era apenas uma novata. Ela e meu pai desenvolveram uma amizade próxima ao longo dos anos, e muitas vezes me perguntei se ele se afeiçoou a ela tão rapidamente porque ela tinha a mesma idade que Frankie teria se estivesse vivo. Houve um tempo em que brinquei com a ideia de meu pai ter sentimentos românticos pela jovem médica. Não teria sido muito necessário. Leni, como todos a chamavam, era incrivelmente linda. Ela era filha de um rico financista grego, cuja mãe teria vindo de uma aldeia nas Filipinas.

— Ei, Leni!

— Aqui para Belov? — Eu balancei a cabeça. — Ah, então você é a *Princesa Guerreira* de quem ele está falando.

— Sério?

Leni contornou a mesa até ficar na minha frente, com uma pasta parda na mão. Não pude deixar de olhar quando ela se aproximou, alta e majestosa, como se estivesse trabalhando em uma passarela. Seu cabelo caramelo estava preso em um coque elegante.

— Ele tem falado e se comportado de maneira um pouco estranha, então me chamaram para avaliar sua competência mental. Apenas dois dias após a operação, ele realmente deveria estar descansando, mas insiste em falar com você. — Ela folheou algumas anotações, balançando a cabeça enquanto puxava duas folhas e as entregava para mim.

— Acho que esfaquear um homem e mandá-lo para uma cirurgia de emergência é excitante hoje em dia.

Um sorriso apareceu no canto de sua boca. — Meu tipo de mulher.

Antes que eu pudesse perguntar o que ela quis dizer com não considerar o tipo violento, o elevador no fim do corredor apitou e se abriu. Sam segurou duas xícaras de café enquanto caminhava em nossa direção.

Minhas sobrancelhas se juntaram enquanto eu estudava sua expressão tensa e linguagem corporal tensa.

— Sam? — Eu disse, tocando o pulso de Leni e chamando sua atenção. Assim que seus olhos caíram sobre ele, seus ombros

enrijeceram, a cabeça varrendo a unidade no que parecia ser um movimento estranhamente calculado.

— Eva, você está armada?

Meu foco nunca deixou Sam enquanto eu balançava a cabeça. Seus olhos estavam arregalados e em pânico, as íris azuis borradas atrás de uma parede de lágrimas.

Algo estava errado. Aquelas alfinetadas de antes agora atingiram todos os instintos de lutar ou fugir que eu possuía. Alcançando minha cintura, tirei minha arma do coldre, ordenando à jovem enfermeira no balcão que se escondesse debaixo de sua mesa.

— Leni, proteja-se. Volte para lá com ela.

— Eva, acho que estamos prestes a ter companhia.

— Leni. Agora!

Por que ela não estava se movendo?

Um zumbido agudo passou pela lateral da minha cabeça, desgrenhando fios de cabelo enquanto passava. Nos segundos seguintes, outro estalo reprimido explodiu contra o equipamento médico nas minhas costas.

Tiros.

Corri até Sam, mas Leni agarrou minha jaqueta e me puxou de volta.

— Eva, não! São os homens de Belov. Temos que correr ou estaremos mortos.

Tiros pesados irromperam ao nosso redor, abafando sua voz em um mar de caos. Um dos policiais que mantinham o quarto de Yuri vigiado caiu enquanto o outro e um guarda se abaixaram para se proteger antes de responder ao fogo.

Merda. Merda. Merda.

— Não podemos ir embora... Sam... — As palavras morreram na minha garganta enquanto eu observava com horror seus joelhos baterem no chão.

Com os olhos semicerrados, riachos de sangue escorriam de um ferimento de bala na lateral de sua cabeça.

— Não!

Leni me arrastou para o chão. Assim que estávamos atrás da mesa, lágrimas escorreram pelo meu rosto. Para Sam, o outro policial e a enfermeira que estava morta no chão ao meu lado. Leni e eu fizemos contato visual, balançando a cabeça, incrédulas.

— Foi uma armadilha — eu sussurrei. — Temos que sair daqui, Len. Você sabe como sair deste andar?

Uma saraivada de balas explodiu sobre nossas cabeças quando armas automáticas entraram em ação.

Ela apontou para o outro lado da sala. — A ventilação. Eles são estrategistas e provavelmente bloquearam elevadores e escadas.

Limpei com força as últimas gotas de lágrimas e respirei forte e resolutamente. — Vá, Leni. Eu vou cobrir você.

Ciente de que as chances de sair viva eram mínimas, enviei uma rápida oração por meu pai. Pensamentos sobre a devastação que minha morte causaria sufocaram o ar de meus pulmões. Me matou saber que ele estaria sozinho – primeiro minha mãe, depois Frankie, seu melhor amigo, e agora eu. Fiquei grata por ele ter decidido ir para casa em vez de fazer um turno duplo como havia planejado.

Leni enrolou as pernas da calça do uniforme médico. Amarrada a cada panturrilha havia uma Glock 17. Antes que eu pudesse registrar o que estava vendo, a mulher, que segundos atrás era apenas uma civil, puxou a camisa para cima, revelando um cinto tático em volta do abdômen. Ela me jogou dois pentes sem pestanejar, como se tudo isso fosse perfeitamente normal.

— Não há tempo para explicações. Vamos.

Dito isso, ela se foi e eu estava de pé, fazendo chover fogo do inferno pelo corredor estreito. Quando cheguei à ventilação, Leni já a havia aberto. Olhando para ela com uma ponta de suspeita, fiz sinal para que ela entrasse primeiro.

Voltas e reviravoltas nos levaram longe o suficiente dos tiros para que se tornassem meros ecos à distância. Leni parou e encostou a cabeça no metal. Fechando os olhos, ela soltou um suspiro pesado. Quando ela se virou para mim, ela congelou, o cano da minha arma apontada entre seus olhos.

— Leni, preciso que você fale comigo agora porque o que diabos aconteceu? Quem é você?

— Abaixе a arma, Eva. Você sabe quem eu sou. E se eu quisesse machucar você, você estaria lá com a enfermeira Callahan.

— Se você quisesse me machucar?

— Sim, do qual não tenho desejo. Mas vou me defender se o assunto for quem sai vivo deste túnel e quem não sai.

Eu tinha sido transportada para a zona crepuscular?

A outrora amigável psicóloga clínica e boa amiga de meu pai apenas ameaçou me matar se o que estava em jogo fosse isso.

— Você está armado até os dentes. Eu poderia fazer com que você fosse presa por posse não autorizada de arma de fogo e munição em um hospital.

— Mas você não vai.

Sua voz continha uma corrente de perigo. A ameaça era alta no brilho duro por trás de seus olhos. Mas eu não era do tipo que desistia de um desafio. Cerrei a mandíbula, a arma ainda apontada para Helena Adamos, ou quem diabos ela era.

— Não brinque comigo, Leni. Este não é o momento.

— Você tem razão. Não é. Primeiro, precisamos dar o fora daqui. Então, você e eu podemos conversar.

Seu telefone vibrou em sua mão. Lançando um último olhar de advertência em minha direção, ela abriu a mensagem.

— Precisamos chegar à saída sul. Calvary está esperando.

— São dois andares abaixo.

— Certo — disse ela, espiando pelas fendas que davam para uma despensa. — A escada deveria ficar no final do corredor desta sala.

O silêncio reinou entre nós enquanto ela esperava minha decisão. Nunca fui de lidar com o acaso e baixar a guarda, mas meu instinto foi confiar nela. Engoli em seco e exalei, abaixando minha arma.

— Porra. Ok, vamos fazer isso. — Tirando minha jaqueta, enxuguei o suor que escorria pela minha testa. — Não sabemos o que vamos encontrar. Caso sejamos emboscados, se houver uma chance de você fugir...

Ela colocou a mão no meu braço, suavizando as feições. — Nós duas vamos sair daqui, Eva.

Balancei a cabeça uma vez, percebendo de repente que ela estava certa. Eu não iria prendê-la.

Entramos furtivamente na despensa vazia, a escuridão sendo nossa cobertura temporária. O vidro pequeno e retangular na porta não dava um ângulo muito grande para ver possíveis ameaças no corredor, então tivemos que entrar às cegas. Por mais impossível que fosse evitar o rangido agudo, consegui arrombar a porta sem alertar os três homens armados no final da unidade.

— Leni — sussurrei — não sei se você é boa atiradora, mas estamos sem balas. Faça com que cada acerto conte. — A bile subiu pela minha garganta com as palavras que eu estava prestes a dizer. Tirar uma vida, mesmo quando necessário, nunca foi algo que um bom oficial quisesse fazer. Havia protocolos em vigor. Mas estes homens não estavam aqui para negociar. Eles estavam aqui por sangue. Meu sangue. — Tiros matadores.

O sussurro de um sorriso brincava nos cantos dos lábios de Leni, como se ela estivesse esperando o sinal verde para fazer exatamente isso. A dura constatação foi como um soco no estômago. Esta não foi a primeira vez que ela passou por uma situação de vida ou morte. Ela era muito tranquila, muito confiante, com uma segurança que só vinha com a experiência. A fluidez de seus movimentos e seu comportamento calmo sugeriam uma coisa: Leni era uma profissional.

A questão era: de quê?

— Pronto quando você estiver — disse ela, olhando cautelosamente pelo batente da porta. — Vou pegar o da direita. Você elimina os dois da esquerda.

— Cuidado com os civis — avisei, ajoelhando-me abaixo da linha de fogo de Leni.

Uma gota de suor escorreu da ponta do meu nariz quando a parte de trás da cabeça de um homem alto se concentrou na minha visão. Dois tiros perfuraram o ar, atingindo o alvo com precisão. O terceiro apenas um segundo depois. Saímos correndo, parando os ombros encostados na parede no final do corredor. Caindo de joelhos novamente, espiei pela esquina, apenas para me deparar com uma saraivada de balas. A parede à nossa frente explodiu quando o chumbo de alta potência rasgou violentamente sua superfície.

Leni colocou a mão em meu ombro e uma ladainha de palavras não ditas flutuou entre nós. Estávamos resignadas com qualquer

destino que nos aguardasse, mas se morrer fosse o plano, sairíamos lutando e levaríamos conosco o maior número possível desses idiotas. No momento em que o tiroteio cessou, estávamos prontas.

Mais quatro corpos caíram e corremos em direção à escada. Sem um instante para se recuperar, mais homens de Belov subiram as escadas.

Dois a dois, eles caíram.

Leni espiou por cima da grade. — Esses filhos da puta não param de vir!

— Quantos? — Eu perguntei, largando meu carregador vazio e recarregando.

— Parecem seis.

Uma comoção de vozes e barulho ecoou nos níveis acima de nós. — Seremos atingidas se não continuarmos nos movendo.

Ela pegou uma AK de um dos criminosos mortos e me entregou. — Então vamos lutar contra eles.

— Vamos, porque estou pronta para ir para casa.

A excitação de Leni foi descarada desta vez, dividindo seu lindo rosto com um sorriso sanguinário.

— Eu sabia que gostava de você.

Homens de Belov estavam espalhados nas frias escadas de concreto. Mais uma porta e estaríamos livres. Leni abriu-a, sem esperar um soco na lateral do rosto, e caiu inconsciente.

— Abaixo isso, querida — disse uma voz profunda e acentuada por trás, sua arma pressionada na parte de trás da minha cabeça. — Pakhan nunca disse que você era assim. Que surpresa agradável.

Ele me desarmou e me prendeu na parede, seu corpo grande empurrando minha bunda. Um hálito quente e vil percorreu meu rosto enquanto ele ria perto do meu ouvido. O homem tinha facilmente mais de um metro e oitenta de altura. Sua enorme altura perdia apenas para seu volume. Meu estômago embrulhou quando senti seu pau endurecer nas minhas costas.

— Foda-se!

— Se você insiste.

— Nikolai! — o outro homem repreendeu. — Nossas ordens eram para matar a cadela.

Ele me virou violentamente em sua direção, olhos verdes lascivos ardendo com uma crueldade apática. — Sim, mas ele nunca disse que não poderíamos nos divertir um pouco primeiro.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



Tudo na minha frente era um borrão. Eu estava no piloto automático, rasgando impiedosamente a carne com a ponta da minha lâmina e o calor do meu HK. Havia apenas um pensamento em minha mente. Um objetivo. Alcançá-la.

Salvá-la.

No momento em que o olhar sério de Kai se conectou com o meu, eu sabia que a mensagem que ele havia recebido envolvia Evangelina. Ela e Helena estavam sob o fogo dos homens de Belov e se abrigaram no sistema de ventilação do Einstein. Eu me culpei. Eu deveria ter cuidado daquele saco de merda no momento em que ele a tocou pela primeira vez. Mas eu estava tentando ser sensato e não provocar a guerra em Ares.

Foda-se cada um deles. Por Eva, eu iria para a guerra com o mundo inteiro.

A chama de uma bala queimou minha pele ao atingir o topo do meu ombro esquerdo. Apertando a mandíbula, me virei para encontrar um rosto familiar. Seu sorriso de escárnio mutilado e coberto de prata se torceu ainda mais quando ele ergueu a arma, pensando que tinha saltado sobre mim, mas Kai foi mais rápido.

— Há um corpo, D.

O medo tomou conta do meu coração quando me aproximei da forma esbelta de uma mulher no chão. Mechas castanhas em seu cabelo trouxeram uma nova onda de alívio, e eu exaleei a tensão residual e segui em frente. Eu sabia que Kai lidaria com Helena. Os suaves movimentos ascendentes de seu peito sugeriam que ela estava

viva. Viva, mas não consciente e, portanto, não ajudaria em nada a localizar a mulher que eu procurava.

A única que importava.

Foi então que ouvi a voz dela, abafada pela comoção e distância entre nós, mas era inconfundível.

Abri a porta de metal e Evangelina estava de pé sobre o corpo de um homem grande, com uma faca ensanguentada na mão. Ela se assustou com o barulho e se virou para mim em pânico. A arma que ela estava segurando fora de vista estava apontada em minha direção. Através da névoa de caos e sombras, ela hesitou apenas o tempo suficiente para registrar meu rosto antes de puxar o gatilho. Mas houve um segundo de indecisão. Um lampejo de desconfiança em seus olhos enquanto eles se estreitavam em minha arma. Eu não podia negar o toque de mágoa que sua suspeita causou, mas eu entendi.

— Anjo. — Um suspiro trêmulo saiu de seus lábios quando corremos para os braços um do outro.

— Derek! O que você está fazendo aqui? Como você sabia?

— Eu vim atrás de você — eu disse, apoiando minha testa na dela. Ela estava tremendo e emoldurei seu rosto, limpando respingos de sangue com o polegar. — Você está machucada

Ela balançou a cabeça. — Não é meu sangue. Ele tentou...

A raiva vermelha tomou conta da minha visão quando caiu sobre o cadáver do homem que tentou tirar vantagem dela.

— Ele teve o que merecia — eu disse com os dentes cerrados. Orgulho e alívio cresceram em meu peito pelo que ela fez. Eu queria levá-la para casa e afundar meu pau dentro dela. — Essa é minha garota.

Ela cuidou da porra dos negócios e saiu.

O rangido alto de uma porta nos fez sacar nossas armas. Kai ergueu a mão ao cruzar a soleira, Helena debaixo do outro braço. Ela estava acordada, embora parecesse atordoada e fraca.

O olhar de Evangelina encontrou o meu enquanto nós quatro dividíamos o mesmo espaço. Era como se eu pudesse ver as rodas da sua mente girando, alimentadas por intermináveis perguntas cujas respostas ela nem sequer conseguia compreender.

Respostas que eu nunca poderia revelar. Não se isso

significasse perdê-la.

— Você é... o Calvary? Como você conheceu Leni? E quem é esse? — ela perguntou, apontando para Kai.

— Não, não somos. A polícia cercou este lugar. — Inclinei sua cabeça suavemente. — Anjo, você e Helena têm que sair por aquela porta. Acompanharei você até que seja segura.

— Espere, e você?

— Kai e eu temos nosso próprio plano de saída.

Seus dedos enrolaram-se firmemente em torno das mangas da minha jaqueta. — Derek, não. Por favor, venha comigo.

— Encontro você lá fora. — Meus lábios roçaram a linha do seu cabelo quando me inclinei. — Vou mantê-la segura. Eu prometo.

Observá-la entrar naquele estacionamento sem mim parecia errado, aquela sensação de vulnerabilidade me atingindo novamente com força total.

O estacionamento estava mal iluminado, mas as luzes vermelhas e azuis piscando na esquina aliviaram minhas preocupações. Helena olhou para trás, com os olhos estreitados e questionadores, tentando decifrar Evangelina e eu.

Ela e eu trocamos poucas palavras ao longo dos anos além dos negócios. Estivemos em missões de parceria menos de algumas vezes. Nunca falando mais do que o necessário. Ela era habilidosa, bonita e mortal. Sua beleza impressionou Kai, e os dois tiveram um breve caso, permanecendo amigos íntimos quando tudo acabou.

— Vamos — Kai disse, batendo palmas nas minhas costas.

Lancei uma última olhada para o canto onde Eva havia desaparecido de vista.



Quase duas horas se passaram desde que encontrei Evangelina. Kai e eu ficamos atrás da barricada policial, fazendo o papel de cidadãos preocupados enquanto esperávamos que os intermináveis interrogatórios e declarações chegassem ao fim. Helena foi a primeira

a ser libertada. Mais uma vez, seu olhar curioso passou por mim. Acenando com o queixo, ela caminhou além de nós para um local mais privado.

Encostei-me nos tijolos de uma loja, aguardando a enxurrada de perguntas que sabia que viriam. Ela baixou a bolsa de gelo do ferimento no olho direito, um olhar de aço me perfurando onde eu estava.

— O que você está fazendo com a filha de Franco?

— Não é assunto seu.

— Você entende as implicações que isso pode trazer para todos nós? Diga-me, Franco sabe que você está brincando com Eva?

Eu exalei um suspiro forte e me afastei da parede. — O que faz você pensar que eu me importo de um jeito ou de outro?

— É exatamente isso. Você não dá a mínima para ninguém além de você mesmo. Evangelina, ela não merece sua crueldade. Ela é boa demais para você.

— Eu sei.

— Fique longe dela antes que ela se envolva em suas merdas, Derek.

Eu me aproximei de Helena, um movimento que não a abalou nem um pouco. Não que eu tenha ficado surpreso. Ela tinha apenas uma fraqueza, e ela estava à mostra. Em nosso ramo de trabalho não havia espaço para sentimentos. Eles foderam com o instinto e o tempo de reação. Mas Helena era diferente. Era como se ela tivesse um interruptor que pudesse desligar e ligar à vontade. Eu a vi destruir uma sala cheia de homens com um movimento no quadril e um sorriso. Alguns a apelidaram de Harley exatamente por esse motivo. Apenas sua arma preferida era uma AK em vez de um bastão de madeira. Na hora seguinte ao massacre, ela se ofereceu como voluntária na arrecadação de fundos do hospital.

— Odeio desapontar você. Na verdade, não me importo.

A risada dela era tão fria e sem humor quanto as adagas em seus olhos. — Você é um verdadeiro filho da puta — ela retrucou, ficando em pé.

Com 1,60m, embora mais alta que Eva, fiquei de pé sobre ela, com um arco na testa. — Estou feliz que você esteja ciente.

— É o bastante. — Kai quebrou seu silêncio. Com uma mão no meu peito, ele me empurrou de volta. — Vamos, irmão. Se não fosse por Leni, nenhum de nós saberia nada. Mostre alguma maldita gratidão. Ela ajudou sua garota.

Helena zombou atrás de nós.

— A garota dele, hein? E nós ajudamos uma a outra. — Um sorriso astuto apareceu em seu rosto. — Cain, vá em frente. Mas saiba que se você foder com ela, ela é o tipo de mulher que não hesitará em colocar o pé na sua bunda. E algo me diz que você deixaria. — Ela balançou a cabeça e riu com uma espécie de diversão distorcida. — Nunca pensei que veria o dia em que Derek Cain levaria uma surra.

Abri a boca para respondê-la, mas um assobio baixo de Kai chamou minha atenção para outro lugar. A presença de Evangelina desencadeou uma série de reações viscerais. O sangue em minhas veias fluíu um pouco mais rápido, estabelecendo-se no meu pau. As bordas dos meus lábios se curvaram em um sorriso irreprimível. E uma palavra ecoou em minha mente como um mantra: *Minha*.

A alegria ao vê-la durou pouco. Dois passos atrás estava um homem mais alto e mais velho. Suas sobrelanceiras grossas estavam unidas, os olhos brilhando. Seu olhar se moveu para cada um de nossos rostos, finalmente fixando-se no de Helena e suavizando-se em um sorriso. Depois de puxá-la para um abraço apertado, Franco esperou pela nossa história pelo bem da filha.

Isto deveria ser interessante.

Eva colocou os braços em volta de mim, apoiando a cabeça no meu peito. Não precisei olhar para cima para saber que Franco estava observando. Senti seu olhar mordaz e ouvi a respiração pesada quando retribuí o abraço de Eva.

— Ainda não terminei, mas precisava ver você, ter certeza de que você estava bem — ela sussurrou em minha camisa. — Dê-me mais trinta minutos.

Cada instinto me levou a segui-la através do estacionamento escuro, mas eu sabia que Franco e eu tínhamos alguns assuntos a resolver. Sempre na mesma sintonia, Kai assentiu e seguiu as duas mulheres.

— Não sei que jogo doentio você está jogando aqui, mas fique bem longe da minha filha. — Franco deu um passo à frente, com as mãos nos quadris. — Por que você está fingindo ser filho de James?

Por mais que eu quisesse admitir o quanto detestava carregar metade do DNA daquele idiota, não seria sensato revelar meu ódio.

— Que tal ignorarmos a besteira. Eu sou quem digo que sou. — Eu ergui um sorriso. — Mas eu tenho fotos da minha mãe, se você precisar de provas. Tenho certeza de que você ouviu as histórias sobre ela contadas pelo seu bom amigo, James.

Franco examinou os arredores antes de se aproximar. — Eu não me importo quem você é. Eu sei o que você é, e isso é mais que suficiente. Não direi isso de novo; fique longe da minha filha.

— Franco Cruz, você está me ameaçando? — Seus lábios formaram uma linha reta e ele deu um passo para trás, com sua bravata vacilando. — Escute, é isso que vai acontecer. Você vai convencer Evangelina a ficar comigo...

— O diabos que eu vou!

— Sua filha tem uma recompensa pela cabeça, cortesia da família criminosa mais notória da Filadélfia. Quem você acha que vai mantê-la segura? Algum policial de merda sentado em um carro do lado de fora da casa dela? Você?

Ele passou as duas mãos pelo couro cabeludo e caminhou. — Por que você se importa tanto? Você é igual a eles. Por que eu confiaria em você, entre todas as pessoas, com a vida da minha filha?

— Porque eu nunca iria machucá-la.

A mandíbula de Franco se contraiu enquanto ele balançava a cabeça de um lado para o outro. — No momento em que soube que era você, fiz minha pesquisa. Fiz minhas perguntas e sua reputação não evoca exatamente confiança. Você é o pior dos piores. Não é diferente daqueles corpos lá dentro. Se você acha que esse é o tipo de homem que quero na vida da minha filha, você está completamente errado. — Ele virou as costas, movendo-se em direção ao estacionamento. — Fique longe dela. Eu sou o pai dela e vou protegê-la.

— Como você fez quando consegui um guarda-costas pessoal para ela. — Ele congelou. — Adrian Walker lembra alguma coisa, Franco?

— Vá se foder, Cain — ele cuspiu, ainda de costas para mim, com os ombros tremendo.

Eu ri sombriamente. — Não se preocupe. Eu também cuidei desse problema. Acho que ainda tenho o sangue daquele bastardo

debaixo das unhas.

Franco baixou a cabeça. — Que Deus te perdoe.

— Não estou procurando perdão.

— Você é um filho da puta doente.

— Talvez. — Cerrei os dentes, a paciência se esgotando. — Mas esse filho da puta doente é o único disposto a fazer o que for preciso para manter Eva segura. E não sejamos hipócritas. Você sabe o que Leni é.

Ele se virou. — Não posso proteger minha filha de um inimigo só para mandá-la para os braços de um demônio ainda maior.

— Mas você irá.

Suas bochechas ficaram vermelhas e ele apontou um dedo acusatório em minha direção. — Se você tocá-la...

— Eu já te disse que não vou machucá-la.

— Não. Você sabe exatamente o que quero dizer. Você acha que não vi o jeito que você olha para ela? A maneira como ela se apegava a você. E não me venha com essa besteira de que você sente alguma coisa por ela. Ela é linda, inteligente, rica. Você não vai fazer da minha filha uma prostituta.

Havia muitas coisas que eu poderia dizer para irritá-lo, mas por respeito a Eva, ignorei sua declaração e me recostei no prédio de tijolos, enfiando as duas mãos nos bolsos. — Você tem Ares à sua disposição. Use-o.

— Se mantê-la segura significa usar Ares, então ela pode ficar com Leni.

Foda-se isso.

Sua permissão e aprovação não significaram nada. Eu estaria condenado se deixasse a segurança de Eva nas mãos de outra pessoa que não fosse a minha. Nem mesmo a de Leni.

— Onde você está indo? — ele perguntou enquanto eu passava por ele e atravessava a rua.

— Pegar o que me pertence.

CAPÍTULO VINTE E CINCO



— Sente.

Evangelina empurrou meu peito até que a parte de trás dos meus joelhos tocasse a cadeira de madeira. Deixei meu corpo cair e ela se posicionou entre minhas coxas. Uma onda de calor percorreu meu corpo por tê-la tão perto. O pedaço de pele exposta acima do cós de sua calça jeans me chamava, acenando para ser tocado. Reprimi o impulso. Ela passou por muita coisa esta noite e precisava de conforto, não dos meus avanços. Seus olhos brilharam de emoção, mas a máscara que ela segurava permaneceu firme.

— Estou bem.

— Derek, você levou um tiro.

— Quase um arranhão.

Ela revirou os olhos, enxugando uma compressa de gaze com álcool. — Pare de ser tão teimoso e deixe-me ajudá-lo. É o mínimo que posso fazer.

Estendendo a mão, gentilmente peguei seus pulsos em minhas mãos. — Você não me deve nada. Você me ouviu? Não é nada.

Evangelina balançou a cabeça. — Isso não é verdade. Você arriscou sua vida para me ajudar. — Seus olhos castanhos escureceram. — E foi uma coisa muito, muito estúpida de se fazer. Por que você se colocaria em perigo assim? Você poderia ter sido morto!

— O que você esperava que eu fizesse? — Eu disse, encolhendo os ombros. — Sentar e esperar?

— Sim, exatamente isso. Você não é policial, Derek. E você não é Bruce Wayne ou imortal. Você é um civil. E isto — disse ela, apontando para meu ombro — poderia ter sido muito pior.

Ela não sabia até onde eu estava disposto a ir, as pessoas que eu mataria sem pensar duas vezes se isso significasse que ela estava segura. No dia em que coloquei os olhos em Evangelina, algo dentro de mim saiu do lugar. Fora de equilíbrio. A estrutura da minha própria existência havia sido desfeita. O código pelo qual vivi. Tudo isso, em frangalhos. Ela virou meu mundo de cabeça para baixo e de dentro para fora.

Eva concordou em ficar comigo, mesmo que suas condições significassem que seria apenas por alguns dias. Eu sabia que ela tinha perguntas. Explicar o que Helena, Kai e eu fizemos seria virtualmente impossível. Mas eu estava pronto para a tarefa. Mentir para ela parecia errado agora, mas minhas opções eram mínimas. Perdê-la não era um delas.

— Mas eu estou bem.

— Eu julgarei isso — disse ela, pingando mais álcool no algodão.

— Isso parece pessoal.

Ela conseguiu dar uma pequena risada. — Você apenas fique quieto. Meu pai me ensinou algumas coisas.

Quando ela puxou a gola da minha camisa, a elasticidade do tecido não cedeu o suficiente. Puxei-o pela cabeça, com cuidado para não rasgar a pele sensível.

— Isto é melhor?

Ela molhou os lábios e deu um passo para trás, os olhos percorrendo a parte superior do meu corpo. Um sorriso surgiu em meu rosto com sua avaliação e me recostei na cadeira. — Achei que isso lhe daria melhor acesso.

— Sim — ela disse em um tom ofegante. — Há tanta tinta. — Com a mão livre, ela passou os dedos pelo meu peito. — Cada centímetro de você. O que todos eles significam?

Fechi instintivamente os olhos ao seu toque, e meu pau pulou contra a costura da minha calça.

— Anjo. — Eu peguei suas mãos. — Coloque o maldito curativo no meu ombro.

A dor era necessária. Eu precisava sentir a queimadura do álcool. Uma troca justa pelas chamas acariciando minha pele com cada toque de seus dedos. Onde quer que ela tocasse estava em chamas. Agarrei as bordas da cadeira, me esforçando para não agir por impulso enquanto lutava contra a vontade de jogá-la de volta em cima da mesa. Maldita mulher.

Evangelina hesitou, com o lábio entre os dentes, antes de pressionar a gaze fria em meu ferimento. Cerrei minha mandíbula e um gemido alto ressoou em minha garganta.

— Desculpe.

— Está bem. Só uma pequena queimadura. Nada que eu não tenha sentido antes.

Seu foco mudou de mim para além do meu ombro. Ela estava quieta. Pensativa. Olhos semicerrados levemente.

— Como você conhece Helena? Como vocês dois são tão habilidosos? — Toda a atenção voltada para mim, seu olhar era penetrante, exigindo respostas. — Derek, ela tinha um cinto tático por baixo do uniforme. Duas Glocks. E você... — Ela recostou-se na mesa, como se estivesse avaliando minha reação. — Você entrou com armas em punho em um tiroteio com mafiosos russos. — Apalpando a têmpora, ela balançou a cabeça e saiu da mesa, andando de um lado para o outro. — Eu nem acredito que estou dizendo isso em voz alta. Quem é você? O que você é?

Ela estava muito perto, oscilando à beira de uma verdade que a arrancaria de mim.

— Eva, você sabe quem eu sou. Eu possuo o Sloane. Sou instrutor tático. É o que eu faço. E Helena é cliente de longa data de Kai.

— Seu irmão adotivo.

Eu balancei a cabeça. — Isso mesmo.

Ela parou novamente, indo para a sala de estar. Mão no quadril, uma na testa. Divagações incoerentes explodiram de seus lábios, refletindo seus movimentos frenéticos.

Agarrei-a pelo pulso, virando-a para mim. — O que é?

— Você não pode fazer isso de novo. Você simplesmente não pode.

— Eu precisei.

— Não! — Sua voz aguda ecoou nos tetos abobadados. — Não — ela disse em um sussurro. — Eu menti hoje. Quebrei meu juramento e menti por você. Eu menti por Helena. O que estou fazendo?

Ela enterrou o rosto nas mãos.

— Anjo, venha aqui. — Eu a puxei para o meu peito. Ela estava chorando, tremendo em meus braços. Emoções que eu não conseguia identificar ou sabia o que fazer me esmurraram impiedosamente, instalando-se na boca do estômago. — Desculpe. Eu não queria que você tivesse que fazer isso.

— Derek, você poderia ter morrido. — Ela inclinou a cabeça para olhar para mim. — Eu perdi muito. Pessoas que amo e com quem me importo. E acabei de encontrar você.

Meu polegar enxugou as lágrimas que escorriam por seu rosto enquanto eu segurava seu rosto. — Eu não estou indo a lugar nenhum. E não sou tão fácil de matar — eu disse com uma piscadela.

Evangelina revirou os olhos e suspirou. — Nada sobre isso é engraçado.

— Ei, se preocupar comigo é inútil. Isto é sobre você. Yuri está morto, mas você ainda tem um alvo sobre sua cabeça. Como você acha que isso me faz sentir?

Palavrões espanhóis jorraram de seus lindos lábios. E por mais inapropriado que fosse o pensamento, tudo que eu queria fazer era beijá-la.

— Aquele filho da puta, Belov. Ele realmente tentou me matar, não foi? — Novas lágrimas encheram seus olhos. — Oh, Deus, e Sam...

Ela apoiou a testa no meu peito e chorou.



O chuveiro parou de funcionar há mais de uma hora. Fiquei para trás, ouvindo do lado de fora da porta do meu quarto, garantindo que ela não precisava de mim. Por mais que eu quisesse estar na companhia dela, sabia que ela precisava de espaço e tempo para

clarear a mente.

Eu tinha desistido de ser surpreendido pelas minhas ações e pelo tipo de merda que importava para mim agora.

Encostando-me na porta, inclinei a cabeça para trás e fechei os olhos.

Quem é você?

Essas três palavras se repetiram em meus pensamentos. A verdade é que eu não tinha a mínima ideia. Ela me fez sentir muito. Me fez agir fora de mim.

Como crianças ingênuas e quebradas, Kai e eu cuidamos um do outro contra idiotas com más intenções. Embora nem sempre tenha funcionado, sobrevivemos. Mas mesmo nos momentos mais sombrios, eu nunca o consolei como fiz com Evangelina. Ela esteve em meus braços até a última lágrima cair.

Cerrei e abri meus punhos enquanto moderava minhas emoções. Haveria tempo para sangue mais tarde. Eu me vingaria, mesmo que isso significasse destruir toda a linhagem Belov.

A porta se abriu atrás de mim e tropecei um passo antes de me recuperar. Eva estava vestindo uma das minhas camisas. A roupa branca era enorme em seu corpo pequeno, quase chegando aos joelhos. As pernas nuas estavam adornadas com minhas meias pretas, puxadas até o meio da panturrilha.

— Eu sei. Eu pareço ridícula.

— Você parece... muitas coisas, mas ridícula não é uma delas.

Ela apoiou um ombro no batente da porta e colocou uma mecha de cabelo umedecido atrás da orelha. — Nós não pensamos exatamente sobre isso. Eu nem tenho calcinha.

Mordi o interior do lábio e agarrei a moldura acima de sua cabeça com tanta força que parecia que ela iria se estilhaçar em minhas mãos. Eva ergueu os olhos através dos cílios grossos.

— O que? Você não esperava que eu usasse cuecas, esperava? E cada par de calças que experimentei caiu até os tornozelos.

Estendi a mão para ela, com as mãos em seus quadris, deslizando lentamente pela bainha de sua blusa, como se para confirmar que ela estava nua por baixo. Só que meus olhos nunca deixaram os dela. Dedos deslizaram ao longo da pele, cravando-se na

carne flexível de sua bunda.

— Derek — ela sussurrou, fechando os olhos e estremecendo sob meu toque.

Abaixei minha cabeça, os lábios roçando a lateral de seu rosto, sentindo o cheiro do meu sabonete líquido em sua pele. Ela estava vestindo minha camisa, havia se banhado em meu cheiro, logo estaria enrolada em meus lençóis e ainda usava minhas malditas meias.

Nunca senti tanta inveja de objetos inanimados como naquele momento.

Eu precisava remediar isso.

Era como se o universo tivesse conspirado contra mim, o carma por ser um filho da puta depravado, já que novamente nos encontramos sozinhos, mas com circunstâncias que me impediriam de fode-la do jeito que eu queria.

Isso não significava que eu não pudesse fazê-la se sentir bem.

— Pronta para dormir? — Minha boca pousou em sua testa fria, lábios correndo ao longo da pele macia enquanto o cheiro inebriante dela me chamava. Eu a levantei em meus braços e ela envolveu as pernas em volta da minha cintura. O calor de suas coxas me queimou, marcando meus quadris em um fogo violento.

— Eu sei que foi uma noite de merda, mas quero fazer você se sentir bem. Posso fazer isso? — Ela assentiu, os lábios entreabertos, mas não disse nada. — Fique de joelhos — eu disse enquanto a colocava na cama. Minhas mãos precisavam tocá-la, e eu me permiti esfregar sua linda bunda enquanto ela se virava. O olhar que ela lançou por cima do ombro quase me matou.

Subi atrás dela, puxando-a para perto para que ela ficasse firmemente pressionada contra meu pau. Beijando a parte de trás de sua orelha, deslizei minhas mãos por baixo da camisa. Não havia nada mais sexy do que seus gemidos suaves enquanto eu mordida seu pescoço e rolava seus mamilos entre meus dedos.

— Eu disse que estava morrendo de vontade de provar você. Mas eu sei que vou perder o controle, e não é isso que eu quero para você agora — eu disse, alisando minhas mãos para cima e para baixo ao longo de seu magnífico corpo. Toques leves causaram arrepios em sua pele, depois movimentos mais longos e prolongados até que meus dedos passaram pelos pelos aparados de sua pélvis, levando ao que eu estava procurando.

Ela abriu para mim enquanto eu deslizava dois dedos pela costura de sua boceta encharcada.

— Porra — ela sussurrou quando eu massageei seu clitóris em círculos lentos e deliberados até que sua cabeça caiu para trás em meu ombro com um gemido.

— Já está tão molhada para mim, baby. Ela sabe a quem pertence. — Eva agarrou os lençóis enquanto meus dedos mergulhavam dentro enquanto minha outra mão subia de volta por sua barriga lisa, pegando um punhado de seus seios e apertando.

Foda-me, ela estava apertada e tão molhada que meu pau vazou com a necessidade desesperada de estar dentro dela. Fechei os olhos, guerreando com o homem que queria despedaçá-la, devorá-la, morder, espancar e até cuspir nessa maldita boceta para marcá-la como minha.

Rosnando em seu pescoço, usei meu polegar para beliscar e colocar mais pressão em seu clitóris, deleitando-me com os gemidos saindo de seus lábios.

— Sinta anjo. Sinta o quão molhada eu deixo sua boceta — eu disse, acariciando-a mais rápido. Mais duro. Suas coxas tremiam, a cabeça pendendo de um lado para o outro enquanto ela se aproximava, seguindo meus movimentos. Quando seus quadris resistiram contra os meus, a deliciosa fricção quase me fez empurrar para dentro dela.

— Oh... porra, Derek — ela gritou, virando a cabeça e mordendo minha garganta enquanto mergulhava um dedo, nós dois dentro dela ao mesmo tempo.

— Dê-me um gostinho, baby — eu exigi, apertando-a novamente entre o polegar e o indicador.

Eva estremeceu ligeiramente, mas fez o que lhe foi dito e deslizou os dedos escorregadios na minha boca. Meus olhos se fecharam enquanto o gosto dela tentava cada maldita gota de autocontrole que restava em meu corpo. Ela era tão boa, tão doce — eu tinha acabado de encontrar meu mais novo vício.

— Anjo, eu quero que você monte meus dedos como uma boa garota. Mostre-me como você quer ser fodida. Como você vai gozar no meu pau. — Beijei seu pescoço. — Então você pode me ver lamber cada gota sua.

Empurrando mais dois dedos para dentro, eu a estiquei,

fazendo-a sibilar enquanto balançava os quadris em conjunto com meus movimentos. Cada torção de seus ombros e flexão de sua coluna, cada gemido e movimento requintado me pressionavam mais perto da beira de perder o controle.

— Sim... tão bom — ela murmurou, esfregando sua bunda contra meu pau dolorido.

Eu precisava estar dentro dela quase tanto quanto precisava da minha próxima respiração, mas sabia que a tomaria com muita força e rapidez. Seus hematomas ainda estavam recentes e suas feridas, físicas e emocionais, ainda cicatrizando.

Droga, o que ela fez comigo?

— Eva... continue assim...

A última coisa que eu queria era estourar a porra da minha calça. Fiquei de joelhos e a empurrei para frente. A visão da sua boceta brilhante e inchada, aberta para mim, deixou-me prestes a fazer exatamente isso. Porra, ela era perfeita. Levantei minha mão e bati nela uma vez, depois duas vezes entre as pernas. Ofegando alto, ela agarrou os lençóis, mas eu segurei seus quadris e bati em seu clitóris novamente até que meu nome se tornou um doce mantra fluindo de seus lábios. Ela resistiu e gozou com tanta força que caiu de cara nos lençóis, o tecido abafando seus gemidos.

Tanta coisa para ser gentil.

Levantei-me e andei de um lado para o outro, precisando me livrar da tensão em minhas calças. A visão de Eva, completamente destruída pela minha mão, me fez querer dobrá-la para o lado da cama e fodê-la até que meu esperma escorresse de todos os orifícios de seu corpo.

Contemplei brevemente outro banho. Um frio como gelo, mas em vez disso voltei para a cama, onde Eva estava deitada de lado, sua respiração desacelerando enquanto ela levantava o olhar encapuzado para meu rosto.

— Derek, isso foi...

Ela respirou fundo quando me inclinei para frente e deslizei minha língua pela parte interna de sua coxa, lambendo a umidade até alcançar sua fenda e rosnando enquanto eu agarrava suas nádegas com tanta força que sua pele empalideceu sob meus dedos.

— Merda.

Eu me afastei, sabendo que estava prestes a tomá-la completamente. Conter-me quando estava tão perto de tudo o que queria, daquilo que era meu e só meu, foi a coisa mais difícil que já fiz. Eu não era o tipo de homem que pensava nos outros antes de si mesmo. Mas lá estava eu, à sua mercê.

Voltei para a cama e levantei o queixo, chamando-a para mim.

— Derek — ela sussurrou, rastejando em minha direção e parecendo uma maldita deusa. Eu sabia qual era sua intenção quando ela alcançou meu pau, mas agarrei seu pulso e a puxei para meu peito.

— Vá para a cama, anjo. Durma um pouco — eu disse, limpando a garganta e beijando sua testa.

Evangelina permaneceu quieta e soprou ar contra meu pescoço, causando arrepios na minha espinha e um choque direto nas minhas bolas doloridas.

— Como você está se sentindo? E não estou falando sobre o que acabou de acontecer — eu disse, passando os olhos pelo seu braço com um leve toque.

— Estou bem.

Seu telefone já estava na mesa de cabeceira ao meu lado. — Seu celular nos alertará se algo estiver errado?

Ela assentiu com um leve bocejo. — Ele vai. Boa noite, Derek.

— Boa noite.

Não demorou muito para que o braço sobre meu abdômen afrouxasse e sua respiração silenciosa diminuísse. Olhando para o teto branco, com um braço atrás da cabeça, ainda com uma semi ereção, e esta linda e saciada mulher seguramente colocada no outro, cheguei a uma conclusão clara.

Eu estava oficialmente fodido.

CAPÍTULO VINTE E SEIS



Eu parecia uma merda total.

Mas eu não conseguia me importar. Eu estava muito chapada com o que aconteceu ontem à noite para pensar em coisas triviais, como minha aparência.

Passando os dedos pelo cabelo, ainda molhado do banho, olhei para meu reflexo no espelho. Apesar do curativo no pescoço, dos hematomas e das pequenas olheiras, algo estava diferente. Um brilho, talvez. A reação do meu corpo ao orgasmo explosivo que Derek me trouxe apenas com seus dedos e mãos habilidosos. Perguntei-me como seria minha aparência quando estivesse devidamente fodida.

Ele já tinha ido embora quando acordei, embora desta vez não tivesse deixado nenhum bilhete ou mensagem.

Memórias da noite anterior, do cerco ao hospital, daquele homem grande tentando me atacar – tudo isso – me atingiram de uma vez, assim como os pesadelos que se seguiram. Houve momentos em que chorei durante o sono, ondas de tristeza pesando em meu coração, mas os braços calmantes de Derek estavam lá enquanto ele beijava minha têmpora e sussurrava palavras de conforto até que a névoa do sono me puxou de volta.

Eu queria questionar ainda mais o envolvimento dele, mas tudo o que ele disse fazia sentido.

Não foi?

Ele era ferozmente protetor comigo e era um instrutor tático como seu irmão Kai. E Helena...

Helena estava armada como se fizesse parte da mesma máfia que tentava nos matar.

Porra. Era muito mais fácil acreditar no que ele havia dito.

Aquele homem estava fazendo coisas comigo, enterrando-se lentamente dentro do meu coração. Seus gestos doces, a fome em seus olhos. Parte de mim sabia que ele guardava segredos e traumas de seu passado. Sinais de alerta que eu sabia que não deveria ignorar. Mas dane-se tudo.

Eu não poderia ser imprudente pela primeira vez?

Uma batida na porta me fez vestir uma das camisas de Derek.

Calcinha que se dane.

Enquanto eu corria pelo quarto espaçoso, a porta se abriu e o gatinho mais fofo de Philly entrou trotando.

— Diego! — Eu o peguei em meus braços, acariciando seu narizinho frio. — Como diabos você chegou aqui?

— Ele pegou carona. — Minha cabeça se levantou ao ouvir o som inesperado da voz de Derek. Ele cruzou a soleira da porta, com uma mala de rodinhas em cada mão. — Sua prima se ofereceu para ficar com ele, mas pensei que você sentiria falta do pequeno bastardo.

— Você falou com Alexa?

Ele assentiu, jogando as sacolas no banco ao pé da cama enorme. — Sim.

Coloquei Diego no chão e me aproximei dele. — Para não fazer vinte e uma perguntas, por favor, explique.

Derek de repente me puxou para ele, quase me derrubando do tapete felpudo abaixo dos meus pés.

— Venha aqui. — Sua boca inclinou-se sobre a minha, beijando-me suave e lentamente. Eu me derreti nele, a língua serpenteando para deslizar contra a dele.

— Eu liguei para ela. — Os dentes mordiscaram meu lábio inferior enquanto uma mão subia pelas minhas costas, emaranhando-se em meu cabelo. — Noite passada. — Ele apertou minha bunda, me esmagando em seu corpo duro. — Disse a ela para arrumar suas coisas. — Seu punho apertou meu couro cabeludo, puxando minha cabeça para trás para que ele pudesse passar a boca pela coluna da minha garganta.

Segurei seus ombros, cravando as unhas na carne. — Você faz essas coisas para mim — eu sussurrei, com a cabeça inclinada para trás. — Por que você é tão bom comigo, Derek? — Gemidos suaves deslizaram da minha língua enquanto beijos fortes e de boca aberta subiam atrás da minha orelha, fazendo-me contorcer.

Ele empurrou minha cabeça para frente em vez de responder à minha pergunta, e seus lábios quentes estavam sobre os meus novamente.

— Me desculpe por ter saído sem dizer nada. Você estava dormindo e eu não queria te acordar.

— Está tudo bem — eu gritei enquanto seus lábios agora acariciavam meu cabelo.

— Como você está se sentindo?

A mão de Derek se moveu entre nossos corpos e ele sorriu, sem dúvida satisfeito pela minha falta de roupas íntimas intrusivas. Dois dedos deslizaram contra meu clitóris e eu choraminguei, a testa caindo em seu peito.

— Bom. — Minha voz era apenas um murmúrio.

— Essa sua boceta está sempre molhada para mim, não é? — ele perguntou, gemendo em meu ouvido.

Rolei meu lábio inferior entre os dentes enquanto seus dedos faziam movimentos lânguidos, me abrindo.

— Talvez — eu disse, me sentindo brincalhona.

Derek parou e agarrou meu queixo, inclinando minha cabeça. Nossos olhos se encontraram, e seu olhar sombrio continha um brilho de travessura.

— Há algo que preciso que você entenda. — Ele deslizou a mão entre minhas coxas e traçou os dedos molhados ao longo dos contornos dos meus lábios. — Isso é meu.

Ele gentilmente empurrou dois dedos pela costura da minha boca, e o gosto da minha essência derramou-se pela minha língua, arrancando um gemido baixo da minha garganta. Eu lambi a umidade antes de levá-lo até os nós dos dedos. A tensão aumentou em sua mandíbula enquanto ele observava. Segurando meu rosto com força, ele disse asperamente: — Ela só fica molhada por minha causa. Isso está entendido?

Derek era diferente de qualquer outro homem com quem estive no passado. Eu nunca soube o quão excitada eu me sentiria por ser possuída e dominada. O pensamento sempre foi aterrorizante. Mas caramba, se eu não desejasse ser dele de alguma forma, ele queria me levar.

Saboreando a última gota, lentamente o retirei da boca e balancei a cabeça. Ele se inclinou e lambeu meu lábio inferior.

— Anjo. — Sua voz era um gemido baixo e rouco exigindo uma resposta.

— Sua, Derek. Apenas para você.

Eu o puxei para baixo pela gola da camisa. Sua boca cobriu a minha, selando minhas palavras com um frenesi aquecido de dentes e língua. — Você tem um gosto tão bom. Tudo o que pensei esta manhã foi em festejar com sua boceta. Eu preciso ter você.

Ele se abaixou, uma mão em cada nádega, e me levantou até sua cintura.

Minhas pernas o envolveram, as unhas arranhando sua nuca.

Com um grunhido, ele contornou a cama e me jogou no colchão com tanta força que pulei duas vezes. Mas antes que eu pudesse me recompor, ele me puxou até a beirada pelos tornozelos, abrindo-me. Seus olhos famintos estavam focados com laser entre minhas pernas.

— Gosta do que está vendo? — Eu perguntei, abandonando minhas inibições enquanto deixava minhas coxas se separarem ainda mais. Não importava que não nos conhecíamos há muito tempo. Confiei neste homem para cuidar de mim, assim como ele fez desde o dia em que nos conhecemos.

Derek balançou a cabeça e caiu de joelhos. — A porra da boceta mais bonita que eu já vi.

Deslizando os braços sob cada coxa, ele os prendeu em volta dos meus quadris e me arrastou para mais perto de seu rosto. A ponta do seu nariz acariciou minha pele enquanto se movia em um ritmo agonizante em direção ao meu sexo. A doce antecipação fez com que minhas pernas tremessem ao redor de sua cabeça, mesmo antes do primeiro toque.

Peguei minha camisa.

— Não. Deixe.

— Deixar?

Ele respondeu com um único aceno de cabeça. — Quero me concentrar nessa sua boceta carente.

O calor se instalou na minha barriga, roubando meu fôlego. Com minha cabeça jogada para trás, eu choraminguei quando seu polegar subiu pela minha fenda, forçando minhas costas a se arquearem para fora do colchão quando a língua dele seguiu o mesmo caminho um segundo depois.

— Merda — eu choraminguei enquanto ele me lambia de ponta a ponta, sacudindo meu clitóris antes de sugá-lo em sua boca. O prazer floresceu em meu âmago, arrancando outro grito estrangulado de meus lábios.

— Porra, anjo. Você não tem ideia do que foi preciso para eu ficar bem ontem à noite. Desde o momento em que te vi — disse ele, entre voltas longas e lentas, levando-me às margens da loucura — estou morrendo de vontade de saber qual é o seu gosto. — Ele baixou a cabeça, a língua mergulhando dentro de mim. — E eu sabia que você seria deliciosa pra caralho, Evangelina. Eu poderia morrer aqui.

Jogando minhas pernas sobre seus ombros, ele me arrastou para mais perto. Todo o meu corpo estremeceu enquanto ele continuava me bebendo, adorando cada centímetro encharcado como se fosse um homem faminto. Os sons que subiam entre minhas coxas eram absolutamente imundos.

— Porra... Sim... — Eu agarrei seu cabelo e empurrei meus quadris, buscando mais fricção. — Oh — Outro gemido saiu dos meus lábios quando ele deslizou dois dedos dentro, enrolando-os e me fazendo saltar da cama.

Minhas coxas se fecharam em torno dele, a pressão quase demais, mas ele as abriu, os olhos fixos nos meus enquanto balançava a cabeça.

— Abra essa linda boceta para mim. Ainda não terminei. — Seu rosto brilhava e eu assisti com os olhos semicerrados enquanto sua língua serpenteava para fora. — Eu sabia que seria ainda melhor com a fonte. — Agarrando meus quadris com força, ele me puxou de volta para sua boca.

Peguei um pequeno travesseiro e mordi, gritando seu nome enquanto o pressionava contra meu rosto.

— Não! — Sua voz era cortante quando ele arrancou a

almofada das minhas mãos, lançando-a através da sala. — Eu preciso ouvir você. Você não vai me negar o que é meu. — Meus dedos agarraram os lençóis, o peito arfando enquanto eu tentava engolir antes de concordar. — Eu disse que preciso ouvir você.

— O que você quiser. Só não pare!

Ele riu sombriamente, dando um beijo na pele molhada e trêmula da parte interna da minha coxa. Antes que eu pudesse processar outro pensamento, Derek agarrou meus quadris e me virou, me colocando de joelhos. Eu me senti tão vulnerável e exposta, mas adorei cada segundo.

Houve um tempo em que pensei que nunca iria gostar de preliminares e sexo dessa maneira com um homem, não depois da minha experiência. E embora ainda haja momentos de hesitação, de pequenas inseguranças, confiei nele.

Fechando os olhos, enterrei meu rosto nos lençóis brancos e macios enquanto ele lambia seu caminho dentro de mim. O cheiro de sua colônia agarrou-se ao tecido, atingindo meu nariz como um feromônio, e uma nova onda de umidade correu por sua língua.

— Evangelina... tão bom Muito bom. — Ele apertou minha bunda e mordeu.

Lágrimas se acumularam em meus olhos enquanto eu dançava naquele precipício entre o doce castigo e o prazer selvagem.

— Diga — Seus dedos estavam dentro de mim novamente. — Diga que você é minha.

— Porra, porra...

Mais dois golpes calculados foram suficientes para me derrubar. E me apaixonei com seu nome como gritos estrangulados fluindo de meus lábios. Isso só pareceu alimentar sua fome enquanto ele me segurava com mais força, com a boca faminta. Ele lambeu e chupou cada gota. Tentei rastejar para longe, as sensações eram avassaladoras e dolorosas, mas a voracidade de seus cílios se intensificou.

— Derek... por favor... — eu implorei, arranhando os lençóis. — Mais...

— Você é minha e eu decido quando você está farta. — Ele mordeu minha outra bochecha, marcando minha carne antes de alimentá-la com um beijo carinhoso. — Diga. Diga-me a quem você pertence. — Sua língua percorreu minha boceta inchada, sacudindo

meu clitóris sensível até que eu estava fraco demais para permanecer apoiado em meus joelhos.

Desabando de barriga, agarrei o cobertor, minha voz rouca. — Sua! Eu sou sua.. sempre sua.

Demorou vários minutos para que minha respiração diminuísse enquanto eu permanecia imóvel, exausta demais para me mover. Derek subiu em cima de mim, amontoando minha camisa e traçando os lábios ao longo da coluna das minhas costas. O contato causou arrepios por todo o meu corpo, iluminando cada terminação nervosa, como se eu ainda não estivesse tentando me recuperar de um orgasmo devastador.

Deslizei meus braços para fora da blusa enorme, deixando-o retirá-la o resto do caminho.

— Demos um show e tanto a Diego — disse ele, tirando o cabelo do meu ombro e beijando a pele umedecida ali. Eu ri, sem forças para procurar meu gato corrompido. — Poderia muito bem dar a ele o grand finale.

O pau de Derek empurrou contra minha bunda.

— Eu não acho que ele vai se importar. — Quando me virei de costas, seus olhos caíram para meus seios. — Derek — ronronei, alcançando entre nós e envolvendo seu pau. — Deixe-me retribuir o favor.

Ele sorriu, deslizando sua boca sobre a minha. O meu gosto em seus lábios me fez gemer e acariciá-lo com mais força.

Eu rasguei os botões do colarinho dele...

O toque de uma campainha ecoou ao nosso redor. Nós congelamos. Após a provação com Belov, não pude deixar de sentir as pontadas de ansiedade ricocheteando em meu corpo e se enraizando em meu coração. Ele deve ter percebido minha angústia porque sua mão gentil segurou meu rosto.

— Você está segura comigo. Você sabe disso, certo?

— Eu sei. Eu acabei de...

— Anjo, você está segura. — Seu olhar era penetrante, uma convicção absoluta em sua voz. — E provavelmente é Kai. De qualquer forma, ninguém entra aqui a menos que eu queira. Entende?

— Sim.

Ele beijou minha testa e saiu correndo da cama e foi para o banheiro.

Agarrei os lençóis, amontoando-os contra o rosto e gritando contra o tecido. Porra, isso foi incrível. O melhor que eu já tive. Eu teria que agradecer e matar a mulher que lhe ensinou essas habilidades.

Depois de cair no chão com as pernas bambas, examinei a sala, procurando por Diego. Ele estava debaixo de uma cadeira perto de uma das longas janelas, lambendo a pata.

— Desculpe, você tinha que ver isso, garotinho. — Ele parou para olhar para mim antes de continuar seu banho de língua.

Porra. Banho de língua, de fato.

Derek devia estar ao telefone, sua voz filtrada do outro lado da porta. O tom casual reforçou minha confiança nas garantias dele sobre minha segurança.

Desde quando eu precisava de um homem para me sentir segura?

Abri o zíper da minha bolsa e tirei uma roupa. Por mais que eu gostasse de ficar nua com Derek, estava feliz por ter minhas coisas. Palpitações fizeram cócegas em meu peito ao pensar em seu gesto. A maneira como ele procurou Lex, então eu teria tudo que precisava.

Momentos depois, ele saiu do banheiro, lavado e vestindo um terno novo.

Este homem e seus malditos ternos.

Um sorriso caloroso surgiu em seus lábios no momento em que seus olhos encontraram os meus.

— Vista-se. Kai está lá embaixo.

Eu comecei a passar por ele e Derek passou um braço nas minhas costas.

Ele baixou a cabeça para me beijar, lento e gentil, nossas línguas deslizando juntas em um ritmo sensual.

— Sinto muito por não termos terminado o que começamos — eu disse sobre sua boca.

Ele me puxou para mais perto, seu pau duro contra meu abdômen. — Não é sua culpa. E continuaremos de onde paramos

quando eu voltar. Você me deve dois orgasmos.

Sua piadinha teria sido engraçada, mas meu cérebro só conseguia se concentrar no que ele havia dito antes.

— O que? — Eu me afastei, as sobancelhas unidas. — Quando você voltar? O que você quer dizer? Onde você está indo? A respeito...

— Ei. — Ele segurou meu queixo, olhando nos meus olhos em pânico. — Tenho alguns negócios para cuidar fora da cidade. Kai vai ficar aqui. Cuidar de você enquanto eu estiver fora.

O aborrecimento agarrou minhas costas, substituindo o medo de segundos atrás. Eu odiava que ele estivesse falando de mim como se eu precisasse de uma babá. Mas fiquei principalmente irritada comigo mesma, porque percebi que a ideia de ele ir embora me deixava nervosa.

— Eu não conheço Kai. Entendo que ele é seu irmão, mas você nem discutiu isso comigo.

— Não há ninguém em quem confie mais para mantê-la segura.

Afastei-me dele, abraçando-me enquanto olhava fixamente pela janela.

— Eu posso simplesmente voltar para casa, Derek. Não quero ser um incômodo para ninguém. E não posso simplesmente me esconder aqui para sempre. Além disso, meus colegas estão trabalhando com Belov e seus homens enquanto conversamos...

Derek se aproximou, prendendo-me contra o vidro, um braço de cada lado e uma expressão grave em seu rosto.

— Você não vai embora.

Levantei o queixo em desafio. — Eu deveria estar lá fora fazendo meu trabalho, e não presa aqui com uma maldita babá.

Ele soltou um suspiro agudo. — O que você não entende? Você é um alvo ambulante. Você acha que vou deixar você sair sem proteção?

— Deixar-me?

— Você sabe o que eu quero dizer. Por que você está sendo tão teimosa?

Empurrando seu braço, escorreguei de seu alcance. — Você

não entende. E você está indo embora, de qualquer maneira — eu mordi de volta, ciente de que estava agindo infantilmente.

Ele enganchou meu cotovelo enquanto eu ia para o banheiro. — São apenas dois dias. E meu irmão...

— Estou com medo, ok? — Eu deixei escapar, as lágrimas ardendo em meus olhos. — Eu odeio me sentir assim. Não é quem eu sou. Mas por favor, Derek... Fique. — Segurei a gola da camisa dele, me sentindo patética, mas não me importei.

O olhar de Derek era tempestuoso, atormentado como se ele estivesse lutando para tomar uma decisão. Ele alcançou minha nuca com um suspiro profundo e me puxou para ele.

— Eu prometo que isso é importante. Eu não iria embora se não confiasse minha vida em Kai. — Ele fez uma pausa, o gelo em seus olhos me perfurando. — E é exatamente isso que estou fazendo.

CAPÍTULO VINTE E SETE



O frio da grade de metal transbordou das minhas luvas de couro. Apoiei-me nos cotovelos, a respiração ondulando no ar gelado da noite enquanto olhava para a cidade, ainda fervilhando de vida abaixo. A maior parte do Central Park estava banhada por sombras, exceto pelas fileiras de luzes delineando as passarelas sinuosas. A vista da cidade era magnífica daquela altitude, e o desejo de compartilhar uma sensação tão bela e rara de paz com Evangelina era quase insuportável. Um dia, quando as coisas se acalmassem, eu a traria aqui...

Foda-se, Derek. O que você fez?

Eu preparei uma armadilha, atraí-a e acabei caindo de cabeça no meu próprio esquema. Agora lá estava eu, querendo compartilhar experiências e momentos da vida que nunca pensei que significassem alguma coisa. Mas com ela ao meu lado a vida era diferente. Por mais clichê que fosse, tudo tinha um novo significado. Eu não negaria isso.

Ela não foi feita para ficar. Uma voz petulante no fundo da minha cabeça sussurrou um lembrete preocupante. Nosso tempo juntos tinha uma data de validade. Ela não pertencia ao meu mundo.

— Sr. Cain — uma voz suave e feminina chamou atrás de mim.

Ela tinha um sotaque pesado e, quando me virei, seu corpo inteiro estava apoiado no batente da porta. Cachos dourados emolduravam seu rosto arredondado e traços delicados. A mulher era convencionalmente bonita, embora parecesse muito mais jovem do que eu imaginava.

— Amalia Montesinos.

Inclinando a cabeça com um aceno de cabeça, ela se afastou da porta, os olhos verdes observando cautelosamente cada movimento meu. — Como foi sua viagem?

— Que tal irmos direto ao assunto? — Minha voz tinha um tom duro e ela vacilou por uma fração de segundo antes de recuperar a compostura.

Flexionei meus ombros, agarrando-a pelo pescoço e empurrando seu corpo contra o corrimão – minha arma contra sua têmpora. As histórias que ouvi sobre Amalia pareciam contradizer as da mulher ao meu alcance. Amalia não hesitou. Ela era implacável, destemida e não vacilou.

— Quem diabos é você?

Unhas arranharam minha mão, desesperadas por ar. Apertei mais uns 30 segundos e seu rosto ficou vermelho brilhante. — Você tem dois segundos para me dizer quem você é antes que eu exploda a porra da sua cabeça na Madison Boulevard.

— Diga-me, Sr. Cain, como exatamente ela seria capaz de lhe dar o que você pede enquanto você a sufoca ao mesmo tempo?

A extremidade comercial do meu HK estava agora apontada para a presença desconhecida no terraço. Uma mulher mais pequena, com cabelos longos tão pretos que pareciam azuis sob o brilho da lua. Ela era esbelta, seu corpo envolto em uma roupa toda preta e justa. Seu andar, calculado e leonino, exalava a confiança que faltava àquele que estava ao meu alcance.

— Sugiro que você abaixe sua arma — disse ela, erguendo uma sobrelanceira perfeitamente arqueada. Meus olhos caíram para o meu peito, onde eu estava pontilhado com um punhado de manchas vermelhas de rifle.

— Que porra de jogo você está jogando aqui?

— Por favor, deixe Sofia ir. Minha tia não ficará muito feliz se voltarmos para o México sem ela. — Sua voz com sotaque continha uma advertência implícita, olhos escuros fixos nos meus.

A mulher maior havia parado de se debater, com o corpo mole contra a grade. Deixei-a cair no concreto frio e fui em direção a Amalia.

A verdadeira Amalia Montesinos

— Explique — eu disse, guardando minha arma.

Amalia ergueu o olhar para os edifícios circundantes e, com um único aceno de cabeça, o brilho da mira do rifle desapareceu instantaneamente – uma prova do poder que ela comandava.

— Eu precisava saber que você era verdadeiro, Cain. Eu não faço negócios com posers e aspirantes a bandidos com paus pequenos e sem cérebro.

Ela passou por mim, lambendo os lábios enquanto me avaliava com um sorriso malicioso. — Hum, você não parece ter nenhum desses problemas.

Amalia era uma mulher extraordinariamente bela. Há dois meses, eu teria me entregado à companhia dela, mas só havia uma mulher cujo toque eu desejava.

— Então, diga-me, Sr. Cain, o que exatamente o traz aqui? Helena me disse que você quer acabar com uma família criminosa russa. Essa é a ambição.

— Algo parecido.

— Certamente, um homem com sua habilidade e recursos não precisa da minha ajuda para executar tal plano, não?

O metal arranhou o concreto quando ela puxou uma cadeira e se sentou, cruzando as pernas e recostando-se casualmente.

— Isso não envolve Ares. É pessoal.

A porta se abriu e uma jovem com feições semelhantes às da inconsciente Sofia veio em nossa direção com uma garrafa de conhaque e dois copos.

— Por favor, sente-se. Tome uma bebida e me conte mais sobre esse seu problema *pessoal*.

Dei uma olhada ao nosso redor antes de me sentar. A reputação de *Las Mercenarias* os precedeu. Sem baixar a guarda, recusei a bebida oferecida e a perfurei com um olhar furioso. — Isso é problema meu. Você recebe seu dinheiro e eu consigo o que quero: Dimitry. A cabeça de Belov na porra de uma bandeja.

Amalia tomou um gole da bebida e largou o copo rindo. — Bem, isso certamente parece pessoal. Deixe-me adivinhar. Este plano de vingança envolve... uma mulher?

Cerrei os dentes. — Temos um acordo ou não? — Ela não precisava saber dos detalhes. Minha confiança só se estendia até certo

ponto e eu nunca arriscaria a vida de Evangelina.

— Parece que acertei em cheio. — Outra risada perversa saiu de seus lábios pintados de vermelho. — Ah, crimes passionais são um dos meus favoritos. Não há nada mais romântico do que um homem defendendo com sangue a honra de sua mulher.

Ela se levantou e contornou minha cadeira. Todos os meus instintos ganharam vida no momento em que Amalia ficou atrás de mim. Movi minha mão sobre a lâmina dentro da minha jaqueta.

— Relaxe, Cain — ela murmurou, respirando em meu ouvido. — Nenhum sangue será derramado aqui esta noite. — A parte de trás de seu dedo deslizou lentamente pela lateral do meu pescoço. — A menos que você goste desse tipo de coisa?

Segurei seu pulso e, num piscar de olhos, meu corpo se iluminou com os lasers dos telescópios vermelhos.

Amalia ergueu a mão livre, acenando para a minha morte. — Um homem leal. Você continua me impressionando, Cain. Ela é uma mulher de sorte.

CAPÍTULO VINTE E OITO



Gotas de suor rolaram pela curva do meu decote e entraram no meu sutiã esportivo preto. Coloquei os pesos no chão e permaneci no banco. Meus músculos estavam zumbindo, tensos devido ao treino intenso de uma hora. A água fria espirrou no fundo da minha garganta e não pude evitar o suspiro exagerado que se seguiu.

A academia de Derek era impressionante. Era fácil ver como ele mantinha uma figura tão deliciosa e musculosa. Deitei-me no banco longo e acolchoado e fechei os olhos enquanto as memórias de sua língua, seu toque e o comando que ele dava sobre meu corpo acenderam um tipo diferente de queimadura.

— Ei. — Os nós dos dedos de Kai bateram na porta. Entrando, ele apoiou um braço na barra de um aparelho. — Estou prestes a pedir o almoço. Você quer alguma coisa? E por favor diga sim. Estou sob ordens estritas para garantir que você coma.

— Você está agora? — Perguntei com um tom sarcástico, sentando-me enquanto enxugava o suor da testa e pendurava a toalha branca no ombro. — Ordens de Derek?

Ele ergueu as mãos defensivamente. — Ele tem boas intenções. Ele se preocupa com você.

— Um pouco demais, eu vejo. Ouça, já faço isso há muito tempo. Eu não preciso...

— Entendi. É só que... — ele fez uma pausa, como se estivesse debatendo se deveria continuar falando. — Derek não é o tipo de homem que se preocupa com outras pessoas. Seu círculo é extremamente pequeno. Leve isso como quiser.

Kai tinha olhos comoventes, quase tão azuis quanto os de Derek. Ele era bonito, com músculos bem definidos como o irmão, só que mais magro. Seu bronzeado profundo sugeria que ele era de origem mista, embora eu não pudesse arriscar um palpite. Ao contrário de Derek, cujas expressões e linguagem corporal eram as mais evitadas, havia algo em Kai que atraía as pessoas. Mas, assim como seu irmão, havia um limite naquelas piscinas azuis.

Uma hora depois, nos sentamos no balcão do café da manhã. Eu esfaqueei minha salada de frango enquanto Kai terminava um bife com queijo.

— Ele está bem, você sabe.

Meu mau humor tinha sido tão óbvio?

Eu lancei-lhe um meio sorriso. — Eu sei. Ele disse que estava em uma importante viagem de negócios. Eu não deveria estar preocupada.

— Mas você está.

Eu balancei a cabeça. — Sinto que tudo o que ele está fazendo me envolve de alguma forma, e não no bom sentido.

Kai recostou-se na cadeira. — Olha, Eva...

— Eu sei que ele é seu irmão. E você não me deve nenhuma lealdade, mas eu me importo muito com ele. Não quero que ele faça nada estúpido por causa do que aconteceu.

— Eva, Derek está exatamente onde disse que estaria. Confie em mim quando digo isso.

Ele escolheu as palavras com cuidado, e as que não dizia eram altas e claras. Mas não houve como quebrar Kai. Sua lealdade a Derek era inabalável.

Eu poderia realmente culpá-lo por isso?

Não é como se eu fosse trair Lex por alguém que acabei de conhecer. Mas caramba, se não era enlouquecedor. E por mais que eu quisesse confiar a Derek a verdade por trás de seu paradeiro, não conseguia afastar o sentimento de paranoia.



— Eva!

No momento em que abri a porta da frente, os braços de Alexa estavam em volta do meu pescoço, quase sufocando meu suprimento de ar. — Sinto muito por não ter vindo antes. Tive algumas reuniões das quais não consegui sair. Você está bem?

Suas palavras eram frenéticas enquanto ela agarrava meus ombros. — Lex estou bem. Eu vi suas mensagens.

— Tio Franco me ligou e me contou o que aconteceu. E eu vi isso no noticiário. E então Derek pediu ajuda com suas coisas. Ele disse que eu poderia ver você. Tem certeza de que está bem?

Eu a puxei para um abraço apertado, acalmando suas palavras frenéticas. — Eu estou. Eu juro.

— Alguém tentou assassinar você, querida. Um grupo de alguém. Não há problema em não estar bem. — A emoção encheu suas palavras e ela me apertou com mais força.

— Eu sei — eu disse, minha voz prestes a falhar também.

Nós nos abraçamos pelo que pareceram horas. E o abraço era exatamente o que eu precisava: braços e apoio familiares. Mas me recusei a desmoronar novamente. Eu precisava ser forte para o caos que me esperava além dos muros desta casa. Forte para Sam, minha equipe e para mim.

Uma garganta pigarreou atrás de nós. Eu os apresentei e Kai acenou com a cabeça em saudação – um sorriso mais tenso do que o normal em seu rosto.

— Derek disse que estava tudo bem.

— Você não olhou antes de abrir a porta. — Havia um toque em seu tom que ele nunca usou comigo.

— Ela me enviou uma mensagem. Eu sabia quem era.

— Qualquer um poderia ter pegado o telefone dela, hackeado, poderia tê-la seguido. As instruções da sua prima foram simples. Ela deveria entrar em contato com meu número primeiro. — Seus olhos se

voltaram para Alexa e depois para mim.

A raiva queimou dentro de mim. — Eu não sou uma prisioneira aqui. Ela é como minha irmã.

— Essa não é a questão. Você pode ver e falar com quem quiser. Mas sua segurança é minha prioridade no momento. E abrir a porta às cegas foi uma tolice.

Endireitei minha postura e fiquei na frente dele. Instantaneamente me senti boba, já que tive que esticar meu pescoço para encontrar seu olhar frio completamente. Ele era alguns centímetros mais alto que Derek, e isso dizia alguma coisa.

— Eu não sou indefesa, Kai.

Ele começou a falar, mas Lex interveio. — Está tudo bem, Eva. Ele tem razão. Sua segurança é o que importa aqui, e eu não segui o plano.

Tirei um momento para controlar minha raiva, lembrando-me que Kai estava aqui quando não precisava estar. Que Derek se importava com meu bem-estar. Mas os alarmes ainda soavam na minha cabeça. O que tornou esses dois tão protetores, conhecedores e calculados sobre minha segurança?

Passei meu braço pelo de Alexa e a puxei para a sala.

— Tudo bem, mas me escute. Esse homem é sexy pra caralho.

— *Lex.*

Nos sentamos no sofá. — O que? Só porque você está presa ao outro irmão Cain não significa que você é cega. — Ela esticou o pescoço para olhar o corredor e depois se aproximou. — A maneira como a voz dele ficou baixa e autoritária. Droga. Eu queria me ajoelhar e implorar por perdão.

Afastei seu rosto do meu, incapaz de reprimir minha risada. — Você é uma causa perdida.

— Mas ele é solteiro?

— Você não está! O que aconteceu com o seu cara do Brooklyn?

Ela cerrou os dentes e recostou-se na almofada. — História antiga.

— História antiga há dois dias?

— Você sabe como é. Tenho que beijar um monte de sapos para encontrar meu príncipe. — Ela gesticulou ao nosso redor com uma mão. — Nem todo mundo pode ter tanta sorte quanto você.

Pensar em Derek matou todo o humor do momento. Alexa percebeu a mudança de humor e agarrou minha mão. — Ei, você tem certeza que está bem?

Forcei um sorriso. — Fisicamente, sim. Mas as últimas vinte e quatro horas foram... alguma coisa.

A campainha tocou e minhas esperanças aumentaram por uma fração de segundo, mas esse otimismo desapareceu com a mesma rapidez. Derek não tocaria em sua própria porta.

— Você está esperando companhia? — A testa de Alexa franziu-se de preocupação quando ela se levantou e assumiu uma postura protetora na minha frente. O gesto aqueceu meu coração.

— Não que eu saiba.

A voz de Kai e a de outro homem foram filtradas pela frente da casa. A neutralidade de seu tom acalmou nossas preocupações. Lex caiu de costas no sofá, mas eu permaneci de pé, esperando pelo nosso convidado inesperado.

Um homem alto e de cabelos grisalhos entrou na sala. Kai, um passo atrás. O homem mais velho era magro, embora o tecido de um terno cinza sob medida abraçasse seus ombros largos e a curvatura de seus bíceps musculosos. Ele se movia com passos seguros e com a arrogância de um homem acostumado a dar ordens e impor respeito. Ele me lembrou muito de Derek.

No momento em que seus olhos verde-esmeralda se concentraram em mim, seu sorriso arrogante e barbudo se alargou.

— Evangelina Cruz! — ele quase cantava de entusiasmo, como se fôssemos velhos amigos que se encontraram depois de um longo período separados.

Sem esperar pela apresentação formal de Kai, ele avançou, pegando minha mão. — Estou muito feliz em finalmente conhecê-la.

Estreitando os olhos, eu o examinei. Havia algo estranhamente familiar em seu rosto, mas eu não conseguia identificar. — Desculpe. Eu te conheço?

Ele olhou para Kai e inclinou a cabeça antes de voltar sua atenção para mim. — Me desculpe. Presumi que meus filhos tivessem

lhe contado sobre mim.

Filhos?

— Você é Ronan Cain — eu disse enquanto tentava simultaneamente recuperar minha mão, mas seu aperto só aumentou.

— Esse sou eu.

O pai adotivo de Derek e Kai.

Alexa pegou a mão de Ronan, não lhe deixando outra opção a não ser soltar a minha. A saudação da minha prima foi curta, a tensão que irradiava de seu corpo era palpável. Um sorriso que não havia alcançado seus olhos desapareceu quando ela se virou, me puxando com ela.

— Tenho certeza de que vocês dois têm muito o que conversar. Nós vamos sair da sua frente — Lex disse apressadamente enquanto ela nos levava em direção à escada.

— Se você não se importa — sua voz caiu duas oitavas, o sorriso desapareceu de seu rosto — eu adoraria que você ficasse.

Eu me afastei do aperto de Alexa, meus pés enraizados no lugar pela corrente de autoridade em seu tom.

O Cain mais velho coçava a barba com uma das mãos enquanto a outra descansava dentro do bolso da calça. A postura do homem me levou de volta ao dia em que conheci Derek. — Prometo que não vou ficar com ela por muito tempo, senhorita?

— Alexa Cruz. Irmã de Eva. E se você não se importa, temos muito que atualizar.

— Alexa? Gostou daquele pequeno dispositivo? Bonitinho.

Lex cruzou os braços sobre o peito. No momento em que ela respirou fundo, eu sabia que precisava intervir.

— Está bem. Apenas espere por mim aqui. — Minha mão em seu ombro serviu para acalmar sua ira momentaneamente.

Ela me girou. — Eva, você está realmente tentando ficar sozinha com esse cara? Ele me dá uma vibração ruim. — Seu sussurro irritado não foi tão baixo quanto ela pensava – ou talvez fosse essa a intenção.

— Lex, ele é o pai de Derek. Eu vou ficar bem.

O que eu tinha a temer? Derek havia insinuado que o

relacionamento deles era de respeito mútuo, não de afeto. E se Kai não tinha reservas em deixar o homem entrar, mesmo depois da nossa pequena briga por causa de Alexa, então eu não tinha motivos para ser cautelosa. Eu me importava muito com Derek para não tentar um relacionamento com o homem que o tirou do orfanato.

— Encontro você aqui em alguns minutos. — Como se fosse uma deixa, Diego desceu os degraus. — Cuide do Diego por mim. A comida dele está na despensa da cozinha.

Alexa franziu os lábios e não disse outra palavra, seu olhar severo atrás de mim.



Ronan e eu caminhamos lado a lado pelo corredor até um escritório próximo ao hall de entrada. Ele fez sinal para que eu entrasse com um braço, seguindo-o prontamente e encostando-se em uma mesa grossa de mogno.

Prateleiras de livros ocupavam o pequeno espaço. Peguei um, curioso sobre as preferências de leitura de Derek.

A arte da guerra.

— Meu filho, sempre tão sério.

Coloquei o livro de volta no lugar e apoiei as mãos nas costas de uma elegante cadeira de escritório. — Ele é — eu disse, dando-lhe um pequeno sorriso. — Ele sempre foi assim?

Ronan riu. — Sempre. Mas isso é parte do que o torna único. Ele leva seu tempo. Examina cada pequeno detalhe. Tem um bom olho para as coisas e claramente bom gosto — acrescentou ele com uma sobrancelha levantada e um sorriso malicioso nos lábios.

Optei por ignorar seu elogio e o brilho do que parecia ser luxúria em seus olhos. Desviando o olhar, avistei o anel em seu dedo. Era idêntico ao de Derek e Kai.

— Ele saiu ontem à tarde. Estou surpresa que ele não tenha mencionado que você viria me visitar.

— Foi uma decisão de última hora. Embora eu tenha certeza de que ele foi informado. Ele e Kai são extremamente próximos.

Puxei a cadeira para trás e sentei-me, cruzando as pernas, e meus olhos desceram por um breve segundo. Eu não queria ler muito sobre isso, pois poderia ter sido apenas uma reação natural, mas junto com seu comentário anterior, de repente me senti um pouco desconfortável.

— Você os adotou juntos. Isso foi muito altruísta da sua parte e de sua esposa.

— Maeve e eu sempre soubemos que queríamos ter filhos. Mas ter o nosso próprio não estava nos planos. No entanto, ao longo dos anos, demos um lar a muitos meninos e meninas necessitados.

Eu simplesmente balancei a cabeça. Desprezível ou não, o que eles fizeram por todas aquelas crianças foi realmente um gesto incrível de amor. Embora uma parte de mim se preocupasse com as meninas sob seus cuidados, por mais irracional que fosse. Talvez eu estivesse tirando conclusões precipitadas da pior maneira. Eu era uma mulher adulta. Ele era um homem. Era injusto presumir que ele era tudo menos paternal com as meninas desfavorecidas sob seus cuidados.

— Você com certeza cresceu, Eva.

Esse comentário chamou toda a minha atenção. — Com licença?

Ele se aproximou e estendeu a mão para agarrar meu pulso esquerdo. Meus olhos seguiram seus movimentos como se estivessem em câmera lenta, e não fiz nenhum esforço para detê-lo. Virando minha mão, ele usou um dedo para traçar a leve cicatriz vertical da cirurgia que fiz quando criança.

— Seu pai, Franco, e eu nos conhecemos há muito tempo. Antes de Derek. — O ritmo do meu coração acelerou. — Encontrei-o um dia no supermercado. Você estava com ele, com um gesso rosa brilhante no braço.

Olhei além de Ronan, as imagens daquela manhã voltando para mim como um filme.

— Eu tinha sete anos — eu disse, ainda focada nas memórias dentro da minha mente.

— E faltando alguns dentes. Você era muito faladora e era a coisa mais fofa que eu já vi. Fui para casa naquela noite e disse à minha esposa que estava pronto para adotar. Ser pai de uma garotinha adorável como você. E foi exatamente isso que fizemos.

Baixando o braço, seus olhos eram como uma força magnética,

me fazendo perder neles, nas imagens daquele estranho de tantos anos atrás. Lembrei-me de ter ficado intrigada com o homem alto de terno azul-marinho, mas as lembranças que mais me marcaram foram do meu pai. Olhando para trás, pude ver como a reação dele a Ronan não era normal. A maneira como ele me puxou para perto, colocando-se entre nós enquanto trocava gentilezas estranhas. O leve tremor de suas mãos enquanto ele tentava continuamente me manter fora de vista e me impedir de falar.

— Eu sabia que você parecia familiar. Mas como você conhece meu pai? Ele nunca... Eu nunca vi você desde aquele dia.

— Eu sempre soube que você ficaria linda — disse ele, ignorando minhas perguntas. — Mundo pequeno, não é?

Seu telefone vibrou em algum lugar dentro de sua jaqueta. Enquanto Ronan lia o nome iluminando a tela, fora do meu campo de visão, seu queixo se contraiu, mas ele se recompôs na respiração seguinte.

— Foi tão bom ver você de novo, Eva. Agora que você e meu filho são amigos, espero ver você mais. E talvez eu passe por aqui e traga Franco.

Ele estava me dispensando.

— Sim. Você terá que me contar mais sobre você e meu pai.

Um sorriso de Gato Cheshire se espalhou por seu rosto. — Claro.

Seu olhar queimou nas minhas costas quando saí do escritório. A intuição de Alexa sobre Ronan estava certa.

CAPÍTULO VINTE E NOVE



Uma das pernas de Kai estava pendurada na lateral do sofá enquanto Diego estava enrolado em uma almofada acima de sua cabeça. Ambos dormindo. Procurei sinais de Evangelina, mas a casa estava escura e silenciosa. Já passava da meia-noite, então só pude presumir que ela tinha ido para a cama. Tudo dentro de mim estava ansioso para encontrá-la, mas eu precisava estar preparado. Esclarecer minha história.

— Ei. Acorde. — Kai se mexeu e sentou-se em um piscar de olhos, o cano de uma Glock apontado para meu rosto.

— Merda, D. Me desculpe. Eu não estava esperando você. — Ele amaldiçoou baixinho, colocando a arma na mesa de centro e esfregando as mãos ásperas sobre os olhos.

Eu nem teria piscado para a arma na minha cara. Não teria sido a primeira nem a última, mas e se tivesse sido Eva? Kai leu a tensão em meu rosto e levantou as duas mãos em sua defesa.

— Porra, Derek. Eu disse que sentia muito. Você me surpreendeu enquanto eu dormia. O que você esperava?

Esfreguei os nós dos dedos sobre o ponto de pressão entre meus olhos. — Onde ela está?

— Provavelmente na cama. Eu também estaria exausto depois do dia que ela teve.

— O que aconteceu? O que ele disse a ela?

Kai me olhou confuso. — Ronan?

Quando recebi a mensagem de Kai dizendo que nosso pai adotivo tinha passado por aqui e estava conversando com Eva em particular, quase pulei no próximo voo de volta para Filadélfia.

— De quem mais eu estaria falando?

Meu irmão se espreguiçou e recostou-se na almofada, com a mão sobre Diego, que ainda dormia.

— Este é um gato legal. Ele ficou comigo o dia todo. Você deveria ver como ele manda em Deimos.

Cerrei os punhos. — Você está brincando comigo de propósito? Tive quarenta e oito horas muito estressantes. Não estou nem aí para o seu dia com o gato da Eva. — Inclinei-me e baixe a voz. — O que aconteceu entre ela e Ronan?

— Vamos. Você não acha que eu teria lhe contado se algo sério acontecesse?

Fiquei simultaneamente aliviado e frustrado com a comunicação sem pressa do meu irmão.

— Ok, então o que você quis dizer?

— Alexa. Sua prima. — Ele assobiou uma lufada de ar e balançou a cabeça. — Essa garota pode falar. Ela está muito bem, mas caramba.

Na noite em que entrei em contato com ela e contei o que havia acontecido no hospital, a mulher começou a falar em alta velocidade, alternando entre inglês e espanhol como se estivesse possuída. Mal consegui dizer uma palavra antes que ela corresse pelo apartamento, exigindo ver Evangelina.

Ele colocou a mão no meu ombro. — Ela ficará feliz em ver você. — Sua expressão mudou de repente. Uma ruga se formou entre suas sobrancelhas quando ele se inclinou para frente, com a cabeça baixa, e juntou as mãos. — Derek, espero que você saiba o que está fazendo aqui. Esta mulher. Você está mais fundo do que pensava. Talvez mais fundo do que você imagina.

Eu não poderia negar sua afirmação. Pensamentos semelhantes vinham consumindo minha mente desde que parti para Nova Iorque. Eu tinha acabado de fazer um acordo com o proverbial diabo para orquestrar um massacre da família Belov em nome da busca de vingança em nome de Evangelina. Danem-se as consequências.

— Como foi o seu encontro com Amalia? Quando vamos

derrubar algumas portas? E ela é tão cruel quanto os rumores dizem que ela é?

Levantei-me, a necessidade de ver minha garota com meus próprios olhos agora era esmagadora. — Além da parte em que o pessoal dela quase me matou? Duas vezes. Correu como planejado. Paguei a ela metade do que discutimos e a outra metade será cobrada mais tarde, a seu critério.

Kai se levantou, os braços levantados ao lado do corpo, o rosto contorcido em confusão. — O que diabos isso significa? — Eu já estava na metade da escada. — D, por que eu sinto que isso vai voltar para nos morder na bunda?

Sem responder, continuei em direção ao meu quarto, presumindo que Eva estava dormindo, até que ouvi o som fraco da água vindo do fundo do quarto.

Ela estava no chuveiro.

A reação do meu pau a essa notícia foi instantânea, pressionando a frente da minha calça. Empurrei a porta, confirmando que ela estava realmente no banheiro e não dormindo. A cama estava intacta, ainda feita desde o que eu só pude deduzir ser em algum momento daquela manhã. Uma de suas malas estava aberta no banco, as roupas desordenadas, como se ela estivesse procurando freneticamente por um determinado item. Fiz uma nota mental para questioná-la sobre isso mais tarde, sabendo que eu iria conseguir tudo o que ela precisasse, se fosse o caso.

Droga, Derek, essa mulher deixou você completamente fora de forma?

Tirei minha jaqueta e joguei-a na cama, não querendo perder mais um segundo. Eu tive um gostinho dela, e estive desejando outro desde então.

Quando me aproximei da porta, a voz dela derramou-se sobre mim em ondas suaves e aveludadas. Ela estava cantando, me chamando, me atraindo como uma maldita sereia, me levando à ruína.

CAPÍTULO TRINTA



Vapor saía do banheiro quando abri a porta. Meus olhos imediatamente pousaram em sua silhueta nua atrás do vidro embaçado. Suas mãos estavam emaranhadas em seus cabelos enquanto ela estava sob o jato de água quente, a espuma escorrendo deliciosos riachos pelas curvas de seu corpo.

A porta clicou atrás de mim, assustando-a apenas o suficiente para fazê-la ofegar até que seu olhar ansioso encontrou o meu.

— Sou só eu, anjo.

— Você está de volta — ela sussurrou.

— Não pare. Cante para mim, querida.

Eva inclinou a cabeça para trás, a letra fluindo dela como poesia. Suas mãos estavam de volta no cabelo enquanto ela enxaguava o shampoo. Só que agora havia um leve balanço em seus quadris, um sorriso astuto em seu rosto e seus dedos se moviam em um ritmo mais lento e calculado. Agarrei a borda da penteadeira, lutando contra a vontade de abrir aquela porta e pegar o que era meu.

— Você não tem ideia de como você é linda. — Apertei os botões da minha camisa, tirando-a da calça antes de chutar os sapatos contra a porta. O baque repentino forçou seus olhos a se abrirem, sua voz sumindo.

— Pensei ter dito para não parar.

Sua língua passou pelo lábio inferior, atraindo as gotas de água que escorriam pelo seu rosto. Ela fechou os olhos enquanto a música me envolvia novamente. Minhas calças caíram até os tornozelos e eu

rapidamente puxei o cós da minha cueca boxer, liberando meu pau dolorido e acariciando da raiz ao topo.

— Você está com saudades de mim? — Sem perder o ritmo, ela assentiu. — Senti muita falta de você, anjo.

Evangelina me recompensou com um olhar sexy e um sorriso com covinhas. — Tudo que eu conseguia pensar era em como você era gostosa pra caralho e como eu mal podia esperar para ter você de novo.

— Derek — Ela mordeu o lábio.

— Não pare. — Minha voz estava tensa. Ela colocou ambas as mãos no azulejo à sua frente, notas suaves fluindo de seus lábios. — Você tocou nela enquanto eu estava fora? — Ela assentiu novamente, com a cabeça baixa, e eu só podia imaginar o lindo rubor em suas bochechas quando ela fez essa admissão. — Mostre-me.

Houve um momento de hesitação quando seu olhar inebriante encontrou o meu antes de sua mão deslizar sobre sua barriga lisa e descer até o V perfeitamente aparado de sua pélvis. Ela mergulhou dois dedos em sua boceta, seus golpes longos e medidos.

— Você estava pensando em mim enquanto tocava essa sua boceta molhada? — Perguntei. Sua voz vacilou, prendendo a respiração enquanto ela balançava a cabeça. — Você estava imaginando minha língua, anjo? Devorando cada centímetro seu? — Seus acenos de cabeça tornaram-se lânguidos enquanto ela movia os dedos mais rápido. — Continue cantando, porra.

— Derek, eu... Eu não posso — ela ofegou, caindo de joelhos enquanto gemidos suaves subiam de sua garganta.

Quando a outra mão de Evangelina se moveu sobre seu seio, polegar e indicador beliscando um mamilo endurecido, quase perdi o controle. Eu cerrei meu pau e engoli um gemido.

— Essa é a porra da minha garota. Mostre-me o quanto você quer esse pau dentro de você. — A música foi esquecida há muito tempo, suas respirações e gemidos mais altos, quadris movendo-se no ritmo de sua mão. — Olhe para mim, querida. Veja o que você faz comigo. Como estou duro para você.

— Ah porra, Derek! — ela gritou enquanto empurrava dois dedos para dentro e caía sobre as pernas, não conseguindo mais segurar o peso nas coxas trêmulas.

Ela estava tão perto.

— Não goze, porra.

Eva lançou um olhar suplicante por cima do ombro, o lábio inferior firmemente preso entre os dentes. Incapaz de aguentar mais um segundo sem tocá-la, abri a porta de vidro. Jatos de água quente caíram sobre meu corpo enquanto eu estava sob o chuveiro.

Alisando ambas as mãos em volta dos meus quadris, ela agarrou minha bunda. Quando ela olhou para mim, piscando para afastar a água, ela passou a língua pela parte inferior da minha ereção, sacudindo a ponta.

Amaldiçoei, inclinando a cabeça para trás com a sensação perversa.

Mas por mais que eu quisesse sentir o calor da sua linda boca enrolada na minha pila, o desejo pelo seu sabor era avassalador.

Enrosquei meus dedos em seu cabelo molhado, puxando sua cabeça para trás. — Ainda não, anjo. Eu preciso de você primeiro.

Dobrando o joelho, abaixei minha cabeça, esmagando meus lábios nos dela e sugando sua língua em minha boca.

As horas longe de Eva pareceram uma vida inteira. Eu não tinha certeza de quando, como ou por que as coisas haviam mudado, mas não havia como voltar atrás. Eu nunca senti falta de ninguém, nunca desejei sua companhia, nem mesmo Kai. Ela não era especial, não era diferente de outras mulheres bonitas que eu encontrei e fodi no passado.

Mas ela era *tudo*.

Com uma mão em cada lado de sua caixa torácica, eu a levantei até ficar de pé e beijei a lateral de seu pescoço. Usei meus dentes para tirar seu lábio de seu esconderijo favorito antes de devorá-lo novamente.

— Deus, senti sua falta, — eu disse asperamente em sua boca antes de morder a carne inchada.

— Também senti sua falta. — Gotas de água rolaram pelo seu rosto e pela boca. Lambi, bebendo o líquido. Choramando, ela estremeceu contra mim. — O que você fez comigo, Derek?

— Nada ainda. Mas estou prestes a fazê-lo. — Minha mão serpenteou por seu corpo escorregadio e enrolou-se em seu pescoço. Usando meu polegar, inclinei seu queixo. — Eu vou te foder, Evangelina. Vou arruinar você do jeito que você me arruinou

completamente. — Meu aperto em sua garganta aumentou, a testa pressionada contra a dela. — Você é minha. Sempre minha. Você entende isso?

— Eu quero — ela sussurrou. — Eu sou sua Derek. Por favor...

Eu ri maliciosamente em seu ouvido. — Por favor, o que? O que você quer, linda? Porque tudo que eu quero fazer agora é cair de joelhos e foder você com a língua até me satisfazer.

Ela conteve um gemido. — Deixe-me...

Um grunhido saiu da minha língua quando sua mão agarrou meu pau. Ela me bombeou duas vezes antes de eu pegar seu pulso e parar seus movimentos.

Maldita.

— Ainda não. — Empurrei-a contra o azulejo e belisquei sua pele enquanto viajava para o sul. Minha boca sugou um mamilo tenso, e ela sibilou, os olhos rolando para a parte de trás de sua cabeça. Quando meus joelhos atingiram o chão do chuveiro, dei um beijo em sua fenda. — Apoie-se na parede.

Agarrando uma coxa, joguei uma perna por cima do ombro e enterrei meu rosto em sua boceta.

Porra, eu perdi isso.

Deslizando minha língua ao longo de sua abertura, circulei seu clitóris, e ela estremeceu acima de mim, os dedos torcidos em meu cabelo.

— Sim Deus, sim! — ela gritou, empurrando contra meu rosto.

Eu levantei sua outra coxa por cima do meu ombro, aprofundando o contato enquanto eu a lambia até ficar limpa.

— Eu nunca vou me cansar de você — rosnei sobre seu clitóris. Os barulhinhos doces que ela fazia eram música para minha alma negra. Eu faria qualquer coisa para fazê-la cantar para mim do jeito que ela estava. Para extrair esses sons dela todos os dias da porra da minha vida.

Meu pau latejava dolorosamente com cada gemido e cada gemido que saía de seus lábios. Eu precisava estar dentro dela. Ela se quebrou na minha boca quando apertei aquele clitóris inchado entre os dentes. Seus gritos ecoaram ao nosso redor enquanto ela se contorcia na minha língua.

Evangelina tentou se desvencilhar de mim, mas eu a segurei com firmeza, minhas mãos cravando-se na carne de sua bunda. Ela tinha um gosto muito bom, e eu queria tudo o que ela tinha para dar.

Guiei seu corpo até o ladrilho, sua respiração acelerada desacelerando enquanto ela descia do auge de seu orgasmo. Ela se inclinou para a frente apoiada nas mãos e nos joelhos e me beijou, a língua circulando as bordas dos meus lábios.

— Você não me disse que voltaria esta noite. Eu estava esperando você amanhã.

Agarrando um punhado de seu cabelo molhado, eu a puxei para mais perto, beijando o lado de suas bochechas. — Eu queria fazer uma surpresa para você. Precisava ver você.

Ela subiu no meu colo, envolvendo as pernas em volta da minha cintura. O calor de sua boceta contra meu abdômen fez meu pau doer com a necessidade de ser enterrado até o fim.

— É uma surpresa agradável.

— Segure-se em mim — eu disse, ficando de pé.

Lembrei-me brevemente da primeira vez que vi Evangelina e de como imaginei esse mesmo cenário. Seu glorioso corpo nu contra o meu, as pernas em volta de mim.

Por mais estimulantes que fossem esses pensamentos, eles ameaçaram me levar para um lugar escuro que eu não queria mais visitar. Um momento em que ela já foi o objeto da minha vingança e a mulher que eu pretendia destruir.

Como as coisas mudaram.

Eu sabia que não a merecia. Que nosso tempo chegaria ao fim mais cedo ou mais tarde. Estávamos condenados desde o início.

Devo ter ficado atordoado quando senti suas mãos em meu rosto, os olhos cheios de preocupação.

— Derek, qual é o problema?

Um olhar para ela foi suficiente para dissipar minhas preocupações e a incerteza do destino que nos aguardava.

Dane-se tudo para o inferno.

Joguei-a na cama e montei em seu corpo, agarrando seu pulso. — Só pensando... — eu disse, beijando a palma da mão dela antes de

estender a mão e prender os dois braços acima de sua cabeça. — Como mal posso esperar para destruir você, anjo.

Minha língua se arrastou ao longo de sua clavícula, lambendo as gotas que ainda pontilhavam sua pele. Ela gemeu, fechando os olhos enquanto arqueava as costas para fora da cama, oferecendo-se para mim. Eu desci entre seus seios, dentes duros em sua pele, avermelhando sua carne e marcando-a como minha.

Cada pedaço desta mulher tinha gosto de paraíso. Foi o mais perto que cheguei daquele paraíso indescritível que nunca deveria tocar.

— Por favor — ela implorou, envolvendo as pernas em minhas costas. Amamenteei um mamilo antes de beijar o outro. — Foda-me, Derek.

Sorri contra sua pele, sugando um pequeno botão ereto antes de soltá-lo com um estalo. Saindo da cama, abri a gaveta de cima da mesa de cabeceira para pegar uma camisinha, rasgando a embalagem com os dentes.

Eva se apoiou nos cotovelos, a boca ligeiramente aberta enquanto eu rolava o látex sobre o comprimento duro da minha ereção. Seus olhos estavam paralisados em meu pau, e eu assisti com uma risada enquanto ela apertava as coxas.

— Gostou do que está vendo?

Ela assentiu lentamente, com uma pitada de preocupação em seus olhos enquanto observava meu tamanho.

Agarrei um tornozelo e puxei-a com força em direção à beira da cama, uma perna de cada lado de mim. — Lembre-se do que eu te disse. Você vai pegar esse pau como uma boa menina. — Passei meu polegar ao longo de sua fenda, empurrando seu clitóris, e ela gemeu e arqueou as costas.

— Agora, vire-se.

Eva molhou os lábios, pretendendo fazer o que ela mandasse, mas eu era um filho da puta impaciente. Meus dedos cavaram em seus quadris, e eu a virei e puxei sua bunda para mim.

— Maldição, anjo. Olhe para você, boceta pingando como uma putinha. — Suprimi um rosnado, bombando meu pau ao vê-la nua e aberta, inchada e tão molhada para mim.

A cama afundou quando me ajoelhei atrás dela, acariciando

sua bunda e a curva sexy de suas costas. Empurrei seu peito contra o colchão.

— Bem desse jeito. Mantenha essa bunda levantada para mim. Meu dedo subiu e desceu em sua fenda, fazendo com que seus quadris empurrassem para trás e gemidos suaves saíssem de seus lábios.

— Você mal pode esperar para ser fodida, não é?

— Você é um bastardo; Você sabe disso?

— Eu sei. E nunca se esqueça disso. — Ela sibilou quando empurrei dois dedos dentro dela, enganchando-os para frente e fazendo suas pernas tremerem. Quando ela choramingou sob meu toque, isso apenas me estimulou. — Eu disse que não era bom para você. Mas agora é tarde demais — eu disse, dando golpes longos e fortes em meu pau. — Você é minha agora, Evangelina. Você me entendeu?

— Sua — ela choramingou enquanto meus dentes fechavam em torno de sua bunda gorda.

— Não volte atrás.

— Não há como voltar atrás — ela repetiu sem fôlego.

— Olhe para mim — eu disse, meu tom afiado.

Evangelina lançou um olhar aquecido por cima do ombro, apoiando-se nas mãos enquanto seus olhos seguiam minha mão, e sorriu quando eu suguei meus dedos até secar. Minha nova obsessão.

Agarrando seus quadris, alinhei meu pau em sua entrada, e ela arqueou, voltando para mim. Um forte tapa na bunda a fez acalmar seus movimentos e abafar um silvo.

— Isso sou tudo eu. Entendido?

— Sim — ela respirou, cerrando os punhos em volta dos lençóis.

— Boa menina.

Sem perder mais um segundo, empurrei dentro dela, e o calor de suas paredes apertadas apertou meu pau tão bem.

Eva ficou tensa, gemendo embaixo de mim enquanto eu enterrava meu pau centímetro por centímetro, deixando-a se ajustar até chegar ao fundo do poço.

— Porra, anjo.

A boceta dela estava tão molhada, tão apertada, que tive de parar um momento e respirar fundo, ou isto terminaria muito mais cedo do que qualquer um de nós previu. Inclinei-me para a frente e passei a língua pelo meio das suas costas.

Sua pele estava úmida e doce e salgada.

Eu me afastei antes de entrar nela novamente, me enterrando até o fim.

— Eva... Tão bom.

Ela balançou em mim, acompanhando meu ritmo, impulso após impulso devastador. Jogando minha cabeça para trás, meus olhos se fecharam por vontade própria enquanto subia para o paraíso. A compreensão de como estávamos completamente fodidos me ocorreu naquele momento. Era isso. Estávamos muito longe. E eu não dei a mínima. Não importava o que me esperava do outro lado desta proverbial tempestade de merda. Enquanto eu estivesse com essa mulher, nada mais importava. Eu morreria aqui. Morreria por ela. Mataria por ela.

Qualquer coisa por ela.

Inclinei-me para frente, mordendo seu ombro, enquanto minha mão serpenteava ao redor de sua pélvis, dedilhando seu clitóris.

— Sim, sim, bom... — ela gritou, sufocando o rosto nos lençóis.

Enrolando o punho em seu cabelo molhado, puxei sua cabeça para cima e para longe do colchão. — Não se esconda de mim, porra. Eu disse que preciso ouvir você.

Meus golpes se intensificaram e eu me aproximei dela com uma crueldade deliciosa. O corpo de Evangelina se sacudiu para frente, gemidos incessantes saindo de seus lábios com cada estocada. Os lençóis se enrolaram em torno dos nós dos dedos pálidos enquanto ela lutava para ficar de pé.

— Oh... Deus, não pare.

Inclinei-me perto de sua orelha, seu pequeno corpo dominado, eclipsado pelo meu. — Não, não é Deus. É Derek.

Meus dedos encontraram seu clitóris inchado novamente e eu o belisquei. — Porra... porra — ela soluçou, mordendo um de seus pulsos.

Todo o seu corpo tremia, e as paredes do seu sexo contraíram-se à volta do meu pau.

— Tão perto, anjo. Deixe ir e goze para mim. — Os gritos de Evangelina aumentaram. — Eu quero sentir você gozar em todo o meu pau. Quero que você me mostre o quão bom eu te fodo.

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, os olhos bem fechados enquanto xingava em espanhol. Eu ri sombriamente de seu desafio e agarrei sua bunda, enganchando meu polegar e colocando pressão sobre sua borda apertada. — Eu quero isso também. — Inclinei-me e cuspi até que ela estivesse coberta, e empurrei para dentro.

— Oh... — ela choramingou, mordendo os lençóis.

Outra beliscada forte em seu clitóris inchado enquanto eu empurrava mais fundo. Mais duro. Enchendo-a tão completamente. Mais duas investidas implacáveis e Evangelina gritou, contorcendo-se debaixo de mim.

— É isso. Essa é a porra da minha garota. — Agarrei seus quadris com força contundente. A pressão em minhas bolas aumentava cada vez que as ondas de sua liberação apertavam meu pau. — Você goza só para mim, anjo.

Eu bati em seu corpo, meu saco de bolas batendo contra suas coxas. Mais rápido. Quando a puxei de volta para mim, suas mãos não segurando mais o edredom, sussurrei: — Lembre-se a quem você pertence. — Eu segurei seus seios, meus impulsos diminuindo enquanto eu a segurava com força, marcando sua carne com a marca dos meus dedos. — Diga.

— Derek. Sou sua.

Um. Dois. Três golpes fortes.

Eu jorrei dentro dela.

— *Foda-se.* — Grunhidos altos ressoaram pelos meus dentes cerrados e na curva de seu pescoço enquanto eu corcoveava contra ela. Corda após corda da minha semente bombeando para fora do meu pau.

CAPÍTULO TRINTA E UM



A bunda nua e tonificada de Derek foi tudo que pude olhar enquanto ele ia até o banheiro para se livrar da camisinha. Eu tinha perdido a noção de que horas eram, mas essa era a terceira da noite.

Cada centímetro de seu corpo estava coberto de tinta escura, e eu nunca soube o quão atraente isso poderia ser até agora. Fechando os olhos, soltei um grito baixo enquanto me concentrava em todas as partes de mim que ainda vibravam com a memória do seu toque. Eu nunca entreguei o controle a um homem como fiz com Derek. Nunca soube o quão emocionante e, francamente, quão quente poderia ser. Deitei-me na cama, sentindo-me totalmente fraca, a dor dos hematomas atingindo diferentes partes do meu corpo.

Ele subiu ao meu lado e deslizou sob o edredom grosso. Eu ainda estava deitada de bruços, com a cabeça apoiada nos braços, exausta demais para me mover ou manter os olhos abertos por mais tempo. O fogo de seu olhar aqueceu minha pele, causando arrepios em cascata por minha pele. Estremeci e o sorriso permanentemente gravado em meu rosto se alargou.

— Está com frio? — ele perguntou. Balancei a cabeça, não confiando na minha voz ainda. As costas de sua mão acariciaram meu ombro nu e depois desceram pelo meu braço. — Fale comigo, anjo.

Meus olhos se abriram com seu tom suavizado. E me perdi naqueles olhos, os mesmos que me cativaram desde o primeiro dia.

— Eu só... — eu resmunguei enquanto me apoiava nos cotovelos. — Eu nunca — Balancei a cabeça, tentando me acalmar. — Você me chamou de puta. — Eu ri. — E eu adorei, porra.

Derek puxou o lençol do meu corpo e passou os dedos pela

curva da minha bunda. — Aqui, você é minha para foder e dobrar, rasgar e montar novamente. Só minha.

Inclinando-me mais perto, pairiei sobre seus lábios. — Então eu nunca mais quero ir embora — eu sussurrei enquanto ele me puxava para um beijo lento na nuca. Sua língua lambeu o céu da minha boca, e eu gemi na dele, sentindo minha boceta devastada pulsando por mais dele.

Eu sobreviveria a mais uma?

Eu não tinha certeza, mas estava mais do que disposta a fazer o sacrifício.

— Anjo — ele disse, o braço circulando minha cintura e me puxando para seu peito. Nossas pernas se entrelaçaram e eu coloquei minha cabeça sobre seu ombro, esperando que ele continuasse. — Ronan. — Seu corpo ficou tenso embaixo de mim enquanto ele falava. — Ele não disse ou fez nada que te deixasse desconfortável, não é?

Como eu poderia colocar nossa conversa em palavras? Não havia nada concreto de uma forma ou de outra. Talvez tenha sido apenas coisa da minha cabeça, plantada ali pela desaprovação de Alexa. Mas eu sabia melhor. Sua presença era enervante, como se ele soubesse coisas sobre minha vida, sobre mim, das quais eu nem tinha consciência. Pior de tudo, ele parecia gostar de ter vantagem.

— Eva. — Sua voz ficou subitamente tensa, seu aperto em mim como um torno.

— Ele sabia quem eu era. Eu o conheci. Anos atrás, Derek. Quando eu ainda era uma garotinha, só que não me lembrava até aquele momento. — Derek permaneceu quieto e levantei a cabeça para olhar para ele. Seus olhos estavam fixos no teto, a tensão em seu rosto fazendo com que sua mandíbula se contraísse. — Você não me disse que tinha uma irmã.

Os olhos de Derek se voltaram para os meus. — Ele lhe contou sobre Athena?

— Athena?

— Ele não fala sobre ela com ninguém. Nem mesmo Kai e eu. Estou curioso para saber quais foram os motivos dele por trás de revelar isso a você.

Era como se eu pudesse ver as rodas girando em sua cabeça. Suas sobrancelhas escuras se uniram, uma ruga entre elas enquanto ele digeriria essa informação.

— Onde ela está?

— O que mais ele disse? — ele perguntou, ignorando minha pergunta.

— Não muito mais. Derek, o que aconteceu com ela?

Ele se sentou, me segurando pelos ombros. — Athena já se foi há muito tempo.

— Eu sinto muito. Eu não...

— Ela simplesmente se foi. Não sabemos onde ela está ou o que aconteceu com ela. Mas não quero falar sobre isso agora. Eu só preciso saber que você está bem. Ronan pode ser um idiota. E se ele ao menos...

— Não, estou bem — assegurei a ele, arqueando o pescoço e roçando os lábios na barba por fazer em seu rosto.

Ele segurou a lateral do meu pescoço e me puxou para sua boca expectante. Não houve nenhum calor por trás do nosso beijo. Havia outra coisa. Algo mais suave, mais profundo. Segurei sua bochecha e escovei meus lábios para frente e para trás sobre os dele enquanto arrepios subiam da minha barriga, estabelecendo-se em meu peito.

O braço que ele enrolou em volta da minha cintura apertou e ele suspirou em meu cabelo.

Derek era um mistério. E muitas vezes me perguntei até que ponto suas cicatrizes realmente eram profundas. Qual o papel que seu pai adotivo desempenhou no homem que ele se tornou? E Ronan Cain foi o motivo do desaparecimento de Athena?

— O que você está pensando?

— Como esqueci de perguntar sobre sua viagem?

A razão por trás de sua saída da cidade ainda não parecia certa.

— Não foi nada especial. Apenas negócios.

Sentei-me, com dores de dúvida cutucando minhas inseguranças. — Pareceu tão abrupto, especialmente depois do que aconteceu.

Derek sentou-se também, os olhos azuis me queimando com sua intensidade. — Evangelina, eu não teria te deixado se não fosse

absolutamente necessário.

— Isso é o que eu não entendo. Por um lado, você considera isso apenas um negócio, mas depois diz coisas assim, olha para mim desse jeito, e isso me faz sentir que há algo mais. Algo que você não está me contando.

Ele engoliu em seco, aparentemente desconfortável com a minha acusação, e saiu da cama, vestindo uma camiseta pela cabeça. — Eu ainda tenho obrigações, anjo. Clientes. Compromissos anteriores que não posso simplesmente ignorar num piscar de olhos.

Meus olhos se voltaram para baixo, de repente me sentindo como uma pirralha imatura. — Desculpe. Eu não deveria presumir que você está mentindo. Isso é rude da minha parte.

— Venha aqui. — Derek passou um braço nas minhas costas e me puxou em direção a ele, esmagando meu corpo contra seu peito. — Eu largaria tudo por você.

A boca do meu estômago despencou, como a sensação que alguém sente durante uma queda livre. — Derek — eu murmurei em seu ouvido, minha voz de repente trêmula quando ele cheirou o lado da minha garganta e me apertou apenas um pouco mais forte. A maneira como meus seios foram pressionados contra seu corpo duro fez com que uma nova onda de umidade pingasse entre minhas coxas.

— Hum?

— Eu quero que você me foda e me chame de sua putinha de novo.

Eu o senti sorrir contra meu pescoço. — Vou levar você para o banho, anjo. E eu vou foder essa sua boca safada até você chorar e engasgar com meu pau. — Ele apertou minha bunda até que eu prendi meus tornozelos atrás de suas costas. — Então eu vou te foder contra o azulejo. E você virá atrás de mim novamente.

Porra. Sim.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS



As portas do elevador se fecharam atrás de nós. Um homem alto e de cabelos escuros estava parado no canto direito, com o rosto voltado para o telefone. Embora ele não tivesse sequer reconhecido nossa presença, não pude evitar minha reação ao vê-lo. Agarrando o braço de Derek com um pouco mais de força, me aproximei de seu corpo. As vistas e os cheiros do prédio só aumentaram minha paranoia, já que da última vez que estive aqui, fui baleada e quase agredida. Minha respiração acelerou, minha pulsação batia forte, reverberando em meus ouvidos e dominando o zumbido dos cabos enquanto subíamos.

— Ei. — A voz gentil de Derek me tirou da beira de um ataque de pânico. — Eu disse que você está segura comigo.

Ele deve ter percebido que meus nervos estavam despencando, embora a maneira como meu aperto provavelmente estava deixando impressões digitais na pele de seu antebraço, não seria difícil de adivinhar. Eu estava em uma espiral. Ele me puxou para seu peito, os lábios roçando minha testa.

O barulho do elevador me fez pular em seus braços. — Eva, olhe para mim.

Balancei a cabeça, o interior das minhas pálpebras queimando enquanto as lágrimas se acumulavam. Os passos do estranho ecoaram no chão quando ele saiu do pequeno espaço, deixando-nos sozinhos.

— Ele se foi.

As grandes mãos de Derek emolduraram meu rosto.

— Sinto muito — eu sussurrei, levantando meus olhos para ele.

— Eu não sei o que há de errado comigo. Esta não sou eu. Deus, eu sou tão patética.

Ele me silenciou, afastando o cabelo do meu rosto e colocando-o atrás da minha orelha. — Não diga isso. Você tinha a porra da máfia tentando matá-la. — As cordas de seu pescoço se esticavam enquanto ele falava. — Você lutou para sair... De volta para mim. E você matou um homem com o dobro do seu tamanho que estava tentando matá-la. Isso está longe de ser patético. É foda pra caralho — acrescentou ele com um sorriso.

Não pude deixar de sorrir com o uso dessa palavra.

— Se você não estiver pronta para estar aqui, podemos voltar outra hora.

Eu balancei minha cabeça. — Não, eu preciso. Sam pode não sobreviver. E eu nunca conseguiria viver comigo mesma se não fosse vê-lo porque estava sendo uma covarde. Cansei de me esconder, Derek. Eu tenho que fazer isso.

Sam ainda estava inconsciente e com aparelhos de suporte vital. O fato de ele ter sobrevivido a um tiro na cabeça foi um milagre por si só. Quatro dias se passaram desde que fomos atacados. E eu me senti culpada o suficiente por ter esperado tanto tempo para visitá-lo. Mas criar coragem para entrar no hospital novamente foi simplesmente assustador. A única razão pela qual cheguei até aqui foi por causa de Derek. Ele me garantiu que eu estava segura com ele, e eu acreditei nisso com cada fibra do meu ser. Nunca me senti mais protegida, mais cuidada do que quando estava com este homem.

Assim que as portas do elevador se abriram novamente, Derek entrelaçou os dedos nos meus enquanto íamos para um corredor bem iluminado. A unidade estava silenciosa, exceto pelos cliques dos teclados e máquinas médicas apitando, zumbindo ou girando ao nosso redor. A energia nervosa zuniu dentro do meu peito, fazendo meu coração bater mais rápido. Mas reprimi o medo que tentava me dominar. Eu não os deixaria vencer.

Olhei para Derek, mas seu foco estava apenas em nosso entorno, em todos os quartos e até mesmo no posto de enfermagem. Cada alma naquele andar estava em seu radar.

Esse lado de Derek me intrigou e, para ser sincera, me fez questionar tudo. Embora eu soubesse que ele era um instrutor tático durante o dia, como Helena, algo na maneira excessivamente confiante com que ele se movia e examinava cada detalhe gritava por

algo mais.

— Posso ficar lá fora, se você quiser — ele disse quando chegamos ao quarto de Sam na UTI.

Dois guardas estavam de guarda, olhando para nós enquanto nos aproximávamos.

— Identificação? — Um homem mais baixo e corpulento, com costeletas claras, estendeu a mão, impedindo-nos de avançar mais. Seu tom era conciso e sua postura impassível.

— Detetive Cruz — disse a guarda, com a mão no antebraço de seu parceiro.

Assenti e, sem dizer mais nada, ela fez sinal para que entrássemos. Derek enviou ao guarda masculino um de seus infames olhares mortais, fazendo com que o homem recuasse, o que nos permitiu mais espaço do que o necessário quando entramos no quarto escuro do hospital de Sam.

— Ah, Sam. — Minha voz falhou quando corri para o lado dele.

Sua cabeça estava enfaixada e ele tinha muitos tubos. Sam era um veterinário marinho que sempre cuidou de si mesmo e seguiu um regime rigoroso de ginástica. Vê-lo deitado ali, parecendo tão frágil e indefeso, sabendo que provavelmente nunca mais seria o mesmo, partiu meu coração.

— Sinto muito que isso tenha acontecido com você. — Lágrimas deslizaram pelo meu rosto enquanto eu segurava sua mão na minha. — Era para ser eu, não você.

A mão de Derek caiu no meu ombro. — Não diga isso, porra. — Houve uma mordida em seu tom.

— Eles estavam tentando chegar até mim. Ele não merecia isso.

— E você merecia? — Seus olhos estavam estreitados em fendas.

— Não, mas...

Derek me virou, com as mãos ásperas em meus ombros. — Escute-me, foda-se ele! Se todo o maldito hospital tivesse que queimar com todos dentro em troca da sua segurança, então eu considero isso um bom dia.

Um pequeno suspiro me escapou com sua revelação. — Derek — eu respirei, incapaz de acreditar em sua completa falta de empatia.

Seus olhos escurecidos brilhavam como brasas de fogo.

Fiquei chocada com suas palavras, mas também fiquei incrivelmente excitada e descaradamente e desesperadamente atraída por esse enigma de homem. Ninguém nunca foi tão apaixonado pelo meu bem-estar. Apertei minhas coxas, suprimindo as lambidas de desejo que ameaçavam me fazer abandonar meus escrúpulos e me levantar para beijá-lo.

— Eva? — A frágil voz feminina chamou meu nome da porta. A esposa de Sam, Catherine, parecia tão frágil quanto parecia. Olheiras marcavam a pele sob seus olhos, parcialmente escondidas atrás de mechas de cabelo que haviam caído do coque bagunçado no topo de sua cabeça.

Joguei meus braços ao redor de sua forma trêmula enquanto soluços sufocados escapavam de seus lábios. — Cath, sinto muito. Eu deveria ter chegado aqui antes.

Ela enxugou as lágrimas com a manga do cardigã marrom. — Eu ouvi o que você passou. Eu entendo. Como você está?

— Estou bem. O que os médicos estão dizendo?

A esposa do meu parceiro me informou que Sam ainda estava em estado crítico, mas apresentando pequenas melhorias. O inchaço no cérebro estava estável; isso era tudo que eles podiam esperar.

Ela exalou pesadamente, seu olhar mudando brevemente para o canto do quarto, onde Derek estava encostado na parede. Virei-me para olhar sua expressão estoica, seus olhos se conectando com os meus.

— Cath, este é meu... Derek. Este é Derek.

Apesar das horas que passamos queimando os lençóis, dos gestos doces, dos momentos de afeto, nenhum dos dois havia discutido o título que definia quem ou o que éramos um para o outro. Houve uma pausa estranha enquanto Catherine observava meu companheiro alto e sério. Ela não conhecia James, então explicar o relacionamento deles só tornaria as coisas mais desconfortáveis.

Derek deu-lhe um aceno severo e rapidamente voltou seu olhar para a porta. Sua postura parecia tensa em resposta ao que quer que tivesse chamado sua atenção.

Eu instintivamente gravei para o lado de Derek, meu pulso acelerando, temendo o pior, até que o sorriso tenso de meu pai me cumprimentou enquanto ele estava na porta.

Corri até ele, braços grandes me envolvendo em um abraço sólido.

— Achei que tivéssemos concordado que você não viria aqui até que as coisas se acalmassem.

— Eu tinha que ver Sam. Não posso me esconder para sempre.

A atenção do meu pai estava além de mim. Em Derek. — Como você está? Ele está tratando você bem?

Se ele soubesse exatamente o quão bem Derek estava me tratando. O calor subiu pelo meu pescoço, alcançando minhas bochechas. Rezei para que o quarto escuro trabalhasse a meu favor e escondi o rubor que eu sabia que estava colorindo meu rosto.

— Derek tem sido um cavalheiro perfeito.

Ele e meu pai estavam em uma disputa. Eu ainda não conseguia compreender a animosidade que existia entre os dois. Não foi a reação que eu esperava quando ele conheceu o único filho de seu melhor amigo.

— Podemos conversar?

A pergunta de Derek foi dirigida ao meu pai. Segundos se passaram antes que ele respondesse, e ele o fez levantando o queixo.

— Estarei lá fora. — Seu dedo indicador curvado levantou meu queixo, a boca roçando meu cabelo. Consciente de que meu pai estava a apenas meio metro de nós, e com seu comentário anterior pairando no ar, me afastei de seu toque, embora minha pele sentisse um frio instantâneo em sua ausência.

— Tudo bem — eu disse, virando-me para Catherine e Sam. O braço de Derek deslizou atrás das minhas costas e me esmagou contra seu peito, arrastando os lábios sobre minha orelha.

— Eu não dou a mínima para quem está assistindo. Nunca se esqueça a quem você pertence, Eva. — Ele se inclinou mais perto. — Ou então terei que colocar você sobre meus joelhos quando voltarmos para casa.

Aquela ameaça deliciosamente pecaminosa deveria me fazer querer me comportar? Levantei meu rosto e sua boca se moveu sobre

a minha. Nosso beijo foi curto, mas ainda assim conseguiu me deixar sem fôlego.

— Boa menina — ele sussurrou contra meus lábios.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS



— Você está dormindo com minha filha?

Apoiei um cotovelo no posto de enfermagem vazio e observei os olhos selvagens e as narinas dilatadas de Franco. Ele sabia a resposta para essa pergunta muito antes de ela ser feita.

— Não violarei a privacidade de Evangelina. É bastante desrespeitoso, você não acha?

Franco ergueu as duas mãos em minha direção, como se estivesse prestes a agarrar a gola da minha camisa, mas as fechou em punho no último segundo.

Homem inteligente.

— Seu filho da puta. Você aproveita sua posição. Da vulnerabilidade dela!

— Devo lembrar que Eva é uma mulher adulta, livre para fazer o que quiser... e com quem ela quiser.

— Se você colocar um dedo...

— Garanto que fiz mais do que isso e ela aproveitou cada segundo. Mas francamente não é da sua conta.

O punho do homem enfurecido bateu na mesa de madeira com tanta força que fiquei surpreso quando ele não se partiu.

— Ronan sabe?

Eu zombei. — O que você ou Ronan pensam do meu relacionamento com Evangelina é irrelevante.

Ele balançou a cabeça e passou a mão pela barba. — Por que esperar até a morte de James para mostrar seu rosto? Eu sei muito bem que você sabia onde ele morava antes de ser assassinado. No entanto, você espera até que ele apareça. Para se aproximar da minha filha.

— Algo que você quer tirar do peito, velho?

Levantei uma sobrancelha, desafiando-o a fazer a acusação dançar em sua língua. Mas ele recuou, cerrando o punho no balcão.

Com feições suavizadas, ele disse: — Ela é a única família que me resta. Por favor, deixe-a em paz.

Não foi a primeira vez que ouvi um homem rastejar em nome de Evangelina.

— Eu não chamei você aqui para brigar. Mas preciso de um favor.

Foi a vez dele de rir incrédulo. — O que faz você pensar que eu lhe pagaria algum favor?

— Porque não é para mim. É por um interesse comum. Isto é sobre a segurança dela.

Comecei a explicar meu plano até que uma anomalia perto do quarto do hospital chamou minha atenção.

Algo estava errado.

Eu ataquei o filho da puta de antes, resistindo à vontade de prendê-lo contra a parede pelo pescoço. — Onde está sua parceira? — Seus olhos se arregalaram, sua boca abrindo e fechando como um maldito peixinho dourado. — Onde ela foi?

— Ela se dirigiu para a escada leste. Ela teve que atender um telefonema. Disse que voltaria logo.

Meus dedos coçavam para bater sua cabeça contra a parede por sua incompetência. — Suas ordens foram claras — eu fervi, batendo meu punho na superfície dura.

Franco já estava atrás de mim quando me virei. — Vigie-a. Tranque a porta e não a perca de vista.

— O que está acontecendo?

— Não sei, mas nenhum desses guardas deve deixar o posto. Uma desapareceu e você é a única pessoa em quem confio agora para

cuidar da vida dela. Há uma Glock e munição coladas no fundo da cama de seu parceiro. Você esvazia seu pente para qualquer coisa que tente passar por esta porta.

— E se for você? — Suas palavras tinham o tom de uma ameaça.

Um sorriso apareceu no canto da minha boca. — Então é melhor você não perder.

Ele me estudou, inclinando a cabeça para o lado, a curiosidade transbordando em seus olhos escuros. — Você realmente se importa com minha filha?

Virei as costas para ele, sua pergunta pairando no ar.

— Não deixe isso óbvio. Ela ainda está nervosa com o que aconteceu — eu disse, indo para a escada.

Uma porta de metal branco apareceu, onde uma voz de mulher podia ser ouvida do outro lado. Encostei-me na superfície fria, uma mão no couro da minha lâmina.

— Eu liguei para você uma dúzia de vezes e deixei mensagens — disse ela em um sussurro alto e raivoso. — É ela. Ela está aqui.

Traição.

— Claro, tenho certeza. Evangelina Cruz, certo? — Houve uma pausa. — O que você quer dizer com você não pode arriscar? E o dinheiro que você prometeu? — A cadela selou seu destino. Já fazia um tempo que eu não tinha uma morte feminina. — Eu quero a porra do meu dinheiro. Você disse para avisar quando ela aparecer, e foi exatamente isso que eu fiz — ela gritou, batendo a mão na porta.

Olhei para cima e notei uma câmera de vigilância nos cantos do corredor. Eu não podia arriscar estripar aquela cadela na escada, então uma pequena visita domiciliar era necessária.



A mídia social era um lugar interessante. Demorei menos de trinta minutos para descobrir todas as informações relevantes de que precisava, sem precisar acessar mais recursos. Leslie R. Almonte. Vinte e oito anos. Divorciada. Bares e clubes movimentam-se todo terceiro

sábado do mês. Como policial, alguém poderia pensar que ela saberia que não deveria postar toda a sua vida online como um doce rastro de migalhas. Eu tinha certeza de que ela se arrependia de ter informado seus seguidores sobre seus planos de comprar comida chinesa para viagem após seu turno noturno.

Descansei um tornozelo sobre o joelho enquanto esperava que ela acordasse. Afinal, que graça teria isso se ela estivesse inconsciente?

A jovem estava algemada pelos pulsos, com correntes penduradas, permitindo que seu corpo descansasse sobre os joelhos dobrados. Cabelo loiro descolorido se amontoou no chão de ladrilhos à sua frente enquanto sua cabeça se inclinava para frente.

Eu particularmente não gostava de tirar a vida de mulheres, mas não havia um pinga de simpatia pela mulher diante de mim. Uma vez que ela pretendia prejudicar Eva, ela se tornaria apenas mais uma mancha nas mãos de almas roubadas.

Um jato de água gelada a fez acordar, os braços puxando suas restrições enquanto o pânico se instalava. Ela jogou a cabeça para trás, os olhos arregalados e frenéticos, tentando ver através dos fios ainda grudados em sua pele umedecida. Deixei-a gritar e se debater por vários momentos antes que volts de eletricidade arrancassem um forte suspiro de sua garganta e forçassem seu corpo a ficar silencioso e trêmulo.

— Gritar é inútil. Estas paredes são à prova de som e estamos a uns bons cinco metros de profundidade. — Inclinei-me para frente e juntei as mãos. — Então, sugiro que você economize sua energia.

— Q-quem é você? O que você quer comigo?

Seu peito estava arfando enquanto ela tentava recuperar o fôlego.

— O que eu quero? Com você, policial Almonte? Nada. Nada além de ver você morrer do jeito que planejou para ela.

Seus olhos se estreitaram enquanto ela estudava meu rosto através das sombras, as sobranceiras subindo até a linha do cabelo ao fazer a conexão.

— Oh, Deus, Eu não tive escolha. Eles me ameaçaram!

Fiquei de pé e contornei sua forma nua. — Eles fizeram agora?

— Sim! Eles me disseram que me matariam se eu não os mantivesse informados. Eu juro que essa é a verdade.

Ela provavelmente não estava mentindo, mas suas exigências de pagamento e acompanhamento selaram seu destino.

Puxei a alavanca, ajustando a folga das correntes para posicionar os braços acima do corpo. Agachando-me, agarrei um punhado de cabelo e levantei sua cabeça. — Quem entrou em contato com você?

Lágrimas escorreram por sua bochecha suja. — Não sei.

Meu aperto aumentou. — Resposta errada. — O calor da minha lâmina cortou uma linha vertical no lado esquerdo do rosto dela. Ela gritou e se debateu. — Vou perguntar novamente. Quem lhe deu essas ordens?

— Por favor! Eu estou te dizendo a verdade. — Outro corte. O sangue jorrou de suas feridas, misturando-se às lágrimas. — Por que você está fazendo isso? Você é um maldito doente.

Eu ri perto de seu rosto mutilado. — Estou feliz que você esteja ciente do que eu sou. Expectativas tolas apenas prolongam o seu sofrimento.

Seus olhos se arregalaram de terror. — Quem é você? Por favor, deixe-me ir.

— Agora, você sabe que não posso fazer isso, Leslie. E quem eu sou é irrelevante. — Deixei sua cabeça cair para frente e me endireitei, puxando a alavanca até que as correntes ficassem esticadas e ela se equilibrasse na ponta dos pés. — Você tentou machucar alguém de quem eu gosto. Você traiu a confiança de seus colegas. E para quê, Leslie? Quanto foi a recompensa? Diga-me, quanto vale a vida de Evangelina para você?

Os olhos de Leslie moveram-se descontroladamente ao ouvir o nome de Eva. Seu corpo ficou tenso contra as restrições. — Foda-se ela!

Ah, bem quando eu estava sentindo um pouquinho de empatia.

Ah, bem.

— Acertei um ponto dolorido, não é?

— Você está disposto a me torturar e me matar? Por *ela*?

— Sim.

Ela não queria saber as coisas depravadas que eu estava disposto a fazer por Evangelina.

A mulher engoliu em seco, uma risada cínica saindo de seus lábios enquanto ela cuspiu o sangue que caía em um fluxo constante pelo seu rosto.

Ela foi corajosa; Eu daria isso a ela. Ou estúpida.

Eles sempre ficavam estúpidos quando confrontados com sua própria mortalidade.

— Eu tinha chances. Mas é claro que ela fodeu até chegar ao topo.

— É assim mesmo? — Eu disse, cruzando os braços sobre o peito. — Deixe-me adivinhar; ela foi promovida a detetive em vez de você?

Leslie sibilou de dor, o rosto se contorcendo quando uma espessa mecha de cabelo se prendeu em seu ferimento. — Vocês, homens, são todos iguais. Rosto bonito, bunda apertada e nada mais importa. O que? Você está transando com ela também?

Pressionei a lateral da minha lâmina em seu queixo, levantando seu rosto. — Ela é perfeita, não é?

Leslie olhou profundamente nos meus olhos e recuou. Ela tinha visto o que a esperava?

Novas lágrimas deslizaram por seu rosto.

— Por favor, me desculpe. Eu farei o que você quiser. Qualquer coisa. — Ela estufou o peito, os seios nus se empurrando sugestivamente. Mas eu não poderia estar menos interessado.

— Há uma coisa — eu disse, aproximando meu rosto.

— Por favor, qualquer coisa — ela implorou entre calças pesadas.

Meus lábios se aproximaram de sua orelha e sussurrei: — Morra.

Mergulhei minha faca em seu lado e torci. Ela lutou para não gritar, a dor deixando seu corpo através de grunhidos e gemidos.

— Vou precisar que você entregue uma mensagem para mim. — Outro jorro de sangue caiu aos meus pés quando a lâmina entrou e saiu dela pela segunda vez. — Estou enviando um presente para Dmitry Belov. Sua cabeça em uma caixa. — Ela gorgolejou suas palavras, trilhas vermelhas escorrendo por seu corpo. — O que foi isso, Leslie?

— P-por quê?

Inclinei seu queixo.

— Fácil. Toque ou ameace o que é meu e você morre. — Ela inclinou a cabeça para trás e soltou um grito de gelar o sangue. Suas cordas vocais eram a próxima escolha óbvia.

A vida foi drenada de seu corpo e Leslie caiu para frente, com o sangue escorrendo pelas grades perto de seus pés.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO



O cascalho estalou sob os pneus do SUV de Kai quando ele entrou no estacionamento. Vi a silhueta de Evangelina atrás do parabrisa escurecido, com o celular no ouvido. Fizemos contato visual por trás do vidro e um sorriso apareceu em seu lindo rosto. Eu saí cedo naquela manhã, enquanto ela ainda dormia, para cuidar de Leslie, e precisei de tudo para me arrastar embora. Nua como no dia em que nasceu e enrolada ao meu lado.

Visões de um futuro ao acordar com ela eram a norma que passava pela minha mente, como os cliques de um filme de romance clichê. Mas dissipei esses pensamentos tão rapidamente quanto eles se manifestaram. Meu único trabalho era aproveitar o dia de hoje e por quanto tempo ela estivesse na minha vida.

— Ei — ela disse, os braços circulando meu pescoço enquanto ela ficava na ponta dos pés para um beijo. — Eu estava com frio esta manhã.

Meus olhos se levantaram para ver o sorriso irônico de Kai enquanto ele abaixava a janela, me cumprimentando com um aceno de cabeça antes de sair pela rua.

— Desculpe. Esqueci de mencionar a inspeção do prédio desta manhã.

E as mentiras continuaram.

Segurei seu rosto, meu polegar acariciando a pele macia de sua bochecha. — Você não tem ideia de como foi difícil ir embora.

Ela agarrou a gola da minha jaqueta e levantou-se para esfregar a ponta do nariz no meu queixo. — E por que isso?

Mergulhei minha boca para encontrar a dela, beijando e mordiscando suavemente a carne macia. — Porque estava muito frio.

Eva deu um tapa no meu ombro de brincadeira. — Oh, não porque você tinha uma mulher incrivelmente gostosa em sua cama? Nua, dolorida? — Seus lábios estavam na cavidade do meu pescoço. — O meu gosto ainda está na sua língua?

Eu a esmaguei contra mim, a frente da minha calça dolorosamente apertada.

— Não há ninguém aqui por mais três horas, anjo. Acho que uma pequena redenção é necessária.

Quando chegamos ao prédio, o comportamento brincalhão de Evangelina havia mudado. Ela olhou para a tela de seu celular, as sobrancelhas perfeitamente arqueadas e franzidas.

— O que é?

— Um de nossos policiais está desaparecido há três dias. Ela era uma das guardas de Sam. Eles apenas a listaram como pessoa desaparecida depois de realizar uma verificação.

— Ah — eu disse. — Isso é lamentável.

Seu cadáver foi removido de minha propriedade esta manhã.

Puxei Eva para o meu peito, meu polegar suavizando as linhas de estresse em seu lindo rosto. Ela não precisava se preocupar com alguma vadia que cometeu o erro de fazer um acordo com o diabo em troca de um pagamento.

Leslie não conseguiu entender que eu era o pior de todos.

— Espero que eles a localizem logo.

Lágrimas brotaram de seus olhos, cada gota dissolvendo a barreira outrora impenetrável que envolvia meu coração.

— Não posso deixar de pensar que isso tem algo a ver com Belov. É muita coincidência. Ela estava de plantão para Sam. E se for esse o caso, quantas pessoas mais terão que morrer antes...

— Todos eles. Cada um deles. Se isso significa mantê-la segura.

Ela olhou para mim, uma miríade de emoções brilhando nas profundezas escuras de seus olhos. Piscando para afastar as lágrimas, Evangelina respirou fundo e colocou a mão no meu peito. — Não é isso que eu quero.

Eu queria dizer a ela que estava trabalhando em uma resolução. Trabalhando com outras pessoas para garantir que os responsáveis pelo seu ataque pagariam com a vida.

Dmitry Belov era meu.

— Vamos — ela disse com força renovada, puxando meus pulsos. — Preciso aliviar um pouco do estresse antes de explodir.

— Você está no humor para isso? Eu perguntei quando nos aproximamos do balcão. — Longo ou curto alcance?

Ela observou a fileira de armas, os olhos pousando na seção de rifles. — Que tal aquele? — ela disse, apontando para um elegante McMillan TAC-338.

— Boa escolha.

— E você?

Peguei um rifle CheyTac M200 preto. — Pegue a munição, anjo. Vamos brincar.

Um sorriso surgiu em seus lábios enquanto ela abria a caixa de vidro e colocava as caixas dentro de uma cesta, esquecendo momentaneamente o estresse do dia. Evangelina me examinou enquanto passava, virando-se e caminhando para trás em direção ao campo enquanto eu a seguia. Meu pau se contraiu ao ver aquelas leggings pretas justas, e eu lambi meus lábios em doce antecipação. Eu a teria hoje; disso, eu não tinha dúvidas.

— Então, com que frequência você pratica? Ou sua experiência é principalmente no lado comercial? — Ela se virou e abriu a porta pesada.

Abri um sorriso, colocando os dois rifles na barraca à nossa direita. — O que você acha?

Ela pareceu se perder brevemente dentro de sua cabeça, os olhos olhando além de mim e sem piscar. — Acho que você está prestes a me impressionar — disse ela, sua atenção de volta ao meu rosto enquanto se inclinava contra a divisória de aço, com um sorriso sexy no lugar.

— É meu único objetivo na vida. Saber que fui eu quem colocou esse sorriso no seu rosto.

Evangelina tirou a jaqueta de couro marrom dos ombros e a jogou em um canto da sala. O contorno de seu sutiã preto sob o fino

tecido branco de sua camisa enviou um pulso elétrico ao meu pau.

Sua sobrelanceira se arqueou quando ela olhou para a protuberância em minha calça.

— É tão fácil com você, Derek.

Levantei as mãos defensivamente. — Ei, não posso evitar. Você viu sua bunda?

Ela riu e deu um tapa no meu ombro. — Isso não foi o que eu quis dizer. Eu estava falando sobre como é fácil esquecer toda a merda que paira sobre minha cabeça. Essa coisa com Belov. Minha dor. Rayne. Tudo isso.

Agarrei sua nuca e inclinei minha boca sobre a dela, reivindicando-a rudemente enquanto ela se inclinava para mim, moldando-se contra meu peito.

Esta mulher. Deus, esta mulher. Não havia dúvida em minha mente.

Ela era minha.

Feita para mim.

Nascida para me arruinar.

Quando isso acabasse, quando ela não me pertencesse mais, nada sobraria do homem que eu costumava ser. Da vida que vivi antes de ela entrar naquela noite esquecida por Deus.

— Você atira primeiro — eu disse, roçando meus lábios nos dela, sua boca exuberante e inchada.

Com os olhos ainda fechados, ela assentiu lentamente e se inclinou para um último beijo antes de pegar seu rifle e colocá-lo sobre a mesa. Observei com muita atenção enquanto ela preparava a arma e colocava os protetores de ouvido e os óculos de proteção. Seu corpinho ágil se inclinou para a frente, os olhos estreitados na mira da arma enquanto ela mirava na linha do alvo.

Um. Dois. Três. Quatro tiros foram disparados.

A maneira como sua bunda flexionou tentou todos os meus instintos primitivos. E como o filho da puta depravado que eu era, meus olhos nunca deixaram seu traseiro para verificar seu progresso no alvo.

Eva continuou atirando, alheia à minha proximidade quando

cheguei atrás dela. Quando ela tirou o dedo do gatilho, deslizei minhas mãos por sua cintura, pousando em seus quadris. Ela ficou tensa por apenas uma fração de segundo até que meu nariz se aninhou em seu cabelo, lábios contra seu pescoço, enquanto ela tirava o equipamento de proteção e o deixava cair a seus pés.

— Anjo, você continua me provocando com essa bunda doce, e eu vou dobrar você sobre esta mesa e pegar o que é meu.

Eva gemeu e deixou cair a cabeça no meu ombro enquanto meus lábios desciam beijos ásperos atrás de sua orelha.

— Aqui, Derek?

Eu a puxei contra mim, minha ereção como uma vara entre nós. — Ninguém aqui além de nós. Este é o meu lugar. Eu já lhe disse antes que ninguém entra a menos que eu queira.

Sua mão serpenteou em meu cabelo. — Então, o que você está esperando, Derek Cain? Pegue o que é seu.

Eu ri em seu ouvido antes de morder a casca, e ela sibilou com a leve picada, mas não lhe dei tempo para pensar na sensação, pois tinha muito mais para infligir.

— Segure-se na borda — eu instruí, empurrando-a para frente para que ela ficasse inclinada contra a mesa.

Nossa diferença de tamanho tornaria a tarefa complicada, mas eu faria funcionar. Enganchando o cós de suas calças, puxei-as para baixo de suas pernas, depois lambi seu corpo, os dentes pegando a parte de trás de suas coxas, fazendo-a estremecer.

— Calma, anjo, estou apenas começando.

Ela olhou por cima do ombro, os lábios entreabertos em um pequeno arco tentador, implorando para ser preenchida pelo meu pau.

— Não pegue leve comigo.

— Você sabe que isso não é da minha natureza — eu disse, passando minhas mãos sobre suas nádegas. — Não com você.

Quando comecei a desabotoar as calças, percebi que não tinha preservativos comigo e hesitei, xingando baixinho.

— Você vai me foder ou está esperando um convite especial?

Minha mão desceu com força em uma de suas nádegas, deixando uma impressão parcial. Foi a vez dela de xingar, olhando

para mim com um sorriso satisfeito.

— Eu adoraria nada mais do que ver meu esperma escorrer pelas suas pernas, anjo. Mas a decisão é sua — eu disse em seu ouvido enquanto alisava a pele avermelhada com um movimento suave de massagem.

— Faça isso — ela respirou enquanto minha mão descia sobre seu clitóris, prestando a mesma homenagem.

Puxei sua bunda para mais perto da borda e não perdi tempo mergulhando dentro.

Puta merda.

A boceta dela estava sempre tão apertada, tão quente como se tivesse sido feita sob medida para o meu pau.

— Porra, querida. Você me arruinou — eu rosnei, afundando ainda mais. — Olhe para nós, como nos encaixamos perfeitamente.

Eu entrei nela e cada vez me senti mais glorioso que antes. Estar dentro dela assim, sem barreiras, sentindo-a apertar ao meu redor a cada impulso, meu nome em seus lábios, foi como uma maldita revelação.

— Você me arruinou também. Então, porra, foi embora para você.

Eva gozou quando eu me aproximei dela com tanta força que o boxe tremeu ao nosso redor. Ela superou seu orgasmo, sua boceta gananciosa ainda encontrando meus impulsos.

— Você fez uma bagunça com meu pau, baby. Eu deveria fazer você limpar, lambar até a última gota para que eu possa te foder e fazer tudo de novo.

Eva se virou, dando-me um sorriso sexy, enquanto molhava os lábios e caía de joelhos. — Bem, não podemos permitir isso, podemos? — ela disse, pegando meu pau arruinado em sua mão, olhos nos meus enquanto deslizava a língua pelo meu eixo antes de me levar em sua boca.

— Porra — eu gemi, minhas mãos em seu cabelo enquanto ela me chupava e lambia da raiz às pontas. — Você tem um gosto bom pra caralho, não é, anjo?

Ela sorriu para mim, meu pau saindo de sua boca e quicando na ponta de seu nariz. Nós rimos quando eu a coloquei de pé e a

joguei de volta na mesinha, arrancando as leggings ainda amontoadas em seus tornozelos. Agarrando seus joelhos, eu os abri.

— Sabe, um pequeno aviso da próxima vez. Eu teria me esforçado por você.

— Peguei você — eu disse, empurrando maliciosamente uma de suas pernas para cima, mais perto da parte superior de seu corpo, enquanto a outra enrolava em minha cintura.

Eva respirou fundo, mordendo o canto do lábio enquanto eu a esticava até o limite.

— É isso. Abra-se para mim, anjo. Sua boceta é tão linda.

Alinhei-me em sua entrada e afundei dentro dela com um grunhido, soltando sua perna e jogando minha cabeça para trás enquanto ela me apertava.

— Derek, eu... — Ela balançou a cabeça e me puxou para baixo pelo pescoço, sufocando o que quer que ela quisesse dizer com um beijo frenético.

Meus braços envolveram sua cintura e, sem perder o ritmo, eu a peguei, empurrando-a contra a cabine.

Fiz uma rápida nota mental para estabilizar as malditas coisas. Eles estavam tremendo um pouco demais para o meu gosto e provavelmente não resistiriam a mais uma dessas sessões.

— Goze para mim novamente, anjo.

— Você já está ficando cansado, Derek? — ela ofegou de brincadeira em meu ouvido. — Pensei que você disse que poderia fazer isso a noite toda.

Eu bufei uma risada. — Deveria ter dito a você que eu poderia fazer isso com uma mão.

Seus olhos se contraíram, confusos com minhas palavras, até que uma das minhas mãos envolveu sua garganta. Ela gemeu e fechou os olhos enquanto meu aperto aumentava.

— Feche essa boca bonita e faça o que você disse.

Senti minha liberação enrolando em minhas bolas. Os músculos dos meus braços se esticaram e flexionaram enquanto eu empurrava nela uma e outra vez, seus seios saltando contra mim até que ela quebrou.

— Essa é a porra da minha boa garota.

A maneira como ela se contraiu em torno do meu pau, tão boa, me levou ao limite. Minha mão ainda estava em volta de sua garganta enquanto eu derramava dentro dela.

— Porra... porra, Eva — eu rosnei, sabendo que estava apertando a ponto de machucar.

Ela choramingou, com o rosto rosado, e mordeu meu ombro quando eu a soltei e caí de joelhos, incapaz de segurar meu peso por mais tempo. Eu estava muito exausto.

Encostei-me nela, com as costas apoiadas na cabine, tomando cuidado para não esmagá-la.

— Estou corrigida — ela murmurou entre respirações pesadas e beijos apimentados ao longo de meu queixo.

— Estou insultado por você ter duvidado de mim. Claramente, você está me implorando para deixar o outro lado vermelho... Oh, merda!

As paredes da boceta de Eva morderam meu pau, roubando meu fôlego enquanto uma deliciosa corrente elétrica se projetava em minhas bolas. Ela riu abertamente e me apertou pela segunda vez. Eu gemi, dobrando-me sobre ela enquanto ela continuava a se divertir com a minha agonia... doce inferno.

A ideia de jogá-la no meu colo e espancá-la até que ela chorasse e tivesse um orgasmo passou pela minha cabeça até que meu celular tocou com uma notificação me avisando que alguém estava na porta da frente. Não teríamos conseguido ouvir as batidas de dentro da sala de tiro.

— Quem é esse?

— Alguém que precisa ir se foder. Ainda não terminei com você.

Com um grunhido alto, circulei o corpo de Eva e me levantei, já meio inclinado dentro dela. Sentei-a na mesa e peguei meu telefone para ver de quem diabos precisava de um novo buraco para respirar.

Merda.

Ronan.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO



— Derek, onde está minha calcinha?

Ele estava vestindo a calça, de costas para mim, e encolheu os ombros. O toque de seu telefone tornou-se incessante, então, em vez de perder mais tempo procurando roupas íntimas, peguei minha legging e decidi correr para o banheiro e me limpar.

Derek enganchou meu cotovelo quando passei por ele e encostou sua testa na minha.

— Pegue minhas chaves.

— Por que? O que está acontecendo?

— É melhor assim. Eu não... — Ele hesitou, como se não quisesse dizer as palavras que pretendia. — Não sei o quanto confio nele perto de você.

Emoldurei seu rosto, forçando nossos olhos a se encontrarem. — O que isso significa?

Eu nunca disse a ele o quanto seu pai me deixou desconfortável. Ninguém queria ouvir essas coisas sobre seus pais. E a última coisa que eu precisava era ser o motivo de um rompimento no relacionamento deles.

— Porque ele é quem ele é, Eva. E não posso ser responsável pelas minhas ações ou manter a cabeça fria se ele fizer algo que me provoque.

Lá estava ele, transbordando para a superfície e brilhando em seus olhos. Aquela escuridão espreitando dentro de Derek. Talvez eu fosse defeituosa, quebrada pelas bandeiras vermelhas nas pessoas de

quem eu gostava. Durante toda a minha vida, dei desculpas para meu pai e expliquei suas inconsistências e mentiras. Racionalizei que o que quer que fosse não poderia ser tão ruim porque eu o amava.

Por mais absurda que fosse essa lógica.

— Tudo bem — eu disse, optando por não questionar seu pedido. — Você quer que eu pegue o almoço?

Ele colocou a mão no meu pescoço, o polegar alisando meu queixo. — Não, vá direto para casa. Vou fazer um pedido.

Os sinos cessaram de repente, apenas para serem retomados por meio de um toque alto vindo do bolso de Derek.

— Foda dramática.

— Talvez seja uma emergência.

— Eu duvido. — Suas mãos pousaram nas minhas costas e apertaram, prendendo-me a ele. — Prometa-me que irá direto para casa. Você conhece o código.

— Por favor, não faça isso. Não quero me sentir presa.

— Eva, existem pessoas perigosas por aí que estão tentando prejudicar você. Até que essa ameaça seja neutralizada, precisamos tomar precauções.

Revirei os olhos e balancei a cabeça. — Eu sei. Eu simplesmente odeio me sentir tão impotente.

Derek apoiou a testa em meu ombro; seus pequenos gestos de carinho aqueceram meu coração e outras partes do meu corpo, aumentando a viscosidade entre minhas coxas.

— Deixe-me lidar com isso aqui e estarei em casa. Eu disse que ainda não terminei com você — ele rosnou em meu pescoço.

— Oh? E o que devo esperar?

Escovando os lábios ao longo da minha garganta, Derek inalou e disse: — Você, de joelhos, anjo. E aquela linda boca em volta do meu pau, terminando o trabalho usando apenas este novo colar.

Meu núcleo queimou com suas palavras sujas enquanto eu passava minha língua ao longo dos contornos dos meus lábios e passava meus dedos em volta da minha garganta. Minha boca estava subitamente salivando. Esse feito em particular nunca foi um dos meus favoritos. Sempre foi mais uma obrigação. Retribuindo o favor.

Mas com Derek foi diferente.

Tudo com ele era diferente.

— Não me deixe esperando muito tempo — eu disse, ficando na ponta dos pés. O que era para ser um doce beijo de despedida rapidamente se transformou em um beijo acalorado enquanto nossas línguas lutavam pelo domínio.

Ele me colocou em seus quadris, e a fricção entre minhas coxas forçou um gemido a sair da minha garganta e entrar em sua boca.

— Derek — eu ofeguei. — Ronan está prestes a arrombar aquela porta.

— Foda-se ele — disse ele, agora sugando a base do meu pescoço.

Eu ri quando inclinei minha cabeça para trás, com as unhas em seu couro cabeludo. — Depois querido. — Puxei suavemente seu cabelo para que ele pudesse olhar para mim. — E é melhor você me colocar no chão antes que eu estrague sua camisa. Minha calcinha está no seu bolso.

— Pego. — Ele riu, me beijando uma última vez antes de me colocar no chão.



A voz aguda de Ronan ecoou da sala principal no corredor enquanto eu me vestia no banheiro sem calcinha.

Como esperado, ele estava com raiva. Derek não era o tipo de homem que segurava a língua para ninguém, mas também não era do tipo que perdia a calma, então não me chocou quando ele não mordeu a isca.

Fui até a entrada da frente, debatendo brevemente se deveria intervir, mas decidi não fazê-lo. Não era meu lugar.

O vento frio soprou através das minhas roupas, mordendo minha pele enquanto corria em direção ao carro de Derek e entrava.

Ele me disse para ir direto para casa e, embora eu soubesse que deveria, precisava ver meu pai. Ao chegar ao cruzamento, virei-me em

direção à casa de minha infância.

Derek entenderia.

Quando entrei na garagem do meu pai, ele estava saindo de ré da garagem. Eu o peguei bem a tempo.

Sáímos de nossos veículos quase simultaneamente, mas onde eu estava com um sorriso no rosto, suas feições estavam vincadas de raiva.

— Evangelina! — Era o tom que ele usava comigo quando criança, quando eu me metia em encrencas. — Eu liguei para você a manhã toda. Nenhuma resposta. Deixei mensagens, mensagens de texto, falei com Alexa e, depois de quase ameaçar a vida dela, ela cedeu e me deu o endereço daquele homem.

Porra.

Eu deixei meu telefone no modo não perturbe, o que foi uma pena, porque provavelmente perdi as ligações e mensagens de alerta de Lex sobre meu pai estar a dois minutos de entrar em contato com o FBI.

— Pai, estou bem.

— Economize saliva, Eva. Você está sendo imprudente e irresponsável. — Suas narinas dilataram enquanto ele andava na minha frente. Mas ele não estava sendo justo. Minhas mãos estavam atadas. O que mais ele queria de mim?

— Como você pôde dizer isso? Depois de tudo que passei. Estou fazendo o melhor que posso agora.

Os olhos do meu pai se estreitaram em fendas de julgamento. — Você está?

— O que isto quer dizer? Claro que estou.

Ele cruzou os braços sobre o peito e zombou. — Você não está enganando ninguém, muito menos a mim. Eu conheço você. E parece que você saiu da cama ou claramente da cama de outra pessoa.

Minhas bochechas ficaram vermelhas com sua acusação, ou melhor, com a audácia de comentar sobre um assunto que não era da conta dele.

— Como você ousa? Eu não sou uma criança. Com quem eu durmo não é da sua conta.

Ele balançou a cabeça, o rosto contorcido em desgosto.

— Já, hein?

— Eu não estou tendo essa conversa com você. Me desculpe por ter vindo aqui. — Virei-me para sair, mas meu pai pegou meu braço e me puxou de volta.

— Com diabos você vai! Você não tem ideia de quem ele é... — Ele apertou o queixo e respirou fundo.

— Me deixe ir. — Minha voz falhou e as lágrimas turvaram a visão da raiva do meu pai. Eu não conseguia me lembrar da última vez que o vi tão bravo. Eu não queria brigar; Eu só precisava ir embora. — Por favor.

— Eu posso sentir o cheiro dele em você. — Seus olhos se arregalaram de repente. — Olhe para o seu pescoço! Ele fez isso com você?

— Não é o que você pensa.

— Então você é a prostituta dele agora? Você não tem nenhum respeito próprio?

Minha boca se abriu e a dor percorreu meu peito com o veneno por trás de suas palavras. Enquanto tentava responder, outra voz preencheu o vazio do meu silêncio.

— Você tem aproximadamente até a próxima respiração para tirar as mãos dela. E não vou pedir duas vezes.

Nós dois seguimos em direção ao final do caminho, onde Derek estava agora vindo em nossa direção. Estávamos tão envolvidos que nenhum de nós ouviu o carro de Kai se aproximando.

O rosto de Derek era uma máscara fria de raiva pura e assassina. E foi dirigido ao meu pai.

Com o coração martelando no peito, olhei para ele, implorando silenciosamente para que ele soltasse meu braço.

— Esta conversa ainda não acabou — ele disse entre os dentes cerrados enquanto lançava um olhar gelado na direção de Derek. — E você e eu precisamos conversar.

Mas Derek agiu como se não existisse mais ninguém naquela entrada além dele e de mim. Sua expressão era uma mistura de alívio tingida de raiva. Quando olhei para trás, meu pai já havia partido.

— Você está bem?

— Claro.

— Claro que não. Você está chorando. Ele te machucou?

— O que? Claro que não. Ele está chateado agora, mas nunca me machucaria, Derek.

Derek me puxou contra seu peito. — Ninguém coloca as mãos em você. Ninguém. Nem mesmo seu pai. — Ele segurou meu rosto. — Eu ouvi o que ele disse e ele não vai desrespeitar você de novo. — Beijando minha testa, ele sussurrou sobre minha pele — Eu disse para você ir para casa, anjo.

— Meu pai não é uma ameaça. — Derek abriu a porta do passageiro e entrei enquanto ele esperava minha resposta. — Você me disse para ir para casa, mas eu não pude fazer isso. E é do meu pai que estamos falando. Eu não sou uma prisioneira.

— Eu nunca disse que você era.

— Mas você ameaçou meu pai, Derek. Você não pode fazer isso.

— Ele agarrou você e te desrespeitou. Eu não vou permitir isso.

Porra. Por que estou tão excitada agora?

Descansei minha cabeça no assento enquanto Derek se sentava ao meu lado.

— Eu entendo que talvez você tenha esse complexo de herói, mas eu...

Derek se virou em seu banco, os olhos me penetrando. — Não sou um herói, Eva. — Ele se inclinou e agarrou minha nuca. — Eu sou algo completamente diferente. Nada nem ninguém mais importa para mim. Eu banharia o mundo inteiro em sangue por você.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS



— Vou voltar ao trabalho amanhã.

Eva colocou o telefone na mesinha lateral e subiu no sofá ao meu lado. Mesmo com uma camiseta grande e calça de moletom, ela parecia boa o suficiente para comer. E embora eu certamente tivesse bebido minha parte antes do café da manhã e duas vezes depois do almoço, nunca me cansaria.

— Venha aqui — eu rosnei, puxando-a para meu colo e deslizando minhas mãos por baixo de sua blusa e subindo por suas costas. Sem sutiã.

Perfeito.

— Derek, você ouviu o que eu disse? — Ela se afastou quando tentei beijá-la. — Derek, amanhã. Vou voltar.

Agarrei a parte de trás de seu cabelo, puxando apenas o suficiente para fazê-la calar a boca e me deixar enfiar a língua em sua boca. Eva obedeceu com um suspiro, com as mãos no meu peito. Mas justamente quando eu agarrei sua bunda, ela mordeu com força meu lábio inferior.

Pequena diabinha.

— Tudo bem. Podemos entrar em uma brincadeira de sangue, se é isso que você quer.

— Você está evitando o assunto — disse ela, tentando reprimir um sorriso.

— De você tentar se colocar em perigo? Com certeza estou.

— Eu tenho um trabalho a fazer. Estou escondida aqui há duas semanas. Meu pai se recusa a falar comigo. Rayne ainda está desaparecida. O caso de James não tem pistas. Sam ainda está na UTI. — Ela tentou sair do meu colo, mas eu segurei seus quadris com firmeza. Exatamente onde ela pertencia. Montada em mim enquanto o calor de sua boceta embainhava meu pau.

— Tudo isso pode esperar. Preciso de mais tempo, anjo.

Ela me estudou, estreitando os olhos. — Mais tempo para quê? Não posso fingir que o mundo exterior e todos os seus problemas não existem. Eu tenho um trabalho a fazer. E uma novidade, Derek — disse ela, deitando a cabeça no meu ombro — não é a primeira vez que alguém ameaça me matar.

Suas palavras foram como uma estaca no coração. A ideia de alguém machucá-la deixou meus demônios em frenesi.

Eu a segurei com mais força.

— Mas será a última.

— Querido, eu tenho que fazer isso. E não estou pedindo sua permissão ou aprovação. Estou avisando o que vai acontecer.

Mudei de lado, levando-a comigo até estar por cima.

— Eu não vou impedir você, Eva. Mas vou garantir que você esteja segura. E eu tenho uma condição.

Ela balançou a cabeça. — Claro que você tem. Mas vou ouvir você.

Como se ela tivesse escolha.

— Você fica aqui comigo — eu disse, dando beijos lentos em seu pescoço. — Na minha cama. Na minha casa.

Os dedos de Eva se enrolaram em meu cabelo. — Por quanto tempo?

Por quanto tempo?

Para sempre.

Para sempre.

Eu rolei essa palavra em meus pensamentos. A implicação do que isso significava. O peso e a sinceridade por trás disso e tudo o que carregava.

Meu peito estava inchado. Transbordando de emoções por ela que eu não entendia. Sentimentos que eram estranhos para mim, perdidos no vazio de uma época que eu era jovem demais para lembrar. Eu sabia que minha mãe me amava. E que eu retribuí esses sentimentos. Mas mesmo isso parecia... inadequado.

— Derek — ela sussurrou, sua mão macia na minha bochecha, me trazendo de volta ao presente. Olhei para seus olhos castanhos e meu peito se contraiu.

— Eu tenho algo para você.

— Sim? Mas claramente não é uma resposta à minha pergunta.

— Não seja uma pirralha, anjo. — Dei um beijo na cavidade de sua garganta. — Ou terei que puni-la.

— Mmm — ela gemeu. — Parece um bom momento.

Meu pau ganhou vida e empurrei contra o ápice de suas coxas. — Só me dê cinco minutos — eu disse, furioso com a necessidade de afundar dentro dela.

Eu me desvencilhei de seu corpo e abri a gaveta da mesinha lateral, tirando uma caixa de veludo preto. Eva me observou com curiosidade enquanto se endireitava e se sentava.

— O que é?

— A maneira como isso funciona é eu dar isso a você; você abre e descobre o que tem dentro.

Ela se inclinou para frente com uma pequena risada, estendendo a mão. — Bem, então, me dê já o meu maldito presente.

— Dobrarei a punição. Não me faça mudar seu apelido.

Eva pegou a caixa quadrada e roçou os lábios nos meus. — Nunca pare de me chamar de anjo.

Segurei seu rosto e a beijei. — Nunca.

— Nunca parece muito tempo.

— Abra seu presente.

Nossos olhos ficaram travados por vários instantes, palavras não ditas flutuando entre nós antes que ela abrisse a pequena caixa. Seu rosto se iluminou quando ela enfiou a mão dentro e tirou uma pulseira incrustada de diamantes.

— Derek, é linda.

Ela ergueu a pulseira médica de ouro branco, os diamantes na pequena placa refletindo a luz e refletindo nas piscinas de seus olhos.

— Você gosta disso?

— Claro que sim — disse ela, passando o dedo sobre a cruz incrustada de joias.

— Vire ao contrário.

Enquanto ela lia, seu sorriso se alargou e ela olhou para mim por baixo dos cílios, balançando a cabeça. — Você é meu contato de emergência?

— Absolutamente. Quero garantir que estarei ao seu lado quando você precisar de mim. Caso algo aconteça. Não quero descobrir horas depois como da última vez. — Eu a puxei de volta para meu colo e a embalei contra mim. — Eu já te disse. Você é minha, Eva — eu disse, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha dela e rindo, incrédula. — O que você fez comigo?

Ela estendeu a mão e acariciou meus lábios com a ponta dos dedos. — O que eu fiz, Derek?

— Você me transformou em um idiota.

Ela riu enquanto eu beijava cada um de seus dedos.

— Como assim?

— Bem, para começar, nunca dei um presente a ninguém em minha vida.

— Nunca?

Eu balancei minha cabeça. — Nunca. Mas você, Eva, eu te daria o mundo inteiro. Basta pedir e é seu.

Ela jogou uma perna sobre minhas coxas e sentou-se escarranchada em meu colo, com as mãos de cada lado de mim, segurando o encosto do sofá.

— Eu não quero o mundo. Eu só quero você.

As minhas mãos estavam em seu quadril, empurrando a sua pélvis para a minha ereção.

— Você me tem — eu disse, segurando a parte de trás de sua cabeça e puxando-a para um beijo.

— A pulseira é linda. É o presente mais atencioso que alguém me deu.

Eva me lançou um sorriso diabólico enquanto agarrava a barra da camisa, puxando a camiseta branca por cima da cabeça. Meus olhos caíram para a visão cativante de seus seios. Sem perder tempo, rasguei o meu também e me inclinei, colocando um mamilo duro na boca, minhas mãos espalhadas pelas costas dela. Ela parecia tão perfeita em meus braços e minha boca. Lambi o outro seio e fui presenteado com os sons de seus miados suaves a cada puxada longa.

Eu não tinha certeza do momento exato em que ela pegou meu copo de uísque esquecido, mas quando olhei para cima, ela tinha um pequeno cubo de gelo preso entre os dentes. E como se lessem os pensamentos um do outro, puxei-a pela nuca, abri e deixei que ela colocasse o cubo na minha boca.

Eva perseguiu o pedaço de gelo com um movimento da língua sobre meus lábios entreabertos.

— Eu preciso tirar isso? — Suas mãos estavam no cóis da minha calça.

— O que você quer, anjo? Preciso ouvir você dizer isso. — Agarrei seus pulsos.

— Sempre procurando ter seu ego acariciado.

— Não é isso que eu quero que seja acariciado agora — eu disse, passando meu dedo indicador pela costura de sua boca. Sua doce e pequena língua roçou a ponta até que ela me permitiu entrar. — É isso que você quer?

Seus olhos estavam semicerrados enquanto ela balançava a cabeça, me levando mais fundo enquanto também trabalhava no cinto e no zíper da minha calça. Levantando meus quadris, deslizei-os até os tornozelos.

Eu tive Evangelina de todas as maneiras humanamente possíveis, mas nunca me cansaria de vê-la me levar em sua boca.

— Fique de joelhos — eu disse, me acariciando.

Ela caiu no chão, com um sorriso malicioso no rosto. Meu punho estava em seu cabelo e inclinei sua cabeça para trás. — Mostre-me como esses lábios ficam lindos em volta do meu pau. — Eva passou a língua sobre a gota de pré-sêmen na minha ponta, mas eu a puxei de volta e peguei meu copo. Enquanto bebia um gole da bebida, coloquei outro cubo na boca e segurei seu queixo. — Abra para mim.

— Ela fez o que lhe foi dito e deixei o cubo derretido escorrer da minha boca para a dela.

Eva chupou o gelo até que ele estivesse quase dissolvido antes de agarrar a raiz do meu pau e usar sua língua fria para lamber uma trilha gelada em meu eixo.

— Porra. — Um arrepio subiu pela minha espinha e meu aperto em seu cabelo aumentou. Ela desenhou círculos ao redor da minha cabeça antes de me levar totalmente em sua boca. Quando o calor da minha pele encontrou sua língua fria, a sensação se transformou em uma deliciosa união de fogo e gelo. Inclinei minha cabeça para trás enquanto ela me chupava, balançando a cabeça para frente e para trás no ritmo dos golpes firmes de sua mão.

— Porra, Eva... muito bom.

Ela olhou para mim, com travessura escrita em seu rosto, e franziu as bochechas, levando cada centímetro de mim o mais longe possível.

— Olhe para você pegando meu pau como uma boa garota. — Lágrimas se acumularam nos cantos dos cílios. — É isso — eu gemi, segurando sua cabeça enquanto empurrava mais fundo, atingindo o fundo de sua garganta até que suas bochechas ficassem vermelhas. — Porra. Você está tão linda engasgando com meu pau.

Eva sorriu para mim e continuou trabalhando meu pau como se não tivesse faltado cinco segundos para desmaiar, uma mão apertando e amassando minhas bolas. Maldita deusa. Era assim que ela parecia, de joelhos para mim, adorando meu pau como se fosse sua última refeição.

Minha cabeça caiu para trás contra o sofá, fechando minhas pálpebras enquanto a pressão em minhas bolas me fazia agarrar seu cabelo e guiá-la mais rápido e com mais força. — Tão bom. — Minha voz foi estrangulada quando eu me encostei nela, fodendo aquela boca doce até gozar. Fitas do meu esperma derramaram sobre sua língua enquanto eu continuava a empurrar para dentro e para fora dela, aproveitando minha liberação até que ela me ordenhasse por tudo que eu tinha.

— Não engula, porra. Eu quero me ver em sua boca. — Entre calças ásperas, agarrei seu queixo e mantive sua boca aberta. — Olhe para você, minha vagabunda gananciosa. Você quer engolir?

Suas mãos apertaram minhas coxas enquanto ela balançava a cabeça, fazendo com que um pouco pingasse do canto de sua boca.

— Faça isso.

Enquanto o meu esperma deslizava pela sua garganta, inclinei-me para a frente e beijei-a, provando-me na sua língua.

Porra. As coisas que eu faria por esta mulher.

Eva usou o polegar para tirar o esperma pingando do queixo e colocou-o na boca antes de ficar entre minhas pernas. Deixando cair o short e a calcinha, ela subiu no meu colo.

— Você precisa me dar um minuto, anjo. — Eu ri, beijando-a rudemente novamente.

— Ok, um minuto — ela sussurrou em meu ouvido. Sua voz por si só foi suficiente para dar vida ao meu pau. E quando ela começou a esfregar sua boceta vazando contra ele, a reação foi instantânea.

Minhas mãos estavam em seus quadris enquanto ela deslizava sobre meu pau. Nada jamais se compararia ao calor dela tão firmemente em volta de mim. Pela forma como seus seios saltavam para cima e para baixo enquanto eu a fodia com mais força, mais rápido, atingindo aquele ponto que a fez gritar meu nome e xingar em espanhol. Quando ela se quebrou em meus braços, e os pequenos ruídos que tirei de seus lábios enquanto ela descia do auge de sua liberação. O brilho em seu lindo rosto, aquele sorriso saciado que ela guardou apenas para mim. E foda-me, aquela linda boceta que eu marquei como minha em todos os aspectos que importavam.

Não.

Naquele momento, decidi que nunca desistiria dela. Ela era minha. Minha para manter. Adorar.

Amar.

Só minha.

E eu seria amaldiçoado se algum dia a deixasse ir. Eu encontraria uma maneira de ser o homem que ela precisava e merecia.

Não importa o custo.

Ela ficou deitada em silêncio contra meu peito, nossos corpos nus esparramados no tapete felpudo da sala. Acaricieei suas costas e observei arrepios espalhados por sua pele lisa.

— Tudo vai ficar bem.

Ela ergueu seu olhar curioso para o meu, com o queixo no meu peito. Mantivemos contato visual por vários momentos antes que ela suspirasse e colocasse a cabeça no meu peito. — Eu espero que você esteja certo.

— Eu estou. Você confia em mim para mantê-la segura, anjo?

— Sim.

Eu tinha planejado que Franco a levasse para fora da cidade quando a equipe de Amalia chegasse, mas o homem estava muito chateado, mesmo dias depois. As marcas em seu pescoço foram suficientes para deixá-lo furioso. Ele enviou mensagens para Eva sobre como eu a transformei em uma prostituta.

Contanto que ela fosse minha, isso era um bônus. Meu peito tremia de diversão enquanto pensava em todas as maneiras como fodi Eva esta noite. Franco iria me esfolar vivo.

— Não que eu esteja reclamando, mas estou cheia de você, Derek.

Levantei minha cabeça e olhei para sua linha de visão, onde meu pau estava duro e em posição de sentido.

— Porra, Eva, isso é sexy pra caramba.

Abraçando-a com força, sentei-me, levantando-a e jogando seu corpo por cima do meu ombro. Ela riu quando eu dei um tapa em sua bunda tonificada e subi as escadas correndo para preenchê-la um pouco mais.

CAPÍTULO TRINTA E SETE



Liderar.

As solas dos meus sapatos pareciam feitas de chumbo. Cada etapa foi mais desafiadora que a anterior. Mas cada uma representou minha liberdade e abriu uma vida que nunca pensei que existisse para mim. Pelo menos era nisso que eu queria acreditar. Mas eu sabia melhor. Eu não era burro o suficiente para pensar que Ronan me dispensaria com um presente de despedida e votos de um futuro melhor.

Não.

Ele encontraria uma maneira de me foder. Assim como a morte, essa era a única verdade da qual eu tinha certeza.

Apertei os punhos e os pontos das minhas luvas de couro protestaram quando pensei nele possivelmente usando Eva como alavanca para me manter ligado a esta vida. Eu o massacraria vivo se ele pensasse em machucá-la.

Dentro de cinco dias, os homens de Amália estarão aqui. Eu odiaria ter outra dívida pairando sobre minha cabeça, mas estava disposto a negociar um acordo com ela. Meio quilo de carne por qualquer preço que ela considerasse digno de tirar a vida da cabeça de Ares.

Bati duas vezes e empurrei a porta sem esperar resposta. O bastardo mal se encolheu. Provavelmente me viu se aproximando para a vigilância. Mesmo assim, ele não teve a decência de cobrir o que estava acontecendo atrás de sua mesa.

Ele tinha um punho cheio de cabelos loiros, a cabeça inclinada

para trás na cadeira e a boca entreaberta.

Foda-me.

O pior é que não foi a primeira vez que eu o peguei transando com alguma prostituta, fosse Maeve ou mesmo enquanto ela estava no outro quarto – na maioria das vezes plenamente consciente. Sua infidelidade nunca a incomodou. E, estranhamente, nunca entendi. Como homem, eu entendi sua necessidade de gozar em qualquer boceta que quisesse e depois seguir em frente.

Minhas opiniões eram um pouco diferentes agora.

— Saia — ele disse para a mulher de joelhos.

Ela fez o que lhe foi dito, limpando a boca e abotoando a blusa enquanto se levantava. Eu a reconheci como uma das funcionárias. Não sabia o nome dela nem queria lembrar, mas ela sabia quem eu era em relação a Ronan.

— Vejo você amanhã, Sr. Cain. — Sua voz estava propositalmente ofegante e dolorosamente forçada. Ela passou por mim. — Olá sr...

Agarrei-a pelo pulso antes que sua mão alcançasse meu peito, tomando cuidado para não entrar em contato com qualquer parte dela que pudesse estar tocando Ronan.

— Presumo que você precise dessas mãos? — Meu aperto sobre ela aumentou. — Se você tentar me tocar de novo, garanto que vai se arrepender.

— M-me desculpe — ela gaguejou.

Eu a soltei e limpei minha mão na frente da minha jaqueta.

— Derek! — ele chamou com entusiasmo fingido. — A que devo o prazer da sua visita nesta bela manhã?

— Corte com essa besteira. Estou aqui para falar sobre meu contrato.

— Direto ao assunto. — O sorriso insidioso em seu rosto me fez cerrar os dentes. — Sente-se — disse ele, recostando-se com um charuto na boca.

— Eu vou ficar aqui.

— Sempre tão sério. — Ele deu uma tragada e deixou a fumaça sair de sua boca. — Estamos aqui para falar sobre aquela bunda doce,

Evangelina, certo?

Vermelho turvou minha visão. Meu HK quente no meu quadril. Porra. Eu queria acabar com sua existência miserável.

— *Calma*, Derek. — Ele soltou uma risada e ergueu as mãos em falsa defesa. — Apenas chamando como é. Mas você já sabe disso, não é? O que eu não daria...

— Não me provoque, porra. Não diga o nome dela. Nem pense nela. — Agarrei o topo da cadeira à minha frente. — Deixe-a fora desta conversa. E não vou me repetir.

Ele me respondeu com outra risada cínica e se levantou, contornando a mesa. Minhas mãos se contraíram, implorando para rasgá-lo.

— Suas ameaças não me afetam, Derek. Eu fiz você. Dei a você o maldito mundo inteiro. E você quer jogar tudo fora por... — Fechei o punho e cerrei a mandíbula, pronta para ser imprudente. — Por uma mulher? Porque foi isso que você veio discutir aqui, não foi?

Ele caminhou atrás de mim, meus reflexos em alerta máxima, mas me recusei a reagir. Para dar a ele o que ele queria.

— Eu dei a você dezoito anos de serviço leal. Eu quero sair.

— Oh, Derek — ele disse, — Você acha que ao rescindir seu serviço para Ares, você limpa sua alma de todo o sangue que derramou? Que você se tornaria um novo homem? Então o que? Um marido? — Ele se dobrou de tanto rir e eu coloquei a mão trêmula na minha arma. Ao voltar para sua mesa, Ronan me lançou um olhar desconfiado. — Espere, não me diga, você também quer ser pai?

— Foda-se! — Cuspi, puxando minha arma, o cano apontado para ele.

Ele colocou o charuto em um prato e manteve os braços ao lado do corpo. — Faça o que você tem que fazer, Derek. Mas se você acha que vai sair inteiro deste prédio depois de atirar em mim, você abusa da sorte. Você estará selando o seu destino, assim como o dela.

Balancei a cabeça e mirei. — Você a ameaça, e eu vou te alimentar com a porra do seu pau.

— Não seja tão precipitado. Eu nunca disse que não consideraria seu pedido.

Arqueei uma sobrancelha com curiosidade. — Você tem quinze

segundos para se explicar.

— Você conhece as regras, Derek. Sempre há um preço a pagar. O juramento não é quebrado por um contrato de palavras. O sangue sela seu destino em Ares, pois certamente garantirá sua liberdade. A questão é: o que você está disposto a sacrificar... por *ela*?

— Tudo.

— Bem, eu vou ser condenado. — Ele riu. — Nem hesitou. Isso deve ser uma merda. — Abaixei minha arma para o centro da massa, a tensão em minha mandíbula era quase dolorosa. — Calma garoto. Só piadas.

— Não é um pedido. Diga a porra do seu preço e terminamos aqui.

Ronan pegou seu charuto e deu uma tragada, olhando para mim através da névoa de fumaça.

— Você é um bastardo de sangue frio. Você acha que vou tornar isso mais fácil? Algum saco de merda aleatório que você nem piscaria? Oh não.

Meu sangue gelou, antecipando o alto preço da minha liberdade. Havia apenas uma outra pessoa por quem eu mataria e morreria, e ele sabia exatamente como torcer a faca.

CAPÍTULO TRINTA E OITO



Joguei meu cabelo úmido por cima do ombro enquanto pegava uma garrafa de água. Encostado na porta aberta da geladeira, um sorriso se espalhou pelo meu rosto. Hoje foi um bom dia. Sam estava mostrando mais sinais de melhora. E meu primeiro dia de volta ao trabalho foi igualmente gratificante. Recebi um e-mail de Rayne, onde ela me disse que estava hospedada em Boston com sua tia-avó e me garantiu que estava bem. O melhor de tudo é que provavelmente seriam feitas acusações contra Dmitry por seu papel no cerco ao hospital. Conseguir que essas acusações fossem cumpridas seria a parte difícil, mas eu estava determinada a não desanimar com a probabilidade de ele usar seu dinheiro e status para escapar.

Quando fechei a porta da geladeira, a visão de Derek quase me fez pular de susto.

— Porra, querido, você me assustou.

O ar saiu dos meus pulmões quando seus braços me envolveram. Ele enterrou o rosto na curva do meu pescoço, apertando quase demais para que eu pudesse expandir meu peito. — Derek — eu ofeguei, respirando fundo. — Muito apertado.

Ele afrouxou apenas o suficiente para eu respirar fundo. Tentei abrir alguma distância entre nós, mas ele era muito forte, muito determinado para me segurar.

Algo estava errado.

— Derek, o que é isso? Aconteceu alguma coisa? — Ele ficou em silêncio, balançando a cabeça contra meu ombro. — Ei, olhe para mim. Fale comigo.

Seu aperto em mim aumentou novamente enquanto ele exalava uma respiração pesada e instável. Arrepios percorreram minha espinha. Eu nunca o tinha visto assim, à beira de algum colapso emocional. Meu peito estava pesado de angústia e desamparo. Doe-me fisicamente saber que ele estava com dor e não pude ajudá-lo.

Não quando ele não falava.

Quando comecei a chamar seu nome, ele me levantou e apoiou a testa na minha enquanto eu circulava seu abdômen com as pernas.

— O que aconteceu? — Enquadrei seu rosto suavemente com as duas mãos. — Derek, você não está mais sozinho. Estou aqui. Deixe-me ajudá-lo.

Silêncio.

Seus olhos estavam fechados e sua respiração era constante e calma. Não havia sinais de lágrimas em seus cílios ou tensão em seu rosto perfeito. Ele quase parecia estar dormindo.

— Derek, você está me assustando.

Com essas palavras, ele finalmente abriu os olhos, orbes azuis olhando diretamente para os meus. Ele nos mudou e empurrou meu corpo contra o aço frio da geladeira, enterrando o rosto na lateral do meu pescoço novamente, só que desta vez seus lábios sugaram minha pele enquanto subiam em direção à minha orelha. Eu me contorci sob seu toque, chamas de excitação acendendo em minha barriga.

— Derek — eu respirei, fechando os olhos enquanto ele dava beijos ao longo do meu queixo. — Eu preciso saber que você está bem. Por favor fale comigo.

Um grunhido ressoou em meu pescoço quando ele me empurrou com mais força contra a geladeira. Eu sabia que deveria impedi-lo, que tudo que eu precisava fazer era pedir e ele obedeceria. Não havia um pinga de dúvida em minha mente. Mas algo dentro de mim também sabia que ele precisava de mim desse jeito. Precisava do meu carinho e da minha paixão, e estava disposta a dar-lhe isso e muito mais.

— Sou sua.

Outro gemido ecoou em meu peito enquanto ele beijava com mais frenesi, mordendo e beliscando minha pele. Meus dedos acariciaram seu cabelo e inclinei minha cabeça para trás enquanto deliciosos choques de desejo disparavam pelo meu corpo.

Derek de repente me afastou e me deixou cair no balcão da cozinha. Sem perder tempo, ele puxou minha camiseta pela minha cabeça e a jogou. Sua boca estava no meu peito no segundo seguinte. Longos puxões me fizeram gemer e empurrar meus quadris em seu torso, buscando fricção e alívio do fogo que crescia por dentro. Agarrei seu cabelo, seu nome caindo dos meus lábios enquanto ele alternava, sugando e apertando.

— Eu sempre estarei aqui para você — murmurei enquanto ele descia pelo meu abdômen. — Sempre.

Sua boca estava entre minhas pernas, a língua lambendo o pano umedecido. Ele respirou fundo e rosnou para o meu sexo, mordendo o tecido escasso.

Derek nunca foi de se intimidar com as palavras no quarto. Ele sempre teve esse jeito de me fazer sentir tão sexy, tão selvagem. E eu adorei cada segundo sendo dele, sendo tomada por ele da maneira que ele me queria.

Quando fechei os olhos, o som de pano rasgado perfurou o ar, e sua boca estava sobre mim no segundo seguinte, deixando-me sem palavras. Ele lambeu e chupou, bebendo de mim como se fosse a última vez. Esse pensamento fugaz causou uma dor no meu peito por um momento, até que sua língua habilidosa desviou meus pensamentos.

— Porra — eu gemi, segurando seu cabelo entre meus dedos enquanto ele empurrava seu rosto mais fundo, agarrando meus quadris com uma força que certamente deixaria hematomas. — Porra, porra... Derek. — Gritos estrangulados fugiram dos meus lábios enquanto seus dedos empurravam dentro de mim, enrolando e acariciando até que meu corpo se arqueasse no mármore.

Meu orgasmo me atingiu e gritei seu nome repetidamente enquanto lágrimas escorriam dos cantos dos meus olhos. Tentei fechar minhas coxas e me afastar de seus cílios vorazes, mas ele gemeu e as abriu, puxando-me de volta para sua boca.

— É demais — eu choraminguei, tentando me desvencilhar. Mas ele apenas apertou mais enquanto sua outra mão agarrava minha bunda. Seu dedo indicador subiu pela minha fenda e dentro de mim antes de voltar, manchando meu esperma e empurrando contra a borda dos músculos tensos.

— Oh, merda — eu chorei quando ele avançou.

Minha reação apenas o estimulou enquanto ele chupava meu

clitóris com mais entusiasmo.

Ele não precisou dizer as palavras. Eu sabia o que suas ações significavam.

Eu era dele.

Em todos os sentidos, eu pertencia a ele.

Esse pensamento por si só me levou ao limite, minhas pernas se alargando para ele enquanto outro orgasmo atingia o pico. Seu dedo se moveu no ritmo de sua língua, e eu bati no balcão com meus punhos, desfazendo-me em sua boca.

— Querido... por favor... — Eu não sabia o que estava implorando.

Foi para ele parar?

Senti-lo me preencher completamente?

Estremeci quando caí de volta à terra, minha respiração pesada.

O alívio durou pouco porque ele segurou meus quadris e me virou. Dentes duros morderam minha carne e eu sibilei enquanto a dor só aumentava a euforia do momento.

Sua língua lambeu cada bochecha, depois ao longo da minha fenda enquanto eu arranhava a superfície dura. Mas não houve movimentos. Meus pés ficaram pendurados na beirada.

Eu estava à mercê de sua doce tortura.

Olhando por cima do ombro, sussurrei: — Sou sua.

Ele subiu pelo meu corpo e deu beijos nas minhas costas.

Derek deslizou a cabeça de seu pau sobre minha costura e contra meu clitóris sensível, embora eu não tivesse certeza de quando ele tirou as calças e a cueca. Gemidos suaves saíram da minha garganta enquanto ele puxava meus quadris até a borda do balcão e empurrava para dentro. As paredes da minha boceta se esticaram ao redor dele enquanto ele me enchia, bombeando dentro de mim sem piedade. Contive as pontadas de dor quando ele me pegou com força e rapidez antes de me virar e avançar ao máximo com golpes profundos e poderosos.

— Derek... Ah, porra!

Ele jogou minhas duas pernas sobre seus ombros e me fodeu

como se nunca mais tivesse outra chance.

E apesar de quão bom ele se sentiu ao me tomar com uma brutalidade tão deliciosa, eu não conseguia sair da minha cabeça. Não conseguia afastar a sensação de que algo estava errado.

Seu polegar estava no meu clitóris, desenhando círculos e pressionando até que ele me trouxe de volta ao momento, seu nome em meus lábios, enquanto eu me sentia subindo em direção a outro orgasmo. Ele me beliscou entre os dedos e foi o suficiente. Derek gozou logo depois, os dedos cavando em minhas coxas enquanto ele grunhia e gemia alto até que cada gota fosse gasta.

Depois de alguns momentos, ele me puxou para uma posição sentada e ficou entre minhas pernas. Limpei o suor que escorria de sua testa e segurei seu rosto, forçando nossos olhos a se encontrarem.

— Fale comigo — implorei. — Você está bem?

Derek assentiu e beijou meu cabelo, permanecendo em minha pele.

— Tudo vai ficar bem — ele finalmente disse. — Eu prometo.

— Você quer falar sobre isso?

— Eu briguei com Ronan. Não há nada com que se preocupar.

— Você tem certeza? — Eu perguntei, dando um breve beijo em seus lábios.

Seus braços me envolveram com mais força. Nunca me senti mais amada, mais protegida do que naquele momento. O que quer que o estivesse incomodando, nós superaríamos isso juntos. Foi quando percebi que não havia outro lugar onde eu queria estar além dos braços dele, assim, para sempre.

— Derek. — Minha voz era baixa enquanto eu acariciava seu rosto, e ele colocou a mão sobre a minha, beijando minha palma enquanto esperava para ouvir o que eu tinha a dizer. — Eu acho... Eu acho que amo você.

Os olhos de Derek escureceram e ele apertou minha mão contra seu rosto. — Eva...

— Você não precisa dizer isso de volta. Não é isso que eu espero. Eu simplesmente senti que você precisava saber.

Eu estaria mentindo se dissesse que o silêncio dele não doeu. Ao mesmo tempo, não esperava que ele retribuísse. Eu esperava que

sim, mas sabia que, apesar do silêncio, ele se importava. A maneira como ele me abraçou, fez amor comigo, as coisas que ele disse. Isso não poderia ser apenas unilateral.

Ele se inclinou e beijou a ponta do meu nariz, testa e lábios. Mesmo não tendo as palavras dele, tive o carinho dele, o amor dele. Por enquanto, serviria.

— Você comeu? — ele perguntou, e eu balancei a cabeça. — Bom, porque quero mostrar o que você significa para mim. E eu quero aproveitar o meu tempo.

A boca do meu estômago se acendeu com antecipação e mordeu meu lábio. — Mostre-me — eu insisti antes de passar minha língua ao longo da costura de sua boca perfeita.

Meu.

Ele era meu.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE



Peguei o bilhete de Derek, tendo perdido a conta de quantas vezes o li. Ele não ligou nem enviou uma mensagem. Ele havia deixado um bilhete manuscrito. Era coisa dele. Sua escrita era uma merda, como a de um homem típico, mas era o princípio. Eu tinha guardado cada palavra na memória, especialmente sua frase de despedida.

Certifique-se de estar nua e molhada para mim, anjo. Eu estarei em casa em breve.

Com Amor.

Derek.

Amor.

Não era apenas uma frase padrão. Ele não a teria escrito se não quisesse dizer o sentimento por trás dela.

Meu rosto doía pela quantidade obscena de sorrisos que eu estava dando desde que cheguei em casa. Inicialmente, fiquei desapontada por ele não estar aqui. Eu senti falta dele. Eu o queria. Nós queimamos os lençóis até altas horas da manhã passada, no cio como malditos animais. Foi primitivo. Apaixonado. Derek não precisou dizer as três palavras. Ele me mostrou seu coração com cada beijo e carícia e as intermináveis vezes em que meu nome dançou em sua língua enquanto ele gozava dentro de mim.

Soltei meu distintivo e minha arma e coloquei-os sobre a

cômoda, desmaiando como uma estudante enquanto o calor subia pelo meu pescoço.

Apaixonada.

Eu estava apaixonada.

Porra, Era tão bom. Amar e ser amada tão profundamente. Quem sabia? Quem diria que eu me apaixonaria pelo homem cujo pai foi uma figura tão importante na minha vida?

Colocando a mão sobre a pulseira médica, suspirei audivelmente como um idiota apaixonada. O presente foi um dos gestos mais atenciosos que já recebi. Ele sabia que eu não ficava impressionada com presentes chamativos ou caros e, embora o preço fosse realmente alto, o sentimento por trás dele era algo que eu guardaria para sempre.

Tirei minha jaqueta dos ombros e fechei os olhos enquanto pensar em Derek causava arrepios quentes entre minhas pernas.

Agarrando a barra da minha camisa, comecei a cantarolar minha canção de amor favorita, quando o som do clique da maçaneta me fez parar e sorrir amplamente.

Derek.

Rasguei minha camisa e me virei, mas seu nome morreu na minha garganta quando me deparei com o rosto de outro homem.

— Ronan? O que diabos você está fazendo aqui? — Eu me esforcei para colocar minha blusa de volta no meu corpo e olhei até que pensamentos intrusivos começaram a se manifestar. — Aconteceu alguma coisa com Derek? — O medo paralisou meu coração. Por que outro motivo Ronan estaria aqui? Movi-me em direção a ele, tentando, mas não conseguindo, controlar minha respiração. — Por favor, me diga que ele está bem.

Ronan estava falando sério. Olhos estreitados e impassíveis. Tentei desesperadamente lê-lo, mas ele não deu nada e temi o pior. — Ronan, o que aconteceu?

— O que aconteceu, você pergunta? Se alguém sabe a resposta para essa pergunta, é você.

Algo estava errado. Ele não estava fazendo nenhum sentido e sua voz era cruel. Fria. Ele olhou para mim como se eu fosse algo insignificante para ser esmagado sob seu sapato. Um contraste marcante com quando seus olhos brilharam de luxúria na primeira vez

que nos conhecemos.

— Eu... eu não entendo. — Dei um passo cauteloso para trás, sem ter certeza de suas intenções. — Onde está Derek?

— Matar o irmão dele... por você.

Meu coração vacilou.

— O que você acabou de dizer?

Ele se aproximou e minha mão caiu sobre a arma que coloquei na cômoda. Seus olhos deslizaram para minha arma, e o sorriso mais insidioso que eu já vi apareceu em seu rosto.

— Sabe, para uma suposta detetive, você com certeza é boa em perder aquelas bandeiras vermelhas coloridas.

— O que você está falando?

Ele riu maliciosamente. — Oh, Eva, tão linda, mas tão estúpida.

Engoli em seco enquanto tentava recompor meus nervos.

Bandeiras vermelhas.

Ele estava certo?

Ele deu mais dois passos e eu saquei minha arma. — Não chegue mais perto.

— Você não vai atirar em mim porque quer respostas. Você quer saber do que diabos estou falando e quem exatamente é o monstro com quem você está dormindo.

Eu balancei minha cabeça. — Pare. Pare com a porra dos comentários enigmáticos e diga apenas o que você veio aqui dizer.

— Como quiser. — Ele se encostou na cabeceira da cama, com os braços cruzados sobre o peito. — Você acha que ele ter encontrado você foi alguma coincidência? Pelo contrário.

Relembrei aqueles momentos em que nos conhecemos, como ele sabia meu nome e local de trabalho. Mas ele os encontrou nos arquivos. Foi o que ele disse. E eu acreditei nele.

Eu precisei.

Ronan se afastou e se aproximou novamente. E novamente, apontei minha arma para seu torso.

— Deixe-me fazer uma pergunta, Evangelina. Você deveria ser boa em instintos e intuição, bem, exceto quando pessoas como meu filho cegam você.

— Pare de foder comigo.

— Na noite em que seu padrinho foi assassinado, você sabia que ele estava lá?

Minha garganta apertou. — Quem?

— Não vamos nos fazer de bobos. Você sabe quem — ele provocou.

— Não, você está mentindo — eu disse, balançando a cabeça em descrença.

Ele comeu o espaço entre nós, mas eu estava muito enredada em minhas memórias, entorpecida com o que me rodeava, exceto pelas palavras esmagadoras que saíam de sua boca.

— Estou? — ele perguntou, me circulando. — Diga-me, querida, você já teve essa sensação? Aquela em que os cabelos da nuca se arrepiam. Quando você sente olhos em você e o peso de uma presença que você não consegue ver. — Sua respiração se espalhava pelo lado do meu rosto. — Você o sentiu, Eva? Você o sentiu naquela noite? Assistindo? Esperando? E vamos ser honestos, provavelmente debatendo se ele teria que matar você também.

Ronan estava na minha frente agora, mas era apenas uma figura distorcida por trás das lágrimas que inundavam meus olhos.

— Não. — Minha voz era apenas um sussurro, a verdade devastadora rasgando meu coração. — Não! — Eu gritei, empurrando-o para longe. — Ele não faria isso. Ele nunca... você está mentindo.

Limpei com força as gotas que escorriam pelo meu rosto.

E ele sorriu, muito divertido com minha angústia, enquanto inclinava a cabeça e esfregava a barba curta em seu queixo. — Bem, então, só há uma maneira de descobrir. Me siga.

— O diabo que eu vou. — A risada diabólica de Ronan Cain me deu vontade de gritar. Ele realmente estava gostando disso, seu bastardo. — Por que você está me contando isso?

— Motivos puramente egoístas, minha querida — disse ele com uma piscadela. — Derek acha que pode simplesmente ir embora, como se eu não tivesse investido anos nele. Ele é um dos melhores. Nunca

erra um alvo.

A pergunta estava pendurada na minha língua, queimando-a. Mas eu não queria ouvir sua resposta. Eu não queria mais saber.

— No entanto, James... bem, isso foi pessoal.

Dor.

— Por favor, pare — implorei, com a garganta entupida de emoção.

Ronan encolheu os ombros e me olhou uma última vez antes de caminhar em direção ao armário, virando-se para mim ao chegar à entrada. — A escolha é sua, Eva. Escolha viver nas trevas ou, como dizem, deixe a verdade libertá-la.

Fechei os olhos e baixe a cabeça, as lágrimas escorrendo pela ponta do meu nariz. Isso não estava acontecendo. Eu o amava.

Eu o amava.

Ele não faria isso.

Ele não poderia.

Mas eu tinha que saber.

Saí atrás de Ronan. Quando cheguei à porta, um alçapão se abriu no meio do armário, embaixo da grande cômoda onde Derek guardava seus acessórios.

— Foda-se. Eu não vou lá, especialmente com você. Pegando meu telefone, disquei o número de Derek.

— Você está tão obcecada pelo pau do meu filho que se recusa a ver a verdade.

— Eva? Você pode me ouvir? — A voz de Derek me chamou do outro lado da linha aberta.

— Tenho uma reunião em cerca de vinte minutos, então não ficarei por aqui. Mas você está livre para continuar usando essa casa.

A voz de Derek estava frenética agora. Ele tinha ouvido seu pai?

Meu dedo pairou sobre o botão de encerrar chamada enquanto Ronan se afastava.

— Ah, e Eva — ele disse ameaçador — não se esqueça de

perguntar a Franco há quanto tempo ele conhece Derek. Se estamos tirando o pó do armário antigo, podemos muito bem pegar todos os esqueletos, inclusive um chamado Frankie.

Um suspiro audível saltou dos meus lábios, apertei o botão e desci as escadas até chegar a uma sala com uma boca aberta em estado de choque. Fileiras e mais fileiras de rifles, revólveres, armas automáticas, munições infinitas, facas, machadinhas e até mesmo estrelas ninja.

O lado lógico do meu cérebro sabia que isso não era apenas o estoque de um entusiasta de armas. Isso era outra coisa. Algo mais sombrio, mais sinistro. Mas a mulher estúpida, cega pelo amor, tentou assumir o controle.

Ele é um instrutor tático. Ele possui um campo de tiro. Talvez fosse aqui que ele mantinha o inventário.

Talvez...

As desculpas que inventei se desintegraram quando vi uma pequena colagem de fotos em uma prateleira perto das malditas estrelas.

Meu telefone vibrou enquanto eu o segurava entre os dedos como uma tábua de salvação. Derek estava ligando e mandando mensagens de texto sem parar. Abri a linha e fui em direção às fotos enquanto ele me ligava. Lágrimas escorreram pelo meu rosto, deslizando pela costura dos meus lábios enquanto minha garganta se apertava, tornando o ato de respirar difícil.

— Eva! — ele chamou, sua voz desesperada. — Anjo, por favor, diga alguma coisa.

Balancei a cabeça e reprimi um soluço quando me vi em todas as fotos.

Sentada na minha loja.

Almoçando com Sam.

O estacionamento da minha academia.

Minha maldita varanda da frente.

Agarrando meu peito, desliguei o telefone quando meus olhos pousaram em uma foto menor. Um retrato, rasgado ao meio. Eu conhecia essa foto. Não foi uma que ele tirou. Isto era sagrado para James – o único que existe. Achei que tivesse sido perdido naquela

noite, junto com todo o resto.

— Não... — eu respirei. — Não, não, não...

Meu coração se partiu e meus joelhos dobraram, mas me segurei na beirada da mesa e deixei minha cabeça cair para frente quando um soluço finalmente cedeu.

— Eva, querida... *por favor* — ele implorou. — Responda-me. Deixe-me explicar.

Peguei o telefone da mesa, joguei-o do outro lado da sala e observei-o quebrar...

Como eu.

CAPÍTULO QUARENTA



Eu não conseguia me lembrar de ter saído do carro ou de ter subido as escadas para o meu quarto. Meus pensamentos estavam apenas em Evangelina, acelerada, frenética. Ela sabia. Eu não tinha certeza do que ela sabia, mas ouvi o que ele disse.

Cerrei a mandíbula e rosnei o nome de Ronan. Sua hora havia chegado, mas eu lidaria com ele mais tarde.

Ao entrar no quarto, esperava encontrar Eva na cama, no chão ou no banheiro, mas me deparei com um vazio e um silêncio ensurdecedor. Meu coração afundou quando disquei novamente o número dela, mas quando a mensagem do correio de voz começou a tocar, percebi que a cômoda do armário havia mudado de lugar.

Porra.

Não houve tempo para sentir, racionalizar ou inventar uma série de desculpas. Eu precisava chegar até ela, vê-la.

A sala era iluminada apenas pelas luzes de fundo de cada prateleira. Examinei o espaço e vi sua figura encolhida sentada em um canto.

— Anjo — eu disse, ligando o interruptor de luz e me movendo em direção a ela.

— Não! — Sua voz era afiada como o fio de uma navalha, e ela puxou uma arma do colo e apontou para mim.

— Eva, eu...

— Lembro-me deste dia — disse ela em um tom estranhamente

calmo, segurando uma foto na mão. — Ele foi o orador principal e, como ele e Pam já haviam se separado, ele me pediu para ir. Foi uma ótima noite. — Um sorriso frágil apareceu em seus lábios enquanto ela recordava a memória. — Tirámos esta fotografia depois do jantar e ele colocou-a na sua mesa no dia seguinte e prometeu fazer-me uma cópia. Mas ele nunca o fez. — Seus olhos se voltaram para os meus.

Listras pretas de maquiagem esculpiam suas bochechas, e seus olhos avermelhados me percorreram enquanto ela se levantava, a arma ainda em mim.

— Esta foto ainda estava em sua casa no dia em que ele morreu. Eu sei que estava. Eu vi. Como é que você tem isso?

— Ouça...

— Cale-se! — ela gritou, largando a foto e firmando seu aperto. — Fui atormentado pela culpa, muita culpa pelo que aconteceu naquela noite. Eu me culpei por não ter percebido seus sinais de angústia. Você estava lá, não estava? *Por que?*

— Anjo...

— Não me chame assim. Nunca me chame assim. — Sua voz estava estrangulada, seus lábios tremiam, e eu só queria abraçá-la.

Porra.

— Você o matou? Você matou seu próprio pai.

— Ele nunca foi um pai para mim.

Ela soltou um grito alto. — Você é um assassino, Derek. Um maldito psicopata. É isso que é tudo isso? — Ela perguntou, apontando ao redor da sala. — *Nunca erra um alvo.* É isso o que você faz? Matar pessoas?

— É mais complicado do que isso.

Uma risada sem humor saiu de sua garganta. — Complicado? Não há nada de complicado no fato de você matar pessoas para viver. O fato de você ter matado seu próprio pai, um homem que eu amava como se fosse...

Seu peito estremeceu quando um soluço roubou suas palavras. Ela baixou a arma e caiu para frente, chorando com a cabeça baixa e os cabelos escuros caindo ao redor dela como uma cortina, obscurecendo seu lindo rosto.

— Você pode me odiar, Eva. Odiar o que eu fiz. Odiar quem eu

sou, mas não se atreva a derramar uma lágrima por aquele filho da puta. Você não tem ideia do homem que ele realmente era e de tudo em que esteve envolvido.

Atrevi-me a colocar a mão em seu ombro, mas ela se afastou do meu toque.

— Quem diabos é você para julgar a moralidade de alguém?

— Eu não pretendo ser um santo. Mas eu também não escondo meus demônios como ele fez.

Ela zombou e balançou a cabeça.

— Oh sério? Por que você me procurou? Por que você estava me seguindo? — Ela perguntou, apontando para as fotos na estante. — Algo disso foi real, Derek? — Sua voz estava quebrada novamente e sua dor era como um corte no coração.

Com a mão sobre o peito, fechei a camisa. — Eu não planejei isso, Eva. Eu não queria...

— Seu bastardo doente.

— Por favor, deixe-me explicar. — Tentei estender a mão, mas ela recuou, erguendo a arma novamente.

— Não me toque, porra.

Eu odiava o jeito que ela estava olhando para mim. De certa forma, eu preferia o ódio dela ao medo refletido em seus olhos. Ela estava olhando para mim como todo mundo, e eu não aguentava. Não dela.

— Você pode gritar, gritar, me odiar, Eva, mas não tenha medo de mim. Eu sou um monstro. Eu sei disso. Eu matei a sangue frio e não vou negar isso. Mas você, eu nunca machucaria você.

Ela fechou os olhos com força e chorou, a arma caindo aos seus pés. Entrei e aninhei seu rosto. — Querida, eu nunca machucaria você. Por favor, acredite nisso.

Suas mãos envolveram firmemente meus pulsos e seus olhos se abriram.

— Você está errado — ela disse em um sussurro. — Ninguém nunca me machucou mais do que você. Você me quebrou, Derek.

— Não.

— Tudo faz sentido agora. — Eva tirou minhas mãos do rosto

dela. — Deus, eu sou tão estúpida. — Tentei alcançá-la novamente, mas ela deu um tapa na minha mão. — Eu disse que te amava e você não poderia dizer isso de volta. E agora eu sei por quê. Isso tudo foi uma conspiração para me foder, não foi?

Ela deu um passo em minha direção, ódio queimando em seus olhos.

— Eva, você não entende.

— Você é um filho da puta. — Sua mão bateu na lateral do meu rosto com uma força que eu não esperava. Minha bochecha estava em chamas, minha pele pulsava. — Como você deve ter rido de mim. Você e seu irmão.

— Isso não é verdade, e você sabe disso.

— Você me fodeu como uma prostituta, me degradou e provavelmente riu nas minhas costas enquanto eu idiota se apaixonava por você. Deus, eu te odeio!

Seus punhos caíram sobre meu peito, a força de seus golpes era cortante, mas deixei que ela me batesse. Eu merecia sentir toda a dor que causei a ela.

— Eva, pare — eu finalmente disse, agarrando seus pulsos. Ela não lutou mais comigo e caiu no chão.

— O que devo fazer com tudo isso? — ela gritou, os dedos apertando seu coração. — O que eu faço com tudo que sei? — Um grito saiu de sua garganta. — Você me fodeu de muitas maneiras, Derek.

Ajoelhei-me ao lado dela. — Faça o que achar que é certo. Mas, por favor, deixe-me falar.

— Não — ela disse, balançando a cabeça e ficando de pé. — Eu não quero ouvir mais nada sobre suas besteiras, suas mentiras. Nunca mais quero ver ou ouvir falar de você.

Peguei seu cotovelo antes que ela pudesse passar pela porta e puxei-a para mim, suas costas encostadas em meu peito. Meus lábios estavam em seu pescoço e ela se derreteu em mim, deixando-me beijá-la.

— Anjo, por favor, não vá embora. Eu gostaria que as coisas fossem diferentes. Eu gostaria de ser o homem que você merece. Deixe-me consertar isso. Por favor.

— Você sabe o que eu desejo, Derek? — Ela se virou em meus braços, os olhos lacrimejantes encontrando os meus. — Eu gostaria que você tivesse me matado naquela noite também.

Cerrei os dentes. — Não diga isso, porra.

— Qual é a diferença? Pelo menos teria sido rápido. E não assim.

Meu domínio sobre ela afrouxou quando as lâminas de mil facas serrilhadas cortaram profundamente meu coração. Deixei-a ir embora e ela parou na soleira, mas não se virou. Um lampejo de esperança borbulhou dentro de mim, mas tão rapidamente quanto floresceu, quebrou e queimou quando o veneno por trás de suas palavras sufocou minha própria vida.

— Se eu te ver de novo, se você vier me procurar, vou mandar prendê-lo por assassinato. Ou vou matá-lo eu mesma.

CAPÍTULO QUARENTA E UM



— Derek, pare!

Os passos apressados de Kai se aproximaram de mim. Não importava. Ele não iria me impedir. Ninguém faria isso até eu ter a cabeça de Ronan. Ele não apenas destruiu meu relacionamento com Eva, mas também colocou um alvo na cabeça dela por revelar a si mesmo e a mim no processo. Minha garota me odiava e ela poderia estar em perigo. Eu não deixaria isso acontecer. Eu o faria pagar das formas mais dolorosas imagináveis.

— Vamos, irmão, pense bem nisso — disse ele, agarrando meu braço.

Afastei seu toque e atravessei o estacionamento, mas ele me agarrou novamente.

— Kai, você não vai me impedir. Vou despedaçá-lo com as minhas próprias mãos.

Ele me empurrou pelos ombros, me jogando contra a traseira de uma caminhonete. — A única coisa que você vai fazer é se matar, porra. Você não vai sair daí, e nem eu, porque não há nenhuma maneira no inferno de deixar você fazer isso sozinho.

— Que porra você vai fazer?

— Tente me impedir — ele desafiou.

Balancei a cabeça e fechei os olhos, o calor das lágrimas ardendo atrás das minhas pálpebras, a dor no peito ainda intensa, roubando meu fôlego. A agonia de perdê-la, de saber que ela me odiava, foi uma forma única de tortura que eu nunca havia

experimentado. Nem mesmo as atrocidades da minha infância compara. Eu viveria esses horrores mil vezes se isso significasse não ver o ódio e a tristeza em seus olhos.

Não importava que eu sempre soubesse que esse seria o nosso fim. Que ela nunca pertenceu ao meu mundo, que ela era boa demais para a escuridão que vivia dentro de mim. Mas eu era um filho da puta egoísta e pretendia mantê-la a qualquer custo.

Meu olhar caiu sobre Kai, e a culpa pelo que eu planejei fez meu estômago embrulhar.

— Eu não mereço sua lealdade. — Minha voz falhou. Merda.

— Besteira, D. Somos irmãos, porra. Antes de Eva, éramos só você e eu. E agora, eu faria qualquer coisa por ela também, porque você a ama.

Eu a amo.

Eu a amo, porra.

E eu precisava dela de volta.

— Kai — eu disse, engolindo o nó na garganta. — Eu disse a ele que queria sair. Disse a ele que terminei com Ares.

— Eu imaginei isso. Explica por que ele fez isso. — Ele bateu na lateral do meu rosto, seus olhos brilhando de paixão. — Temos que fazer isso de forma diferente.

— Não — eu disse, empurrando-o para trás. — Você não entende. Ele forçou minha mão. Disse que eu tinha que matar você para comprar minha liberdade. — Os olhos de Kai se estreitaram enquanto ele esperava que eu continuasse, sabendo muito bem onde isso iria dar. — Eu sinto muito, irmão.

Deslizei pela lateral do caminhonete, caindo em uma pilha patética no chão. Kai se agachou na minha frente, uma mão no meu ombro enquanto exalava.

— Derek, entendi. Eu teria voltado e assombrado sua bunda, mas entendi. Eva deve significar muito para você. Olhe para você. Você parece uma merda.

Soltei uma risada sem graça, aliviado por ele não querer colocar uma bala entre meus olhos.

— Eu não ia continuar com isso. Eu estava pensando que talvez você pudesse se esconder por um tempo. Voltar com o clã de Amalia

até eu lidar com Ronan.

— Porra, D, estou feliz que você tenha resolvido minha vida para mim — ele brincou sem entusiasmo. — Mas eu não vou embora. Nós vamos cuidar desse idiota juntos. Então trabalhe para conseguir Eva. Além disso, ouvi dizer que a garota Amalia é louca. Não é exatamente minha primeira escolha para fugir.

Kai era a única pessoa que me conhecia e me entendia em um nível que ninguém jamais poderia compreender. Um que eu queria alcançar com Eva.

Apesar das consequências entre nós, fiquei grato por ele também me conhecer o suficiente para não perguntar por que eu ainda estava recrutando *Las Marcenarias*. Não importa o que nos esperasse no futuro, eu sempre estaria lá para ajudá-la. E se a felicidade dela estivesse nos braços de outro homem, bem foda-se. Eu mataria todo filho da puta que se atrevesse a respirar a menos de um metro e meio dela.



Kai chutou a porta e atirou nos dois homens à direita de Ronan enquanto eu derrubei os dois à sua esquerda – um deles era aquele bastardo do Kiernan.

— O que...

Ele tentou pegar a arma que guardava na gaveta de cima, mas não foi rápido o suficiente.

— Eu sugiro que você pare.

A mandíbula de Ronan se contraiu antes de se transformar em um sorriso enquanto ele olhava para o cano de duas armas. — Então é assim que vocês dois me retribuem pela vida que eu dei a vocês?

— Cale a boca — eu rosnei, dando a volta e batendo a cabeça dele contra a mesa de madeira. — Eu deveria matar você aqui mesmo. Cortá-lo e deixá-lo morrer a morte lenta e dolorosa que você merece.

— Mas você não vai.

— Não me tente, porra. Estou fora de mim agora, e a única razão pela qual você ainda está vivo é Kai. Não vou implicá-lo na

merda do meu negócio, mas você me conhece bem. Às vezes o sangue apenas me chama, e o seu está cantando agora mesmo.

Empurrei o titânio quente do meu silenciador em sua têmpora, queimando sua pele.

— Então, qual é o seu plano, Derek? — ele perguntou com aquela voz frustrantemente calma dele.

— Você vai deixar a Filadélfia, sair do país. Eu não dou a mínima para onde você vai, mas sugiro que você se esconda no buraco mais profundo e escuro que puder encontrar.

Ele riu abertamente. — O que faz você pensar que tem o poder de me obrigar a fazer alguma coisa? Aquela sua boceta com certeza te deu coragem, não foi? Que pena ela... Aahh! — Eu não pude reprimir a vontade de enfiar minha lâmina em sua mão e acertar a mesa de mogno. Seus gritos eram tão patéticos quanto ele.

— Você não é o único com olhos e ouvidos por aqui. Digamos apenas que Zeus receberá um e-mail muito interessante com fotos, áudio e vídeo de você e sua esposa em várias posições comprometedoras. E uma auditoria detalhada de onde foram parar seus 10,8 milhões de dólares.

Ronan rosnou, segurando a mão presa enquanto o sangue se acumulava na mesa. — Besteira. Se você tivesse tudo isso comigo, você mesmo me mataria.

— Prefiro ver tudo acontecer. — Inclinei-me perto de seu ouvido. — E quando eu conseguir o sinal verde, vou caçar você. — Torcendo a faca, me deleitei com seus uivos de dor. — Encontrar você e fazer você engasgar com seu próprio pau.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS



Dez, nove, oito, sete...

Segurei minhas pernas com mais força, a testa apoiada nos joelhos enquanto as revelações desastrosas de dois dias atrás se repetiam em meus pensamentos. Eu chorei a maior parte da noite quando cheguei em casa, mas ainda consegui arrastar minha bunda para fora da cama para trabalhar. Tendo perdido tantos dias, não havia como ligar. Fiz o meu melhor com maquiagem para cobrir o inchaço ao redor dos olhos e engoli, me convencendo de que teria tempo de sobra para desmaiar mais tarde. E fiquei grata por meu novo parceiro saber que não deveria fazer perguntas pessoais.

Novas lágrimas rolaram pelas minhas coxas nuas enquanto o rosto que tentei limpar sem sucesso da minha mente apareceu na frente e no centro. Seu sorriso, aqueles olhos... Deus, a sensação de estar em seus braços. Soltei um pequeno soluço e enxuguei os olhos no antebraço.

Era mentira. Tudo isso.

Eu não era nada mais do que um peão para ele. Uma trama cruel de vingança para um homem que não estava mais vivo. Ele não poderia simplesmente ter deixado passar? Me deixado sozinha?

Meu telefone vibrou pela enésima vez. Era novo, então eu não tinha ideia de como Derek conseguiu meu número tão rápido. O pensamento era aterrorizante e solidificou ainda mais o quão perigoso e imprevisível ele era. — Deixe-me em paz! — Eu o tirei do sofá e atravessei a sala. Diego, que estava cochilando por perto, se assustou e subiu as escadas.

Derek e meu pai ligavam sem parar. O primeiro nunca mais

ouviria minha voz, e eu não estava no espaço certo para ouvir nada que meu pai tivesse a dizer. Eu não aguentaria mais verdades dolorosas.

Batidas fortes na porta me fizeram pular.

— Eva! Eu sei que você está em casa. Por favor abra a porta.

Gritei em um travesseiro decorativo.

A voz do meu pai ressoou lá fora novamente. Talvez se eu o ignorasse, ele iria embora.

— Eva, estou de folga amanhã, então isso significa que posso ficar aqui a noite toda. Sua escolha.

Aceitando o fato de que ele não iria desistir, fui até a porta da frente e a abri.

— O que? — Eu mordi, recusando-me a olhá-lo nos olhos.

— Entendo que você esteja chateada, mas não vai me desrespeitar.

— Eu não sou uma criança. Respeite-me indo embora, entendendo por que não quero ver ou falar com você agora.

No caminho da casa de Derek para casa, liguei para meu pai e deixei uma mensagem de voz detalhada, onde o informei para não entrar em contato comigo em um futuro próximo, porque ele era um maldito mentiroso.

— Eva, tentei avisar você. Você se recusou a ouvir. Agora, olhe.

Apertei a ponta do meu nariz enquanto lágrimas brotavam sob meus cílios.

— Eu preciso que você vá embora. Jogar na minha cara o quanto eu fui idiota não ajuda. Você está me machucando. Por favor, vá. E você também é o culpado aqui. — Abri os olhos e olhei para ele. — Estou realmente tentando não pensar em todas as maneiras como você me enganou. E tudo que não sei sobre você porque não aguento mais.

Minha voz falhou e eu coloquei meus braços em volta de mim e chorei.

— Eva, por favor, deixe-me ajudá-la.

Eu balancei minha cabeça. — Você não pode me ajudar.

Ninguém pode. — Desviando o olhar dele, exalei um suspiro trêmulo. — Você é tão ruim quanto ele. Talvez pior, porque somos uma família e você me traiu. Mentiu na minha cara todos os malditos dias.

Ele deu um passo à frente e colocou a mão no meu ombro. — *Princesa*, não posso te deixar assim. Por favor, deixe-me ficar. Deixe-me explicar.

Eu recuei de seu toque. — Não! Eu quero que você vá embora. Agora. Se você não for embora, eu irei.

Meu pai baixou a cabeça enquanto enxugava os olhos com as duas mãos. — Eu sinto muito. Eu deveria ter te contado. Deveria ter contado a você sobre Frankie.

Virei as costas e cobri os ouvidos como uma criança. — Não, por favor, pare.

— Eva. — Sua voz estava tensa. Ele engoliu em seco e continuou a falar, apesar dos meus protestos. — Uma noite, pouco antes de você nascer, acidentalmente testemunhei algo que não deveria. Implorei pela minha vida, ofereci-lhes dinheiro – eles iriam me matar até que eu oferecesse algo útil. Eu mesmo. Minha vida.

Apoiei-me na parede para me equilibrar, mas não me virei para encará-lo.

— Eles me forçaram. Eu não tive escolha. Eu tentei sair. Anos mais tarde, eu estava determinado a... — Nunca tinha ouvido ou visto meu pai chorar, nem mesmo quando Frankie morreu. Mas eu estava muito entorpecida e quebrada para me importar. — Para me ensinar uma lição, para me manter submisso, eles o assassinaram. Me disse que você seria a próxima.

— Mãe?

— Eu nunca menti sobre sua mãe. Ela morreu dando-lhe vida, e essa é a verdade honesta de Deus.

Ele tocou meu ombro. — Por favor, vá — eu sussurrei.

— Você tem que entender. Eu não tive escolha. O mundo não é o que você pensa, Eva. Derek é uma prova disso.

Mordi meu lábio e engoli o soluço rasgando minha garganta. — Saia.

Meu pai não disse mais nada e saiu pela porta.

Embora uma parte de mim doesse ao vê-lo chateado, eu não

me importei. E eu não me importaria por muito tempo.

Seis, cinco, quatro...

Encostando-me na porta, deixei-me deslizar para o chão enquanto soluços atormentavam meu corpo. Isso machuca. Tudo doeu. Doía respirar sabendo que Derek me usou. Mas doeu ainda mais saber que, apesar da traição, eu ainda o amava. Agarrei meu peito, buscando alívio da dor e do peso de suas mentiras. Eu não sabia o que fazer com todas aquelas emoções. Era como se quanto mais eu chorava, maior era a minha dor e a saudade dele.

— Estúpida. Tão estúpida.

Uma batida suave na porta me fez parar. Levantei-me e rasguei-o.

— Eu pensei que tinha dito para você... — As palavras morreram em minha língua quando em vez de meu pai, era Derek olhando para mim. Eu nunca o tinha visto tão desganhado. O cabelo em sua cabeça e rosto estava uma bagunça, e ele usava calça de moletom e uma camiseta amassada. Ele parecia ter acabado de sair da cama.

Deus, eu odiava querer pular em seus braços e mandar tudo para o inferno, mas eu não poderia ser tão idiota. Eu tinha um resquício de dignidade sob os cacos do meu coração despedaçado e me recusei a deixá-lo tirar mais de mim do que já tinha.

— Pensei ter dito que nunca mais queria ver você. Que eu...

Derek correu para mim, tirando meus pés do chão enquanto sua boca esmagava a minha. Ele me beijou com desespero, sua língua buscando entrada, e por um segundo, eu quis ceder. Cada célula do meu corpo zumbia como se reconhecesse precisamente a quem pertencia...

Porra.

Não.

Eu o empurrei e dei um soco em seu peito.

— Não! Pare. Tire suas malditas mãos de mim e saia da minha casa.

— Eva, por favor... não posso. Eu preciso de você. Por favor.

Recuei, colocando uma distância considerável entre nós. — Acabou, Derek. Por quê você está aqui? Você não precisa continuar

com essa encenação.

Ele avançou, mas levantei a mão, fazendo-o parar.

— Encenação? Você acha que eu estaria aqui se você não significasse nada para mim? — Ele agarrou as laterais do cabelo antes de afastar os fios rebeldes. — Porra, Eva, você precisa saber que isso é besteira.

— Não sei de nada, porque tudo era mentira. Todos. Você, meu pai, Helena, todos! — Seus olhos se estreitaram. — Sim, você acha que sou muito estúpida para juntar essas peças. Ela é como você, não é? E Kai? Ronan.

— Eu disse que é complicado.

— Meu Deus, Derek. Você não entende. Mesmo se eu acreditasse que o que tínhamos era genuíno, o que isso importaria agora?

Ele me alcançou em dois passos longos, com as mãos ao lado do meu pescoço. Meus olhos se fecharam instintivamente quando me deixei inclinar em seu toque.

— É tudo o que importa — ele murmurou perto dos meus lábios.

Coloquei a mão em seu peito e o empurrei para trás. — Não. — Meu lábio inferior tremeu enquanto eu respirava as palavras, tentando me controlar. — Estávamos condenados desde o início. Eu afastei pessoas como você para viver. E você não é nem um pouco parecido com essas pessoas, Derek. Você é pior. Você vai contra tudo que eu defendo. Eu fui simplesmente burra por não ter conseguido ver isso antes. Por me recusar a ver o que estava diante dos meus olhos esse tempo todo.

— Eva, não faça isso. Por favor. Nunca me importei com ninguém. Você apareceu e mudou algo dentro de mim.

Sua angústia picou minha pele, lutando para penetrar meu escudo. Mas respirei fundo e me preparei para a próxima pergunta.

— Você matou alguém enquanto estávamos juntos? E por favor, não minta para mim.

Ele desviou os olhos; era tudo que eu precisava saber.

— Você é o mesmo monstro que era antes de te conhecer. E isso é tudo que você será. Não importa que eu te ame — eu disse entre

lágrimas e fungadas.

— Querida, somos tão bons juntos. Você e eu.

Balancei a cabeça quando outro soluço me percorreu. — Você não pode dizer isso, pode? Mesmo agora.

Ele segurou meu rosto novamente. — Não é que eu não...

— Você não sabe amar.

Derek descansou sua testa na minha. — Anjo, vou passar o resto da minha vida mostrando que o que sinto por você é real. Só me de uma chance.

Meus ombros tremeram e apertei os lábios para conter os soluços. — Saia.

— Eva?

Três, dois, um...

— Eu já te disse. Nada mais importa porque *nunca* perdoarei tudo o que você fez.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS



— Eva, vamos lá. Estou esperando há duas horas. Você está vestida e parece meio viva. Vamos.

Lex me arrastou pela calçada pelo meu pulso. Eu lutei com ela nos últimos dois dias, mas hoje, sem mais luta, deixei ela vencer e até escolhi minha roupa. Ela abriu a porta do carro e me empurrou para dentro, fechando-a com força antes de correr ao redor do capô do carro e entrar o mais rápido que pôde.

— Você acha que vou fugir ou algo assim?

— Caso você mude de ideia. — Ela encolheu os ombros enquanto estacionava na rua. — Agora, a única maneira de você sair do nosso passeio é se você estiver disposta a arriscar uma erupção cutânea naquele rosto bonito.

Eu me sentia entorpecida esses dias. A perspectiva de dor, de sentir algo diferente desse vazio em meu coração, parecia quase sedutora.

— Onde estamos indo?

— Primeiro almoço. Eu sei que você sabe que não deve descuidar de si mesma, especialmente por causa de algum idiota que não merece você. Você não pode se dar ao luxo de chafurdar na depressão enquanto passa fome, ou come como todos nós.

Apoiando a cabeça no vidro, zombei. — Você não tem ideia de como tem sido difícil me forçar a comer sem apetite.

— Oh, amor, sinto muito. Eu gostaria de poder chutar o pau dele por você, e você sabe que eu também faria isso.

Ofereci-lhe um sorriso lento. — Eu sei. Obrigada por isso.

Ela me dispensou. — Não precisa me agradecer. Você é minha irmã, Ev. Não sei o que ele fez para quebrar você tão profundamente, mas vou ajudá-la a superá-lo, ok?

Meus olhos se encheram de lágrimas e desviei o olhar, observando distraidamente o mundo passar enquanto as pessoas cuidavam de suas vidas enquanto eu estava presa neste vórtice interminável de tristeza e traição. Não havia fim à vista. Era como se Derek estivesse embutido na minha pele e fizesse parte da minha corrente sanguínea. Tudo trazia lembranças dele, até mesmo Diego.

— Ei, não é permitido chorar no meu carro. Você vai estragar meu couro.

Um soluço e uma risada sem humor saíram dos meus lábios enquanto eu enxugava os olhos.

— Estou tentando aqui, Lex.

A pressão esmagadora na minha garganta deu lugar a mais soluços, e baixei a cabeça, usando o cabelo para esconder o rosto e a dor e o desespero que eu sabia que ela veria ali.

Alexa parou em um estacionamento e estacionou o carro antes de rapidamente me envolver em um abraço apertado. Nossos corpos estremeceram enquanto chorei em seu ombro por uns bons dez minutos, e ela deixou, esfregando círculos suaves em minhas costas.

— Tudo bem — disse ela, tirando o cabelo do meu rosto. — Agora que esclarecemos isso, vamos respirar fundo e relaxar.

Ela enxugou os olhos com as costas do dedo e abanou o rosto.

— Sinto muito — eu disse em um tom abafado. — Você deve pensar que sou patética. Ele é apenas um cara, certo?

— Olha, você já está chateada, então não me faça colocar algum sentido em você além disso. — Ela me puxou para outro abraço e eu deitei minha cabeça em seu ombro. — Claro que não acho que você seja patética. Seu coração está partido, Ev. Estive lá, fiz isso. Mas você vai sofrer essa perda, levante-se e siga em frente porque você é Evangelina porra Cruz, e ele é o maior idiota da Filadélfia por ter perdido você.

Ela não estaria dizendo essas coisas se soubesse que eu estava chateada por causa de um assassino em série e do homem que torturou e matou James.

— Eu gostaria que fosse assim tão simples. Eu só não sei o que fazer com tudo isso. — Fiz um gesto para o meu coração. — Eu o amo, Lex. Eu o amo tanto que dói fisicamente.

— Oh, Eva — ela sussurrou, embalando meu rosto trêmulo.

— Eu o odeio tanto também.

— Bom. Canalize isso e empurre todo o resto. Ele não merece mais suas lágrimas. Você é uma porra de uma deusa, ok.

Eu ri em meio às lágrimas e joguei meus braços em volta dela.
— Vamos. Estou com um pouco de fome de repente.

— Perfeito!

Alexa beijou minha testa e saiu do carro. Quando peguei minha bolsa, ouvi vozes masculinas e Lex se dirigindo a eles, mas o tom dela estava mais agudo do que o normal, angustiado. Assim que segurei a maçaneta da porta, o corpo da minha prima bateu na lateral do carro com tanta violência que balançou de um lado para o outro. Antes que eu pudesse processar o que estava acontecendo, dois estalos altos e um homem todo vestido de preto estava em cima dela, batendo nela com os punhos.

Não, não. Merda.

Peguei minha arma e pulei do carro.

— Pare! Afaste-se dela.

Foi tudo o que consegui dizer antes que o aço duro empurrasse minha nuca.

— Abaixo isso — uma voz com sotaque forte ordenou perto do meu ouvido. — E se você tentar alguma coisa, ele enfiará a arma na boca suja dela. É isso que você quer?

Dmitry Belov.

Balancei minha cabeça lentamente. — Por que você está fazendo isso?

— Oh, só estou aqui para recolher o que é meu. E você conhece aquele ditado, se você quer que algo seja feito, faça você mesmo e tudo mais? Bem, aqui estou.

Um de seus capangas pegou a arma das minhas mãos e Dmitry rapidamente me empurrou contra o carro, seu corpo encostado nas minhas costas.

— Então você é o anjinho da morte responsável pelo assassinato do meu irmão. Você sabe, eu vi suas fotos e sabia que você era linda, mas agora vejo que elas não lhe fizeram justiça.

A ponta do seu nariz roçou meu ombro enquanto a outra mão alisava meu torso e sob meu peito.

— Eu ia te dar para meu primo, mas não, *kroshka* (querida). Você é minha.

Ele sacudiu meu mamilo com o polegar e inalou em meu pescoço.

— Não me toque, porra. — Tentei empurrá-lo para trás, mas ele me empurrou com mais força contra o vidro.

— Oh, Evangelina, eu pretendo *tocá-la como você diz*, e então talvez ensinar a essa sua boquinha insolente o seu devido lugar.

Ele agarrou minha nuca e eu sibilei de dor enquanto ele me arrastava pelo capô do carro. Eu teria lutado com tudo o que tinha, mas meus pensamentos estavam em Lex. Ele ameaçou a vida dela se eu não cooperasse. Quando ele me empurrou para passar pelo lado do motorista, avistei seu corpo imóvel caído contra o carro, o rosto obscurecido por cabelos ensanguentados.

— Lex! — Gritei por ela, estendendo os braços, mesmo que fosse inútil.

Dmitry me puxou pela cintura e me jogou dentro de uma van preta. Bati com o cotovelo em uma trava de metal, a dor me percorreu e arrancou um grito da minha garganta, agora em carne viva.

— Livre-se dela — ele ordenou, apontando para Alexa antes de subir ao meu lado.

— Não, seu filho da puta! — Acertei um golpe de direita na lateral do rosto dele antes que a dor explodisse atrás dos meus olhos e eu perdi a consciência.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO



Bati meu copo de uísque no balcão, quebrando a maldita coisa. Gotículas de sangue se misturaram ao líquido, mas não senti nada. A dor foi uma mudança bem-vinda em relação ao entorpecimento de quatro dias sem ela.

Quatro malditos dias.

Poderia muito bem ter sido uma eternidade. Eu não tinha certeza do que fazia da minha vida, de como vivia o dia a dia antes de conhecê-la. Ela se tornou parte integrante de quem eu era e sem ela eu estava perdido.

Mas não permaneceria assim. Eva era minha. Ela foi feita para mim e eu encontraria uma maneira de recuperá-la, mesmo que isso me matasse.

— Não me olhe desse jeito — eu disse a Deimos enquanto ele me observava de sua esteira no chão. — Você também gostou dela, né, garoto? Nunca vi você se apaixonar por alguém tão rápido. Suas orelhas estavam puxadas para trás como se ele soubesse o que eu estava dizendo. — Ela é algo especial, não é?

Ele se levantou e bufou ao meu lado, sinalizando que queria ser retirado. Quando coloquei minha mão em sua cabeça, um número desconhecido apareceu na tela do meu telefone. Silenciei a ligação, coloquei-o no bolso e desci do banco para pegar uma coleira. Mal cheguei à porta dos fundos quando meu celular vibrou novamente.

O mesmo número.

Eu nunca atendia números desconhecidos, especialmente agora que estava com um humor de merda, mas algo estava me

incomodando, um instinto incomodando minha nuca.

— Vamos — chamei Deimos, e ele me seguiu até a varanda. Apoiei-me no corrimão enquanto ele procurava incessantemente o melhor lugar para mijar enquanto eu discava o número desconhecido.

— Derek! — A voz do outro lado estava frenética. — Derek, é você? Por favor. Por favor. Você tem que ajudar.

Ela repetiram a frase exata mais três vezes. Não reconheci a voz da mulher em meio aos soluços.

— Quem diabos é você? O que você quer?

— Derek, sou eu, Alexa. — Meu coração afundou em meus pés. — Eles... eles a levaram. Eva. Ele pensou que tinha me matado, mas errou.

Eu me endireitei, tentando encontrar minha voz, tentando juntar as palavras, para compreender o que diabos ela estava dizendo. Alguém a levou. Eva. A minha garota.

— Você tem que ajudá-la, Derek. Ela não tem insulina. Já se passaram cinco horas.

Um grunhido saiu da minha língua.

Cinco malditas horas.

Corri pela minha casa, seguido por Deimos, enquanto corria escada acima, subindo dois degraus de cada vez.

— Por que você esperou tanto para me contar? Quem a levou?

— Fomos emboscadas. Eles me foderam. Acordei no hospital. E Eva simplesmente se foi. — Ela estava falando a mil por hora. Coloquei o telefone no viva-voz para poder usar as duas mãos. — Eu disse à polícia que era aquele pedaço de merda russo. Mas eles não farão nada sem passar pelos malditos canais adequados. E você sabe que ela não tem muito tempo. Ela precisa de insulina. — Houve uma pausa do outro lado da linha enquanto eu continuava a encher as mochilas com equipamentos. — Eu sei que você pode ajudar, Derek. Eu sei o que você pode.

Eu congelei, esperando que ela explicasse.

— Outro dia ouvi meu tio Franco conversando com aquela Leni. Eu odeio você agora por machucar Eva, e você merece um chute no pau, mas preciso que você tire da sua bunda todos os recursos que tiver e a encontre antes que seja tarde demais. Você deve isso a ela.

Desliguei o telefone e bati na mesa com os dois punhos. Minha respiração estava rápida e tudo que eu conseguia pensar era em Eva nas mãos daquele filho da puta. Ele estava morto. Todos que ele amava estavam mortos. A família dele. Amigos dele. Toda a maldita bratva.

Peguei o telefone. Tocou duas vezes e uma voz familiar me cumprimentou do outro lado da linha.

— Derek Cain.

— Amalia.



Kai e eu paramos em frente a um prédio de tijolos vermelhos na esquina de uma rua deserta. Nenhum de nós disse uma palavra durante a viagem. Ele olhou para mim quando eu estacionei o carro e assentiu.

— Pronto, irmão.

Retribuí o gesto; minha mandíbula ficou tensa. — Todos eles.

Um sorriso apareceu na borda de sua boca. — Você não precisa me dizer duas vezes.

Saí, puxei uma mochila grande do banco de trás e coloquei-a no ombro. Kai fez o mesmo.

Subimos por uma pequena varanda. Sem humor para besteiras, chutei a porta com dois golpes. Enquanto pedaços de madeira voavam, dois homens entraram no hall com as armas em punho, mas não rápido o suficiente. Kai os deixou cair e eu me movi em direção a um saco de merda tentando correr para outra sala. Eu o encurralei dentro de um pequeno banheiro e puxei minha lâmina.

— Por favor — ele implorou como o bastardo covarde que ele era. — Tenho esposa e filhos. Por favor.

— Eu não dou a mínima para sua esposa ou seus malditos filhos. Você vai morrer neste banheiro. Quão rápido e indolor depende de como você responde às minhas perguntas.

Ele sentou-se no vaso sanitário com as mãos levantadas à sua

frente, ainda implorando inutilmente por sua vida miserável.

— Eu vou te contar qualquer coisa.

Agarrei a frente de sua camisa. — Onde ela está? — Rosnei com os dentes cerrados.

— Onde está quem?

Minha faca mergulhou no topo de sua coxa direita. Ele uivou de dor e eu coloquei a mão em sua garganta, abafando seus gritos patéticos. Não haveria piedade. Mesmo que ele não tivesse envolvimento ou soubesse dos planos de seu chefe, ele morreria do mesmo jeito.

Culpado por maldita associação.

— Vou perguntar mais uma vez antes de cortar seu pau e enfiar na sua bunda. Onde ela está?

— Por favor — ele resmungou enquanto eu afrouxei meu aperto o suficiente para ele falar. — Eu não sei de quem você está falando. Isso é sobre Dmitry?

— Ainda resposta errada.

— Ah, porra! — Enquanto eu girava a faca, esfolando seu músculo quadríceps, ele guinchou como um porco no matadouro.

Gotas de mijo caíram no chão junto com o sangue de seu ferimento.

— Ele pegou algo meu e eu vou recuperá-lo, mesmo que tenha que passar por cada um de vocês, filhos da puta. — Empurrei sua coxa mutilada e seus olhos rolaram para a nuca. Segurando seu cabelo, inclinei sua cabeça para trás e enfiei a faca sob seu queixo e em seu crânio. Seu corpo caiu e bateu no chão com um baque surdo.

Passei as mãos pelo topo da cabeça, com sangue escorrendo pela testa e pelo cabelo, e rosnei de frustração, por não ter conseguido nada desse bastardo.

— Derek, venha conferir isso.

Encontrei Kai no final da escada do andar principal, onde um menino estava sentado com a cabeça enterrada nos joelhos e os ombros tremendo. Ele não poderia ter mais de sete ou oito anos. Estreitei os olhos quando ele olhou para mim, lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Eu prometi acabar com a linhagem Belov e qualquer pessoa associada a ele, mas algo sobre esse garoto puxou o último

resquício da minha humanidade. Talvez porque eu fosse uma criança frágil e órfã, o medo em seus olhos azuis me lembrou de uma época em que eu me sentia igualmente pequeno e indefeso.

— Tem mais alguém nesta casa?

Tentei suavizar um pouco minha voz, mas ele se encolheu com minhas palavras e se encolheu, soluçando baixinho.

— Limpei o resto da casa. Era apenas uma mulher lá em cima.
— Kai se ajoelhou ao lado do garoto. — Um pedaço de merda tentou se proteger atrás da criança.

Agarrei o menino pela nuca e o acompanhei até a porta. Ele não lutou comigo nem resistiu.

— Você está procurando a garota de cabelo comprido? — ele murmurou entre fungadas.

Eu congelei e inclinei bruscamente seu queixo. — Você a viu? Ela estava aqui?

Ele balançou sua cabeça. — Aqui não. Na casa do papai, na Belmont Street.

— Como ela está? Ela está bem?

Seus olhos estavam baixos e ele encolheu os ombros. — Acho que ela estava dormindo... e sangrando.

Dei um soco na parede, partindo o gesso enquanto gritava obscenidades.

— Tem certeza? — Eu perguntei, estrangulando seus ombros.
— A quanto tempo?

— Não sei. Foi depois da escola... — Ele lançou um olhar tímido e se afastou de mim. — Ela não estava vestida — ele confessou em um sussurro.

Saí correndo de casa e joguei minha bolsa no porta-malas. Kai o seguiu, o garoto correndo atrás dele.

— Vá para algum lugar seguro. Longe daqui, você me ouviu? Estou falando sério, garoto — disse ele, agarrando seu braço e empurrando-o para frente. — Essa merda está prestes a explodir.

Não olhei para trás para ver para onde ele fugiu; Eu não me importei. Onde quer que ele fosse, ele encontraria o seu caminho. Assim como Kai e eu tivemos. Ou não.

Meus pensamentos estavam reservados exclusivamente para Eva, e que diabos eu estava prestes a fazer chover sobre Dmitry Belov. Ao dobrarmos a esquina, uma forte explosão sacudiu o ar noturno pela terceira vez naquela noite. E com certeza não seria o último. Eu a encontraria, mesmo que tivesse que queimar toda a maldita cidade.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO



— Porra.

Minha cabeça latejava, a dor irradiava pelo meu rosto e pescoço. Não tive tempo de pensar no desconforto físico quando as lembranças do que aconteceu me atingiram com a força de um trem de carga. A escuridão envolveu minha visão e rapidamente percebi que havia um pano fedorento amarrado firmemente em volta dos meus olhos. O horror fez meu coração disparar quando não consegui levar os braços ao rosto. Eles estavam amarrados acima da minha cabeça, meus pulsos em carne viva por causa da pressão.

— Não, oh meu Deus... não.

Eu estava nua em um colchão, o ar frio do que eu só poderia imaginar ser uma janela aberta mordendo impiedosamente minha pele. Carros passavam, vozes, todos alheios ao pesadelo que se desenrolava nesta sala sombria. Cheirava a urina e outros fluidos corporais. Meu estômago embrulhou só de pensar para que servia.

Do que me esperava também.

Se eu gritasse, chamaria a atenção para o fato de que estava acordada. Se eu permanecesse em silêncio, eles ainda viriam atrás de mim eventualmente.

Lágrimas brotaram dos meus olhos, transbordando, apenas para serem encharcadas pelo pano.

Amaldiçoei e reprimi os soluços ardentes que queimavam minha garganta.

Como isso pôde acontecer? Como eu escaparia?

Se Lex estava morta, isso significava que ninguém viria atrás de mim. Um grito estrangulado saiu dos meus lábios ao pensar em Alexa assassinada em algum estacionamento... por minha causa.

Meus gritos encheram o espaço, meu estômago revirando com a minha realidade horrível.

— Isso não pode estar acontecendo — eu resmunguei na escuridão, as palavras se quebrando, dominada pelos pensamentos de todos que eu amava, até mesmo de Derek. Eu disse a ele que o mataria, mas sabia que nunca seria capaz de machucá-lo, apesar da dor que ele me causou. Eu o amava e, mesmo que tivesse mais tempo, sabia que meu coração nunca poderia pertencer a mais ninguém.

Eu gostaria de ter mais tempo para acertar as coisas com meu pai. Uma parte de mim sabia que ele aceitou sua vida, as mentiras e o engano por coerção, e fez o seu melhor para me manter segura, livre do mundo que o mantinha algemado à violência.

— Você terminou?

Eu congelo. A voz era baixa e cheia de diversão mórbida.

Ele esteve lá esse tempo todo? A bile subiu para minha garganta, sentindo-me violada de mais maneiras do que apenas meu estado de nudez. Ele me viu quebrar e sofrer. O filho da puta doente provavelmente aproveitou cada segundo disso.

— Já é hora de você acordar.

Senti o calor do seu olhar sobre mim, percorrendo meu corpo nu. Seus sapatos fizeram as tábuas do piso rangerem enquanto ele atravessava a sala e fechava a janela. As solas dos seus sapatos faziam barulho na superfície do chão. À medida que ele se aproximava, senti sua presença iminente diretamente ao meu lado.

— Eu não queria bater em você, *kroshka*. Me perdoe. Eu simplesmente perdi a paciência, só isso. — As costas de sua mão percorreram meu abdômen e eu enrijei sob seu toque. — Eu sei que você não está acostumada com isso, e eu adoraria dizer que você aprenderá e se curvará sob minha direção, como todas elas fazem. Mas você é diferente, não é? — Ele disse, colocando pressão no meu quadril. — Você tem uma condição médica que exigiria muito esforço para acompanhar. Então, vou aproveitar você enquanto posso.

Seus dedos calejados mergulharam entre minhas coxas.

— Não me toque, porra. — Tentei fechar as pernas, rastejar para fora do corpo enquanto puxava as restrições e me debatia

violentamente na cama, mas não adiantou. Eu estava à sua mercê. Ele tocaria e pegaria tudo o que quisesse. Meu peito de repente ficou pesado e apertado, dificultando a respiração.

Dez, nove, oito...

— Relaxe, Evangelina. Vou fazer você se sentir bem, eu prometo.

Ele tirou o pano dos meus olhos, mas me recusei a olhar para ele, apertando as pálpebras enquanto as lágrimas derramavam e acumulavam-se dentro dos meus ouvidos.

— Vamos, *Kroshka*, deixe-me ver esses olhos — disse ele, agarrando meu rosto com tanta força que meus dentes cortaram o interior da minha boca. — Aí está você — ele sussurrou perto do meu rosto enquanto eu piscava furiosamente, tentando dispersar a umidade e ajustar minha visão à luminosidade da sala.

— P-por que você está fazendo isso? — Perguntei, engolindo o gosto de cobre.

— Você é como um acordo de três por um. Saldei uma dívida, vingarei meu irmão e poderei me divertir. Pena, não será por muito mais tempo.

Meus olhos caíram para meu abdômen nu, onde costumava ficar minha bomba de insulina. Eles a removeram, e eu não tinha ideia de quanto tempo atrás e nenhuma porra de ideia de quais eram meus níveis. Merda. Foi difícil avaliar qualquer coisa ou sentir qualquer sintoma de angústia. A adrenalina estava bombeando através de mim e eu estava fodida. Completamente e totalmente fodida.

Uma nova onda de lágrimas brotou em meus olhos e lutei muito para evitar que elas derramassem. Eu odiava que ele me visse tão fraca, frágil e indefesa.

O colchão afundou quando ele se sentou, sua boca roçando minha clavícula. — Você é linda, Evangelina. — Ele pressionou a língua na minha pele e lambeu logo abaixo do meu queixo. — É melhor você manter os olhos abertos porque a última coisa que quero que você veja é o quão bem eu fodo você e essa sua boca.

Dmitry segurou meu seio e levou o outro à boca, prendendo meu mamilo dolorosamente entre os dentes antes de lambê-lo com a língua.

Todo o meu corpo tremia enquanto eu forçava minha mente a escapar, a se esconder em algum lugar onde ele não pudesse me

machucar.

Sete, seis, cinco...

Lutar com ele não era uma opção. Olhei para uma mancha em um dos painéis do teto acima de mim, cujo formato lembrava uma pata minúscula, e pensei em Diego. O dia em que o encontrei e como Derek me ajudou a salvá-lo.

Derek.

Sempre me senti protegida ao seu lado, como se nada pudesse me machucar. Foi irônico como a única pessoa que pensei que sempre estaria lá acabou sendo a maior dor da minha vida. Senti falta dele em um nível visceral. E apesar de sua traição, eu sabia que ele nunca deixaria isso acontecer. Um sorriso apareceu em meus lábios ao pensar no que ele faria com Dmitry quando descobrisse. Foi um pensamento que ao mesmo tempo me assustou e emocionou.

Mordi com força e reprimi um gemido doloroso quando seus dedos ásperos empurraram dentro de mim.

— Não... por favor, pare. — Meus apelos ficaram sem resposta enquanto ele continuava seu ataque.

— Uma boceta tão linda. Importa-se se eu provar?

— Foda-se! Não faça isso, porra — eu gritei enquanto ele se posicionava entre as minhas pernas, passando a língua pela parte interna da minha coxa. Eu gritei mais alto e me debati com mais violência quanto mais ele se aproximava. — Quatro, três, dois, um!

Como se fosse uma deixa, o disparo rápido de armas ecoou no que parecia ser o chão abaixo de nós. Ficamos paralisados, esperando para confirmar o que acabámos de ouvir.

De novo. Mais tiros.

Seus olhos se arregalaram e ele praguejou, pulando da cama enquanto rapidamente fechava e abotoava a calça.

— Me ajude! Estou aqui!

Sua mão estava sobre minha boca em uma fração de segundos. — Não diga uma palavra, porra. — Dmitry retirou a mão lentamente e, no momento em que me libertei, gritei novamente. Desta vez, ele me deu um tapa com um estalo alto.

— Você vai morrer — eu disse a ele, cuspidando sangue em seu rosto.

— Você primeiro, vadia.

Minha boca se abriu quando ele colocou as mãos em volta da minha garganta e apertou com tanta força que pensei que minha cabeça estava prestes a saltar.

Manchas pretas salpicaram minha visão enquanto ele desaparecia lentamente. Seu rosto foi substituído pelo de Derek, e eu me senti sorrindo em meus pensamentos.

Pegue ele, querido.

Assim que senti a falta de peso tomar conta, um baque forte abriu meus olhos e o oxigênio invadiu meus pulmões quando respirei ofegante.

Em dois movimentos rápidos, meus braços e pernas ficaram livres, e uma mulher que eu nunca tinha visto antes estava parada acima de mim.

Um sorriso curvou seus lábios vermelhos profundos.

— Então você é a mulher de sorte? Nada mal — disse ela, lançando um olhar sobre meu corpo. — Eu não esperava que você estivesse nua, mas você vai ter que simplesmente seguir em frente. Você pode fazer isso.

Uma chuva de balas ecoou no corredor. — Vamos, princesa — disse ela, entregando-me uma arma que tirou de um coldre dentro de sua jaqueta.

— É Eva.

Malditos apelidos.

As balas atravessaram as paredes, atingindo logo atrás da minha cabeça. A mulher se levantou e descarregou seu pente na direção do tiroteio antes de jogar uma cadeira na janela e subir no parapeito.

Pulei da cama e a segui, cortando as solas dos pés com o vidro, mas engoli a dor e saí atrás dela. Havia um patamar plano logo abaixo da janela, facilitando a descida ao solo.

— Corra para o oeste. Há um carro preto a 800 metros daquela estrada. Minhas meninas estão esperando.

Ela não esperou por uma resposta antes de voltar correndo para o armazém.

— Espere — eu disse, agarrando seu cotovelo. — Você está aqui com Derek? Ele está aí?

— Fui paga para terminar o trabalho. Encontrar você foi apenas um bônus.

Agarrei meu cabelo em frustração enquanto os tiros vindos de dentro do armazém eram intermináveis. Se Derek estivesse lá, ele poderia estar morto ou morrendo. Eu não poderia deixar isso acontecer.

— Responda a maldita pergunta.

— Eu gosto de você, princesa — ela disse com um sorriso. — Sim ele está. Mas você não vai entrar lá, ainda mais assim.

Eu cerrei os dentes. — Eu sei lidar com a porra de uma arma. Eu posso fazer isso. E a única maneira de você me impedir é me matando.

Ela arqueou uma sobrancelha perfeita e franziu os lábios. — Vocês dois definitivamente foram feitos um para o outro. Ambos são tão estúpidos. — Jogando-me um carregador extra e empurrando uma arma para meu peito, ela riu. — Não sei onde você planeja esconder isso, princesa...

— Eva.

— *Eva*. Só não se deixe matar.

Eu enganchei seu braço novamente. — Quem é você? —

— Amalia. *La mercenária*.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS



Arranquei minha lâmina da garganta do homem com um gemido, o sangue espirrando de volta em meu rosto antes de cravá-la repetidamente na ferida irregular até que ele não estivesse mais se movendo.

Sangue escorria dos meus cílios e dos fios de cabelo que caíam sobre minha testa. O ar estava denso com o cheiro de ferro. A carnificina abundava. Cada um merecendo uma morte brutal por tocar no que era meu. Mas eu ainda não tinha encontrado ela, e até que eu a encontrasse, todos eles morreriam implorando por misericórdia, meu rosto era o inferno do qual eles procuravam se libertar.

— Derek! Por aqui. — Kai estava sob uma porta estreita. Num momento, ele estava me sinalizando. No próximo, ele estava com a arma apontada em minha direção. Dois tiros ecoaram acima da minha cabeça e um corpo caiu atrás de mim.

— Cain, você vai ficar aí sentado pintando com os dedos ou o quê? — Amália e algumas de suas meninas estavam limpando o segundo andar — disse Helena enquanto passava rapidamente pela escada. — Vamos buscar Eva. Tenho um paciente de manhã cedo e preciso das minhas oito horas.

Kai e eu seguimos logo atrás, chegando a um patamar escuro onde cinco dos homens de Belov estavam posicionados. Nós nos escondemos atrás de uma parede enquanto tiros arrancavam pedaços de madeira frágil.

— Quando eles recarregarem, me cubra. — Eu mal tinha pronunciado as palavras quando os homens gritaram enquanto as balas crivavam seus corpos.

As garotas de Amalia apareceram por trás e neutralizaram a ameaça.

Uma mulher alta com cabelos na altura dos ombros passou por cima de um corpo e se dirigiu a mim com um sorriso. — Amalia está com a sua garota.

Meu peito de repente se expandiu como se fosse a primeira vez que eu conseguia respirar desde que descobri que ela havia sido levada ou talvez, desde a noite em que ela me disse que nunca me perdoaria.

— Onde ela está?

A mulher encolheu os ombros. — Perdemos contato com ela há vinte minutos.

Cerrei minha mandíbula. — E *ele*?

— Nenhum sinal do chefe.

Como se eu o tivesse conjurado das profundezas do inferno, lá estava ele, caído contra uma porta adjacente, segurando a lateral do tronco enquanto o sangue se acumulava em seus pés.

Num movimento rápido, todos levantaram as armas.

— NÃO! — Minha voz ecoou dentro das paredes daquele espaço, e oito pares de olhos se viraram para me olhar com expressões curiosas. — Ele é meu.

— Derek, eu sei o que você quer, mas basta colocar uma bala na cara daquele filho da puta e vamos pegar Eva.

Afastei o toque de Kai do meu ombro enquanto andava em direção a Dmitry, guardando minha arma e puxando minha faca. — Ele não merece uma morte rápida. Isso é muito fácil. Encontre Eva e leve-a daqui para um hospital.

Leni e as outras mulheres partiram sem dizer mais nada. Kai permaneceu e colocou a mão no meu peito, me segurando no lugar.

— Deixe-me ajudá-lo.

— Não, eu cuido disso. Pegue minha garota, Kai. Tire-a daqui.

Eu não tinha certeza de quando ele saiu, pois toda a minha atenção estava voltada para Dmitry, que me lançou um sorriso e desapareceu no quarto escuro.

— Por que parece que você sabe exatamente quem eu sou? E

por que estou aqui?

Minha guarda estava em alerta máximo quando entrei no espaço mal iluminado. Ele se sentou na beira de uma cama pequena, o colchão manchado demais. Havia uma corda cortada presa à cabeceira de ferro e uma corda no chão, aos pés da cama. A poucos passos de distância havia uma janela quebrada e vidros quebrados e ensanguentados. E isso me atingiu. Eva foi mantida ali e amarrada àquela cama como uma prisioneira – como um maldito animal.

Minha fodida garota.

Eu vi vermelho e cerrei os dentes, apertando o cabo da minha faca enquanto a vontade de arrancar sua cabeça de seu corpo com minhas próprias mãos os fazia tremer.

— Eu sei quem você é, Cain. E devo admitir, estou absolutamente com inveja de você. O que eu daria para provar mais profundamente aquela boceta doce.

Um grunhido passou pelos meus dentes cerrados enquanto eu me lançava sobre ele, enterrando minha lâmina profundamente em seu abdômen. Ele cuspiu sangue entre risadas sufocadas, e eu torci o aço enquanto ele rasgava o músculo sensível.

Dmitry se inclinou para frente, sibilando perto do meu ouvido. — Ela era tão apertada por mim. — Ele uivou quando eu mergulhei novamente no mesmo buraco.

— Morra.

Outra risada estrangulada saiu de seus lábios ensanguentados. Sua respiração era rápida e superficial enquanto ele se agarrava à minha camisa. — Você primeiro.

A dor rasgou meu lado enquanto um líquido quente derramou pelas minhas pernas. O cabo de couro de uma faca se projetava logo abaixo da minha caixa torácica. Ele me deu um soco de direita no estômago e eu tropecei para trás, caindo de bunda. Aproveitando meu estado de choque, ele avançou e empurrou a lâmina mais fundo.

— Porra...

— Não é tão bom, não é? — Ele empurrou com mais força e eu arqueei o pescoço, gemendo de dor. — Continuaremos com esta pequena briga no inferno, Cain.

Dmitry arrancou a faca do meu corpo e segurou-a sobre a cabeça. Rosnei e cerrei os dentes, me preparando para mais dor.

Mas isso nunca aconteceu. Um único tiro atravessou o ar e atingiu o meio de sua testa. Ele caiu sobre mim e eu amaldiçoei quando o peso morto colocou uma pressão insuportável em meu ferimento.

Minhas pálpebras ficaram subitamente pesadas.

— Derek!

Aquela voz.

Anjo.

Eu sabia que não poderia estar morto. Não se ela estivesse aqui comigo. Ela se ajoelhou ao meu lado, empurrou-o e segurou meu rosto. Percebi que ela estava vestindo a camisa de Kai.

— Derek. Oh meu Deus. Há tanto sangue. Você está coberto disso.

Eu ri entre gemidos. — Não é meu. Eu fiz muitas coisas ruins, querida. Mas eu precisava encontrar você... E olha, você me encontrou.

— Cale a boca — ela gritou, pressionando meu ferimento, forçando um grunhido alto, e eu soquei o chão. — Economize sua energia, Derek. Está jorrando de você e não sei como impedir. — Ela gritou por socorro e depois voltou a olhar para mim com seus lindos olhos. Um sorriso surgiu em minha boca quando olhei para ela e toquei sua bochecha.

— Tão linda, anjo. — Ela se inclinou na minha palma, suas lágrimas escorrendo pela minha pele. — Tudo bem; você está segura agora. Não chore. Não suporto ver você chorar.

Ela balançou a cabeça e soluçou, segurando meu pulso. — Eu não estou chorando por mim, Derek. Não posso perder você e sinto que você está me deixando. Por favor, aguenta.

— Você está chorando por mim?

Eva me fez calar, mas senti minha respiração ficar mais pesada, o peso do meu corpo caindo perto das minhas costas como se eu estivesse caindo pelas tábuas do chão. Eu não poderia morrer sem dizer a ela o quanto eu a amava.

— Ei, eu não vou a lugar nenhum... mas se eu for, você deveria saber que eu te amo. Eu te amo tanto. Eu nem sabia que poderia sentir isso por alguém. Você tem que saber disso. Tudo isso era real.

Ela abaixou a cabeça e chorou, segurando-me ferozmente. — Derek, por favor... Pare.

— Não, eu tenho que tirar isso. — Respirei fundo agonizantemente, mas antes que pudesse dizer outra palavra, uma multidão de vozes encheu a sala.

E eu a perdi.

— Eva — chamei, mas ela nunca respondeu.

Minhas pálpebras estavam muito pesadas e eu não conseguia me concentrar em nenhuma pessoa ou objeto enquanto elas me levantavam e me moviam de um espaço para outro, tudo passando como um borrão.

— Mantenha pressão sobre isso.

Kai.

Eu não conseguia vê-lo, mas sabia que sua mão segurava a minha. — Porra, irmão, você estragou sua camisa boa, hein?

Eu ri fracamente em torno de um gemido.

— Você vai ajudá-lo! — A voz frenética de Eva encheu a cabine do carro. — Eu não dou a mínima para o que você sente. Eu o amo, papai. Por favor, estou te implorando!

Franco estava na linha. Eu não o culparia por se recusar a ajudar. Inferno, eu não o culparia se ele mesmo terminasse o trabalho. Eu quebrei seu coração e destruí sua confiança. O fato de ela estar aqui, preocupada com meu bem-estar, serviu como um pinga de consolo por eu não ter danificado ela além do reparo.

Ou talvez eu tivesse.

Devo ter perdido a consciência porque não me lembrava de ter sido transportado do carro para uma cama em um dos quartos de pacientes de Franco. Estava escuro, apenas com a luz fraca de uma lâmpada próxima. Passando a mão pelo meu tronco, percebi que não estava mais vestido com minhas próprias roupas. Eu estava vestido com um vestido azul claro. Minha mão esquerda também estava enfaixada na palma e em dois dedos.

— Você está acordado.

A voz dela tinha um jeito de se mover através de mim e se enrolar em volta do meu coração. Meus músculos tensos relaxaram instantaneamente quando olhei em seus olhos. Ela forçou um sorriso e

meu estômago embrulhou enquanto esperava meu mundo desmoronar novamente. Para ela me dizer que seria a última vez que eu a veria porque ela só estava aqui por pena.

Eva desenrolou-se do sofá de couro e deu passos hesitantes em minha direção, os olhos enevoados nunca desviando dos meus. Ela sentou-se aos pés da pequena cama, o brilho da lâmpada destacando suas feições. Engoli a dor que irradiava pelo meu corpo enquanto tentava me sentar. A raiva tomou conta de mim ao ver os hematomas, os vasos sanguíneos estourados em seus olhos e o roxo ao redor de um lábio quebrado.

— O que eles fizeram com você?

Ela balançou a cabeça, sua boca se abriu em outro sorriso falso.
— Estou bem. E não adianta ficar chateado. Eles estão todos mortos.

Ela não precisava dizer isso. A acusação escrita nas entrelinhas era clara como o dia. Eles estão mortos porque eu estava no comando. Eu orquestrarei o massacre de um clã inteiro sem uma única foda ou um pingue de remorso. Mas ela não conseguia ver que eu tinha feito isso por ela?

Sempre por ela.

Apesar de tudo, ela ainda odiava o homem à sua frente. No entanto, eu faria isso de novo sem pensar duas vezes. Cada gota de sangue derramada valeu a pena sua vida. E todos eles precisavam pagar.

Mesmo que ela não me aceitasse.

— Você não precisa ficar.

Sua cabeça se ergueu.

— Você quer que eu vá embora?

— Não é isso que você quer? Olha, eu sei que não sou exatamente sua pessoa favorita agora. E uma parte de mim se sente responsável pelo que aconteceu com você. Sinto muito, Eva.

Ela desviou o olhar e zombou.

— Você é tão estúpido, Derek Cain. — Estreitei os olhos, confuso com suas palavras. — Tão estúpido.

— Quer explicar? — Eu disse com uma risada dolorosa.

Ela se levantou e sentou ao meu lado. — Dizer que passei pelo

inferno e voltei seria o eufemismo do século. Derek, fui espancada — ela agarrou os lençóis — violada e sequestrada, tudo depois de ter meu coração partido e aprender o mundo como eu sabia que tudo era apenas uma mentira. Como se eu estivesse dormindo o tempo todo enquanto todos ao meu redor sabiam do segredo. — Sua mão pousou lentamente sobre a minha, os dedos acariciando a tinta do meu dedo indicador. — Você acha que eu estaria aqui se não quisesse?

Meu coração trovejou em meu peito. Ela queria estar aqui. Sentei-me e segurei seu rosto com a mão enfaixada, a esperança crescendo em meu peito.

— Anjo, o que eu disse lá atrás é verdade. Eu te amo, mulher. E sinto muito por tudo que fiz você passar.

Lágrimas rolaram pelo seu rosto enquanto ela descansava a testa na minha. — Eu também te amo, Derek. Mas...

Não, não, não.

— Eva, por favor.

— Eu não posso, Derek. Eu simplesmente não posso — ela sussurrou, balançando a cabeça.

— Mas você acabou de dizer...

Eva tirou minha mão do rosto dela.

— Meu amor por você é uma coisa. Não é um interruptor que eu possa ligar e desligar. Confie em mim, eu gostaria de poder. — Ela ficou de pé. — Você e eu viemos de mundos diferentes. Não consigo imaginar você simplesmente abandonando algo assim. Você sabe que não pode — ela soluçou, enxugando as lágrimas. — E eu nem quero saber o preço, se você puder. Eu não conseguiria viver comigo mesmo se...

— Não faça isso. Esse não é o seu fardo para carregar, porque eu faria tudo e qualquer coisa para ter você. Eu faria todo esse maldito mundo queimar por você, Eva.

Ela se virou e chorou. — Não, Derek... por favor, pare.

Cerrei o punho, precisando dar um soco em alguma coisa por frustração e impotência. Nada iria influenciá-la porque, em última análise, eu não era o homem que ela merecia. Eu não sabia ser outra pessoa. Não houve redenção para homens como eu. Eu vivi minha vida seguindo a linha entre o inferno e aquele neste plano de existência. Eu não poderia culpá-la por querer fugir.

— Vá, Eva. — Ela congelou. — Tudo bem.

— Derek...

— Eu te vejo por aí.

Eva não olhou para trás. Uma parte de mim queria que ela saísse correndo da sala antes que eu a pegasse e nunca mais a deixasse ir, mas isso era um mal necessário.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE



A comida no meu prato estava esfriando enquanto eu a empurrava com um garfo como uma criança. Eu não estava com muito apetite nas últimas semanas, mas como Lex sempre dizia, eu não tinha o luxo de pular refeições. Olhei para o corredor do pequeno café – meu favorito para frequentar por motivos óbvios e patéticos – para ver se minha prima estava voltando do banheiro. Só de pensar em colocar um pouco dessa comida na boca me deu vontade de vomitar.

Eu já me sentia assim há algum tempo e fiquei horrorizada quando percebi a possibilidade de gravidez, e depois arrasada depois de meia dúzia de testes negativos confirmarem que eu realmente não iria ter o filho de Derek. Foi uma estranha montanha-russa de emoções.

Eu não o via há pouco mais de um mês, mas era como se o sentisse por perto. O calor de sua presença, a carga no ar que estalava entre nós. E talvez ele estivesse por perto, de olho em mim. Eu gostaria de pensar que isso era verdade e não a alternativa em que ele seguiu em frente e esqueceu o que tínhamos, por mais egoísta que fosse. Tentei me convencer de que ele merecia a felicidade, embora sua vida fosse tão complicada que a ideia era ridícula. E eu realmente queria que ele se apaixonasse por outra mulher?

A parte lógica de mim sabia qual deveria ser a resposta, mas a mulher perdidamente apaixonada, cuja cor favorita era o vermelho, sabia melhor. Derek tinha me arruinado para qualquer outro homem. Como eu poderia me entregar a outra pessoa quando ele possuía cada pedaço do meu coração para sempre? Mas eu não conseguia esquecer quem ele era e o que havia feito, embora houvesse dias em que minha determinação vacilasse. Ainda me agarrava à esperança de um dia

acordar sem a saudade, a busca incessante pela metade que faltava da minha alma.

— Ei, amore, acabei de receber uma ligação e preciso correr para o escritório. Você quer que eu te deixe?

Balancei a cabeça enquanto tomava um gole de água. — Vou pedir uma carona. Eu não quero que você saia do seu caminho.

Lex estalou a língua e revirou os olhos. — Quer saber, Evangelina? Não vou nem considerar esse comentário.

Inclinei-me na cabine e ri, incapaz de me lembrar da última vez que Lex se dirigiu a mim pelo meu nome completo.

— Vejo você mais tarde na casa do papai para jantar.

— Eu estarei lá — ela jogou para trás da porta.

Lex era meu amortecedor no que dizia respeito a meu pai e eu. Estávamos em condições muito melhores, embora difíceis, atualmente, mas eu o perdoei e sempre o amaria profundamente. Nunca poderia esquecer os anos de decepção, seu envolvimento com o submundo do crime e como isso custou a vida de Frankie.

— Linda pulseira.

Pulei na cadeira, assustada com a voz da garçonete enquanto ela recolhia os pratos vazios de Alexa.

— Ah, obrigada.

Deslizei distraidamente a joia para frente e para trás em meu pulso, a luz refletindo os diamantes de uma forma hipnotizante. Eu não o usava desde o dia em que descobri a verdade sobre Derek, e só o coloquei esta manhã porque Diego decidiu usar o meu outro como brinquedo para roer.

A linda peça era um lembrete do que foi e poderia ter sido.

Soltei um suspiro longo e resignado, meus olhos sendo atraídos para a janela, onde uma figura alta vestida com roupas totalmente pretas estava parada no final da rua. Jogando algum dinheiro na mesa, saí correndo do café sem pensar. Já fazia um mês. O que eu diria? Deveríamos nos abraçar? Era uma pergunta estranha em relação a um homem que me dobrou e me fodeu até perder os sentidos de uma forma que ainda provocava arrepios de prazer fantasma na minha espinha.

Talvez tenha sido meu nervosismo e ansiedade, mas de repente

me senti tonta. Enchendo meus pulmões de oxigênio, avancei e serpentei pela rua movimentada. Algumas semanas antes do verão, toda a Filadélfia apareceu em massa. O aborrecimento agarrou minhas costas quando uma mulher mais velha se empurrou na minha frente, olhando para trás como se fosse eu quem precisasse ver para onde ela estava indo. Seus olhos frios me examinaram e eu não sabia o que fazer com sua leitura descarada. O mundo não era o mesmo lugar que conheci há pouco mais de um mês. No que me diz respeito, ela poderia ter sido alguma agente da CIA.

Desviei o olhar dela e finalmente alcancei o homem que tinha visto no café, colocando a mão em seu antebraço e fazendo-o virar em minha direção.

Mas algo mais estava acontecendo simultaneamente. Manchas pretas pontilharam minha visão e meus joelhos cederam.

— Desculpe? — ele disse, estendendo a mão para mim quando eu caí.

Não um anjo ou Eva, mas uma — senhorita — fria e distante de um estranho.

— Você está bem?

Por que fiquei tão decepcionada e triste?

— Não — eu murmurei fracamente, a nuvem de lágrimas roubando o que restava da minha visão antes que o mundo ficasse preto.



Minha mente estava numa névoa, mergulhada na escuridão com cheiros de ambientes desconhecidos. Agarrei-me aos lençóis rígidos, o cheiro estéril e frio, mas estava surpreendentemente quente. Quando abri os olhos, percebi que estava em um quarto de hospital e os momentos antes de perder a consciência me atingiram de uma só vez. Eu me senti tonta, um suor frio cobrindo minha testa. Mas principalmente, eu me senti vazio e com o coração partido. E completamente irritada comigo mesma por estar desapontada porque o homem que eu persegui não era Derek.

Não era isso que eu queria?

Desmaiei na rua e acordei em uma cama de hospital, e meus primeiros pensamentos giraram em torno de um homem com quem eu nunca poderia estar. Um assassino. Virando de costas, cobri meu rosto com as duas mãos e suspirei.

— Dormiu bem?

Meu corpo enrijeceu quando aquela voz se derramou sobre mim como mel suave. Com os olhos arregalados sob a proteção das minhas mãos, quase não consegui removê-los, sem saber o que faria quando o visse.

— Derek, o que você está fazendo aqui? — Eu disse, baixando lentamente os braços.

— Oi. — Seu sorriso era desarmante, e eu tive que me agarrar aos lençóis para não pular em seus braços enquanto meu coração disparava, gritando para eu reivindicar o que era meu. Em vez disso, permaneci uma máscara de calma e indiferença, e me odiei por isso.

— Oi — eu respondi para ele estupidamente. — Agora, responda minha pergunta.

Ele se levantou e se moveu em minha direção, e minha respiração engatou quando o observei. Não havia mais nada do homem quebrado que eu tinha visto pela última vez há um mês. Aquele homem arrogante e intimidador que conheci naquele primeiro dia era quem estava diante de mim.

Ele é um assassino, Eva.

Era o mantra repetido em meus pensamentos.

— Você não acha que a melhor pergunta é o que você está fazendo aqui?

— Eu desmaiei. Eu estava andando na calçada e pensei ter visto... Fiquei tonta.

Desviando o olhar dele, olhei para minhas mãos, a pulseira de diamantes saltando como um farol. — Minha pulseira. É por isso que você está aqui.

— Eu achava que você não a usasse.

— Eu não. Quer dizer, eu não fiz. Hoje foi apenas uma coincidência.

Ele riu e se inclinou para perto.

— Uma coincidência? Eva, quais são as chances de você passar por uma crise que a mande para o hospital no dia em que decidir colocar aquela pulseira?

Não pude deixar de observar seus lábios enquanto ele falava. Deus, já fazia tanto tempo. Senti falta do seu toque, dos seus beijos, de fazer amor com ele. Eu estava fraca. Eu sabia. Mas ele e eu nunca poderíamos ser. Eu era detetive de homicídios, pelo amor de Deus. Como eu poderia fechar os olhos para as vidas que ele tirou e as que ele eventualmente tiraria? Eu não poderia ser essa pessoa e viver como a maior hipócrita. Afastar bandidos durante o dia e dormir com um assassino à noite.

— Obrigada por vir e garantir que estou bem, mas...

Seu polegar e indicador levantaram meu queixo e eu me afoguei no mar de seus olhos, furiosos como o oceano durante uma tempestade.

— Eu não vim aqui apenas para ter certeza de que você está bem. Vim aqui para te avisar, para te lembrar, Evangelina, a quem você pertence, porra. — Meu coração trovejou em meu peito, o núcleo ganhando vida. As palavras me escaparam. — Eu não quero que você diga nada. Mas fiquei ausente por semanas, tomando medidas e tentando consertar as coisas. Tentando ser o homem que você merece porque merece o mundo, anjo. — Seu polegar acariciou minha bochecha e fechei os olhos brevemente, aproveitando o momento. — Mas não posso prometer que algo será diferente amanhã, daqui a um mês ou mesmo um ano. Não será um caminho fácil. Mas acabarei por me libertar dessa vida e, em troca, o seu amor.

Eu balancei minha cabeça. — As coisas não são tão simples, Derek. Não é sobre se eu te amo ou não. Você sabe a resposta para isso.

Ele sorriu e passou as costas da mão pela minha bochecha. — Sou um homem paciente – na maioria das vezes – acrescentou com uma piscadela — e estou disposto a esperar o tempo que for necessário.

Derek emoldurou meu rosto com as duas mãos e beijou a ponta do meu nariz.

— Nunca mais me assuste assim. Por que você não está se cuidando? Sua enfermeira disse que você estava gravemente desidratada. O que você comeu hoje?

Um sentimento entre aborrecimento e vergonha subiu pelo

meu pescoço.

— Não é algo que eu possa controlar o tempo todo.

— Eu sei — ele sussurrou, roçando seus lábios nos meus.

Deus, eu queria diminuir a pequena distância e saborear o sabor dele, mas quando fechei os olhos e coloquei suas mãos em concha, senti o metal frio pressionar sob minha palma.

Seu anel.

Abri os olhos e abaixei nossas mãos unidas, olhando para a joia escura. Ele me disse uma vez que era uma herança, um brasão de família, mas as peças estavam lentamente se encaixando. Ligado pelo sangue. Seu anel de sinete simbolizava sua aliança e juramento à organização à qual estava vinculado. A peça era um lembrete claro do que ele era e de tudo o que havia feito.

Talvez James não tivesse sido um cidadão modelo, mas também não merecia uma morte tão cruel nas mãos de seu próprio filho.

Soltando as mãos de Derek, desviei o olhar e abracei meu corpo enquanto lutava com tudo que tinha para não chorar novamente.

Ele ficou em silêncio pelo que pareceram horas, a tensão entre nós era densa e quase sufocante.

— Sabe Eva, não posso mudar quem sou nem lavar os pecados do meu passado. Eu só quero uma oportunidade de amar você.

Eu sabia que se olhasse para ele, ou choraria como uma criança ou pularia em seus braços. E eu não queria nenhum dos dois. Minhas emoções eram muito cruas e vulneráveis para tomar decisões acertadas. Por mais que eu quisesse que ele ficasse, também precisava que ele fosse embora.

— Minha — ele rosnou em meu ouvido.

A cama afundou quando ele mudou seu peso para beijar minha têmpora. E sem outra palavra, ele se foi.

De novo.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO



Diego estava enrolado ao meu lado na espreguiçadeira, balançando o rabo de um lado para o outro enquanto suas orelhinhas se animavam sempre que a chuva lá fora aumentava ou o vento aumentava. Cocei o topo de sua cabeça e ele ronronou, esfregando-a afetuosamente contra minha coxa enquanto eu terminava meu telefonema com Catherine. Embora Sam nunca fosse o homem ou oficial que foi, ele estava vivo e alerta.

Meus olhos saíram pela janela provavelmente pela centésima vez em trinta minutos. Mas Derek estava atrasado e provavelmente não viria, especialmente com esta chuva torrencial.

Nas últimas duas semanas, desde que eu estava de licença, ele não faltou um dia. Todas as manhãs, ele entregava em mãos refeições para um dia inteiro. Seu bilhete dizia que ele contratou um chef renomado para preparar as refeições em sua casa, pois sabia que eu era teimosa demais para aceitar que isso fosse feito na minha. E ele estava certo. Mas não foi aí que tudo terminou. Certa manhã, acordei com o Bentley dele na minha garagem e uma mensagem informando que ele havia levado meu carro para fazer uma inspeção, já que a data do vencimento estava chegando. Ele fez questão de acrescentar que teria acabado de me presentear com um carro novo, mas sabia que eu não aceitaria um presente tão extravagante e desnecessário.

Mais uma vez, ele estava certo.

Ele não tentou falar comigo fora das mensagens de texto e explicou que queria me conceder espaço e tempo para reconsiderar nosso relacionamento.

Embora eu desse qualquer coisa para me envolver nele, o que

meu coração e meu cérebro queriam eram duas coisas diferentes.

Eram sete e quinze e não havia indicação de que Derek iria aparecer. Não que eu quisesse que ele fizesse isso. Embora a chuva tivesse diminuído na última meia hora, ainda caía com bastante força; juntamente com a escuridão da noite, criava condições perigosas nas estradas.

Larguei meu e-reader, com a intenção de entrar na cozinha para comer alguns amendoins, quando vi luzes piscando na minha janela e o som de pneus sobre o cascalho molhado.

Meu pulso começou a acelerar quando voei para o vidro, Diego pulando no parapeito da janela, obstruindo minha visão.

— Mova-se, Diego!

Derek saltou do lado do motorista e colocou as mãos nos quadris, como se estivesse contemplando seu próximo movimento enquanto a chuva caía sobre ele. As refeições geralmente vinham em embalagens à prova de situações adversas, então eu não tinha certeza do que o preocupava.

— Ele está tentando descobrir como chegar à varanda. — Diego olhou para mim e depois voltou sua atenção para Derek.

Derek abriu a porta do passageiro e enfiou a mão dentro, tirando uma pilha de recipientes em um saco plástico amarrado.

Sua hesitação de repente fez sentido.

Correndo, Derek estava a cerca de um metro e meio da minha varanda quando escorregou na grama molhada, jogando o saco de recipientes no ar e caindo em uma poça de lama.

O rugido de obscenidades que saiu de sua boca perfurou o forte tamborilar da chuva.

— Fique aqui.

Derek não percebeu quando abri a porta da frente. Ele estava parado diante da refeição arruinada, de costas para mim. Outra série de palavrões chegou aos meus ouvidos quando ele se abaixou para examinar a sacola antes de chutá-la pelo gramado.

Ele partiu para seu carro.

— Derek!

Sua figura encharcada congelou e se virou lentamente. O capuz

da jaqueta não servia de nada e caía sobre os olhos. Ele o arrancou, revelando sua raiva. Seus olhos azuis pulsavam a cada respiração pesada que ele soltava, gotas se espalhando por sua boca.

O moletom encharcado estava grudado em seu torso, e não pude deixar de olhar para aqueles músculos e peito largo.

— Eva, me desculpe pelo atraso. Clyde, aquele bastardo teve uma maldita emergência familiar. — E que tipo de nome é Clyde, afinal? Ele empurrou o cabelo para trás, longe da testa, com as mãos no couro cabeludo, frustrado. — Então eu tentei fazer tudo sozinho, e foi um inferno. Levei o dia todo. E aquele maldito Deimos entrou no seu almoço. — Derek cerrou os punhos enquanto explicava como quase o deixou cair no canil.

Ele estava em um discurso inflamado, mas eu parei de ouvir. Meus pensamentos se concentraram no que ele havia dito antes.

O chef não pôde comparecer e decidiu preparar ele mesmo as refeições.

Lágrimas brotaram dos meus olhos. Ele passou o dia todo determinado a fazer esse gesto doce para mim, e tudo foi para o inferno na chuva. Meu peito se encheu de amor e adoração e, pela primeira vez desde que descobri a verdade, meu cérebro e meu coração finalmente sincronizaram.

— Derek — eu sussurrei, minha voz perdida na chuva. Tentei novamente, mas ele ainda estava desabafando e pedindo perdão.

Fechei os olhos e respirei fundo, me preparando para o que estava prestes a fazer, para a decisão que sabia que não poderia voltar atrás.

Saí correndo da varanda e caí na chuva, parando alguns metros na frente dele.

— Eva, o que você está fazendo? Volte para dentro.

— É verdade... o que você disse? — O cabelo preso nas laterais do meu rosto enquanto eu apertava os olhos em meio à chuva e aos ventos fortes.

— Eva, por favor. Podemos conversar lá dentro.

Ignorando-o, continuei. — Responda-me. Aqui e agora. Você me ama, Derek? Você esperaria por mim o tempo que fosse necessário?

Sua mandíbula ficou tensa, olhos tempestuosos me atravessando. — Eu te amo tanto. E você é minha. Cada parte de você é minha, então esperarei por você para sempre.

Abracei meu corpo e abaixei a cabeça, minhas lágrimas se misturando com a chuva enquanto deslizavam pelo meu rosto.

— Eu não quero que você faça isso — eu disse, minha voz cortando a tempestade. Olhei em seus olhos, e mesmo contra a chuva, eu sabia que eles estavam brilhando com lágrimas e emoções que eu nunca tinha visto nele.

— Anjo, por favor. — Sua voz era grossa, desesperada.

— Eu não quero que você espere por mim, Derek. Quero que você pegue o que é seu agora mesmo.

Ele parou, como se estivesse processando minhas palavras ou certificando-se de ouvir exatamente o que eu disse. Naquele momento, era como se nada nem ninguém existisse além de nós. Até a tempestade ficou em segundo plano. Éramos só eu e Derek, olhando um para o outro, com medo de piscar para afastar as gotículas, com medo de que o outro desaparecesse.

Um amplo sorriso abriu seu rosto e corremos um para o outro ao mesmo tempo. Pulei em seus braços, minhas pernas circulando sua cintura enquanto ele me segurava firmemente contra seu peito.

— Baby, sinto muito.

— Pare de se desculpar e me beije já.

Ele riu contra minha boca. — Eu te amo.

— Eu também te amo.

Os lábios de Derek bateram nos meus com necessidade e um leve desespero e, instantaneamente, eu soube que estava em casa.

— Diga de novo — eu sussurrei entre beijos.

— Eu te amo.

— De novo.

— Eu te amo.

Segurei seu rosto, minha testa pressionada contra a dele enquanto a chuva escorria entre nós, deslizando sobre nossos lábios. — Mais uma vez.

— Evangelina Cruz, eu te amo pra caralho e direi isso todos os dias pelo resto da minha vida.

Levantei meus olhos para encontrar os dele, piscando para afastar a água, e sorri.

— Isso parece muito tempo.

— É isso que espero.

Ele se inclinou e me beijou lentamente, nós dois aproveitando o tempo para explorar e saborear essa nova profundidade de nossa conexão, para reacender as brasas do que havia sido perdido e deixado para ferver no escuro.

— Anjo — ele disse, empurrando para trás o cabelo molhado grudado no meu rosto. — Eu sou um homem imperfeito. Fiz coisas das quais não me orgulho. E não posso prometer que não vou escorregar. Ou que não haverá obrigações com as quais você não concordará. Mas estou fazendo o possível para romper meus laços. Apenas saiba que isso levará tempo e sangue derramado. Mas não quero mais mentiras entre nós.

Deixei minha cabeça cair em seu ombro, agarrando o tecido molhado de seu moletom enquanto repassava suas palavras em minha mente. Era isso. Não tinha como voltar atrás. Eu tive que aceitar Derek por quem e o que ele era, com seu passado e os fantasmas que iriam assombrá-lo para sempre. Ele prometeu encontrar uma saída, romper seus vínculos com aquele anel e tudo o que ele abrange.

E eu tinha fé que ele faria isso.

— Eu conheço seu coração, Derek — eu disse, entrelaçando meus dedos com os dele. — E quero preencher as partes que ficaram vazias há muito tempo. Assim como eu quero que você preencha o meu.

Ele sorriu contra meus lábios e me beijou, o gosto das nossas lágrimas se misturando com a chuva.

— Essa não é a única coisa que quero preencher — ele rosnou, traçando beijos ao longo da curva do meu pescoço. — Eu senti tanto a sua falta. A maneira como você sente e como você saboreia. — Derek lentamente me colocou no chão. — Eu preciso de você, Eva.

Ele puxou o moletom molhado por cima da cabeça e jogou-o para o lado. Parei um momento para admirar seu peito musculoso, a tinta espalhada em sua pele. Eu memorizei cada traço, cada curva, cada traço de seu passado pintado nos planos de sua carne como um

roteiro e uma linha do tempo de sua vida.

Inclinando-me para frente, pressionei meus lábios em seu peito. — Eu sou sua — eu sussurrei.

Derek agarrou minha nuca e esmagou sua boca na minha novamente. Não havia nada de gentil ou doce em como ele estava devorando meus lábios. Foi primitivo, frenético e sexy como o inferno.

Eu não tinha certeza de como acabei deitada no gramado enquanto ele tirava as roupas molhadas do meu corpo.

— Ei, eu tenho vizinhos.

Ele riu no meu pescoço. — Bem, então é melhor nos certificarmos de dar a eles um show muito bom.

A refutação divertida que planejei morreu em meus lábios quando ele os tomou entre os dentes, mordiscando e sugando até ficarem quase dormentes.

Fazer sexo no gramado da minha frente, na chuva, nunca foi uma opção na lista de desejos da minha vida, mas agora, não havia nada que eu desejasse mais do que ser tomada e adorada por esse homem de uma maneira que me deixaria andando mancando no chão pela manhã.

Meus dedos deslizaram por seu cabelo molhado enquanto ele lambia meus seios, lambendo a água enquanto fazia cada terminação nervosa do meu corpo cantar e ganhar vida. Sua boca cobriu um dos meus mamilos enquanto sua mão massageava e apertava o outro. Dentes gentis roçaram o pico sensível, e ele olhou para mim enquanto mordida com um pouco mais de pressão.

Um silvo saiu dos meus lábios com a sensação, e arqueei as costas, oferecendo tudo de mim.

— Você é tão linda.

Derek viajou pelo meu corpo, beijando e esbanjando cada centímetro. Deixei minhas coxas caírem abertas, e ele não perdeu tempo em rasgar o tecido encharcado da minha calcinha do meu corpo.

— Sabe, você me deve pelo menos dois punhados de roupas íntimas.

— Eu vou comprar o que você quiser, anjo, contanto que eu possa me afogar nesta doce boceta sempre que eu quiser — ele gemeu,

lambendo minha fenda pingando.

Havia algo tão sensual na camada extra de umidade, na maneira sedosa como nossos corpos deslizavam um contra o outro, na mistura de chuva e no sabor de sua pele. Apesar do leve frio no ar, o frio nunca me atingiu. Cada parte de mim estava coberta por seu calor e totalmente consumida pelo fogo que ele acendia cada vez mais com cada lambida e movimento de sua língua.

— Porra, eu perdi isso, — ele rosnou sobre meu clitóris antes de sugá-lo em sua boca. — Tão bom. — Suas mãos agarraram meus quadris e ele me puxou para mais perto, me bebendo, sorvendo cada gota.

Joguei minha cabeça para trás quando um orgasmo tomou conta de mim. Minha boca se abriu enquanto ele continuava festejando, me levando ao limite pela segunda vez. Minhas pernas se fecharam em volta de sua cabeça, incapazes de resistir a outro movimento de prazer, ou eu me desintegraria em pedaços irreconhecíveis. Mas Derek abriu meus joelhos e deu uma última lambida de ponta a ponta com a língua antes de subir em cima de mim.

— Eva, não tenho camisinha — disse ele, mordiscando minha orelha.

Acompanhar meu ciclo nunca foi tão útil como naquele momento.

— Tudo bem. Eu quero sentir cada parte de você. Foda-me, Derek.

Suas calças foram tiradas e jogadas em uma poça no segundo seguinte, e ele deslizou dentro de mim com um gemido. Meus olhos se arregalaram com a intrusão repentina, me esticando quase ao ponto da dor.

— Você está bem?

Eu balancei a cabeça, um sorriso saciado em meus lábios enquanto envolvia minhas pernas em volta de seu corpo e apertava seu pau. Ele riu no fundo da minha garganta, empurrando mais fundo, me enchendo tão bem que poderia muito bem ter me dividido ao meio, e eu morreria feliz.

— Você não tem ideia do quanto eu senti falta disso.

Minhas unhas cravaram-se em suas costas enquanto ele avançava, meu corpo deslizando contra a grama a cada golpe

poderoso.

— Eu te amo, Derek. Porra, eu te amo.

— Não posso ficar sem você de novo — ele disse, pontuando cada palavra com um impulso de seu pau.

Mordi seu peito quando meu clímax atingiu o pico. — Nunca mais.

Derek puxou e me virou, puxando meus quadris para trás antes de bater dentro de mim.

Como seu corpo enorme cobriu o meu, como ele me preencheu tão profundamente, foi o suficiente para me fazer desfazer. Eu quebrei embaixo dele, seu nome como a melodia mais doce em meus lábios.

— Minha — ele rosnou em meu ouvido quando gozou, perseguindo meu orgasmo. Seus braços grandes me agarraram firmemente pela cintura enquanto seus grunhidos pesados desapareciam no ritmo de seus movimentos.

Ficamos deitados no chão molhado, eu sobre seu peito, traçando suas tatuagens.

A chuva havia diminuído para uma garoa.

— Você vai me convidar para entrar ou está apenas me usando para sexo no gramado?

Apoiei meu queixo em seu peito e ri. — Oh, definitivamente estou usando você para sexo. — Sua risada sacudiu todo o meu corpo. — Mas você está certo. Está frio e nós dois estamos absolutamente imundos.

— Você sabe que aquele gatinho bastardo estava nos observando pela janela o tempo todo. Tenho certeza de que ele tem uma queda por voyeur.

Foi a minha vez de rir. Derek segurou meu rosto, sua expressão repentinamente séria.

— O que está errado?

— Eu estava pensando, você acha que Deimos e Diego ficarão felizes em serem colegas de quarto de novo?

Não consegui reprimir o sorriso que se estendeu pelo meu rosto. — O que exatamente você está dizendo?

— Simples. Na minha casa ou na sua?

Inclinei-me e o beijei, roçando meus lábios nos dele. — Parece que estarei em menor número.

Derek empurrou mechas molhadas de cabelo atrás do meu e sorriu. — Você sabe que há uma maneira de equilibrar essas probabilidades.

Meu coração batia descontroladamente em meu peito.

— Você... quer um bebê?

Ele se sentou e me puxou para seu colo. — Nunca pensei em ser pai. Nunca me considereei capaz desse tipo de amor ou digno dele... Ainda nem sei se sou. — Segurando meu rosto com as duas mãos, ele beijou minha testa. — Mas com você, anjo, eu quero tudo.

Tentei evitar derreter em outra poça no gramado.

Ficáramos bem.

— Você está fazendo todos os esforços esta noite, não é?

Nós rimos em uníssono.

— Querida, eu tenho cerca de 100 maneiras diferentes de fazer você desmaiar, gemer e gritar por mim. Ainda não terminei com você. Mas primeiro, preciso tirar minha bunda desse chão.

Derek se levantou comigo enrolado em sua cintura.

— Eu gostaria de testar isso — eu disse, mordiscando seus lábios.

— Você não precisa me dizer duas vezes.

Com isso, ele me empurrou por cima do ombro, deu um tapa na minha bunda e correu em direção à casa enquanto eu ria e batia em suas costas.

— E a comida? Estou com um pouco de fome. Afinal, você estava atrasado — provoquei.

— Alguém quer ser punida.

— Preciso dizer por favor?

Outro tapa retumbante na minha bunda encheu o ar da noite antes que ele fechasse a porta atrás de nós.

Eu me preocuparia com os vizinhos amanhã.

EPÍLOGO



— Eu vou matá-los!

Agarrei as alças da geladeira e cerrei os dentes, a mão de Eva em meu antebraço, fazendo-me parar por tempo suficiente antes de arrancar as malditas coisas.

— Não, você não vai — disse ela, deslizando por baixo dos meus braços e olhando para as prateleiras vazias. — O voo deles foi cancelado, querido. Nós mal chegamos aqui. — Eva se virou para mim, jogando os braços atrás do meu pescoço. — E você não está realmente falando sério, está? Você sabe que eu trouxe minhas algemas.

Quando ela se levantou para me beijar, eu a peguei em meus braços e a sentei no balcão da cozinha.

— Hum, se isso é o que é preciso para trazer isso hoje à noite, deixe-me fazer um telefonema rápido. Kai não se importaria.

Mordi a coluna de sua garganta enquanto ela inclinava a cabeça para trás, as unhas no meu couro cabeludo e um pequeno gemido doce nas pontas das asas do meu nome.

— Pare com isso. Você não vai ligar para ninguém, muito menos para seu irmão. Deixe-o em paz. Só teremos que ir até a cidade e pegar algumas coisas para nos ajudar antes que meio metro de neve atinja o chão.

— Eu desprezo o supermercado — eu disse, gemendo em seu ombro. — Sempre tem gente lá.

Ela riu e pulou do balcão, caminhando em direção à porta e

calçando as botas. — Essa é a questão. Além disso, tenho algo que preciso aprender, então isso realmente funciona a meu favor.

Não pude deixar de sorrir quando ela puxou um gorro branco pela cabeça. Se ela não precisasse da geladeira e da despensa abastecidas, eu a levaria para cima e transaria com ela sob a claraboia usando apenas aquelas malditas botas e gorro.

Um ano e meio depois, eu ainda desejava cada parte dessa mulher como um homem faminto que nunca conseguiria satisfazer sua fome.

— Mais tarde — ela sussurrou, batendo palmas no meu peito, sabendo exatamente como meus pensamentos tropeçaram e caíram livremente na maldita sarjeta.

Meu sorriso se alargou enquanto eu a seguia porta afora, antecipando meu prêmio, a única motivação para sair nessa porra de tempo e lidar com as pessoas.

Deus, as coisas que eu faria por esta mulher eram ilimitadas. Talvez não fosse saudável, mas eu não me importava. Tudo o que passamos para chegar até aqui valeu a pena. Ela me mudou. Mudou o rumo da minha vida e me esforcei para ser um homem melhor, talvez até um ser humano melhor por causa dela.

Talvez.

Alguns dias foram mais difíceis do que outros para controlar o que estava tão profundamente enraizado em mim por tantos anos. Mas nós nos amávamos e aceitávamos as cartas que a vida nos dava. Mesmo quando minha saída de Ares exigiu sangue, ela entendeu, apesar de ainda ter um distintivo. Ela sabia que Ronan ainda estava lá fora, e que minha contagem final de corpos não seria concluída até que eu arrancasse seu coração de seu peito. Especialmente depois de descobrir que ele estava por trás do sequestro de Eva. Aquele filho da puta vendeu minha garota. Nunca escondi de Eva meu ódio ou os planos que tinha para a morte dele. Embora ela não tivesse exatamente me dado luz verde, ela também não protestou.

Nosso amor era pouco convencional, caótico, apaixonado e envolvente. Não precisava fazer sentido para ninguém além de nós.

Resumindo, a ida ao supermercado não foi a pior coisa que tive que fazer. Apenas mais alguns itens e estaríamos voltando para casa e sob a cobertura de estrelas com minha garota sentada no meu rosto.

— Derek, vou pegar aquela coisa que te falei.

— Eu irei com você.

Ela começou a se afastar para trás. — Não, basta pegar o que resta na lista e encontro você na finalização da compra.

Eva desapareceu na esquina antes que eu pudesse impedi-la. Eu questioneei se deveria ir atrás dela. Algo estava errado.

Ela estava nervosa?

— Com licença, senhor, — a voz alegre de uma mulher interrompeu meus pensamentos. Ao me virar para encontrar a voz intrusiva, me deparei com uma ruiva com uma blusa azul que provavelmente era três tamanhos menor. Ela certamente não estava vestida para o clima. E não que eu estivesse interessado, mas o movimento errado em qualquer direção e seus seios certamente saltariam para fora.

— Sinto muito incomodá-lo — ela continuou, apesar da minha falta de resposta — mas você poderia me passar aquele pote de manteiga de amendoim que está em cima?

Mais uma vez, eu não disse nada e simplesmente peguei o pote para que ela pudesse seguir seu caminho.

Quando agarrei o frasco acima de sua cabeça, ela não fez nenhum esforço para se afastar. Eu poderia jurar que ela se aproximou.

— Mova-se.

Ela se mexeu desconfortavelmente, embora não se intimidasse nem um pouco.

— Não vejo muitas pessoas como você por aqui.

A mulher estava descaradamente olhando para meus lábios.

Talvez dois anos atrás, eu a teria levado de volta para minha cabana e a degradaria de uma forma que ela nunca se perdoaria. Agora, porém, ela estava a um piscar de olhos de mim dizendo para ela se foder. Eu não era um homem de falsas gentilezas.

— Essa é sua namorada? Ela é muito bonita. Exótica.

— Minha esposa — eu disse, pegando meu carrinho e andando pelo corredor.

— Ei lindo? — Sua mão pousou no meu antebraço. — Se você está querendo se divertir um pouco depois que sua esposa estiver dormindo, eu possuo uma casinha mais adiante. Posso mantê-lo aquecido. Eu sei algumas coisas — ela disse, seu tom baixo e ofegante enquanto arqueava as costas.

De repente, temi que um daqueles botões se transformasse em um projétil.

Pegando seu pulso, abri minha boca para falar, com a intenção de mandá-la para o inferno com o mínimo de palavras possível, quando um forte estrondo e comoção nos fez virar a cabeça para a frente da loja. Ela tentou se agarrar a mim, mas eu a joguei na bunda e corri. Eva me disse que estaria esperando na frente.

Já se passaram seis meses desde meu último golpe. Na maior parte do tempo, essa vida ficou para trás, mas para ela, eu quebraria esse recorde sem pensar duas vezes. A boca do meu estômago chegou ao fundo quando a vi no chão, de joelhos, dois bastardos em uma luta livre atrás dela, discutindo sobre quem seria o próximo na fila.

— Você está machucada? — Eu perguntei enquanto a levantava e emoldurava seu rosto.

— Estou bem. — Ela me acenou, e foi então que percebi que a palma da mão dela estava sangrando, provavelmente cortada no vidro quebrado em que ela foi empurrada.

Meu sangue agitou-se enquanto eu olhava para os dois homens e fantasiava sobre todas as maneiras criativas que eu poderia fazê-los pagar por cada gota de sangue da minha garota. Dei um passo à frente, pegando minha lâmina, quando o toque quente de Eva pousou em meu braço.

— Não, Derek, vamos para casa. Por favor — ela pediu, pegando uma caixa rosa.

Um teste de gravidez.

Meu coração estava disparado por um novo conjunto de razões.

— Desculpe. Eu queria que fosse uma surpresa.

— Vamos voltar para casa — eu disse, puxando-a para perto.



Depois de trazer tudo para dentro, não lhe dei tempo para falar. Eu a peguei em meus braços e a levei para o quarto principal. Onde eu normalmente a teria jogado de brincadeira no colchão, coloquei-a delicadamente sobre o edredom branco.

— Eu vou ser pai? — Eu perguntei pela quinta vez. Ela assentiu.

— Fiz um teste antes de partirmos. Mas esqueci e queria fazer uma surpresa para você. — Eva me puxou para perto. — Você está feliz?

— Estou feliz? Claro que estou, anjo.

Eva me deu tudo que eu nunca pensei que queria ou que jamais teria. Feliz não conseguia nem começar a descrever o que senti com a perspectiva de me tornar pai. Mas aterrorizado foi provavelmente a emoção mais forte. Talvez eu precisasse de alguns dias para que esse sentimento fosse absorvido por completo, porque tudo que eu conseguia pensar era em como minha esposa era linda e como eu precisava dela mais do que qualquer coisa naquele momento.

— Seu pai sabe?

Ela balançou a cabeça. — Eu queria que você fosse o primeiro. Podemos contar a ele juntos quando voltarmos.

Franco e eu não éramos amigos de forma alguma, mas nos respeitávamos. Além de Kai, ele era o único homem em quem eu confiava com Eva. E por mais que ele desprezasse a essência de quem eu era, ele sabia que ela sempre estaria segura comigo.

E eu tinha que admitir, ele seria o melhor avô para o nosso filho.

Nosso filho.

— Temos que comemorar. Estou com fome.

— O que você tinha em mente?

— Você, sentada na minha cara. Venha aqui.

Ela riu e me deixou despi-la.

— Então, quem era aquela ruiva com quem vi você conversando quando espiei o corredor? — ela perguntou, subindo pelo meu corpo de quatro.

— Ela não estava transando com ninguém. Agora me traga minha boceta.

Eva riu de novo, agora montada em meu peito. Estendi a mão e apertei seus seios, beliscando seus mamilos e arrancando dela aqueles barulhinhos doces que eu tanto amava.

— Ela estava praticamente ligada a você como um fio do seu DNA.

— Foda-se ela. Quero seu DNA em mim. Agora, segure-se nessa maldita cabeceira e sente-se na minha cara. Agarrei seus quadris e joguei-a sobre meus ombros. — Espere, você não está mencionando ela porque acha que eu...

— Não — ela disse, me interrompendo. — Ela não importa. E sou eu quem está sentada na sua cara agora.

Um gemido suave saiu de seus lábios enquanto eu passava minha língua por sua fenda. Eva balançou contra meu rosto, jogando a cabeça para trás.

— Essa é a porra da minha garota.

FIM